

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não se inibe em reproduzir o mesmo sentimento que o semioticista Roland Barthes teve ao descrever o ato fotográfico no célebre livro *A Câmara Clara: Notas sobre Fotografia* (1980). Mais do que qualquer “efeito do real”, a fotografia é encarada neste estudo como uma forma de conhecer o mundo, e o faz pelo sentido mais instigante do ser humano: a visão.

Diferentes pessoas recriam a história da humanidade e seu desatar é prioridade se um dia houver o desejo por conhecer aquilo que já foi vivenciado por alguém; em certa época. Do nascimento a morte, o ser humano compartilha momentos e situações diversas, entrando em sintonia com imagens e sons, que formam o que pode ser chamado de “memória”. Clarice Ehlers Peixoto, em seu artigo publicado no livro *Imagem e Memória* (2001), explica que essa recordação é uma mistura sensorial e verbal, que oferece fragmentos das coisas vividas. Os recortes do passado, abordados de maneira histórica, causam uma sensação de familiaridade e induzem o pensamento a lembranças antigas, mesmo de momentos onde não se participou diretamente, mas que ajudam a compreender o que passou.

É por meio da fotografia que os autores deste trabalho encontraram uma forma de narrar a história de Agripino Lima. Os recortes visuais se tornam uma ferramenta importante de detalhamento, de resgate e de documentação desse trajeto. Bóris Kossoy (mensagem eletrônica, 2009), acredita que tais fragmentos são importantes dentro de um trabalho como este. “Proporcionam uma idéia precisa do personagem biografado: sua infância, o retrato familiar com os pais, irmãos e demais parentes, a casa onde viveu a primeira comunhão, a formatura do colégio, a namorada, a esposa. [...] Elas não são meras ‘ilustrações’, mas fontes históricas primárias que, em conjunto com o texto, enriquecem qualquer biografia”.

Ao visualizar uma fotografia é possível decodificar além da imagem apresentada. Os fragmentos visuais carregam consigo uma história,

retratada por meio de símbolos visuais que, quando analisados, são capazes de contar detalhes significativos para a narração de fatos passados, como os costumes locais, vestuários, estilos de vida. Ainda quando contextualizados com pesquisas acerca do assunto se tornam fonte de especial contribuição para a produção de um resgate histórico. Fundamentado neste pensamento, o trabalho objetiva resgatar e unir os fragmentos da história de Agripino de Oliveira Lima Filho.

Nascido no dia 31 de agosto de 1931 na fazenda Graminha, município de Lençóis Paulista (SP), Agripino Lima, como é mais conhecido, tinha um problema nas pernas que o impediu de andar até os cinco anos de idade. Nesta época, recebia cuidados constantes dos irmãos. Eram 12 crianças no total. Com a família mudou de endereço três vezes, até formar-se professor e casar-se com Ana Cardoso Maia. Atuou como diretor em Alfredo Marcondes e Presidente Prudente, onde fundou e foi presidente do Centro do Professorado Paulista (CPP). Iniciou a carreira política como vereador, depois deputado federal, prefeito prudentino, deputado estadual e, por mais dois mandatos, prefeito novamente. Idealizou e construiu a maior escola de ensino superior do oeste do Estado de São Paulo, a Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), hoje com mais de 12 mil alunos e três *campi*.

Para fazer contar esta história, será dada então continuidade ao projeto piloto da revista *Videre*, executado como TCC na Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp) no ano de 2008 e que teve como tema as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM). O intuito agora é também o de organizar e documentar em um só produto jornalístico o traçado da vida de um personagem singular, estabelecendo ainda uma ligação entre os momentos vividos e a relação que mantem com o município e a história nacional.

A fotografia será tratada como documento principal, não apenas pelo que representa para homem, mas também por ser encarada como rica fonte de pesquisa explorada na coleta de dados e em entrevistas. Ao cumprir com este propósito, o trabalho também pretende fornecer, a partir das

fotografias e suporte do texto, um conjunto de material capaz de contribuir e enriquecer a memória do município.

Documentado em quatro fases, a pesquisa pontua momentos e características do personagem. Parte do início da jornada familiar de Agripino Lima, seguida pelo seu momento como vendedor de livros, a ascensão como empreendedor, o desenvolvimento da carreira política e por fim a ligação religiosa que mantém a sua fé inabalável.

Para consolidar esta cronologia na segunda edição da *Videre*, os primeiros passos dos autores compreenderam a busca por fotografias que narrassem este percurso. As imagens utilizadas foram disponibilizadas por familiares, pelo fotógrafo Paulo Miguel, acervo da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, jornal *O Imparcial*, arquivo fotográfico da Unoeste e do Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto. O material proporciona que seja contextualizada a trajetória do personagem com a história da cidade, que pode também ser compreendida a partir de entrevistas colhidas com pessoas relacionadas ao personagem, membros da família e com o próprio Agripino.

No entanto, a produção deste projeto não seria possível sem o desenvolvimento teórico do tema e que é apresentado em sete partes. O capítulo 2 traz a fundamentação metodológica, onde está a problematização, amparada de breve histórico da vida de Agripino Lima, e relata sobre a carência de documentos organizados com fim de representar o protagonista em sua trajetória, apesar da ampla existência de material fragmentado. Também fica explicitado o anseio em desenvolver a pesquisa, vista a importância de usar a fotografia como fonte e instrumento de um resgate histórico. A justificativa expõe a relevância de registrar a vida deste homem que, de maneira indissolúvel, interferiu na rotina local, motivo que levou a continuação do projeto da revista *Videre* e também o porquê da escolha pela reunião de imagens fotográficas para narrar a história de uma pessoa. Como embasamento para aplicar todas as ações que envolvem o projeto, utiliza-se a pesquisa qualitativa do tipo exploratória, metodologia que mais se adequou ao

projeto proposto, além da fundamentação do método biográfico e de como tratar um registro fotográfico com fins de estudo científico.

O entendimento da fotografia como um documento e fonte de pesquisa em suas mais diversas utilizações e representações para o homem são apresentados no corte teórico do capítulo 3. São abordados também aspectos do fotojornalismo, fotodocumentarismo e a aplicação da fotografia em revista.

O capítulo 4 traz a história de Agripino de Oliveira Lima Filho, sua infância, seu caráter empreendedor, sua trajetória política e ligação religiosa. Tais informações constituem a base principal de toda ação prática realizada na elaboração da revista.

Por ser um produto jornalístico, a execução desta peça também exige aprofundamento teórico no campo em questão. Desta forma, o capítulo 5 trata do jornalismo e do jornalismo de revista, conceituando seu surgimento e sua evolução, além das técnicas empregadas por profissionais da área como pauta, apuração, texto jornalístico, reportagem, edição e diagramação.

Por fim, o capítulo 6 aborda a peça prática deste trabalho, apresentando também o projeto editorial da segunda edição da *Videre*, que compreende: introdução, objetivos, justificativa, público alvo, linha editorial, estrutura, projeto gráfico, recursos técnicos, financeiros e humanos.

Por fim, o capítulo 7 compreende o Memorial Descritivo, que discorre sobre as atividades realizadas pelos autores, bem como sobre a experiência provinda desta produção.

No total foram quatro meses de trabalho na busca por dados, coleta de fotografias e documentos, entrevistas e pesquisa em arquivos diversos. Tudo isso se descortina na peça prática que cataloga e funde em um único material informações que até então estavam dispersas e incompletas, contribuindo assim para o resgate de uma trajetória ainda desconhecida para muitos e para a formação da memória de uma sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

A fundamentação metodológica, item essencial da pesquisa científica, é um guia para a produção do trabalho e tem como objetivo descrever o problema em questão e que precisa de solução; bem como definir objetivos para atingi-lo; justificar sua importância e evidenciar a opção pelas ferramentas consideradas mais adequadas à obtenção de resultados. Os problemas que geram esta pesquisa são três: a amplitude de material existente, mas ainda desorganizado enquanto informação capaz de narrar a trajetória de vida de Agripino de Oliveira Lima Filho, a percepção da necessidade de reforçar a fotografia em sua compreensão como uma forma de documento histórico; e ainda a possibilidade de dar prosseguimento a revista *Videre*, peça prática de Trabalho de Conclusão de Curso executada em 2008 na Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente. Este capítulo serve, portanto, como um guia que explicita os instrumentos necessários à produção do trabalho. A escolha pelas seguintes opções metodológicas são resultado de pesquisas prévias a respeito do tema.

2.1 O Problema

A revista *Videre*, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido em 2008 na Facopp trabalhou o resgate fotodocumental que narra a história das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM) no município de Presidente Prudente, um arquivo capaz de contribuir em âmbito acadêmico e social. Desde a sua criação, foi desenvolvida como projeto aberto a ser dado o prosseguimento em novos números. Segundo Vale et al (2008, p. 27), a obra “[...] tem o intuito de não ser a única do gênero e sim um projeto piloto que em edições posteriores possa resgatar, via imagens fotográficas, a história da cidade”. Desta forma, compreende-se a importância da produção de

um arquivo que relata momentos representativos para o município, o que torna clara a necessidade da continuidade da pesquisa, que se consolida neste novo TCC.

Ao mesmo tempo há aqui uma outra inquietação. Como é possível que a vida de um homem, dono de uma vasta trajetória política e empresarial e com influência significativa para a vida de toda uma cidade, não esteja registrada em seu conjunto? Posto isso, e considerando ainda a existência de tantos documentos históricos pertinentes a esta figura, é incômodo o fato de serem poucos os dados que unem, inclusive em âmbito acadêmico, todas as atividades de Agripino Lima e narrem sua jornada. O que há disponível é uma grandeza de materiais espalhados, que se encontram fragmentados em locais como o Museu e Arquivo Histórico Antônio Sandoval Netto, no acervo da família, na imprensa local, arquivados nos armários e almoxarifados da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e também na própria lembrança de pessoas anônimas ou proeminentes que conviveram ou convivem ao lado do personagem tema deste trabalho. Um material ainda oculto que está à disposição dos instrumentos de pesquisa para ser sistematizado e devidamente alçado à condição de fonte de informação futura.

É uma história rica em experiências, conquistas, única, que precisa ser lapidada e organizada em uma publicação jornalística com foco principal voltado à perpetuação da vida histórica da sociedade e em cujas bases foram lançados desafios de sua continuidade. A estas duas proposições outra revela-se importante e está atrelada à constituição da revista *Videre*: a fotografia pode ser usada como fonte de pesquisa para o levantamento da vida desta personalidade prudentina e não só de um monumento histórico? O que foi constatado durante a elaboração do pré-projeto para a realização desta pesquisa de TCC é que a fotografia necessita cada vez mais ser vista como forma de documento, tal sua relevância social. O fato, que a princípio pode parecer obscuro, advem de questões culturais, já que durante séculos a informação de maior *status* foi provida pelo signo escrito. Por isso, surge o interesse em pesquisar e pensar nesta forma de imagem enquanto

representação de mundo e, assim, contribuir para que ela tenha firmado seu real valor.

Entende-se, neste momento e após estas considerações, a possibilidade de prosseguir o projeto uma vez que, como salienta Severino (2002, p. 75), antes de qualquer ação “Exige-se consciência da problemática específica relacionada com o tema abordado de determinada perspectiva, cuja natureza especificará o tipo e o método de pesquisa e de reflexão a serem utilizados no decorrer do trabalho”. Conhecer o tema e saber aonde e por que se quer pesquisar são, portanto, elementos fundamentais em qualquer pesquisa científica; e neste TCC os autores procuram entender primeiramente esta questão para em seguida poder definir claramente os seus objetivos.

2.2 Objetivo Geral

Produzir e editar a segunda edição da revista *Videre*, com enfoque no resgate histórico fotodocumental da trajetória de vida de Agripino de Oliveira Lima Filho.

2.3 Objetivos Específicos

- Buscar fragmentos da vida de Agripino de Oliveira Lima Filho nos campos do empreendedorismo, educação, política, religião e família, possibilitando e incentivando futuros trabalhos relacionados à sua vida;
- Produzir um trabalho que sistematize e organize a influência política e social do personagem retratado no desenvolvimento da cidade de Presidente Prudente;

- Dar prosseguimento a um objeto de pesquisa, a revista *Videre*, que tem como fundamento preservar fragmentos históricos de Presidente Prudente a partir das bases do jornalismo;
- Ser fonte de pesquisa e contribuir para a documentação histórica da cidade de Presidente Prudente;
- Colocar em prática e aprofundar os conhecimentos técnicos jornalísticos aprendidos durante o curso de Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente;
- Contribuir para reforçar o conceito de fotografia enquanto fonte de pesquisa histórica documental e, em especial, do papel social de atores que contribuem com o desenvolvimento da sociedade.

2.4 Justificativa

Para desenvolver o trabalho, será utilizada como base a “Revista *Videre*: Resgate Histórico das Indústrias Matarazzo de Presidente Prudente Por Meio da Fotodocumentação”. Desenvolvida em 2008, a publicação é peça prática resultante de um TCC da Facopp produzido pelas então alunas Gisele Galindo do Vale, Letícia Bortoloti Pinheiro, Lucyanne Maria Bonfim de Castro e Nayara Dayane Fernandes Silva, que abordou em seu corte teórico a fotografia como fonte de pesquisa na documentação histórica. Desta forma, a *Videre* é composta por ilustrações que marcaram o tema proposto e textos elaborados para contextualizar e informar o leitor em conjunto à imagem. Segundo as autoras da primeira edição (VALE et al, 2008, p. 17):

Este projeto se firma num esforço real de adotar o trabalho científico, a responsabilidade social e a fotografia como fonte de pesquisa como pontos de partida para a elaboração de uma peça ilustrada, a qual as autoras consideram o início de uma série que vise à conservação de aspectos da história prudentina. Trata-se da busca, pela fotodocumentação, de aspectos importantes da vida local, que não devem ser esquecidos.

Tal afirmação reforça o interesse em dar continuidade a um projeto com relevância social e jornalística e resgatar agora, historicamente com a fotodocumentação, a vida de uma personalidade prudentina. Em consequência disso, irá retratar parte do desenvolvimento da cidade, tal qual foi o desejo do grupo anterior.

A história de Agripino Lima enquanto homem público, tendo exercido diferentes cargos políticos (vereador, deputado federal, deputado estadual, vice-prefeito e prefeito da cidade), manteve reflexos na sociedade. Sua trajetória, retratada na *Videre*, será uma fonte de informação para os prudentinos, pessoas que estiveram presentes durante a vida política do personagem, o criticaram ou aprovaram, e àqueles que apenas sentem, mesmo que indiretamente, os resultados de seus feitos. Por isso, a segunda edição da revista não tem como conteúdo apenas a figura de Agripino, mas é também um recorte do desenvolvimento do município, pertencente à análise do contexto que está por trás de determinada figura. Para as crianças que hoje brincam no Parque Ecológico Cidade da Criança, obra resultado de uma ação do ex-prefeito, a imagem do senhor com um grande crucifixo no peito e envolta de muitas lendas pode não fazer sentido, pois elas vivem em um tempo diferente daquele em que Agripino Lima governou, e assim, a história perde-se relegada à poeira do tempo. Firma-se então a validade do trabalho, que é oferecer à população conteúdo que possibilitará novas pesquisas e que, registrado, serve de arquivo para futuras gerações, contribuindo de forma palpável para a manutenção da memória coletiva. Nas palavras de Davalon (apud ACHARD et al, 2007, p. 25), “[...] para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância”.

Davalon (apud ACHARD et al, 2007, p. 25), no entanto, argumenta que “Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social.” E reside aqui, então, a justificativa pela escolha de um objeto que possa cumprir este objetivo: a fotografia. Primeiro porque, segundo Kossoy, com a análise do

fragmento visual disponível, é possível compreender o contexto de determinada época.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior (KOSSOY, 2001, p. 156).

Samain reitera a afirmação ao salientar que a fotografia preserva o fato tal qual ele se consolidou mesmo a partir de novos olhares.

As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento visível, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo somente a fotografia sobrevive. Os assuntos nela registrados atravessaram os tempos e são hoje vistos por olhos estranhos, em lugares desconhecidos: natureza, objetos, sombras, raios de luz, expressões humanas, por vez crianças, hoje mais que centenárias, que se mantiveram crianças (SAMAIN, 1998, p. 45).

Ao citar seu aspecto documental, Samain descortina o segundo motivo da escolha pela fotografia para a consolidação dos propósitos originais. Em sua própria gênese, é a fotografia um documento apropriado para servir como fonte de pesquisa histórica, embora ainda recaiam sobre ela barreiras que a concretizem como tal, devido ao aprisionamento textual, ou seja, a uma desconsideração da imagem em relação ao texto, já que este foi durante muito tempo predominante como meio de conhecimento científico. Segundo Kossoy (2001, p. 20):

[...] são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. [...]. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e por conseqüência, da realidade que os originou.

Isso se firmando, indiretamente o grupo terá uma aproximação forte o suficiente com a própria fotografia e poderá dirimir seus anseios no entendimento de tal objeto.

Ao produzir a peça prática proposta, o trabalho irá possibilitar também a aplicação da teoria jornalística aprendida em sala de aula. Incluem-se aí técnicas necessárias como entrevista, elaboração de texto jornalístico, edição e análise da imagem e também um maior contato com o próprio jornalismo de revista, conteúdo que não foi muito aprofundado enquanto matéria acadêmica devido ao pouco tempo disposto na grade curricular.

Por fim, é oportuno citar o entendimento da importância que resultará o exercício da responsabilidade social. E isso ocorre em dois níveis: como pré-requisito fundamental em qualquer pesquisa científica, e também como essência da função do jornalista em trazer informações de maneira imparcial e híbrida, desde que contenham interesse público e sejam relevantes, sem que haja a espetacularização do conteúdo. Fica desta forma já estabelecido que o projeto visa mostrar a história de Agripino Lima enquanto personagem político, ou seja: homem público. Também se considera que para o bom exercício do jornalismo, não cabem pré-julgamentos e preconceitos no que constitui a elaboração da informação da maneira mais pura possível.

O grupo está ciente que para desenvolver o projeto corre riscos, mas releva a situação diante da importância do resgate da história de Agripino de Oliveira Lima Filho. Ainda aqui pode ser considerada certa urgência para que esta trajetória tenha a possibilidade de perpetuar-se no tempo, pois além da utilização de bases concretas como a fotografia e recortes de jornal, uma das principais fontes para construir a pesquisa é a memória.

Quanto a estas lembranças, Bosi (1994, p. 37), considera o que vem a ser essencial para contar a história de Agripino, na compreensão de experiências vividas por um homem que hoje tem 78 anos:

A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está *no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.

2.5 Metodologia

Depois de especificado o problema e o tema da pesquisa, a metodologia científica proporciona as ferramentas que irão direcionar o trabalho durante o seu desenvolvimento. Segundo Goldenberg (1997, p.11), “Metodologia Científica é muito mais do que algumas regras de como fazer pesquisa. Ela auxilia a refletir e propicia um ‘novo’ olhar sobre o mundo: um olhar científico, indagador e criativo”.

Por isso, o espírito questionador é capaz de proporcionar uma nova percepção acerca da realidade. Complementam Barros, Junqueira e Novelli (2009, p. 34):

O mundo não é imediatamente apreensível sem que o ser humano se valha de algum instrumento para percebê-lo, interpretá-lo e avaliá-lo. E ele o faz sempre a partir de um determinado contexto. Se existe alguma percepção do mundo, existe antes um conjunto de esquemas de percepção, interpretação e avaliação que, de algum modo, a possibilitou, no interior de um certo cenário social, cultural, econômico, político etc.

Dentre as várias opções de métodos, foram escolhidas aquelas consideradas mais adequadas ao problema e ao objeto de estudo. A linha principal definida para desenvolver este projeto é a pesquisa qualitativa, em sua modalidade exploratória. Segundo Goldenberg (1997), esta não exige a intensa ligação com a representatividade numérica. A preocupação está no aprofundamento da compreensão de um determinado grupo, ou de um local ou de uma trajetória. Este último aponta para uma aproximação pertinente a este trabalho que visa fazer o resgate de um fragmento histórico, com a narração de uma história de vida. Goldenberg (1997, p. 53), complementa:

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador.

A modalidade exploratória “[...] tem como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” e pode envolver, durante seu andamento, o levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema (GIL, 2002, p. 41).

Para o levantamento bibliográfico são necessárias algumas etapas, ainda segundo classificação de Gil (2002). Primeiro é feita a escolha do tema; neste caso, a figura de Agripino de Oliveira Lima Filho, retratada por meio da fotografia. Posteriormente, são realizadas as buscas preliminares que tem como objetivo aproximar o pesquisador da área de estudo, com a leitura e fichamento de livros. Depois é feita a formulação do problema, que aqui consiste no desafio em dar continuidade à publicação da revista *Videre* apoiando-se na fotografia como fonte de pesquisa, com interesse em descobrir o que este objeto pode revelar acerca da história de Agripino Lima. O passo seguinte é elaborar um plano provisório do assunto, feito no pré-projeto, que visa definir uma estrutura lógica e organizar as partes que compõem o trabalho. O quinto passo é a identificação das fontes.

Ainda para o autor, as bases bibliográficas são fundamentais em diversas fases do trabalho. Podem ser obras literárias de leitura corrente ou podem ser livros de referência, utilizados nos casos onde é necessária a consulta a dicionários e enciclopédias e publicações técnicas. Incluem-se aí livros dedicados à fotografia enquanto forma de documento, ao jornalismo de revista e aqueles que narram parte da história da cidade. Ainda podem ser fontes as publicações periódicas, como jornais e revistas; os impressos diversos a serem consultados na busca por fotografias e demais informações a respeito do personagem e o contexto que envolvia a época que representa a imagem. Também são consultadas outras produções científicas pertinentes a área de abrangência do trabalho. Sobre este tipo de pesquisa, Duarte, Barros e Novelli (2009, p. 51) explicam:

Pesquisa bibliográfica [...] é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Além desta, para arrecadar material pertinente a elaboração do trabalho deve ser feita a pesquisa documental. Gil (2002, p. 45), explica que a natureza dessas duas formas se confunde, mas mostra a diferença:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda não podem ser reelaborados com os objetos de pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (2005, p. 176), “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Ainda para os autores, estes podem ser encontrados então sob diversos formatos, como cartas, bilhetes, diários, memórias, autobiografias, mapas, formulários e fotografias, como as de família.

Realizada a pesquisa documental, recorre-se à análise desse material. Uma técnica e método que segundo Duarte, Barros e Novelli (2009, p. 271), “Costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos”. A aplicação deste procedimento fica estabelecida porque se entende necessária a contextualização da vida do personagem, a compreensão do momento que representa uma determinada imagem.

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (BARROS; DUARTE; NOVELLI, 2009, p. 276).

Tanto pesquisa bibliográfica como documental estão no *rol* dos instrumentos da pesquisa qualitativa do tipo exploratória que proporcionam a coleta de dados. Esta ação significa, segundo Marconi e Lakatos (2005, p. 167), “[...] etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos.” Além do recolhimento e análise de material as informações também devem advir da entrevista. Neste trabalho, em especial, a entrevista em

profundidade. Ou seja, com base em teorias e pressupostos definidos, são recolhidas informações a partir da experiência subjetiva da fonte, que trará as respostas sobre sua trajetória. Segundo Duarte, Barros e Novelli (2009, p. 62-63):

[...] os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade. Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas.

Dentre as duas formas de entrevista em profundidade que podem ser utilizadas para coleta dados estão a aberta e a semi-aberta. De acordo com Duarte, Barros e Novelli (2009), a primeira é flexível e segue rumos distintos e livres, com perguntas amplas, o que permite ao entrevistador descobrir novos pontos acerca da vida do entrevistado. A semi-aberta possibilita a liberdade para mudar o rumo da entrevista, dependendo do assunto que começa a ser percorrido pelo entrevistado e do interesse do entrevistador que utiliza apenas um roteiro de controle. Ainda segundo Duarte, Barros e Novelli (2009, p. 66):

A lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta de forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle.

Os dados para contextualizar o leitor a respeito da fotografia estarão presentes na peça prática em forma de texto. Parte deste material será obtido com entrevistas realizadas das maneiras descritas. São fontes de informação, historiadores que mantêm, de certa forma, relação com o município, profissionais da fotografia para obter mais conteúdo a respeito da parte técnica do trabalho e pessoas relacionadas ao Agripino, além dele próprio como principal meio para a obtenção de informações.

O tema da pesquisa visa retratar a história de uma personalidade e como fica evidente a ligação desta trajetória com parte da vida política regional e com o desenvolvimento da cidade, outra ferramenta metodológica

utilizada na pesquisa será o método biográfico. Para Duarte, Barros e Novelli (2009, p. 84), “as biografias são um valioso atual campo de estudos. Combinam recursos e conceitos de várias áreas do conhecimento, como, por exemplo: da História, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, do Jornalismo, etc.”. Além disso, os autores destacam que atualmente existe um notável interesse por parte do público em conhecer histórias de vida e uma prova disso é a crescente produção de livros e matérias sobre esse assunto em canais pagos. Segundo Goldenberg (1997, p. 36):

A utilização do método biográfico em ciências sociais vem, necessariamente, acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo *versus* o contexto social e histórico em que está inserido. [...]. Portanto, cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, é possível ler uma sociedade através de uma biografia, conhecer o social partindo-se da especificidade irredutível de uma vida individual.

Ainda de acordo com a autora, o método biográfico difere-se das biografias e autobiografias, pois nestas é apresentada apenas uma versão selecionada daquilo que se quer que seja observado pelo outro. Já nas pesquisas científicas é propiciado o aprofundamento que não abandona o que pode ser trivial ou desagradável para a pessoa, mas de interesse para o trabalho. Duarte, Barros e Novelli (2009), consideram que ainda há uma barreira na credibilidade gerada pelos receptores do trabalho biográfico exatamente pela crença de que o conteúdo produzido diz somente a visão da pessoa em questão.

Muitas são, também, as discussões sobre a confiabilidade das informações obtidas nas histórias de vida, fruto de falhas de memória, racionalização inconsciente ou mesmo de interpretações. Porém, não podemos deixar de destacar que a subjetividade jamais será superada (DUARTE; BARROS; NOVELLI, 2009, p. 87).

Como meio de narrar uma trajetória de vida, a fotografia é tida no trabalho como forma de documento histórico e será pesquisada e aplicada

metodologicamente como tal, sendo enquadrada ainda na relação de dados a serem coletados. Segundo Kossoy (2001, p. 47):

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado. O artefato fotográfico através da matéria (que lhe dá corpo) e de sua expressão (o registro visual nele contido), constitui uma fonte histórica. [...]. Assim, uma mesma fotografia pode ser objeto de estudos em áreas específicas das ciências e das artes [...].

Kossoy (2001, p. 55), complementa:

Assim, as imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos nas áreas específicas de arquitetura, antropologia, etnologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia enquanto *instrumento* de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica.

Kossoy (2001), define que pra analisar uma foto e recuperar as informações nela contidas são necessárias duas etapas: a análise técnica e a análise iconográfica. A primeira diz respeito à própria história daquele documento, sua matéria, o conjunto de informações de ordem técnica que o configuram. A observação iconográfica é o conjunto de informações visuais que compõem o documento, acerca do fragmento selecionado da realidade passada, que foi registrada com procedimentos técnicos específicos.

Ainda dentro da pesquisa iconográfica situa-se uma outra, denominada iconológica. Enquanto a primeira diz respeito apenas à descrição da imagem, a iconológica traz a interpretação das informações, característica essencial para o trabalho que visa contextualizar a fotografia acerca do contexto histórico que está inserida. Essas operações, segundo Kossoy (2001), devem ser feitas em conjunto para que haja um cruzamento de informações e conseqüentemente um resultado mais aproximado da realidade. A análise das

fotos dentro da pesquisa será realizada de acordo com a necessidade de tratamento de cada foto.

A imagem fotográfica vai além do que mostra em sua superfície. Naquilo que não tem de explícito, o tema registrado tem sua explicação, seu porquê, sua história. [...] Resta-nos mergulharmos nesses fragmentos deslizantes de ambigüidade e evidência, para tentarmos desvendar os mistérios que se escondem sob olhares interessantes e paisagens perdidas. [...] Seguir decifrando essa forma de conhecimento é o desafio que nos move (KOSSOY, 2001, p. 60).

Compreende-se então que para “enxergar” o que está representado na imagem é preciso analisar além do que está explícito. Paiva (2002), diz que é necessário aprofundar-se acerca do contexto do momento para que o entendimento seja completo.

A imagem, bela, simulacro da realidade, não é a realidade histórica em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, induções, códigos, cores e formas nela cultivadas. Cabe a nós decodificar os ícones, torná-los inteligíveis o mais que pudermos identificar seus filtros e, enfim, torná-los como testemunhos que subsidiam a nossa versão do passado e do presente [...] (PAIVA, 2002, p. 19).

Diante da contextualização, Borges (2005, p. 82), traça ainda um método de análise importante do documento fotográfico: “[...] a pesquisa histórica não pode dispensar a contextualização da produção do documento, da mesma maneira que deve estar atenta aos diferentes sentidos que lhe vão sendo atribuídos ao longo do tempo”. Segundo a autora (2005, p. 84), ainda assim é necessário atentar-se na análise do material coletado para a tecnologia empregada e a intenção do produtor da imagem.

Para que seu estudo incorpore o que está explícito e implícito na imagem fotográfica sem, no entanto, sucumbir às intenções do fotógrafo, além do método da contextualização da imagem, o cruzamento do documento visual com os textuais e orais torna-se um imperativo para responder as questões tipicamente históricas.

A inspiração que leva a descoberta dos detalhes contidos na imagem fotográfica só se concretiza, porém, quando se tem a exata

compreensão do que é e o que representa a fotografia para a sociedade. Um documento simples, mas de alto valor social, que suscita alegrias e medos, dor e satisfação. Mas, observa-se que desde a sua invenção ainda foi necessário um tempo de aceitação e entendimento para que a fotografia passasse a ser utilizada por meios jornalísticos como forma de comprovar a realidade observada.

3 FOTOGRAFIA: INSTRUMENTO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

Este capítulo apresenta uma discussão teórica tem como um de seus objetivos proporcionar aos autores do TCC noções fundamentais acerca da fotografia. Desta forma, além de conceituar o termo e posicioná-lo como ferramenta de destaque na sociedade moderna, procura ressaltar seu valor contributivo enquanto fonte de pesquisa para a recuperação de dados históricos. A fotografia é uma imagem e como tal é capaz de exercer nos homens um fascínio. O seu surgimento ou descoberta descortinou uma fase importante para a humanidade que até então se amparava no pictorialismo para tentar reproduzir as coisas do mundo. Sua aceitação, credibilidade e popularização deram-se de forma intensa e a fotografia se alastrou para os mais diversos meios da sociedade, desde as casas populares, passando pela imprensa até o meio artístico e deve ser destacada no campo científico, onde adquire força de fonte de pesquisa para documentações diversas.

3.1 Fotografia: sociedade e representação de mundo

O homem aprendeu cedo a representar suas mensagens por meio de desenhos, o que torna natural para a sociedade atual a possibilidade de entender o mundo e fixar-se na imagem mais do que no texto.

Nunca, portanto, estivemos tão dependentes da imagem como linguagem e ferramenta imprescindível da comunicação entre as pessoas. [...] Lemos as imagens hoje, muitas vezes sem percebermos que estamos fazendo isso por meio de técnicas desenvolvidas coletivamente, em nosso cotidiano. E lemos com a velocidade que ela nos impõem, cada vez mais fortemente. Há uma inflação, digamos, de imagens com a qual convivemos e da qual somos parte integrante. Consumimos imagens e ingerimos representações de toda a sorte, nem sempre preocupados em filtrá-las, em compreendê-las, enfim, em decidir se as incorporamos ou não (PAIVA, 2002, p. 102).

É um estado de abstração, como pensa Flusser (2008) e como diria Machado (1991, p.99), pois reforça que o homem, por conta da imagem, acabe num reverso, em uma condição de “[...] observador a observado, ou de espectador a espetáculo, dada a reversibilidade das tecnologias de registro de exibição”. A estes dois autores, sobressai-se a afirmação de Klein (2006, p. 108) que revela uma consequência do furacão imagético que recai sobre a sociedade.

[...] é um adestramento da visão, que já não consegue se projetar sobre o mundo sem a interferência das mídias visuais. [...] Mas o império das imagens parece não dar chances de fuga aos nossos olhos, submetendo-os a formas inexoráveis de domesticação.

Os autores citados tratam de todo rol imagético, mas certamente está entre eles uma das formas mais emblemáticas e debatidas de se ver o mundo: a fotografia. É nela que este estudo se debruça e tenta ressaltar sua importância, influência e representação da vida cotidiana, além de sua capacidade documental com fins de restauração de fatos passados.

Em sentido lato, a fotografia é uma técnica de retenção de imagens por meio da exposição luminosa, fixada em uma superfície sensível (BUENO, 1996). Uma invenção sem paternidade definida.

A fotografia tem sua origem ligada aos problemas de reprodução técnica, em particular aos processos de impressão, tais como a preparação de matrizes e originais – era a imagem que se fazia a si própria. Sua invenção – ou descoberta, como também pode ser entendida – é contemporaneamente reconhecida como múltipla, sendo atribuída a Niépce, Daguerre, Florence, Talbot e Bayard (VICENTE, 1998, p. 328).

Porém, mais que capturar a imagem, fotografar é como recortar um pedaço de um determinado momento para que possa ser guardado e eternizado. Para Kubrusly (1991), tal ação já existia antes e foi se aperfeiçoando até chegar ao invento conhecido hoje como câmera fotográfica.

A câmara- a futura máquina fotográfica- já existia e há muito vinha sendo aperfeiçoada. Os artistas a empregavam como instrumento auxiliar do desenho, pelo menos desde o século dezessete, da Vinci chamou-a de “olho artificial” e explicou os princípios de seu funcionamento. Suas origens vão até antes de Cristo, na Grécia. Chamavam-na câmara obscura, em latim (KUBRUSLY, 1991, p.22).

A questão que se descortinou na época, no entanto, foi sua aproximação com um mundo mais exato. Borges (2005, p. 24), é determinante quanto a isso ao dizer que em seus primórdios, “Seu forte potencial analógico, ainda que passível de adulteração, estimulava a crença de que suas imagens eram uma reprodução fiel do real, da ‘coisa tal como ela é’ ”. Camargo (1997, p. 43), confirma a avaliação da autora.

Há séculos a humanidade buscava a reprodução do visível do observável. Em certos momentos da história, a necessidade de aproximar-se do verossímil tornou-se uma fixação dos artistas e daqueles que produziam imagens. A invenção da fotografia vem contemplar esta necessidade.

Colaboram ainda três afirmações quanto a disseminação e aceitação da fotografia na sociedade em razão de sua veia especular. O primeiro dá conta de seu valor sentimental. Ela pode provocar alegria e tristeza, pois carrega consigo a memória dos momentos retratados. Sontag (2004), entende-a como material dotado de sentimento.

Assim como o fascínio exercido pelas fotos é um lembrete da morte, é também um convite ao sentimentalismo. As fotos transformam o passado no objeto de um olhar afetuoso, embaralham as distinções morais e desarmam os juízos históricos por meio de *pathos* generalizado de contemplar o tempo passado (SONTAG, 2004, p. 86).

Num segundo entendimento, Boni (2000), ressalta que a história contada por meio das imagens fotográficas foi facilmente acolhida por tratarem-se elas de uma mensagem sem códigos definidos e, portanto, de leitura passível de interpretação.

A fotografia sempre permite uma leitura. Qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, falante de qualquer idioma, alfabetizada ou não, desde que dotada do sentido sensorial da visão, extrai dela alguma mensagem. Em razão dessa constante e incontestável permissão, a fotografia supera a escrita em termos de comunicação. A linguagem verbal impede aos analfabetos sua leitura. A imagética, não. A linguagem imagética é universal. A verbal, não (BONI, 2000, p. 13).

Freund (1995) lembra que, a fotografia multiplicou a imagem de um mundo para ser agora apresentado. Kossoy (2002, p. 26-27) complementa por fim que:

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. [...] Era o início de um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual e direta dos hábitos e fatos dos povos distantes. [...] O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua *imagem fotográfica*. O mundo tornou-se, assim, *portátil e ilustrado*.

Isso posto, é importante abrir espaço para uma consideração que terá reflexos na pesquisa empenhada neste trabalho. Dubois (1994, p. 15) acredita que o ato de fixação da imagem é mais que apenas uma representação. Ele cita três fases históricas pelas quais a fotografia passou e recebeu, em cada, uma significação. No primeiro período, ela era entendida como “espelho do real”, com uma característica de representação fiel da imagem e seu referente, “[...] a imitação mais perfeita da realidade.” (DUBOIS, 1994, p. 27). No segundo momento, já no século XX, tratavam-na como “transformação do real”, um espelho não neutro, mas dependente de análise e interpretação. Desta forma, para o autor (1994, p. 38), “[...] a fotografia oferece ao mundo uma imagem determinada ao mesmo tempo pelo ângulo de visão escolhido”. E por fim, já no final do século XX, é entendida como um “traço do real”, que segundo Dubois (1994, p. 45), distingue-se claramente das duas precedentes principalmente pelo fato dela implicar que a imagem indiciária é dotada de um valor todo singular ou particular:

[...] é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas um trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma imagem-ato, estando compreendido que esse 'ato', não se limita trivialmente apenas ao gosto da produção propriamente dita da imagem [...], mas inclui também o ato de sua recepção e contemplação (DUBOIS, 1994, p. 45).

Nesse sentido, fotografar é expor o mundo para si próprio ou a alguém e daí decorrem dois de seus reflexos mais importantes. Um já citado que foi a popularização, intensificada cada vez mais na história pelo desenvolvimento tecnológico que resultou na fabricação de máquinas portáteis. O outro trata de sua aderência à imprensa, que percebeu no documento uma forma importante de adicionar credibilidade ao texto de relato.

Segundo com Sousa (2000), o fotojornalismo teve a sua primeira representação a partir do momento que os fotógrafos apontaram a câmera para um fato, com um intuito testemunhal, ou seja, de contar essa história. Mas não foi um processo arrebatador. A fotografia demorou certo tempo para garantir seu espaço nas páginas dos jornais.

[...] imbuídos de uma mente literária, os editores resistiram bastante tempo a usar fotografias com texto, não só porque desvalorizavam a seriedade da informação fotográfica, mas também, julgo eu, porque as fotografias não se enquadrariam nas convenções e na cultura dominante na época (SOUSA, 2000, p. 17).

De acordo com o autor (2004, p. 18), apesar de estar em curso desde meados do século XIX, somente no início do século XX é que “[...] as fotografias teriam deixado de ser secundarizadas como ilustrações do texto para serem definidas como uma outra categoria de conteúdo tão importante como a componente escrita”. Borges (2005, p. 70) acrescenta que:

A era moderna da imprensa ilustrada começou de fato a ganhar fôlego com a contratação de fotógrafos socialmente reconhecidos para acompanhar os chefes políticos em suas campanhas. [...] Quando foi deflagrada a Primeira Grande Guerra, a fotografia de imprensa já era um dos principais veículos de divulgação de notícias e de produção de interpretação sobre os acontecimentos históricos.

Além dos jornais impressos, o fotojornalismo também se consolidou no seio de outra publicação: a revista, que desde sua criação, já apresentava um caráter mais flexível para adotar inovações. No início elas pareciam muito com os jornais ou com os livros, mesmo aspecto pesado, sem muitas particularidades (A REVISTA..., 2000).

Assim, com o tempo, o gosto das revistas pela fotografia só cresceu, dado que o fato de abrigar imagens a tornou mais atrativa que os outros meios impressos.

A forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs dos anos vinte permite que se fale com propriedade em fotojornalismo. Já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o “mosaico” fotográfico com que se tenta contar a história. As fotografias na imprensa, enquanto elementos de mediação visual mudam: aparecem a fotografia cômica, o foto-ensaio e as fotos-reportagens de várias fotos (SOUSA, 2004, p.20).

Andrade (2004a) cita o final do século XIX como o período de florescimento da fotografia como elemento importante na revista. O autor revela que títulos como “The London Illustrated News”, “Le Journal Illustré”, na Europa, e “The Illustrated American” e “Harper’s Weekly”, nos Estados Unidos, estavam dispostos a quebrar uma barreira e “explorar” todas as potencialidades da câmera fotográfica. Mais tarde, como aponta Sousa (2004), o fotojornalismo é presença e matéria-prima de grandes ilustradas da Europa e Estados Unidos, como a “Vu” e “Paris Match”.

O fato é que a fotografia e a revista parecem ter nascido uma para a outra. Desde que foi lançada a primeira revista ilustrada, elas nunca mais se separaram. Tanto pela qualidade do papel quanto da impressão, as revistas sempre puderam, e souberam, valorizar a fotografia. Grandes fotógrafos, como Sebastião Salgado, fazem seus livros e exposições, mas buscam também publicar suas fotos em revistas de grande circulação, o que garantirá uma maior divulgação para seu trabalho, com absoluta garantia da qualidade de reprodução, tão necessária ao gênero (SCALZO, 2003, p. 71).

O aproveitamento da fotografia em revistas jornalísticas no Brasil acontece também no século XIX. As publicações locais eram marcadas pelo tom humorístico e apresentavam fatos e personagens da época em formato de

ilustrações. No começo, os registros visuais eram usados de forma indireta, servindo de base para litografia, processo de gravura em plano, executada sobre pedra calcária ou sobre placa de metal (ANDRADE, 2004a), ou como um molde para outras formas de impressão. Mas o uso da fotografia de maneira direta só aconteceu em 1884, na revista *Galeria Contemporânea do Brasil*, editada no Rio de Janeiro (A REVISTA..., 2000).

Andrade (2004a, p. 235), cita como precursora no Brasil do uso do fotojornalismo a revista *A Semana*, de 1885. Mas foi a *Revista da Semana* a responsável por estampar fotografias em processo fotomecânico, com junção de texto e imagem, representando “[...] a transição do século XIX para o século XX, da imprensa artesanal para a imprensa industrial”.

Outras publicações marcaram esse período no Brasil (A REVISTA..., 2000). A *Fon-Fon!* destacava em suas páginas pessoas influentes da sociedade e *O Cruzeiro*, criada por Assis Chateaubriand e lançada em 10 de novembro de 1928, consagrou a reportagem ilustrada, estampando em suas capas artistas e personalidades da época. A ilustrada *Manchete*, nascida na década de 50, foi considerada a segunda maior revista brasileira da época e utilizava como linguagem principal o fotojornalismo, que segundo Scalzo (2003) valorizava os aspectos gráficos e fotográficos. Logo depois, surge *Realidade*, lançada em 1966 pela Editora Abril, focada também na reportagem e no estilo investigativo. Porém, mais crítica que suas antecessoras, se caracterizava pelo estilo ousado e pouco tradicional (A REVISTA..., 2000). Adotou a reportagem como estilo marcante, produzindo inclusive em 1967 um número dedicado à mulher brasileira que tratava de emprego, sexo, corpo e comportamento. Outro fato marcante foi a inserção do jornalista como personagem, na matéria que narrou o acidente com o repórter José Hamilton Ribeiro, quando perdeu uma das pernas ao pisar em uma mina terrestre na Guerra do Vietnã. Apesar do sucesso nas bancas, a publicação tornou-se insustentável pelo número crescente de anunciantes que migraram para a televisão.

Em 1968, a Editora Abril lança *Veja*, inspirada no modelo americano *Times*. Scalzo (2003), lembra que sua prioridade era a abordagem de temas políticos. Por esse motivo, o magazine sofreu censuras durante o

regime militar. *Veja* entrou no ano 2000 como o quarto maior semanário de notícias do mundo, excitou o mercado e deu origem ao aparecimento de outros periódicos com fórmulas semelhantes, entre elas a *Isto é*, criada em 1976. No final do século XX, no ano de 1998, foi lançada no Brasil a revista *Época*, baseada no estilo alemão da *Focus*, valorizando o padrão visual de imagens e gráficos que integram as reportagens. *Veja*, *Isto é* e *Época*, ainda são encontradas semanalmente nas bancas de todo o Brasil (SCALZO, 2003).

Embora tenha ganhado *status* em jornais e revistas, é importante lembrar que o fotojornalismo não se separou definitivamente, em nenhum dos casos, do texto, até porque a imagem pode representar e indicar a realidade, mas não ser o seu espelho fiel e daí a necessidade do acompanhamento de um suporte que explica o registro visual, com a contextualização do momento e sua transformação em notícia. De acordo com Sousa (2004, p. 13):

As fotografias de uma guerra, se o texto não ancorar o seu significado, podem ser de qualquer guerra e não representações de um momento particular de uma guerra em particular. Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar acontecimento representado (ou pessoas) e a sua atmosfera.

O autor (2004), ainda ressalta que o texto no fotojornalismo proporciona a atenção devida à imagem e seus elementos, complementa a informação já exibida e desta forma denota a mensagem e pode ainda prestar-se a analisar ou propor debates. Boni (2000, p. 50), adiciona ainda um outro elemento de interferência na recepção da mensagem fotográfica jornalística: a intencionalidade do fotógrafo.

No fotojornalismo, onde a imagem necessita, o máximo possível, estar carregada de informação, é inquestionável a intencionalidade de comunicação do fotógrafo. Ao manifestar essa intencionalidade, pulsa mais forte a hipótese de ele ser um tradutor da realidade presenciada, através de um recorte espaço temporal, aos ausentes do ocorrido (BONI, 2000, p. 50).

O autor (2000) revela que para tal intencionalidade, o produtor da imagem lança mão do uso adequado da linguagem fotográfica, que para Sousa

(2004) é constituída de elementos como enquadramentos e planos, composição, foco, profundidade de campo e iluminação.

Essas recorrências intencionais foram especialmente úteis em um braço do fotojornalismo que também merece considerações neste trabalho. De acordo com Boni (2000, p. 202), “[...] além de documentar as guerras e espelhar seus horrores nas páginas de jornais e revistas, o fotojornalismo passaria ainda em sua infância a ser usado como instrumento de crítica social”. Era a prática da fotodocumentarismo.

Nos últimos 180 anos, o passado humano esteve registrado em documentos escritos, mas sobretudo em imagens técnicas, a principal delas, a fotografia. A partir dela é possível se reconstituir a vida de uma comunidade, de uma família pioneira ou simplesmente de uma pessoa. Tal processo continua em curso e tenta se espelhar em ações semelhantes que marcaram a história e mostraram a viabilidade deste processo.

A fotógrafa Cláudia Andujar registrou durante 34 anos o cotidiano do povo indígena ianomâmi. Trata-se de um trabalho autoral, com imenso poder documental que poderá ser revisitado constantemente quando houver a intenção de pesquisa deste povo, principalmente no que se refere aos rituais sagrados que remetem ao xamanismo. Outros trabalhos autorais deste porte como *The Family of Man* (1955), de Edward Steichen, ou *Les Americans* (1958), de Robert Frank, são exemplos de que a documentação fotográfica tem um valor científico explícito e sua análise deve ser sempre incentivada para que se conheçam as diferentes realidades vividas pelo homem. (SOUSA, 2004)

Borges (2005, p. 67), traça esse início a partir do momento em que a visibilidade fotográfica se voltou para a representação das classes sociais, na passagem do século XIX para o XX. “Nesse período, o jornalista americano, Jacob-August Riis (1848-1914), especialista em crônicas policiais, descobre o poder de persuasão e propaganda da fotografia e inaugura um novo estilo jornalístico: o documentário ilustrado [...]”.

De fato, de acordo com Lombardi (2008), a fotografia documental pode ser pensada como um conjunto de imagens que formam uma narrativa, cujos traços indiciais se deslocam de acordo com o olhar de cada fotógrafo.

Qualquer objeto ou situação pode ser representado esteticamente de acordo com a ênfase pretendida pelo fotógrafo.

O fotodocumentarismo engloba uma grande diversidade de propostas éticas e estéticas, formando uma verdadeira espiral de contradições e aderências sobre a sua prática, seus valores e seus propósitos. Temas sociais, impressões sobre o mundo, vida cotidiana, cenas de guerra, registros de viagens, os mais diferentes tipos de fotografias podem ser classificados como documentais (LOMBARDI, 2008, p. 42).

Sousa (2000) explica que o fotodocumentarismo é a intenção do fotógrafo em dar ao leitor um testemunho, e permite que ele entenda o que aconteceu mesmo que não estivesse presente. O mesmo autor (2004, p. 12) iria mais tarde sistematizar a definição do termo de modo mais explícito e completo, além de compará-lo com a prática do fotojornalismo.

Em sentido restrito, o fotojornalismo distingue-se do fotodocumentarismo. Esta distinção reside mais na prática e no produto que na finalidade. Assim, o fotojornalismo viveria das *feature photos* e das *spot news*, mas também, e talvez algo impropriamente, das foto-ilustrações, e distinguir-se-ia do fotodocumentarismo pelo método: enquanto o fotojornalista raramente sabe exatamente o que vai fotografar, como poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentarista trabalha em termos de projeto: quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou.

De acordo com Boni (2008), uma das características inerentes do fotodocumentário é oferecer um produto mais elaborado. Formado por um conjunto de fotografias, acompanhado ou não de textos explicativos, o trabalho demanda esforços de planejamento e produção. A denúncia social, por exemplo, pode explorar as mazelas que afetam a sociedade, como fome, conflitos étnicos e religiosos e guerras. Ao propiciar que o mundo tome conhecimento dessas distorções, contribui para que pessoas possam agir e modificar fatos e realidades. Segundo Sousa (2004, p. 55), “Com o documentarismo estabelece-se uma das grandes motivações da fotografia no século XX: o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa”.

Desta forma, e por haver ligação implícita com este trabalho, torna-se pertinente também fazer uma conceituação de um outro gênero do fotojornalismo: o retrato ou *portrait*.

O *portrait* é a categoria mais antiga do fotojornalismo onde o rosto e as expressões da pessoa fotografada são dominantes. É uma forma de retratar mais que a aparência, buscando captar a essência do personagem. De acordo com Miguel (mensagem eletrônica, 2009), “essas imagens obtidas podem ser consideradas documentos biográficos por revelarem a face de personalidades e anônimos que construíram e constroem diariamente nossa história”. Com ele, os leitores tiveram a possibilidade de conhecer os rostos que eram falados nas notícias, dando mais proximidade aos fatos.

Segundo Kossoy (2001), um retrato, pode ser considerado pelo personagem fotografado como produto capaz de imortalizar a imagem e, desta forma, faz com que no momento do clique haja a pose pré-definida. A partir do momento em que há o conhecimento por parte do fotografado da ação do fotógrafo, o comportamento passa por uma alteração. A pessoa pode sorrir, olhar profundamente, tentar disfarçar, esconder-se.

Fabris (1998, p. 21), cita um dos mais famosos retratistas de século XIX, André-Adolphe Disdéri ao justamente realçar a transformação da realidade. “Ao contrário das primeiras fotografias que se concentravam no rosto, Disdéri fotografa o cliente de corpo inteiro e o cerca de artifícios teatrais que definem seu *status*, longe do indivíduo e perto da máscara social [...]”.

Kossoy (2001), conta que trabalhadores que visavam obter para si uma fotografia, vestiam-se nobremente a fim de afirmar-se como sendo de uma classe superior a qual realmente pertenciam e, para a produção do retrato, assumiam uma postura de nobreza e vestiam roupas apropriadas. O fato é passível de análise. Para um historiador pode não existir primeiramente o entendimento de quem realmente possuía bens ou não, o que necessita de um estudo aprofundado a respeito de quem eram as pessoas nas imagens.

No caso de um retrato, por exemplo, os mencionados indícios são fundamentais para a interpretação na medida em que podem ser reveladores do caráter do retratado, particularmente quando este é fotografado sem que o saiba. No entanto, os retratos são ambíguos, pois o retratado pode representar determinado papel diante da câmera. Isto se apresenta ao intérprete como evidência definitiva ou indício de uma atitude a ser investigada? (KOSSOY, 2007, p. 42).

Oriundo do *portrait*, o chamado retrato de família também sofre com tal interferência e assim deve ser analisado para que a versão de realidade a ser amplificada num projeto de recuperação histórica, a partir de imagens, não fique prejudicada. Este tipo de fotografia é talvez o objeto mais importante de documentação do universo familiar. Segundo Leite (1998, p. 39), há duas categorias de retratos de família:

Hoje existem dois tipos diferentes de retratos de família: os formais (de casamentos, batizados, formaturas, comunhões) e os informais (retratos de férias e dos momentos ociosos). Os primeiros continuam a ser padronizados sobre a dignidade do grupo familiar, como vinham sendo desde o século XIX, enquanto os outros, chamados pleonasticamente de instantâneos, continuam a registrar unicamente instantes alegres de solidariedade, continuando a encobrir os conflitos e transgressões.

A autora (1998, p. 40) ainda complementa a afirmação ressaltando a importância de se usar este documento no momento de uma reconstituição histórica. Para ela, a fotografia se oferece como a “[...] oportunidade de ver e saber como os outros nos vêem e como éramos quando não tinha ainda havido ausências, nem separações”.

Ao criar novas possibilidades de ver a sociedade, tanto o fotojornalismo em si quanto seus gêneros e os retratos particulares proporcionam também a o entendimento de que “[...] as imagens fotográficas devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura [...]” (BORGES, 2005, p. 73).

Tanto é que, de acordo com Miguel (mensagem eletrônica, 2009), as fotografias em jornais e revistas, além dos acervos particulares, são fontes de documentação que enriquecem o trabalho dos historiadores, já que

contribuem para coleta, análise e interpretação dos fenômenos sócio-históricos. Esse caráter documental pode ser usado em varias áreas das ciências sociais.

A documentação iconográfica ou fotodocumentação é instrumento para o campo científico, quando de sua apropriação para recuperação de fragmentos históricos. Neste caso, são reunidas obras de diversos produtores a fim de se sistematizar e apresentar um único tema. Borges (2005, p. 87), entende ser este um campo de expansão já que as práticas do fotojornalismo, fotodocumentarismo e coleções particulares, além de contribuir com o alargamento da história conhecida, “[...] legou-nos uma enorme massa documental”.

Para Kossoy (2002), o tempo de vida da imagem fotográfica é muito maior do que o tempo de uma sociedade.

As fotografias em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. As personagens retratadas envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. [...] De todo o processo, somente a fotografia sobrevive (KOSSOY, 2002, p. 139).

O mesmo autor (1998, p. 45), define a prática científica ressaltando seu valor restaurador.

O aparente da vida registrado na imagem fotográfica, pode assim, de quando em quando, deixar de ser unicamente a referência e reassumir a sua condição anterior de existência. O princípio de uma viagem no tempo em mente e dos sentimentos. São em geral viagens de curta duração e de marcada emoção; muitas vezes nos flagramos nessas viagens imaginárias.

A fotografia foi a ferramenta escolhida neste Trabalho de Conclusão de Curso para narrar jornalisticamente a trajetória de Agripino de Oliveira Lima Filho, pois permite revelar partes de uma história ainda desconhecida, mesmo que sendo apenas de um personagem. Para tanto, há de se considerar e confirmá-la, enfim, como um documento à espera de

análise. Uma fonte de pesquisa que leve, de fato, à possibilidade de reconstituição de fragmentos históricos importantes.

3.2 A Fotografia como Fonte de Pesquisa e Documento Histórico

Ao revelar o recorte de determinado tempo-espaço retratado, a fotografia pode ser considerada como ferramenta imagética para contar uma história. Desde que devidamente contextualizada pode comprovar um momento e emprestar a ele um caráter de verdade. Segundo Dubois (1994, p.25):

Existe uma espécie de consenso de princípio que pretende que o verdadeiro documento fotográfico 'presta contas do mundo com fidelidade'. Foi-lhe atribuída uma credibilidade, um peso de real bem singular. E essa virtude irreduzível de testemunho baseia-se principalmente na consciência que se tem do processo mecânico de produção da imagem fotográfica, em seu modo específico de constituição e existência [...].

Para Sontag (2004), imagens estáticas podem causar mais impacto que imagens em movimento. Um exemplo deste fato pode ser percebido em cenas de guerra, que quando assistidas em um filme, ou em noticiários podem não ser tão chocantes quanto deparar-se com uma fotografia. Tornam-se “fortes” a partir do momento que a pessoa tem tempo para realmente olhar e sentir o que transmite.

Fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não do fluxo. A televisão é um fluxo de imagens pouco selecionadas, em que cada imagem concebe a precedente. Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outra vez (SONTAG, 2004, p. 22).

Os historiadores tratam a fotografia como uma fonte privilegiada, documento histórico. Afinal, as ilustrações não existem para deixar o texto mais

colorido ou dinâmico, mas para explicitar uma história que pode ter sua compreensão melhor entendida com a visualização da imagem, que remete a determinada época, aos rostos e costumes.

A iconografia, que no sentido epistemológico da palavra significa a “descrição e conhecimento de imagens, retratos, quadros ou monumentos particularmente dos antigos” (BUENO, p. 350, 1996), de acordo com Paiva (2002) é uma fonte como qualquer outra, e assim como as demais, deve ser explorada com cuidado.

A iconografia é tomada agora como um registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda, esculpidas, modeladas, talhadas, gravadas em material fotográfico e cinematográfico. São registros com os quais os historiadores e professores de História devem estabelecer um diálogo contínuo. [...] é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo contexto no qual foi concebida (PAIVA, 2002, p. 17).

No caso específico da fotografia, esta não “[...] deixa de ser, ao mesmo tempo, OBJETO E FONTE, posto que se refere sempre a um mesmo início, a uma gênese única [...]” (KOSSOY, 2007, p. 34), e possibilita a percepção de características como as roupas e penteados utilizados pelos personagens, hábitos, a cultura, a situação política da uma época. Detalhes inúmeros, enfim, que podem estar inseridos dentro de uma única imagem. Segundo Novaes (1998, p.117), a fotografia mantém uma estreita relação com a realidade do homem e, por este motivo, aproxima-se da antropologia. De acordo com Piault (2001), a imagem por muito tempo foi vista com suspeita pela antropologia e usada mais como um instrumento auxiliar do discurso verbal ou como diz Kossoy (2007), até instrumento de dominação colonial e ideológica. Ainda assim, esse espaço só é concedido quando há uma força representativa muito grande por parte da fotografia. De acordo com Samain, no entanto, tal vertente entrou em curso na história.

O que foi esta primeira antropologia visual? Uma história de indícios, de traços, de rastros, de pistas... Uma busca de provas, de evidências e de aparências. Uma aproximação, em todo caso, do *corpo visível* do homem, de seus signos, de suas marcas, de suas diferenças cravadas na sua pele ou sobre sua pele, capazes de ser registradas através de uma outra pele: a película (SAMAIN, 1998, p. 122).

Para Simson (1998, p. 22), tal reordenamento no campo dos estudos históricos tem sua razão por conta da popularidade da cena fotográfica, que alcançou como bem citou Sontag (2004), um *status* único de pertencimento junto à população.

Na verdade, desde os anos trinta e quarenta, com a “democratização” do registro fotográfico mediante o surgimento de máquinas fotografias de operação muito simples e relativamente baratas que permitiram a fixação rápida e fácil de “instantâneos”, a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários, e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético (SIMSON, 1998, p.22).

Nem mesmo o documento eletrônico ou digital deve deixar de ser referência para o estudo da história do homem. Segundo Manini (1998, p. 258), tais desafios, ao contrário estimulam o uso da fotografia “[...] fazendo do fotográfico não um elemento em extinção nestes tempos ‘eletrônicos’ em que vivemos mas, antes, um constante recriador do ilusório, do narrativo, do que se pode denominar verbovisualidade humana”. Tais afirmações só atestam e confirmam sua unicidade enquanto ponto de partida para se entender um contexto.

Neste ponto, e por seu caráter documental, a fotografia pode ser considerada, como já dito, “fonte de informação” ou “objeto de investigação”. De acordo com Kossoy (2007, p. 34), torna-se fonte quando “diz respeito a partes ou ao conjunto da documentação pública ou privada que abrange um largo espectro temático, produzida em lugares e períodos determinados”. São meios de conhecimento, por exemplo, registros visuais de personagens, cenários e fatos. Em função de tais características, constitui um documento importante para a reconstituição histórica. A fotografia como objeto de

interpretação é, segundo Kossoy (2007), um estudo da imagem que visa a decifração técnica, cultural, estética e ideológica.

As palavras de Kossoy (2007, p. 53), abrem um entendimento necessário. Há uma diferença entre a imagem fotográfica comum e a que pode ser considerada como um documento histórico. “As imagens fotográficas, entendidas como documento/representação, contêm em si realidades e ficções”. O autor (2007, p. 53-54), ainda ressalta que:

A partir da desmontagem da imagem fotográfica, pode-se perceber em que medida ela incorpora – tanto sua produção como em sua recepção -, um complexo processo de construção de realidades, e, portanto, de ficções. É necessário que se reflita sobre certas ambiguidades fundamentais de a fotografia ser um registro (isto é, um documento), materializado visualmente no estágio final do processo de criação do fotógrafo (que compreende o processo de construção da representação).

A fotografia pensada apenas como imagem tem seu valor no momento retratado, na beleza da representação, e contém uma história que motivou sua captura. De acordo com Kossoy (2001), o registro fotográfico analisado como fonte histórica precisa manter uma preocupação que chegue além da beleza do retrato. Para que uma fotografia seja utilizada como fonte, é fundamental o tipo de tratamento correto.

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 2001, p. 32)

Desta maneira, Borges (2005, p. 112), salienta que:

É assim que as imagens nos revelam as maneiras de sentir e pensar de um grupo social, que elas nos mostram como a memória coletiva vai sendo construída, criando laços de pertencimento mútuo, unindo os membros de uma mesma coletividade.

Para Camargo (1997, p. 33), pode-se identificar a fotografia como um documento que permite análises históricas quando:

[...] refere-se a algo representando-o com fidedignidade. As imagens relatam situações vividas ou testemunhadas e servem de referência para que possamos identificar ou conhecer melhor algo que não temos acesso e queremos descobrir ou comprovar.

Segundo Miguel (mensagem eletrônica, 2009), para a fotografia transmitir um determinado momento histórico, ela deve traçar uma trajetória e revelar dados. Necessita trazer, inclusive, relações diferentes com o tempo. Quando é produzida, pensada e montada com objetivo de representar determinado fato, pode perder, com o passar dos anos e com a transformação da sociedade, a interpretação inicial de contexto, mas mantém sua relevância. “O que muda é a forma como as pessoas olham para ela”, explica Miguel acerca da percepção das imagens. Um exemplo é a imagem de Che Guevara, produzida por Alberto Korda. “Quando ela foi feita tinha uma informação, com o tempo esse cara (Guevara) virou um mito. Então, essa fotografia acompanhou a história dele” (MIGUEL, informação verbal, 2009). O mesmo explica que, a transformação de Che Guevara em um ícone mudou a concepção da imagem inicial, de uma simples fotografia para um futuro de estampa de camisetas, bandeiras e broches e símbolo de resistência ideológica.

Tal visão também se aplica às fotografias de políticos que, como no caso de Agripino de Oliveira Lima Filho, podem representar em determinado momento a esperança, um futuro, um ídolo; mas um giro completo pode fazer com que a mesma imagem seja símbolo degradante, passível de outros significados. De acordo com Paiva (2002, p. 21) “as diferentes compreensões que cada momento histórico produz das imagens são capazes de alterar versões historiográficas já existentes”.

Os contextos diferenciados dão, portanto, significados e juízos diversos às imagens. O distanciamento no tempo entre o observador, o objeto de observação e o autor do objeto também imprime diferentes entendimentos, uma vez que, [...], as leituras são sempre realizadas no presente, em direção ao passado (PAIVA, 2002, p. 31)

Sontag (2004) também lembra que a fotografia é prova de que algo realmente aconteceu, mas que exige contextualização e interpretação para que haja a aproximação do que realmente está por trás da imagem. A

fotografia não pode ser tida como verdade absoluta, pois representa um recorte de certo pedaço do tempo, determinado momento; seria como a fatia de um filme, a imagem pausada, parte de um todo. Ou seja, para se entender uma imagem fotográfica é preciso muito mais. De acordo com Paiva (2002, p. 20):

A imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso. A história e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e olhares de seus produtores e dos demais agentes que influenciaram essa produção.

O clique é uma escolha do autor, que determina qual é o pedaço da história que será mantida, como fariam os pintores da antiguidade, que se diferem do fotógrafo, entre outros, pelo tempo despendido na tarefa. Essa escolha pode não ser inocente, nem livre de ideologia. De acordo com Machado é sempre uma operação ideologicamente orientada.

Toda fotografia, seja qual for o referente que a motiva, é sempre um retângulo que recorta o visível. O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significativo, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é a sua continuidade censurada (MACHADO, 1984, p. 77).

De fato, as diferentes ideologias tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública. “Por tudo isso, sabe-se que uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem produz.” (BORGES, 2005, p. 80).

Em todo caso e não deixando de lado considerações tão relevantes de espelho do real ou fator de direcionamento subjetivo, Kossoy (2002) salienta que foi graças à natureza físicoquímica e hoje eletrônica de registrar aspectos selecionados do real, tal como estes de fato se parecem, que a fotografia ganhou elevado *status* de credibilidade. E por isso, seu valor não está em somente armazenar esses acontecimentos, proporcionando a todos um fragmento visual informativo, do homem e de suas ações sobre os

outros e sobre a natureza, mas também se presta aos mais diferentes usos dirigidos, tal como a documentação de uma história.

O bacharel em História, Ronaldo Macedo (informação verbal, 2009), também tem poucas dúvidas quanto ao caráter documental da imagem fotográfica e afirma que “quando a fotografia entra em cena, ela passa a ser um dos mais importantes registros históricos”. Segundo ele, antes de seu surgimento, como dito anteriormente, eram os pintores que interpretavam algo e passavam adiante a percepção que tinham a respeito do que foi percebido. Mas era, de fato, uma percepção e o historiador explica que a fotografia é o registro mais evidente do momento e por isso não há como negar a existência do que aconteceu. “Se a fotografia existisse há mais tempo, grande parte da história antiga não seria tão carregada de dúvidas e suposições, pois haveria um documento capaz de comprovar e não apenas relatar acontecimentos”, explica. A este entendimento, pode-se alinhar o que afirma Sontag (2004, p. 102), acerca da credibilidade das fontes fotográficas:

As conseqüências de mentir têm de ser mais cruciais para a fotografia do que jamais seriam para a pintura porque as imagens planas, em geral retangulares, que constituem as fotos reclamam para si uma condição de verdade que as pinturas nunca poderiam pretender. Uma pintura falsificada [...] falsifica a história da arte. Uma fotografia falsificada [...] falsifica a realidade.

Diante da força empregada pelas imagens quando de sua reconstituição histórica e, sobretudo, por seu poder de penetração e mobilização social é que surge a possibilidade de organização de uma história rica e com tanta influência na vida de uma cidade. A trajetória do personagem prudentino Agripino de Oliveira Lima Filho é revelada a partir do próximo capítulo.

4 AGRIPINO LIMA – A HISTÓRIA DE UM HOMEM POR TRÁS DA IMAGEM

Quem é Agripino de Oliveira Lima Filho? Para uns, o ex-prefeito, ou o “dono da Unoeste”. Homem rico, que nasceu pobre. Dizem que ele andou com Jesus Cristo em uma Mercedes. Que um raio matou uma vaca no valor de um milhão. Outro raio acertou a caixa d’água que caiu em cima da Mercedes. Qual delas? Briguento, corajoso, “coronel”, caipira. Figura carregada de símbolos e até lendas a seu respeito. Amado, odiado. Agripino soma todas essas características a um resultado: não passar despercebido. Desde que chegou a Presidente Prudente, se misturou ao município de forma indissolúvel, historicamente. Este capítulo pretende expor esta trajetória, baseado principalmente em fontes verbais, mas também sustentado por outros caminhos da pesquisa, com o auxílio de livros de história tanto municipal quanto nacional.

4.1 Os Primeiros Passos

Um problema na perna impedia Agripino de andar. Nascido em 31 de agosto de 1931, em uma fazenda que pertencia aos avós paternos, Agripino de Oliveira Lima Filho era o irmão número oito, dos onze filhos pertencentes à família. Aos dois anos de idade, sua locomoção dependia das costas dos irmãos.

Eu não andava. Então, meus irmãos me carregavam. Eu tinha a perna bem torta assim [demonstra com gestos]. Era pequenininho, tinha dois, três anos. Então eles que me carregavam por que eu não podia andar, não dava nem pra pisar. Agora eu estou com as pernas mais retas do que a dos outros; olha só: não tem nem curva (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Os métodos corretivos naquela época, década de 1930, eram radicais. A família optou por caminhos alternativos para buscar a cura. O que Agripino até hoje não entende é a eficácia da prescrição do médico.

Meu pai era amigo de um médico de Lençóis, o doutor Leão Torsi. Ele falou assim: “o jeito é quebrar a perna dele todinha para depois engessar”. Meu pai falou: “isso não”. Então ele disse para meu pai me dar bastante tomate. Não sei por que, tomate não é cálcio. Mas eu comia tomate direto. Mas ainda não sei se foi o tomate, porque tomate não tem cálcio, mas a perna tá reta (Lima Filho, informação verbal, 2009).

Elias de Oliveira Lima, quarto filho do casal Agripino de Oliveira Lima e Silvéria do Prado Lima, era o encarregado de servir como pernas para o irmão sete anos mais novo. “Fui eu quem mais carregou Agripino; o levava pra cima e pra baixo. Íamos até o pomar e ficava mais fácil pegar as frutas das árvores”. (LIMA, informação verbal, 2009)

Afastados de tecnologia, a família de formação católica ia a missas, mas não com frequência. A maior parte dos ensinamentos religiosos foi transmitida pela mãe, mulher de muita fé. “Nossa! Minha mãe rezava dia e noite.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Mesmo assim, o contato direto com a igreja, mesmo que em poucos momentos, permaneceu marcado enquanto memória. Relembrar essas passagens resgata características típicas dos costumes religiosos da época.

Quando eu era menino, era coroinha. A missa naquele tempo era rezada em latim e o padre rezava voltado de costas para as pessoas, de frente para o altar. Ele falava assim “*introibo ad altari dei*” e os coroinhas respondiam assim “*ad Deum qui laetificat iuventutem meam*”, que significa “a Deus que dá juventude à nossa vida”. Os coroinhas respondiam o que o padre falava (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Silvéria do Prado Lima era atarefada. Passava o dia todo no trabalho, cuidava dos filhos, do marido e trabalhava na roça. Fazia pão que, além do consumo, era vendido em Lençóis Paulista.

Tadinha da minha mãe. Ela cuidava de tudo; de tudo mesmo. Era uma santinha [...] Tinha que cuidar de filhos pequenos. Sem empregada, tinha que fazer comida, tinha que lavar talheres, lavar roupa, tinha que passar roupa, tinha que carpir. Fazia pão. Tinha que passar no cilindro a massa e depois acender o fogão, o forno até começar esquentar e por o pão lá pra assar. Não é fácil, não. A vida da minha mãe e do meu pai foi difícil (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Os irmãos na realidade eram doze, em ordem de nascimento: Doracy, Dirce, Lúcio, Elias, Maria Antonia, Jupira, Luiz Jarbas, Agripino, Adige, José Carlos e Carlos José. “Teve também a Mercedes, mas ela morreu nova, ainda com cinco anos, acho que foi de desidratação. Minha mãe contava que eu chorei muito quando ela morreu, mas eu não me lembro.” (LIMA, informação verbal, 2009).

As lembranças de Agripino sobre a primeira fazenda que morou o aproximam de uma imagem do espaço físico que o rodeava, memória relativa a uma criança de cerca de três, quatro anos.

Acho que eu não me lembro bem. Mas eu acho que quase todos dormiam numa cama de casal. Eram quatro ou cinco numa cama de casal. Uma cama de ferro, de caninhos. Então, acho que nós dormíamos todos juntos no quarto (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Agripino era ainda pequeno quando a família mudou de endereço e foi para Agudos. Para uma terra que a eles não pertencia. Foram em busca de uma vida melhor, onde as crianças pudessem estudar com mais facilidade, pois de Graminha para o colégio na cidade o caminho era longo. “Meus irmãos iam a pé pra escola. Acho que dava uns seis quilômetros da fazenda até Lençóis.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). O chefe da família passou então de produtor a uma nova profissão. “Meu pai era administrador de uma fazenda em Agudos. Ele não era o dono, era administrador.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).



FIGURA 1 – Na fazenda em Agudos: Agripino terceiro a partir da esquerda, com cerca de sete anos
 Fonte: Acervo pessoal Maria Antonia

Mas, depois de alguns anos veio outra mudança, parte decisiva na trajetória da família. O ex-prefeito lembra com detalhes sobre o dia de felicidade que alterou o caminho de quatorze membros “Oliveira Lima”:

O meu irmão mais velho, quando ele tinha 16 anos, era auxiliar de farmácia. Trabalhava na farmácia: varria, limpava, essas coisas. Um dia passou um vendedor de bilhete de loteria, e disse para ele: “Lucinho, compre esse bilhete aqui pra mim”. E o Lucinho respondeu: “Se eu tivesse dinheiro pra comprar bilhete eu tinha jantado ontem”. Aí o vendedor disse: “Fica com o bilhete e depois você me paga, o dia que você quiser, você me paga”. Ele era o mais velho dos irmãos. Quando cheguei em casa de tarde, meu pai chegou chorando. Nunca vi papai chorando. E ele chorava, chorava. “Mãe”, ele chamava minha mãe de mãe, e falou: “o Lúcio”. “Lúcio? O que aconteceu com o Lúcio?”, minha mãe perguntou. “O Lúcio ganhou na loteria!”. Ela falou: “Então você tem que rir”. Então, o Lúcio ganhou 40 mil réis. Ele foi para São Paulo com o dinheiro, foi passear. Comprou um punhado de canivetes para a família toda. Ganhou 40 mil réis, ficou rico, né? Com esse dinheiro comprou uma farmácia, lá em Borebi. E para o meu pai achou um depósito com quatro portas, montou um armazém. Comprou a loja para o meu pai (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Nova cidade; casa e ofícios. E mais um redirecionamento. Agripino já estudava. “Ele ia para as aulas, em Garça, de jardineira. Mas aí, mudou para lá. Foi morar na casa da Dirce, que já tinha casado.” (LIMA, informação verbal, 2009). E depois ainda, voltou a conviver com toda a família novamente.

Meu pai fechou o comércio em Agudos e foi pra Garça. Ele tinha um dinheiro guardado e montou um “secos e molhados”, que também era depósito de bebida. Como chamava mesmo meu Deus? Sassarico. Vendia tecido, calcinha e pinga (LIMA, informação verbal, 2009).

Agripino era o responsável por ajudar o pai com a venda da bebida e participava de todas as etapas, desde a lavagem das garrafas até a entrega da mercadoria. “Eu ia de caminhão até São Paulo.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Além do serviço, estudava. “Frequentava as aulas de noite, sempre fui bom aluno”, complementa.

Para formar-se professor estava inserido no sistema da época que exigia o cumprimento de horas-aulas para a conclusão do curso. “Para ganhar pontos, dava aulas de noite em curso para adultos.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Formado, passou a lecionar.

Em Garça, conheceu sua futura esposa. Ana Cardoso Maia havia mudado do município de Gália para Garça. “Meus irmãos eram torneiros mecânicos e compraram uma oficina.” (MAIA, informação verbal, 2009). Ana também era professora, profissão almejada desde a infância.

Eu sempre tive vocação pra ser professora e sempre fui uma ótima professora. [...] Eu me formei em Guaratinguetá, que era a cidade do meu pai. [...] Eu formei normal. Naquela época quem se formava normal e que era professor, nossa era o supra-sumo (MAIA, informação verbal, 2009).

O encontro entre os dois foi tradicional.

Naquela época tinha o *footing*. [...] É a paquera. As mulheres de um lado e os homens de outro [...] Era numa rua da cidade, em Garça. Aí ele falou assim “material novo na praça”. Começamos a namorar dia 17 de julho de 1952 (MAIA, informação verbal, 2009).

“Ela era alta, magrinha, um piteuzinho.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Foram assistir a um filme. “Depois do cinema, começamos a namorar. Namoramos dois anos. Depois de dois anos casamos e ficamos juntos 43 anos.” (MAIA, informação verbal, 2009).

Ainda no início do matrimônio, Agripino conseguiu emprego como professor na escola da fazenda Taquarussu, em Salgado Filho, distrito de

Junqueirópolis; na região da Nova Alta Paulista. “Para chegar nessa escola eu precisava pegar um trem e depois andar a pé seis quilômetros.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).



FIGURA 2 – Escola da fazenda Taquarussu, em 15 de outubro de 1955
Fonte: Acervo pessoal Maria Antonia

Com o processo da união de cônjuges, que permitia a um casal de professores optar pelo local de trabalho, Agripino pediu transferência para Garça, local onde já residia, mas deslocava-se para dar aulas. Posteriormente, o professor decidiu por uma nova vertente profissional. “Eu prestei um concurso em São Paulo para ser diretor de escola. Eram onze vagas para 350 concorrentes. E eu passei.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Aprovado, foi transferido para Alfredo Marcondes, na região da Alta Sorocabana e assumiu o controle do Grupo Escolar da cidade. Como diretor que se considerava amigo dos alunos, para manter o controle das crianças na escola, recorria a métodos alternativos.

Eu dava a vassoura pro cara e falava: agora você vai varrer o corredor. E como precisava passar escovão, pra dar brilho, eu também dava o escovão pra eles. De castigo, eu dava serviço. [...] Pega o escovão e vai encerar o chão (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).



FIGURA 3 – Como diretor do Grupo Escolar em Alfredo Marcondes, em 18 de junho de 1960
Fonte: Acervo pessoal Ana Cardoso Maia

Paralela às funções por quais era responsável na escola, passou a exercer outra atividade para acrescer a renda da família, já composta por cinco pessoas, com o nascimento dos filhos Augusto César, Ana Cristina e Maria Regina. Assim, começou a trabalhar em uma concessionária. “Eu vendi 56 jipes e um caminhão.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Em material levantado por Leodete Gazoni Ferreira (ANEXO A), Coordenadora de Comunicação da Unoeste, fica relatada a tendência de Agripino em não exercer apenas uma atividade no mesmo período de tempo. “Paralelamente às atividades do magistério, Agripino trabalhava também como corretor de veículos. Em 1958, efetivou-se como diretor de escola no município de Alfredo Marcondes, onde a família residiu por dois anos.”

A oportunidade de emprego em uma nova cidade, no colégio Professora Maria Luiza Formosinho Ribeiro, da Vila Charlotte, transferiu Agripino para a região de Presidente Prudente, local onde iria fixar-se por mais tempo durante sua trajetória de vida. “Em 1963 [...] Nós viemos aqui (Presidente Prudente) para fazer um curso de administração educacional. Depois, a gente conseguiu mudar pra cá escolhendo uma diretoria.” (MAIA, informação verbal, 2009).

4.2 De Porta em Porta - O Vendedor de Livros

O Brasil passava por um período de transformações. “Dois pontos foram fundamentais nessa época para a expansão de Presidente Prudente” (D’INCAO, informação verbal, 2009). Segundo a socióloga, a primeira mudança foi a consolidação das Leis Trabalhistas.

Obrigava a registrar os empregados. Então, foi um período de transformações na região de modo geral, do crescimento urbano. [...] Nasceu uma categoria chamada bóia-fria. [...] Um indivíduo que mora na cidade e trabalha no campo e isso veio a contribuir mais tarde com a questão do Movimento Sem-Terra. É um processo que começa em 60 e se afina em 70 e se multiplica. E hoje tem o Movimento Sem Terra (D’INCAO, informação verbal, 2009).

O segundo quesito que levou a urbanização da cidade foi o implemento das estações rodoviárias em detrimento às linhas ferroviárias.

Então, passa a ter uma opção pela via rodoviária, sucateando a ferroviária. [...] O desenvolvimento nacional na época de Juscelino Kubistchek, ele resolveu criar estrutura, industrializar isso. [...] Cortou o Brasil em muitas estradas e isso teve um desenvolvimento na região, por ele ter feito a ligação rodoviária da região por Epiácio até São Paulo. Quando chegou a década de sessenta ninguém mais viajava de trem, [...] demorava muito, até 18 horas parando em estações (D’INCAO, informação verbal, 2009).

É bom lembrar que antes mesmo desse período, ainda durante o mandato do prefeito de Presidente Prudente, Pedro Furquim (1948-1951), também devem ser destacados outros motivos decisivos quanto ao desenvolvimento da cidade.

Fora a cidade que mais crescera nos últimos dez anos, em todo o Estado de São Paulo. De uma população de quatorze mil, passou para cerca de trinta mil habitantes. O município teve sua renda triplicada nessa fase, passando o orçamento de quatro milhões e cem mil cruzeiros para treze milhões de cruzeiros. O movimento diário do aeroporto colocou Prudente em ascensão, com cinco aviões ligando-o à capital paulista (RESENDE, 2006, p. 163)

Dentre tantos aspectos que rapidamente alteraram o cenário de uma nova região, Agripino chegou então à capital da Alta Sorocabana aos 32 anos. Novamente era diretor de escola, mas logo passou a conciliar esta a um segundo ofício. O amigo Renato Teixeira, a quem Agripino mantinha negócios, foi o responsável, mesmo que de forma indireta, para a concretização da nova atividade.

O Teixeira era meu amigo e eu emprestava dinheiro pra ele, mas ele me pagava com muitos juros e eu dizia: pra quê? Aí ele disse que era porque estava vendendo livros, que comprava barato e depois vendia. Ficamos sócios (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).



FIGURA 4 – Na livraria em 1965
Fonte: Acervo pessoal Ana Cardoso Maia

A venda dos livros, conciliada à função de diretor, mais o salário da esposa Ana Cardoso era administrado a fim de gerar lucros para a família. Ao que ela relembra: “O meu salário é que sustentava a casa. O dele era só pra capitalizar, então ele comprava uma coisa ,vendia, comprava outra, e assim foi quando juntou o primeiro milhão.” (MAIA, informação verbal, 2009).

Agripino passou a investir no negócio dos livros e manteve o objetivo de expandi-lo, assim comprava uma grande quantidade de obras literárias. “Ia a São Paulo comprar coleções e mandava vir de caminhão até aqui. Tinha caminhão com duas toneladas de livros.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Em uma dessas viagens para buscar coleções de livros, conta encontrou por coincidência o então já colega Jânio Quadros, ex-presidente da República que nessa época não estava mais no cargo. Agripino lembra que com o tempo a amizade estreitou-se. “Ele estava assinando um livro dele, uma coleção que ele publicou. Eu vendia esses livros, coleções. [...] Então, ele vinha na minha casa, passava semanas na minha casa.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009)



FIGURA 5 – Agripino em campanha para prefeito em 1982, ao lado do companheiro político Jânio Quadros
Fonte: Arquivo Unoeste

Agripino sentiu necessidade de prosseguir os estudos e iniciou o curso de Direito, compondo o quadro de alunos da Instituição Toledo de Ensino. “Era o primeiro aluno da classe.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Depois de graduado, formou uma sociedade com Ítalo Luchino. No escritório de advocacia ele exercia a função de cobrador de promissórias. Do amigo advogado, (LIMA FILHO, informação verbal, 2009), recorda-se com carinho:

Foi o melhor homem que já conheci na vida. Ele era ateu, sabe? Não acreditava em Deus. Mas ele era bom. Era muito bom pra mim, foi o melhor homem que conheci na vida. Honesto, humilde, preparado, muito culto. Quando ele morreu, eu era deputado federal, ia visitar ele lá em Minas, mas não deu tempo. [...]. Tinha a Marcinha, filha dele. Então eu chamei ela e falei assim: Marcinha seu pai era um homem bom, mas não acreditava em Deus. A Marcinha falou assim pra mim que: antes dele morrer, ele a chamou e falou assim: a vida toda eu ensinei você a não acreditar em Deus, e hoje eu vou morrer, e no dia que eu vou morrer, eu acredito em Deus (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).



FIGURA 6 – Ítalo Luchino e Agripino, sócios em um escritório de advocacia
Fonte: Acervo pessoal Ana Cardoso Maia

4.3 Tijolo sobre Tijolo - O Empreendedor

“Era pobre, mas sempre me achei um homem rico”. E quanto ao que pensa sobre o dinheiro, conclui. “[...] Não ligo para dinheiro. Ele serve apenas para fazermos as coisas e não para ser adorado.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Agripino era diretor de escola e fazia parte do Centro do Professorado Paulista no cargo de presidente. Foi o responsável por fundar a sede regional da organização em Presidente Prudente. Segundo CPP (2009), “O CPP, com um corpo associativo composto de mais de 120.000 professores e especialistas em educação, oferece ao seu associado, desde o seu ingresso no magistério até e após a aposentadoria, completa assistência administrativa”.



FIGURA 7 – Na inauguração do CPP,
em 18 de março de 1972
Fonte: Arquivo Unoeste

A ligação com este centro possibilitou que Agripino obtivesse uma visão diferenciada acerca da educação na cidade. Assim, passou a idealizar e projetar, em uma parceria que depois foi desfeita, a construção da futura Associação Prudentina de Educação e Cultura (Apec). Para Ana Cardoso, a faculdade foi um desafio trabalhoso. “É como se fosse um biscoito. Você compra um negócio e tem que rechear. E eu era isso. Eu fazia o recheio.” (MAIA, informação verbal, 2009).

Anos antes do início da construção da Apec, dois centros acadêmicos já haviam começado suas atividades. A cidade estava em época de expansão em relação a faculdades.

Era uma cidade que prometia muito. Teve a fundação da Faculdade de Filosofia nesse período, que teve a reivindicação das classes médias, que queriam a inscrição gratuita para seus filhos [...] O governo do estado atendeu. [...] Daí ficou uma coisa também de facilidade do governo. Já que o governo não podia criar tanta faculdade, podia facilitar para as pessoas que quisessem montar uma faculdade (D'INCAO, informação verbal, 2009).

Segundo D’Incao (2009), a primeira faculdade de Presidente Prudente foi criada em 1957, pelo governador da época Jânio Quadros, e passou a funcionar somente em 1959, após algumas manifestações realizadas principalmente pelos alunos do Instituto de Educação “Fernando Costa”. Era a Faculdade de Filosofia. A gestão em Presidente Prudente era do prefeito Antônio Sandoval Netto. Os primeiros cursos a oferecer vestibular foram de Geografia e Pedagogia e a sede de estudos passou ainda por alguns lugares antes de estabelecer-se finalmente à rua Roberto Simonsen, 305, antiga Secretaria da Agricultura, que deveria abrigar uma Faculdade de Medicina. Mas, como o projeto não deu certo, passou então a sediar finalmente os cursos da Faculdade de Filosofia. Atualmente esse espaço abriga um *campus* da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Segundo Toledo (2009), posteriormente Antônio Eufrásio de Toledo chegou à Presidente Prudente e fundou a Instituição Toledo de Ensino, em 1961, dando início ao curso de Direito.

Se por um lado D’Incao relata que nesse período havia facilidade por parte do governo para abrir uma faculdade, Lima Filho (informação verbal 2009), conta que sentiu dificuldades em conseguir a liberação do Conselho Federal de Educação, órgão que fazia muitas exigências. Por isso, Agripino conta que viajava até Brasília com frequência para pedir aceleração da autorização. Foi em uma dessas viagens, que fazia de carro ou de ônibus pela Viação Motta, que contatou o general Golbery do Couto e Silva, general operante durante a Ditadura Militar. “Ele era atuante no período mais forte da ditadura”, (D’INCAO, informação verbal, 2009). Nessa época foram criados os Atos Inconstitucionais (AI) 1, 2, 3, 4 e 5.

O AI-5 foi um instrumento de revolução dentro da revolução [...] Ao contrário dos atos anteriores, não tinha prazo de vigência e não era, pois, uma medida excepcional transitória. Ele durou até 1979. [...] Estabeleceu-se na prática a censura aos meios de comunicação; a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo (FAUSTO, 1999, p.480)

Para Assunção (2009), o general era considerado nacionalista, e não da linha-dura, e assim lutava para defender o lema do país, com a idéia

promissora de ordem e progresso. Seguindo esta meta, Golbery, influenciado pelo organicismo, entendia que a sociedade era um organismo da natureza e para sua harmonia deveria processar o que a fortalecesse como positivo e natural, enquanto o que fosse prejudicial, ou seja, perturbações à ordem seriam como uma doença. Ainda segundo a autora, Golbery também se destacava por ser um defensor da industrialização subordinada ao estrangeiro, com a conseqüente abertura econômica do Brasil para os Estados Unidos, o que deveria em tese transformar o maior país da América do Sul em uma grande potência.

Com uma melancia, Agripino foi encontrar-se com o general. “Eu coloquei uma melancia nas costas e fui lá no Congresso, lá em Brasília. Aí eu entrei na sala e falei: ‘Golbery, trouxe uma melancia pra você’. Aí ele respondeu: ‘Então vamos chupar essa melancia é agora.’” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Ainda durante essas viagens que fazia à capital do Brasil, lembra um convite que recebeu:

Uma vez o general Golbery do Couto me chamou na sala e disse: “Moço, você pode criar uma rede de hotéis no Brasil, ou se não uma rede de usinas de açúcar. Eu te empresto do Governo Federal, mas não é milhões não, é bilhões”. Mas eu não aceitei não (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Depois deste período de viagens, Agripino recebeu a aprovação da Faculdade de Letras, Estudos Sociais e Pedagogia, que foi liberada em 10 de janeiro de 1972.

Em outubro de 72 foi quando nós fizemos o primeiro vestibular. Dia 16 de outubro, com três cursos do primeiro grau. [...] Estudos Sociais, Letras e Pedagogia. A pedagogia era plena, e com isso aí a Toledo foi aprovada no mesmo dia que nós. Dia 8 saiu publicado no Diário; dia 16 a gente já tava com aula. Aí nós corremos. Os alunos entraram, por que naquela época não era universidade, não podia ter mais vagas do que alunos. Aí o que nós fizemos: todos os alunos que sobraram, nós demos a inscrição de vestibular para o próximo vestibular. Aí os alunos deram a preferência pra nós (MAIA, informação verbal, 2009).

No mesmo ano foi iniciada a construção da faculdade. O terreno onde hoje está localizado o *campus* I foi uma doação do prefeito Antonio Sandoval Netto. Ainda sem a estrutura atual, as primeiras aulas da Apec foram

consequência de uma solução estratégica. “Ainda não tinha o prédio pronto, então, as ‘irmãzinhas’ do Cristo Rei me ajudaram. Eu comecei a lá e depois comecei a construir aqui. O prefeito da época era o Sandoval”. (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Mas logo a transferência para o prédio construído à rua José Bongiovani, no Jardim Bongiovani, foi concretizada. A área compreendia o denominado “bloco A”.



FIGURA 8 – O início da construção do *campus I*, em 1972
Fonte: Arquivo Coordenadoria de Cultura da Unoeste

O poeta César Cava, que compôs o hino de Presidente Prudente, produziu um hino para a Apec que narra parcialmente o início da faculdade. Recebeu de Agripino uma homenagem, que deu ao teatro da universidade o nome do compositor.

Hino da A.P.E.C.

A forja de valores,
 Onde hoje estudamos,
 Para amanhã servirmos
 Melhor este país,
 É a majestosa Apec,
 Que tanto amamos,
 Nascida da visão
 Sutil, clara e feliz
 De um Hércules,
 Vibrante e lutador,
 Que o sonho transformou
 Em grande realidade!
 Eterna gratidão ao fundador
 Desta querida universidade.

Apec! Fundada em janeiro de setenta e dois.
 Apec! Tornou-se um portento um lustro depois.
 Apec! Um primor de ensino alegre e gentil.
 Apec! Presidente Prudente ajudando o Brasil.

É um templo de cultura
 Que alcança o infinito;
 Um monumento vivo
 Com alma e coração.
 Ministram os professores
 De alto gabarito
 A fé e o saber,
 Com amor à profissão.
 Um império
 De franca alegria,
 Com a doce melodia
 De um bando de pardais.
 Um imenso lar de eterno encanto,
 Esta é a Apec que amamos tanto!

A faculdade expandiu-se em novos blocos e passou a sediar outros cursos. Sem espaço físico para continuar a crescer, foi construído o *campus* II, na rodovia Raposo Tavares, que compreendia o bloco B, ou como ficou nomeado posteriormente, o “Campus Universitário da Apec”. Quinze anos depois da fundação, a faculdade passou a ser Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), autorizada pela Portaria Ministerial nº 83, em 12 de fevereiro de 1987 (UNOESTE, 2009).

Em 1981, Agripino começou a construção do Hospital Universitário “Dr. Domingos Leonardo Cerávolo”. O nome do hospital também foi uma homenagem. Do homem insistente que o telefonava com frequência, Agripino recorda-se:

[...] Ele era deputado e ele queria que criasse uma escola de medicina aqui. Como eu criei. E ele me telefonava todos os dias: “Aripino, eu só confio em você, se você não trazer a faculdade de medicina ninguém mais traz. Traz a medicina logo, instala essa faculdade logo”. Ele ligava pra mim todo domingo me cobrando: “Aripino, a escola de medicina.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009)

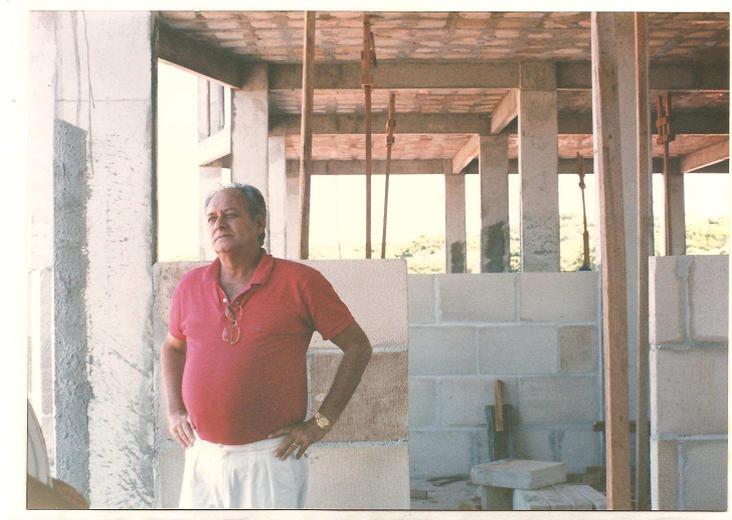


FIGURA 9 – Aripino em visita a construção do HU, em 1989
Fonte: Arquivo Coordenadoria de Cultura Unoeste



FIGURA 10 – Construção do HU, em 1990
Fonte: Arquivo Coordenadoria de Cultura Unoeste

Dezesseis anos após o início da construção, foi inaugurado o hospital, em 22 de fevereiro de 1997. Possuía quatro pavilhões projetados para

1.100 leitos, em uma área com cerca de 44 mil metros quadrados. A unidade de saúde passou a receber pacientes de vários pontos da região do Oeste Paulista, noroeste do Paraná e sul do Mato Grosso do Sul. E ainda recebe. Mas, não mais em nome da Unoeste. Em 2009 o hospital foi estadualizado pelo Governo de São Paulo.

O processo se deu através de uma liminar favorável ao Estado concedida pelo juiz da 5ª Vara Cível de Presidente Prudente, Sérgio Erloza Barbosa de Moraes. Desde o dia 13 de fevereiro de 2009, o referido hospital passou a ser administrado pela Associação Lar São Francisco de Assis na Providência de Deus (OSS), de São José do Rio Preto (SP) sob a nova denominação de Hospital Regional de Base de Presidente Prudente (JORNAL..., 2009).

“Não achei ruim a transferência. Eu sempre gostei muito dos franciscanos, desde pequeno.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

4.4 A Representação Social - O Político

“Meu pai foi vice-prefeito em Borebi por dez anos; mas como era um distrito, ele não recebia nada por isso.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). A família de Oliveira Lima possuía antepassados que já haviam seguido carreira política. Partindo da árvore genealógica dos descendentes do coronel Joaquim Gabriel de Oliveira Lima Machado, tataravô de Agripino, Gabriel de Oliveira Rocha e Elias de Oliveira Rocha, os tataravós de Joaquim foram deputados estaduais e o general José Gomes Pinheiro Machado, que era tio-avô do tataravô de Agripino, foi senador da República (ANEXO H).

“A primeira filiação de Agripino, para a candidatura nas eleições de vereador de Presidente Prudente, foi pelo Arena.” (SILVA, informação verbal, 2009). Mas, para o candidato, estar vinculado a um grupo político não tinha nenhuma validade filosófica. “Nunca liguei para partido. Ele serve apenas para poder se candidatar [...] Ideologia? Que ideologia? Isso é uma ficção,

quem se elege é a pessoa e não o partido.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Segundo Fausto (1999), a medida mais importante do Ato Inconstitucional (AI) número dois, foi a extinção dos partidos políticos existentes, com o fim do multipartidarismo para o bipartidarismo, sendo os dois novos partidos a Aliança Renovadora Nacional (Arena), com os partidários do governo; e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que juntava àqueles que faziam a oposição. Para o autor, esta foi uma forma dos militares para reforçar o poder que detinham perante a nação e, conseqüentemente, controlar a população.

Filiado ao partido que não movia uma ideologia contra o governo, Agripino foi eleito vereador por duas vezes, nos anos de 1972 a 1976 e 1977 a 1982.

Em 1982 tentou sua primeira candidatura como prefeito da cidade, mas quem se elegeu foi o engenheiro Virgílio Tiezzi Júnior. Segundo (FERREIRA, H. informação verbal, 2009), Agripino teve mais votos que Tiezzi, mas o sistema da época era de voto vinculado e o resultado da eleição era obtido com a soma dos votos de todos os candidatos pertencentes ao mesmo partido.

O próximo cargo político é motivo de orgulho para Agripino. “Fui eleito o deputado que mais trabalhou. Das 132 emendas que apresentei, 51 foram aprovadas na Constituição Federal de 1988. Dez por cento dela fui eu quem fiz.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). Filiado ao Partido da Frente Liberal (PFL), fundado em 1985, o político havia sido eleito deputado federal da constituinte, no ano de 1986, onde também exercia a função de chefe da Comissão de Justiça. “Nem o Covas nem o Lula me superaram.” (O PREFEITO..., 2002, p. A13).

Enquanto ainda exercia o cargo de deputado, Agripino saiu candidato e foi eleito vice-prefeito de Paulo Constantino, entre 1988 e 1992. Mas, não exerceu o mandato, pois legalmente existe a proibição para o exercício de duas nomeações políticas ao mesmo tempo.

Mas elegeu-se prefeito, em 1993, com o vice Adilson Dias. A primeira ação do mandato foi mandar retirar os símbolos “40x4”, espalhados pela cidade. De concreto, produzidos pelo prefeito anterior, Paulo Constantino (1988-1992), os obeliscos almejavam representar a evolução da cidade, ou seja, o crescimento de quarenta anos em apenas quatro. A ação gerou repercussão nacional. Em matéria publicada na revista *Veja* era dada a seguinte notícia:

Ferrenho adversário do seu antecessor, o atual prefeito de Presidente Prudente, Agripino de Oliveira, tem tudo para cumprir o lema da antiga administração – quarenta anos em quatro. Pelo menos em termos de confusão e polêmica. Já comprou briga com o presidente da Câmara, com o principal jornal da região e mandou recolher os 139 obeliscos com o símbolo da gestão anterior sem a autorização dos vereadores. A devassa incluiu até a invasão do campus da Unesp. Dizem que agora vai retirar também a estátua de Cristo construída pelo ex-prefeito Paulo Constantino. “É maldade”, irrita-se. “Sou católico fervoroso.” (SÍMBOLO..., 1993, capa).



FIGURA 11 – Sobre os escombros do símbolo, Agripino é fotografado para revista *Veja* pelo fotógrafo Paulo Miguel, em 1993
Fonte: Paulo Miguel

Para Agripino, a alegação para a retirada dos símbolos estaria no art. 37, XXI, parágrafo 1º da Constituição Federal:

A publicidade dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos (BRASIL, 2003, p. 48).

Mas Agripino não esperou pelo processo necessário que julgaria e pediria ou não a retirada dos obeliscos. “Ele sempre foi impaciente.” (MAIA, informação verbal, 2009).

Outro marco da sua administração na prefeitura que inicia ainda durante a primeira gestão é o mesmo que mais para frente levaria a suspensão de sua carreira política.

Um dia uma moça lá de Rio Preto me ligou convidando para ir conhecer uma “Cidade da Criança”, que estavam construindo lá. Aí eu fiquei curioso e fui conhecer. Mas não tinha nada. Tinha um montinho aqui, outro ali e um teleférico nos montinhos. Só. Aí eu pensei: vou construir uma dessas lá em Prudente, mas vou construir uma bem maior (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Para explicar este encantamento de Agripino em relação a sua nova empreitada, um posicionamento: “Acho que ele sempre teve mesmo um espírito de criança” (FERREIRA, L. informação verbal, 2009). Um terreno na rodovia Raposo Tavares, a cinco minutos da cidade de Presidente Prudente, estava sem uso. O prefeito achou o lugar interessante e passou a construir.

Quiseram até me impedir, mas se o terreno estava ali e era do estado e eu aqui era o representante do estado; então o terreno é meu, é da cidade. E pra que o Estado iria querer um terreno daquele jeito? O governador Mário Covas pediu até para cercar o terreno com uma corda, que louco, né? (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

O local hoje possui um lago natural, pedalinho e também um teleférico; brinquedos eletrônicos que giram em círculos, como o carrossel e o minhocão; parquinhos ecológicos construídos com pneus; casinhas infantis e uma capelinha que formam um vilarejo; um mini-zoológico; um kartódromo e um planetário. Este último, instalado anos mais tarde. O projetor adquirido por Agripino para reproduzir as imagens de astros do universo, na cúpula do planetário, chegou a Presidente Prudente em 2002 (PREFEITURA..., 2002, p.1-3). Segundo Lima Filho (informação verbal, 2009), a compra do aparelho foi realizada em um processo curioso:

Eu tinha visto o planetário do Maluf, em São Paulo [...] Aí eu liguei na empresa para pedir um aqui para a Cidade da Criança. Aí a atendente falava em inglês e eu falava pra ela: *I love you*. Aí ela ria. Depois meu sobrinho, que falava alemão conversou com a dona, aí nós ficamos negociando. Ela fez o planetário por R\$ 140 mil. E eu só paguei a primeira parcela, porque depois a empresa faliu. No final das contas, o planetário saiu quase de graça (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).



FIGURA 12 – Inauguração do Planetário, em novembro de 2002
Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Presidente Prudente

Importante destacar que em Presidente Prudente Agripino criou uma forte relação com a população, seja de afeto ou o inverso. Sob o *slogan* partidário “O Povo no Poder”, construiu um lema para cidade que até hoje é lembrado e propagado. Mas não se importa com o título populista. “Nunca liguei pra essas coisas” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Sempre mantive a porta da prefeitura aberta. As pessoas chegavam e entravam no gabinete, ficavam lá juntinhas. Eu atendia uma por uma. [...] E nunca fiquei com meu salário, repassava para entidades de caridade (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

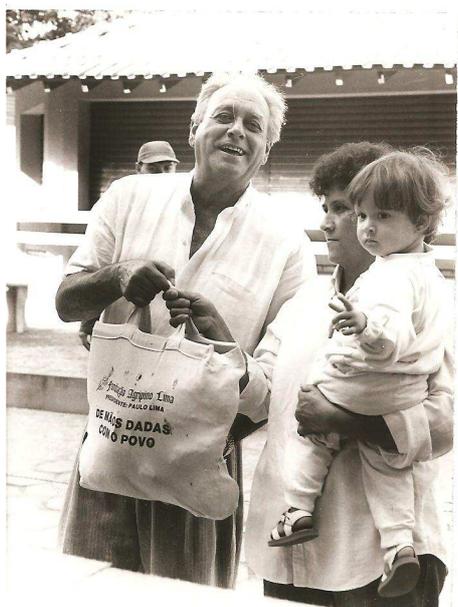


FIGURA 13 – Enquanto prefeito na primeira gestão, Agripino faz a doação de cestas básicas
 Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente

Segundo Bueno (1996, p.516), na definição epistemológica da palavra, a explicação é que um populista é um demagogo, que procura identificar-se com as camadas populares.



FIGURA 14 – O prefeito Agripino ao lado do filho Paulo Lima, na comemoração da entrega de lotes urbanizados para a população, em 2002
 Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto

Em 1998, Agripino foi eleito deputado estadual. “Foram 99.272 votos. Foi o homem mais votado do partido ao qual pertencia, o PFL.” (SILVA, informação verbal, 2009). Depois de passar por outros partidos políticos, como o PSC, voltou para o PFL onde hoje está filiado.

Quando voltou ao cargo de prefeito, filiado ao PTB, no segundo mandato que iniciou em 2001, a primeira ação de Agripino foi resolver uma dívida estimada em R\$ 15 milhões acumulada na gestão anterior. Durante os cinco meses que antecederam sua sucessão, funcionários públicos deixaram de receber salários.

A assessoria direta da nova administração pública de Presidente Prudente anunciou no final da tarde de ontem que a dívida com os servidores é de R\$ 15 milhões. São salários, férias e décimo terceiro não pagos. [...] O prefeito Agripino Lima (PTB) diz que pretende obter empréstimo bancário para saldar a dívida (DÍVIDA..., 2001, p. 4).

E assim o fez, em um contrato com o banco Banespa. Mas o fato que viria a consolidar sua imagem ainda estava por vir.

No dia 29 de janeiro de 2002 foi decretado ponto facultativo em Presidente Prudente. Segundo Agripino... (2002, p. 5B), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), chegava à cidade na marcha intitulada “Por terra, justiça e paz”. Ao saber da ação que estava por vir, Agripino montou uma barreira na entrada do município, na rodovia Assis Chateaubriand, com pás carregadeiras e um amontoado de pneus que ocuparam a pista. Adiante na estrada mas ainda distantes do bloqueio, o grupo de 600 manifestantes parou. Durante dois dias a “guerra” ficou assim: de um lado o prefeito Agripino liderava sob as pessoas que o rodeavam. A alguns metros, o líder José Rainha administrava o grupo de manifestantes.



FIGURA 15 – Agripino em frente às máquinas que bloquearam a estrada
Fonte: Arquivo jornal O Imparcial

Para o líder do MST na época, José Rainha Júnior, a ação foi exagerada, segundo declaração para o jornal *O Imparcial*. “O que nós queremos é irmos a Prudente para discutirmos com as lideranças e a sociedade, e não deturparmos nada” (AGRIPINO..., 2002, p. 5B).



FIGURA 16 – Bloqueio formado para impedir a entrada dos manifestantes
Fonte: Arquivo jornal O Imparcial

A notícia do bloqueio repercutiu. Foi publicada nos jornais de maior circulação do país, noticiado pelo *Jornal Nacional*, da rede *Globo de Televisão*; em programas como o *Programa do Ratinho*, no *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT). “Recebi até um telefonema do Japão me dando os

parabéns” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009). “O ímpeto dominador dos militantes foi quebrado e a estrada só foi aberta porque o prefeito de 70 anos sucumbiu à exaustão e foi internado às pressas, saindo do ar, por força de sedativos, durante 28 horas” (O PREFEITO..., 2002, p. A13).

A terceira candidatura de Agripino foi em 2004 e representou um marco na história da cidade. “[...] foi reeleito com mais de 62.000 votos. Pelo voto popular, foi o primeiro governante do município a ocupar a prefeitura por três mandatos” (ANEXO A).



FIGURA 17 – Agripino durante as eleições em 2004
Fonte: Arquivo jornal O Imparcial

Mas foi durante este terceiro mandato, iniciado em janeiro de 2005, que Agripino foi impedido de continuar a administrar a cidade. O motivo: a falta das licitações na compra do equipamento para o planetário da Cidade da Criança. Recebeu uma suspensão de cinco anos, perdendo durante este período o direito de exercer cargos políticos. “Não gosto de política, nunca gostei.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Sentença Fórum de Presidente Prudente, processo nº 482.01.2007.025492-0 [...] Agripino de Oliveira Lima Filho, eleito prefeito do município de Presidente Prudente – SP para a gestão 2005/2008 teve os direitos políticos suspensos por cinco anos em virtude de condenação, com trânsito em julgado, pela prática de ato de improbidade administrativa (ANEXO F).

4.5 Predestinação e Fé - O Religioso

Agripino afirma que o maior encontro de sua vida, conforme repete exaustivamente, foi com Jesus Cristo.

Em Bataguassu às duas horas da madrugada do dia 5 de outubro de 2000. Eu encontrei com Jesus Cristo. Eu tinha brigado com a minha família e estava indo para a Bolívia. Pensei em vender a Mercedes lá. Mas aí, quando eu estava em Bataguassu tinha um negrinho na estrada. Ele me parou e disse: Você não está cansado? Eu concordei: disse que sim. Aí ele disse: Eu sei de um bom lugar pra você descansar; te levo lá. Ele entrou no carro e me levou na pousada de um casal. Aí eu estava sem dinheiro. E eles disseram: você pode ficar aqui quanto tempo quiser, que nós não vamos te cobrar nada por isso (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Mas sua certeza só veio tempos mais tarde.

Cinco meses depois, já era umas três horas da manhã e eu estava deitado na minha cama no quarto, lendo um livro de São Francisco de Assis, quando pensei: eu sei quem é aquele negrinho que andou comigo naquele dia. Aí pedi que se fosse verdade, que Deus me desse uma resposta. Nessa hora o crucifixo que fica pendurado na parede, do outro quarto, se iluminou (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

“Ele conta isso aí, mas eu não acredito não”. (MAIA, informação verbal, 2009). Depois do que aconteceu, Agripino decidiu rifar a Mercedes que dirigia, avaliada na época por ele em R\$ 200 mil. A campanha Estrela da Esperança tinha como objetivo a venda das rifas no valor de R\$ 10 e depois a compra de brinquedos. O carro foi entregue no dia 21 de fevereiro de 2001. Tempos depois Agripino conta que ligou para o ganhador e contou a história sobre Jesus. “Aí ele respondeu assim pra mim: Bem que eu sabia! Depois que eu ganhei o carro passei a enriquecer!” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

O grande crucifixo de prata pendurado no peito do ex-prefeito é o símbolo que compõe o seu personagem. Pingente de um colar comprido, é um presente do amigo, o bispo emérito de Presidente Prudente, Dom Agostinho. “Não tenho vergonha dele. Ele morreu na cruz por nós, por isso o carregou para fora. Sou um homem de muita fé.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).

Na casa onde mora, o *campus* III da Unoeste, a Via Sacra, que representa o caminho de Jesus Cristo durante a crucificação, está representada em tamanho real. As imagens são de concreto e vieram de Londrina. O Cristo, feito com o mesmo material, possui oito metros de altura e pesa oito toneladas, fica no alto da igreja do Santuário Morada de Deus e foi transportado de Campinas, dividido em várias partes. Ao lado da representação de Cristo, alto falantes propagam músicas de adoração. Perto da igreja do santuário, fica a capela de Nossa Senhora da Agonia, onde está a carta que Agripino diz ter recebido em nome da própria. A letra de quem escreveu é de Dona Dalva, mulher religiosa que fez voto de pobreza e é conhecida pela sua fé e por acreditar na ligação que tem com a mãe de Jesus Cristo, o que transpassa nas orações, e nas cartas que escreve em nome dela. Excursões chegam ao local e padres de fora são convidados para as missas.



FIGURA 18 – Construção do Santuário Morada de Deus, no *campus* III da Unoeste
Fonte: Arquivo Unoeste

Além dessa obra, Agripino contribuiu para a construção e reforma de mais outros centros religiosos na cidade. A catedral São Sebastião; o santuário Nossa Senhora Aparecida; a igreja São Cristovão; a igreja São Paulo Apóstolo; igreja Nossa Senhora de Fátima; as capelas Santo Agostinho, São João Batista, São Lucas, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças e o salão da capela São Vicente Pallotti. “Sem ter fé não se chega a

lugar nenhum, ela é fundamental para a sociedade.” (LIMA FILHO, informação verbal, 2009).



FIGURA 19 – Na reinauguração da catedral, com pinturas novas nas paredes
Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Presidente Prudente

Agripino de Oliveira Lima Filho está hoje fora da política por força da lei e mantém um vínculo apenas superficial com a Universidade do Oeste Paulista. Aos 78 anos, porém, continua sendo referência para centenas de pessoas que o procuram regularmente seja para pedir conselhos ou qualquer outra coisa. É visto facilmente pela cidade, rodeado por assessores e políticos, e mantém no rosto um semblante que, apesar de carregado pela intensa vida pública, parece querer se renovar a qualquer momento. Talvez seja só uma questão de tempo. Ou fé, como ele costuma dizer.

5. HISTÓRIA DO JORNALISMO

5.1 O Jornalismo no Mundo

O jornalismo surgiu na Europa Central como consequência de informações disseminadas por bardos viajantes. Naquele período, o ato de relatar acontecimentos não era tido como uma profissão ou de responsabilidade de alguma classe. As notícias corriam soltas de boca em boca e chegavam distorcidas, já que eram passadas por muitas pessoas. No intuito de evitar o problema, esse papel foi passado para os correspondentes dos príncipes. De acordo com Kunczick (1997), o último estágio antes do jornalismo formal foram as casas comerciais que colhiam informações em seus escritórios e depois divulgavam para seu próprio uso.

Segundo o autor (1997), o jornal, em sua fase inicial, era manuscrito. Mesmo depois da chegada dos tipos móveis, a maioria não mudou seu estilo, pois a produção manual era mais rápida e fácil de ser feita, sem contar a facilidade para driblar a censura. Com o tempo, várias características foram aderidas ao jornalismo, entre elas: a periodicidade, atualidade, universalidade e difusão coletiva, que são usadas até hoje.

No século XVI começaram as primeiras manifestações do público pela preferência das notícias maravilhosas e surpreendentes. Mas foi só no século XIX que o jornalismo passou a ser visto como uma profissão de tempo integral.

Quando se analisam as notícias de uma determinada época, pode-se ter uma noção de como o mundo mudou. Basta olhar para a apresentação delas. A diagramação, a seleção de notícias e até a periodicidade. O jornal passou a ser mais atual e também foi diagnosticado que a continuidade das reportagens deu lugar a fatos mais diversos, criando uma importância maior a novos acontecimentos. Para Kunczick (1997, p.222), “[...] antes o jornal era mais eficaz do que hoje, não só porque seus leitores tinham

menos opções para escolher vários jornais ou outros meios de comunicação, como também devido à apresentação e disposição das notícias”.

5.1.1 A Trajetória da Revista

Ainda com jeito de livro, segundo Scalzo (2003), a primeira revista surgiu em 1663, na Alemanha. Chamava-se *Erbauliche Monats-Unterredungem*, na tradução Edificantes Discussões Mentais. No início, assemelhavam-se a outras formas impressas, até com os jornais, por apresentarem os mesmos formatos e as mesmas linguagens destes. Já o primeiro exemplar que se aproximou do modelo atual, de acordo com a autora (2003), foi chamado de magazine porque era composto por artigos de um mesmo assunto, voltados para um público-alvo, com a proposta de periodicidade, mas que não apresentavam tanto conteúdo quanto um livro e mais profundidade do que um jornal.

Unidas a estas observações, as primeiras características que apareceram para marcar as revistas quanto ao formato, foram as imagens ampliadas nas páginas, o texto disposto em duas colunas e o logotipo fantasia (A REVISTA..., 2000). Mas ainda eram protótipos.

Scalzo (2003), aponta que foi em Londres, em 1731, o local de surgimento da primeira revista que se encaixa no formato conhecido atualmente. Chama-se *The Gentleman's Magazine*. A autora explica que, nos Estados Unidos, a publicação começou a ganhar força com o desenvolvimento do país e conseqüente diminuição do analfabetismo. As primeiras edições foram da *American Magazine* e *General Magazine*, em 1741. Atualmente os EUA desenvolvem um dos maiores mercados de revista do mundo, fato que decorreu do andamento no número de edições no século XVIII. De acordo com Souza (2004), no século XX, a Alemanha tornou-se o país com mais revistas ilustradas, ou seja, onde a fotografia era elemento principal.

As revistas aportaram no Brasil junto com a corte portuguesa no século XIX. Segundo Scalzo (2003), os magazines brasileiros eram marcados pelo humor e pelas caricaturas que ilustravam as personalidades da época. Não por menos é que a fotografia tornou-se o grande diferencial desse estilo, que na década de 1930 recheavam as páginas desses periódicos para o deleite dos leitores.

A primeira revista brasileira surgiu em Salvador, no ano de 1812 e chamava-se *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*, e segundo A Revista... (2000), publicava discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais, história antiga e poemas. Apesar de não ter o formato atual, pois não passava de um “bolo” de trinta páginas de texto, sem nenhuma ilustração, foi considerada o passo inicial desse meio de comunicação.

As primeiras revistas brasileiras pouca importância tiveram para a sociedade. Não se preocupavam em refleti-la: eram publicações eruditas, não noticiosas. A preocupação com a notícia, aliás, não era a tônica da imprensa brasileira da época: o grito de D. Pedro as margens do Ipiranga demorou treze dias para ecoar nas páginas do jornal *O Espelho*, do Rio de Janeiro. (A REVISTA..., 2000, p.18).

Ainda de acordo com A Revista..., (2000), foi a partir de 1860 que se assistiu a uma entrada impetuosa das ilustrações e de fotografias em suas páginas, onde as matérias eram ancoradas pelas imagens e contextualizadas apenas pelos textos-legendas.

No início do século XX, aconteceu uma série de transformações científicas e tecnológicas que mudariam o rumo da sociedade. Talvez por isso que os magazines acompanharam esse ritmo e, com o avanço da indústria gráfica, atingiram um nível de requinte visual até então inimaginável. Segundo Scalzo (2003), nesse momento, o Rio de Janeiro, a capital da República na época, possuía o maior parque gráfico do país, onde proliferaram publicações de todos os gêneros. A imprensa começou a se profissionalizar nesse período. As publicações dividiam-se então entre variedades e cultura. No final do século XIX e início do século XX, surge um novo tipo de revista, as chamadas “galantes”, voltadas ao público masculino, com notas políticas e sociais, piadas e contos picantes, além de desenhos, caricaturas e fotografias eróticas. Apesar

do grande sucesso, esse estilo desapareceria nos anos 1930 por conta da censura e da moral conservadora da época. Voltando ao cenário apenas em 1960, com a liberação dos costumes (SCALZO, 2003).

Um dos maiores fenômenos editoriais brasileiros, nasceu em 1928: a revista *O Cruzeiro*, criada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand. De acordo com Scalzo (2003, p. 30), é importante notar que “a publicação estabelece uma nova linguagem na imprensa nacional, através de publicação de grandes reportagens e dando uma atenção especial ao fotojornalismo”.

Com o início da era Vargas na década de 1930 e a consagração da Miss Universo Yolanda Pereira, a revista tomava outro rumo. A reportagem ganhou *status* e os jornalistas passaram a sair às ruas com mais frequência e a acompanhar de perto os acontecimentos. Foi desta forma que a realidade brasileira começou, então, a estampar as páginas dos periódicos. As pautas nesse início de século eram ousadas, noticiando desde histórias de prostitutas e mendigos, a casos da elite nacional (A REVISTA..., 2000).

Um dos grandes diferenciais dos magazines foi a segmentação, característica que teve início no século XX. O que até então era dividido em masculino e feminino, passou a ter uma vasta gama de temáticas - entre elas esporte, carros, decoração - dirigida a todo tipo de público e necessidade. Mas de acordo com Scalzo (2003), o que realmente diferencia a revista dos outros meios, é o fato de criar uma sensação de intimidade e proximidade com o público, sendo preciso pra isso, saber ouvi-lo.

São várias as maneiras de escutar o que o leitor quer e tem a nos dizer. Seja por intermédio de pesquisas, qualitativas ou quantitativas, ou mesmo por meio de telefonemas, cartas e e-mails enviados à redação. [...] O serviço de atendimento ao leitor é um espaço de conversa privilegiado na relação entre o público e sua revista. É ali que os leitores reclamam quando acham que a revista errou, dão palpites, oferecem idéias, brigam, pedem ajuda [...] (SCALZO, 2003, p.37).

Ainda de acordo com Scalzo (2003), a periodicidade desse meio também o diferencia dos demais. A revista tem sua publicação geralmente semanal, quinzenal ou mensal, o que conseqüentemente, interfere no trabalho

dos jornalistas envolvidos nessa produção, pois as matérias necessitam de um aprofundamento maior, dado que já foram noticiadas nos outros veículos.

A capa é um item essencial nos magazines, segundo A Revista...(2000). Ela é responsável por fisgar o leitor. No início, a única pretensão era que fossem belas. Depois, ganharam cor, belas modelos e mais ilustrações; além claro, de fotografias. De acordo com Scalzo (2003), para uma revista ser boa precisa acompanhar a evolução da sociedade.

Uma boa revista começa com um bom plano editorial e uma missão definida- um guia que vai ajudá-la a posicionar- se objetivamente em relação ao leitor e ao mercado. [...] É o plano editorial que vai alimentar o plano de negócios e, por conseqüência, deve apresentar a visão exata da redação sobre a publicação, e sua relação com o leitor (SCALZO, 2003, p. 61).

5.2 Técnicas Jornalísticas

A revista, como toda publicação jornalística, deve se orientar pela aplicação coerente de técnicas voltadas aos produtos impressos que mantenham o bom trato de seu conteúdo e, conseqüentemente, a qualidade da informação. Como a peça prática deste TCC é a produção de um elemento deste porte, torna-se fundamental entender como se constituem as bases do melhor jornalismo.

5.2.1 Pauta

A instituição da pauta nos veículos jornalísticos, segundo Lage (2008), ainda é recente. O autor explica o documento em dois sentidos. O primeiro, de forma mais técnica, seria a orientação básica para um repórter, com todos os dados necessários para a confecção de uma matéria. Incluem-se aí fontes, horários, endereços, telefones e informações primárias que deverão ser apuradas e confirmadas ou não pelo jornalista. Num segundo momento, o

autor (2008) constata que a pauta é mais do que uma simples carta de ordens. Num aspecto amplo, tem a missão de planejar a edição do veículo. A ideia é que mesmo que nada aconteça no dia, o leitor tenha material à disposição.

Kotscho (1986, p. 11), diz que na história deste instrumento jornalístico “o crescimento dos jornais e das redações tornou necessária a instituição da pauta [...] em outras palavras, era preciso organizar a bagunça para saber quem estava fazendo o quê”. Lage (2008), ainda revela que, a princípio, as revistas, por serem um produto mais extenso e profundo quanto a conteúdo, foram as primeiras a usar a pauta como suporte.

[...] a razão é que revistas, ao contrário dos jornais, não têm o compromisso de cobrir todos os assuntos de sua área de abrangência: devem selecioná-los, sob pena de ter fantástico excesso de produção [...] A obrigação de selecionar ressalta a importância do planejamento da edição. Além disso, matérias de revista são feitas a partir de enfoques editoriais específicos, que precisam ser considerados previamente (LAGE, 2008, p. 29).

Além do planejamento, a pauta dentro das redações possui outras funções de organização. Segundo Rossi (2005, p. 20):

A pauta funciona em duas direções: orienta repórteres para o que devem fazer no seu dia-a-dia e informa as chefias, os diretores e/ou proprietários das diversas publicações sobre quase tudo aquilo que está sendo trabalhado pela redação.

Em uma reportagem, a pauta difere-se da orientação apresentada para uma notícia, já que implica no aprofundamento de um fato.

Programa-se geralmente a pauta de reportagem (a reportagem aborda um assunto em visão jornalística) a partir de fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial. Não se trata apenas de acompanhar o desdobramento (ou fazer a suíte) de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes - em suma, investigar e interpretar (LAGE, 2008, p.39).

Segundo Sherwood (1981, p.44), “a pesquisa prévia depende de quanto tempo você dispõe, da importância de quem você vai entrevistar, do assunto específico que vai tratar, do valor que você atribui à sua matéria, além

de outros fatores.” Feito então o levantamento de todas as informações, segundo Lage (2008, p. 40), estas devem ser norteadas por pontos chave.

[...] incluem o assunto; o fato gerador de interesse, se houver; a natureza da matéria (se narrativa, exposição de tema etc.) e o contexto; a linha editorial; uma definição mais precisa do que se espera em termos de aproveitamento; recursos e suporte técnico disponíveis [...].

Para Rossi (1980), um ponto negativo desta forma de planejamento é que a pauta pode apresentar uma visão parcial do que acontece no momento, o que ocorreria por ser um material advindo de *press-releases*, ou de notícias decorrentes de outros meios, o que formaria os chamados “filhos da pauta”. O ideal seria então, que o repórter entendesse a sua importância e ao mesmo tempo conseguisse se soltar dentro do roteiro estabelecido para produzir boas reportagens.

Como dito anteriormente, a pesquisa é necessária para a construção de uma pauta, para a montagem de um texto e fundamental ainda quando se trata de uma reportagem. Pinto (2009, p. 90) ressalta que a pesquisa deve se pautar pela busca incessante de dados em fontes primárias e confiáveis; e refuta a ideia de que este procedimento encontra na *web* um porto seguro.

A internet é uma ferramenta valiosa. Nem dá para imaginar como a gente conseguia fazer jornalismo antes dela. Tudo ficou muito mais fácil, no jornal e na nossa vida em particular. Mas ela tem deixado muitos jornalistas míopes: só conseguem enxergar até a distância do seu monitor. O único recurso que conhecem é a rede virtual e, mesmo assim, não sabem usá-la direito. Dessa forma, ela mais atrapalha do que ajuda.

Neste sentido e no jornalismo, que se utiliza primariamente da pesquisa, está incluso o Novo Jornalismo (LAGE, 2008), estilo que faz a junção de processos jornalísticos com normas literárias, para que o aprofundamento, da realidade de uma história, acerca de um fato. “Pode ser útil, por exemplo, na construção de perfis, que retratam em profundidade um personagem”, (LAGE, 2001, p. 141).

Segundo o autor (2001), esta vertente pressupõe o uso de técnicas específicas, que incluem, por exemplo, a valorização de detalhes expressivos. Como a quantidade de informações necessárias deve ser abundante, Lage (2001) explica que uma das dificuldades na produção é unir todo o material, processo que demanda tempo. Além disso, o ato de escrever deve estar descentralizado do lugar-comum, pois para o autor “literatura exige vagar e lavra artística do texto”.

5.2.2 Apuração

O repórter sai da redação para fazer uma matéria. O primeiro entrevistado conta o que viu, o segundo o que ouviu e o terceiro o que sentiu. Infelizmente, nenhum dos três confirma o que foi dito pelo outro. Segundo Lage (2008), para a análise desse conteúdo contraditório, é importante buscar uma quarta fonte para tentar entender o que realmente aconteceu, ou encontrar material capaz de decifrar o desentendido.

Um fato, para aproximar-se o máximo da verdade, exige a preocupação em ouvir todos os lados da informação, com checagem, cruzamento de informações e verificação dos dados. Segundo Kovach e Rosentiel (2004), recolher as informações, entendê-las e depois transmiti-las ao público é um desafio para o jornalista, que deve ter percepção acerca do real para fazer cumprir seu papel como emissor a assim aproximar-se o máximo possível da imparcialidade.

Mesmo não dispondo de nenhum código sobre o assunto, os jornalistas funcionam apoiados em algum tipo de método, altamente pessoal, para testar e fornecer a informação – sua própria disciplina individual da verificação. Essa disciplina consiste, entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão (KOVACH, ROSENTIEL, 2004, p. 112).

Pinto (2009, p. 89) explica que a apuração contém elementos básicos. “Uma boa reportagem, como uma cadeira, precisa se apoiar em quatro pernas: pesquisa, observação, entrevista e documentação.” De acordo com a autora, ao repórter é preciso então estar bem amparado de informações prévias, ouvir versões, além de obter e analisar documentos. Só assim é que ele estará apto a escrever de forma contundente e não só reproduzir discursos prontos.

5.2.3 Entrevista

A entrevista é uma técnica de apuração de informações que pode ser classificada em três modalidades: noticiosa, opinativa e de atualidade. Segundo Amaral (1986), a noticiosa consiste em saber do entrevistado informações importantes a respeito de um determinado fato; a opinativa é geralmente solicitada a especialistas sobre um tema em debate e, por fim, a de atualidade, em que o entrevistado se dispõe a abrir um pouco sua alma e a exteriorizar seus gostos, anseios e opiniões.

Entrevista significa em linguagem jornalística encontro com alguma pessoa com a finalidade de interrogá-la sobre seus atos e idéias, e o conjunto das declarações com autorização implícita ou formal para publicá-las. O entrevistado é quase sempre pessoa de destaque, permanente ou circunstancial, e as perguntas não são todas respondidas com boa-vontade e disposição, mas conseguidas com astúcia e tato por parte do entrevistador (AMARAL, 1986, p. 125).

Segundo Lage (2008), é uma extensão da consulta à fontes, objetivando, normalmente, a coleta de interpretações e reconstituição de informações. O estilo de entrevista que fundamenta a peça prática desse trabalho é a de profundidade, onde o objetivo não é um tema em particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado e a representação de mundo que construiu. “Procura-se construir uma novela, ou um ensaio sobre o personagem a partir de seus próprios depoimentos e impressões”. (LAGE,

2008, p. 75). Pinto (2009, p. 108), aconselha a investir, neste caso, no relacionamento e no envolvimento. “Não basta ter uma lista de perguntas e ficar esperando resposta”. Ainda segundo a autora (2009), em uma entrevista é fundamental: ler muito sobre o assunto, identificar previamente fatos relacionados ao entrevistado e declarações já dadas, pesquisar sobre a fonte, gravá-la e anotar ao mesmo tempo os pontos relevantes e checar informações conflitantes.

De posse dos dados obtidos, é hora de investir na apresentação de todo material, ou seja, na documentação final que irá preencher as páginas de jornais ou revistas.

5.2.4 O Texto Jornalístico

Pinto (2009, p. 199) explica que a construção de um bom texto jornalístico tem muito mais a ver com o conteúdo empregado do que especificamente com sua forma. “É construir, com fatos, uma informação”. A recomendação vale para os dois grandes gêneros da área: a notícia e a reportagem.

De acordo com Lustosa (1996), deve ser objetivo, quando narra-se o fato principal, deixando de lado a supervalorização de detalhes. Ainda precisa ser claro, ter concisão, economia de palavras quando necessário e não colocar em dúvida fatos do texto, ou seja, ser exato. Essas são regras básicas na produção de qualquer texto noticioso. Entretanto, algumas características são próprias de cada meio.

O estilo magazine, próprio da revista, peça prática deste TCC, apresenta um texto interpretativo, no qual ao contrário do que ocorre nos jornais e emissoras de rádio e televisão. De acordo com Lustosa (1996), não há uma preocupação com a construção de um lide tradicional.

Os magazines apresentam um tempo diferente dos outros meios. As publicações normalmente são semanais, quinzenais ou mensais e por isso

há uma necessidade do texto apresentar detalhes mais aprofundados dos fatos, conseguindo, assim, tratar do mesmo assunto que já fora trabalhado por outros veículos, de forma a deixá-lo com uma cara nova e despertar o interesse do leitor.

É preciso notar que o texto da revista é recuperativo. A contextualização do fato narrado é feita a partir do processo de recuperação de vários acontecimentos [...]. A matéria da revista é geralmente uma reportagem descompromissada com o factual e com os acontecimentos rotineiros, objetivando muito mais uma interpretação dos fatos e a análise de suas conseqüências, pois raramente pode ou procura oferecer novidade no sentido do que é assegurado pelas emissoras de televisão, rádio e pelos jornais (LUSTOSA, 1996, p. 104).

De acordo com Vilas Boas (1996), toda revista acompanha o mesmo preceito dos jornais diários, a diferença é que a linguagem segue um ritmo característico de cada periódico e deve se adequar ao estilo do seu leitor. O grau jornalístico empregado consiste exatamente em transformar a informação bruta em notícia legível e compreensível a todo tipo de leitor.

Segundo Scalzo (2003), o texto de revista é diferente de todos os outros meios, pois “precisa de um tempero a mais”.

Diferente do leitor de jornal, o de revista espera, além de receber a informação recebê-la de forma prazerosa. Ele quer a informação correta, simples e clara- seja o exercício para o abdômen, a receita de bolo, a nota política, o roteiro de viagem-, mas quer também um texto que não seja seco, como um mero aperto e mão. [...] em revista, um bom texto é aquele que deixa o leitor feliz, além de suprir suas necessidades de informação, cultura e entretenimento (SCALZO, 2003, p.76).

Vilas Boas (1996, p.29), ainda acredita que:

No texto de revista, o comedimento, a leveza e o domínio do jornalista/escritor sobre a narrativa são também para permitir que o leitor use um pouco a cabeça. Por isso, às vezes é preciso mostrar, mais do que simplesmente contar; sugerir, mais do que explicar; e dizer mais do que parece ter sido dito. O texto leve é mais legível, proveitoso e intrigante.

5.2.5 Reportagem

Este gênero não é apenas uma notícia grande ou extensão desta, e sim, como diz Amaral (1987), uma grande notícia. É apresentada como forma narrativa do jornal impresso. Segundo Sodré e Ferrari (1986), a reportagem é diretamente ligada à emotividade e se humaniza na medida em que o relato é feito por alguém que, além de testemunhar a ação, se torna parte. O repórter serve de “ponte” entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita muitas vezes em primeira pessoa, a narrativa deve carregar em seu discurso um tom “impressionista” que favoreça essa aproximação.

As principais características desse gênero são: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. E de acordo com o assunto ou objeto do qual gira a reportagem, algumas dessas peculiaridades poderão aparecer com maior destaque. Mas a narrativa deve sempre estar presente, caso contrário, não será reportagem (SODRÉ; FERRARI, 1986).

A reportagem ocupa e sempre ocupou o primeiro lugar na cobertura jornalística. Toda reportagem é notícia, mas nem toda notícia é reportagem. A reportagem mostra como e por que uma determinada notícia entrou para a história. Desdobra-se, pormenoriza e dá amplo relato aos fatos principais e também aos fatos subjacentes da notícia. Quando a notícia salta de uma simples nota para uma reportagem, é preciso ir além, detalhar, questionar causas e efeitos, interpretar, causar impacto (VILAS BOAS, 1996, p.43).

Notícia e reportagem não se distinguem apenas pela extensão e abrangência da narrativa. De acordo com Sodré e Ferrari (1986) há outros fatores que as diferenciam, principalmente relativos às peculiaridades de discurso e forma de enunciação. O que deve ser levado em consideração é que o objetivo será sempre a informação, não importando qual formato de texto será usado.

Para Sodré e Ferrari (1986) a reportagem oferece também detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo.

[...] um fato importante acontecido há cinco ou dez anos poderá ser 'comemorado' por uma reportagem, que reproduza quase que da mesma forma original. É claro que isso ocorre em casos que tenham despertado, na época, um interesse expressivo e mantenham ainda certas condições de curiosidade ou importância histórica [...] (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18).

Um dos tipos de reportagem existentes é a documental. Segundo Sodré e Ferrari (1986) é a que mais se aproxima da pesquisa e são ordenados de maneira objetiva e expositiva. O que complementa e esclarece o assunto tratado são as citações, que lhe conferem fundamentação.

Nas revistas, o gênero dominante é o interpretativo. Neste sentido, segundo Vilas Boas (1996) o caráter investigativo é inerente a qualquer tipo de reportagem, pois a interpretação exige também investigação.

Seria difícil admitir como interpretativa uma reportagem que não traçasse 'o perfil de uma situação de interesse jornalístico'. Além do mais, a revelação dos fatos mais ou menos ocultos, resultado da investigação de uma denúncia de corrupção, por exemplo, é uma excelente oportunidade para interpretar, principalmente numa revista (VILAS BOAS, 1996, p. 44-45).

O tempo, na narrativa de um magazine, não precisa necessariamente ser cronológico, pode ir e vir de forma a esclarecer dúvidas e situar o leitor no assunto tratado ou provocar sensações durante a leitura. Na reportagem narrativa o recurso de retardar o clímax pode funcionar como uma bomba injetora de tensão. Segundo Vilas Boas (1996), o retardamento pode se dar pela evocação de momentos anteriores ou pela antecipação de momentos posteriores ao acontecimento narrado. Ainda, de acordo com Vilas Boas (1996, p.57) é interessante ressaltar que:

Ao se interromper uma seqüência temporal dos acontecimentos, conforme o caso, você pode obter mais suspense. Por essas e outras, é preciso ficar atento aos exageros e não ficar à beira de um ataque de nervos ou de tédio. Até porque a retardação não é o único caminho para obter o efeito desejado.

Da mesma forma, o contrário da retardação na reportagem narrativa é a aceleração, que segundo Coimbra (1993, p. 59-60) pode ocorrer

através do diálogo e do discurso direto dos personagens ou simplesmente pelo “antes seguido do depois” que constituirá uma sequência veloz direcionada ao fim da história.

Neste campo da narrativa ainda é fundamental ressaltar a figura do próprio narrador. Coimbra (1993, p. 47-48) prevê que em textos interpretativos é certa a presença de focos narrativos: narrador testemunha, feito em 1ª pessoa; narrador protagonista, também em 1ª pessoa, mas com presença direta do jornalista na história; narrador onisciente, um modo de narrar em 3ª pessoa totalmente a par dos fatos inclusive de pensamentos de atores; e o modo dramático, também em 3ª pessoa, mas com o narrador se limitando a “informar o que os personagens fazem e o que falam”.

A peça prática deste trabalho é uma revista fotodocumental e adota um estilo de reportagem que segundo Sodr e e Ferrari (1986)   tratado como perfil, que em jornalismo significa dar enfoque a uma pessoa, seja ela celebridade ou popular, mas sempre elevada a protagonista de uma história. Diante desse “herói”, o repórter tem dois tipos de comportamento: ou mant m-se distante, deixando o focalizado se pronunciar, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência. A narrativa gira em torno de um único personagem e faz o retrato detalhado de seu modo de vida, costumes e sentimentos. O protagonista pode ser tratado de várias maneiras nas reportagens de perfil. Entre elas, o personagem como indivíduo.   este último que será usado para a execu o deste magazine.

Nesse tipo de perfil, portanto, o retrato   mais psicológico do que referencial - o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atua o. O narrador, logicamente, acentua esse lado e desde o início confere ao texto um ar de imprevisibilidade (VILAS BOAS, 1996, p. 134).

Para Pinto (2009, p. 123), neste tipo de reportagem duas recomenda es são essenciais. A primeira d  conta do local da entrevista e deve ser, de preferência, significativo para o entrevistado, onde se sinta   vontade. Num segundo momento, deve se atentar para os diálogos.

Diálogos podem ajudar na narrativa e enriquecer o texto. Se sua fonte está contando um fato, extraia dela os diálogos. Pergunte: “O que você disse quando tal coisa aconteceu?”, “Qual foi a primeira coisa que lhe disseram quando assumiu o novo cargo?”, “O que você pensou quando o resultado foi divulgado?”

5.2.6 Edição

Editar significa hierarquizar informações, dar peso às notícias. No meio impresso, define o espaço dado as matérias, determina o que vai em cada página, define quais fotos devem entrar e qual o tipo de abordagem que será dada às notícias trabalhadas. Segundo Pereira Junior (2006, p. 21), “ser um editor é um teste de caráter”. Já que considera uma grande responsabilidade tomar decisões em nome do público. Também é função do editor coordenar a abertura e fechamento dos produtos jornalísticos.

É no trabalho de edição que se revela a opinião do gerente da informação, para que lado pende o dono do veículo, qual a força orgânica de uma linha editorial. É a faceta convencional do cargo, nem por isso isenta de ônus reveladores sobre quem o assume (PEREIRA JUNIOR, 2006, p.21).

Editar é, portanto, escolher. A notícia resulta de triagens e exclusões deliberadas em todas as fases de produção jornalística, desde a apuração dos fatos até o momento de escrever o texto. Ainda de acordo com Pereira Junior (2006, p. 23), “um evento pode até ser bem investido e redigido. Ainda assim, pode perder-se ao ser editado”.

O trabalho de edição em uma revista não se prende apenas a escolha dos textos e definição de prioridades das notícias. Levando em consideração que o magazine trabalha com fatos que já foram tratados em outros veículos, o editor precisa encontrar meios de “fisgar” o leitor para suas páginas. Segundo Scalzo (2003), a escolha recai sobre valorizar a capa, transformando-a num “resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine”. As imagens também ganham atenção especial, pois se sabe que atraem a atenção do leitor e o instiga a ler o conteúdo.

Antes de ler qualquer palavra, é a fotografia que vai prendê-lo àquela página ou não. Fotos provocam reações emocionais, convidam a mergulhar num assunto, a entrar numa matéria. Por isso, ter fotos boas em mãos é fundamental. Elas devem excitar, entreter, surpreender, informar, comunicar idéias ou ajudar o leitor a entender a matéria (SCALZO, 2003, p. 69-70).

Assim como as fotografias são a porta de entrada para a leitura dos semanários, as legendas que as acompanham funcionam como maçaneta. Segundo a autora (2003), todas as imagens devem conter legendas que complementam e contextualizam o assunto; mas, sobretudo que sejam inteligentes para ajudar o leitor a entender.

Ao fotografar, o profissional não pensa apenas no registro que será feito. São analisados os significados que aquela imagem transmitirá ao leitor. De acordo com Pereira Junior (2006), quando o editor trabalha com a fotografia, leva em consideração as sensações que ela provocará no leitor, os significados ocultos que provocam duplo sentido, mas que combinado com o texto causará uma interpretação diferente. Segundo o autor (2006, p. 112), “a edição traz fragmentos congelados, mas confere lógica própria a imagem”.

Ainda de acordo com Pereira Junior (2006), não são raros os casos em que o texto, mesmo de boa qualidade informativa, perde importância e espaço por falta de imagem. Assim como uma matéria fraca ganha importância quando conjugada com uma boa fotografia, que pode torná-la praticamente um texto-legenda. Mas vale lembrar que a relação deve ser de complemento, não de exclusão de partes.

A escolha do lugar ocupado pela fotografia não é feita ao acaso. Segundo o autor (2006), é pensada de acordo com o sentido que deverá trazer embutido. A imagem inferior ao texto apenas comprova a informação, tornando-se redundante; quando apresentada acima do documento escrito, domina o assunto, pois apresenta mais informações; e quando as duas se apresentam dividindo um espaço, considera-se que estão integradas, uma complementando a outra. Os critérios editoriais de escolhas de foto para publicações devem valorizar, para Pereira Junior (2006) qualidades semânticas

das imagens. Utilizar fotografias que conte uma boa história, cortar imagens no centro da atividade retratada, usar sempre alto contraste entre o preto e o branco, são opções de recursos que podem ser utilizadas para valorizar as informações visuais.

Editar é também planejar, visualizar, entender como o leitor sentirá a notícia, dependendo da forma e da disposição que ela for colocada. De acordo com Pereira Junior (2006, p. 94):

[...] planejar é uma forma de sobrevivência na indústria noticiosa, a bússola para o editor não ser tragado no processo de produção em que está envolvido. O editor precisa disciplinar-se para destinar parte de seu dia apenas para o ato de planejar e pensar o produto, vencendo a tirania do tempo de confecção da notícia.

5.2.7 Diagramação

O aspecto visual é muito importante quando se olha um impresso, o formato, as cores, o tipo de letra diz muito sobre a mensagem que se pretende passar. É preciso pensar bem em cada símbolo colocado, para não passar informações diferentes entre o texto e as imagens. Segundo Collaro (1987, p. 14-15), deve ser levado em consideração que:

Uma obra é considerada bela quando há proporções entre a forma e a matéria, medidas adequadas, com ordem e harmonia a todos integrantes pertencentes à mesma. [...] A estética não é o mais importante num impresso, porém é a causa do primeiro impacto ao leitor; portanto, devemos nos valer de todas as noções teórico-práticas para definir o objeto de comunicação visual que se faz presente. É necessário que o projetista gráfico alie o estilo das ilustrações à tipologia a ser utilizada para a obra e à valorização desejada.

Outro fator determinante para uma boa leitura é escolha correta dos caracteres. Ainda de acordo com Collaro (1987), o conjunto: formato do papel, largura das linhas, disposição do texto, tipo de letras, deve ser harmônico para garantir a legibilidade.

As revistas tem mais liberdade na escolha dos elementos que a compõem. Segundo Lage (1997), variam a tipologia e as cores de acordo com o sentimento que a reportagem carrega, passando ao leitor exatamente o tipo de sensação que se pretende.

Um texto sobre um caso de amor virá provavelmente com o título em letra *cursiva*, imitando a caligrafia; uma reportagem sobre computadores ou viagens espaciais terá o título em letras *digitais*; uma entrevista política, em letras *romanas*; matérias de impacto em *helvéticas* (LAGE, 1997, p. 18-19).

É preciso estudar e planejar antes o formato adequado e casá-lo com o conteúdo que o produto jornalístico oferece. No próximo capítulo, o projeto editorial mostra como ficou definida a peça prática deste trabalho.

6 REVISTA VIDERE: AGRIPINO LIMA

A revista *Videre* é a peça prática, resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em 2008. O objetivo principal é resgatar, por meio da fotografia, parte da história do município. Como anteriormente, este trabalho visa que novos produtos sejam lançados em outras edições. Para desenvolver este projeto editorial, ficou evidente a necessidade de respeitar o que havia sido planejado anteriormente, mas objetivando o aprimoramento da primeira edição, o que também deve estar previsto em um terceiro número que venha a ser planejado.

6.1 Projeto Editorial

O Projeto Editorial da segunda edição da revista *Videre*, peça prática deste Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolve-se a partir de pesquisas bibliográficas nas áreas da fotografia, jornalismo impresso e jornalismo de revista. Tem como base primária o projeto editorial da obra original.

Para a produção desta edição é fundamental que seja realizada a investigação na busca por informações, que serão obtidos com familiares e pessoas que participam da vida de Agripino de Oliveira Lima Filho, que será a maior fonte oral a ser ouvida pela equipe.

O uso de documentos produzidos por veículos de comunicação impressos, tanto de âmbito regional quanto nacional e que informam sobre fatos vividos pelo personagem, são considerados também essenciais para embasar e aprofundar a pesquisa.

6.2 Introdução

A segunda edição da revista Videre deve seguir os passos da obra original e preocupar-se com a reunião possível de todo material fotográfico e informativo que tenha ligação com o novo tema proposto. Considera-se que a história de Agripino de Oliveira Lima Filho é composta de fragmentos espalhados em acervos particulares e na lembrança de quem passou pelo seu caminho. Os veículos de comunicação jornalísticos da cidade registraram parte dos grandes acontecimentos, ou ainda pequenos passos dados por Agripino Lima, como é conhecido. Mas, este material ainda não reunido, permanece perdido meio a tantas outras informações que compõem as salas de arquivo.

A organização de uma trajetória contribui com o cidadão do presente e do futuro. Atrai pessoas que desconhecem o conteúdo desta vida em questão, informa àqueles que se interessam pelo personagem e refresca a mente daqueles que a ele estiveram ligados por muito tempo.

A revista Videre tem como objetivo montar um trabalho de resgate histórico fotodocumental e, assim, relatar momentos importantes da vida de Presidente Prudente a partir das imagens. A primeira edição trouxe como tema as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Discorre e ilustra sobre os primeiros trabalhadores do local, como eram as pessoas e o dia-a-dia de quem ali esteve. Acompanhou as transformações sofridas pelo prédio até sua revitalização, que fez das ruínas o maior centro cultural da região oeste de São Paulo.

Esta segunda edição segue a linha editorial estabelecida, primeiramente, com alteração do tema; mas, com o mesmo objetivo. Será resgatada a história de um dos mais conhecidos personagens locais. Além das imagens que constituem a base desta publicação fotodocumental, haverá o auxílio de textos-legenda e reportagens que procurem contextualizar o momento retratado e a própria trajetória de vida de Agripino Lima.

Contar o curso de vida deste personagem é narrar, ao mesmo tempo, uma parte da memória de Presidente Prudente. Como político ou empresário, Agripino trouxe inovações, reformulou a cidade a seu modo e fez polêmica. Construiu um elo com o município, o que o tornou também parte dessa história.

De acordo com o levantamento biográfico da coordenadora de comunicação da Unoeste, Leodete Gazoni Ferreira (ANEXO A), Agripino de Oliveira Lima Filho mudou-se para Presidente Prudente em 1960, para trabalhar como diretor da Escola Vila Charlotte, hoje nomeada como Colégio Professora Maria Luiza Formosinho Ribeiro. Interessado no negócio lucrativo de um amigo se tornou seu sócio e passou também a atuar também como vendedor de livros. Concluiu o curso de bacharelado em Direito pela então Instituição Toledo de Ensino no ano de 1968, e dois anos mais tarde se formou-se em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes (SP).

Durante o período como diretor, passou a fazer parte do Centro Professorado Paulista (CPP), onde passou a ocupar a cadeira de presidente. A percepção que obteve estando dentro deste núcleo da educação o fez espiar para fora. Agripino percebeu no mercado, uma oportunidade para construir uma faculdade, vontade aliada ainda a outro ideal: construir um hospital. Em 1972, foi iniciada a construção de um dos seus sonhos, a Associação Prudentina de Educação e Cultura (Apec).

Além de empreendedor e educador, atuou também na política. Agripino Lima iniciou sua carreira pelo partido Aliança Renovadora Nacional (Arena) na época da ditadura e quando foi extinto o bipartidarismo, se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), onde já militaram Getúlio Vargas e Leonel Brizola. Em 1985 foi convidado pela presidência do Partido da Frente Liberal (PFL) e permaneceu até 1998, quando decidiu retornar sua filiação para o PTB e compôs também o quadro do Partido Socialista Cristão (PSC). Cumpriu significativos e consecutivos mandatos políticos. Foi vereador na Câmara Municipal de Presidente Prudente por duas legislaturas (1973/1977 e 1977/1983). Nessa época, durante o período de um ano (1980-1981), pertenceu ao Partido Democrático Social, (PDS). Posteriormente foi eleito e

exerceu o mandato de Deputado Federal (1987 a 1991), onde participou da elaboração da Constituição Federal de 1988, com 132 emendas apresentadas das quais 51 foram aprovadas. Desta forma, foi classificado entre os 10 deputados que mais contribuíram na constituinte. Foi vice-prefeito prudentino (1988 a 1992), aliado ao prefeito Paulo Constantino

Agripino finalmente elegeu-se prefeito da cidade de Presidente Prudente na década de 1990. Foi até hoje, o único a administrar a prefeitura por três vezes, sendo o primeiro mandato em 1993, depois em 2001 e a terceira reeleição em 2004. Mas, não continuou no cargo até o fim do mandato que seria em 2008. Ele afastou-se do cenário político depois de ter suspenso seus direitos políticos, acusado pela prática de improbidade administrativa em decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo.

O motivo de sua saída foi um de seus maiores empreendimentos, a Cidade da Criança, passou a ser construída ainda na primeira administração como prefeito, e mesmo em funcionamento atualmente nunca chegou a ser inaugurada. Em 2002, Agripino adquiriu para o local de pólo recreativo infantil um planetário, vindo de uma empresa na Alemanha. Mas, segundo confirmação do próprio ex-prefeito, não fez o pedido de equipamentos baseado em processo legal que acarreta nos trâmites burocráticos. Mesmo sem licitação, o material chegou e foi instalado. Segundo o advogado Fabrício Pereira de Melo, representante de Agripino na causa, o processo de cassação foi iniciado por uma denúncia dos vereadores Isaac Silva, Nico Rena e Arlindo Munuera Júnior e terminou com a suspensão de seus direitos políticos em 2007.

Dentre as obras desenvolvidas pela prefeitura durante sua gestão destacam-se a construção da Escola de Curtimento de Couro, inaugurada em 2005, local que objetiva fornecer conhecimento especializado a jovens da cidade. Ficam observadas também obras de pavimentação de ruas da periferia, a instituição do vale-transporte para ônibus, sanou dívidas que se arrastavam por cerca de 20 anos, o fortalecimento da agropecuária regional e criação da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. Considera-se ainda a revitalização do Distrito Industrial com pavimentação e iluminação, a doação de

terrenos com infra-estrutura e incentivo para instalação e desenvolvimento de mais de 60 indústrias.

Além da carreira profissional, Agripino construiu seu bem mais valioso. É pai de quatro filhos, Augusto César, Ana Cristina, Maria Regina e Paulo Lima; frutos de seu casamento com Ana Cardoso Maia que durou aproximadamente 45 anos. Sua ex-mulher continua à frente da faculdade que junto a Agripino construiu, e exerce o cargo de reitora. Ana Cristina e Maria Regina também atuam em conjunto com a mãe. “Deixei meu patrimônio nas mãos das mulheres”, diz o pai e ex-marido. Paulo Lima buscou seguir os passos do pai e tornou-se político.

Religioso, Agripino engrandece a voz ao dizer “sou um homem de muita fé”. Do que ele considera serem “obras de Cristo”, construiu e reformou 14 igrejas. No terreno onde está sua casa no campus III da Unoeste, ergueu um santuário, o qual nomeou “Morada de Deus”. Ainda na extensão da propriedade, com figuras em tamanho real representou a Via Sacra com estátuas de pedra. O grande crucifixo de prata pendurado no peito o caracteriza como uma figura única e simbólica. Recebeu o pingente do amigo Dom Agostinho, a quem visita diariamente e faz sentir a falta quando ausente. Na peregrinação de sua vida, afirma ter se encontrado com Jesus Cristo e recebido uma carta de Nossa Senhora.

Por tantos motivos, Agripino é figura conhecida e respeitada. Admirado por uns e questionado por outros, as estradas que percorreu, seus anseios, conquistas, os meios que buscou para chegar às metas que visou, revelam uma imagem forte e subsídios suficientes para que seu percurso seja relatado. A importância deste projeto, maior do que concluir uma revista, busca resgatar parte de fatos até então conhecidos por poucos e que poderão ser lembrados em momentos oportunos.

6.3 Objetivos

6.3.1 Geral

A revista “Videre” tem como objetivo geral ser, a partir do uso de imagens fotográficas, uma publicação que recupere e documente fragmentos históricos de Presidente Prudente.

6.3.2 Específicos

- Dar prosseguimento ao trabalho da revista “Videre”, produzindo o segundo número do projeto que terá como tema a vida de Agripino de Oliveira Lima Filho;
- Propagar a importância da trajetória de vida de Agripino Lima e a ligação que ela tem com a cidade de Presidente Prudente, constituindo assim um acervo importante para o preenchimento de lacunas acerca da história local;
- Demonstrar o uso consciente e pertinente da fotografia como fonte de pesquisa histórica;
- Ser instrumento de pesquisa à disposição dos alunos da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” e também de toda a população acerca de temas importantes quando da busca por traços culturais e históricos de Presidente Prudente.

6.4 Justificativa

Ações que visem resgatar e preservar a memória de um povo são fundamentais como meio de enriquecer a cultura da sociedade. O trabalho proposto pela revista *Videre* pretende trazer para Presidente Prudente a prática de pesquisa histórica com publicação jornalística, ainda pouco difundida e valorizada no Brasil. Sendo assim, este veículo surge como um instrumento que busca ajudar no processo de conservação dos registros do município.

Em sua segunda edição, a revista contará a vida de Agripino Lima, personagem singular que promoveu ações políticas, empresariais, criou laços com a cidade e traz na bagagem histórias curiosas e de superação. Parte de sua vida estampou diversas vezes as páginas dos jornais da cidade ou até exemplares de circulação nacional, seja por feitos ou pelas polêmicas que envolviam seu nome. O ex-prefeito foi alvo de debates, causou comoção, angariou fãs e tem formadas opiniões contraditórias a seu respeito diante da população prudentina. Como uma pessoa destacável na sociedade, suas ações (e reações) são essenciais para entendimento de uma parte do caminho tanto político quanto de desenvolvimento da cidade de Presidente Prudente, como um capítulo indissolúvel da história que precisa ser registrado.

Outro ponto importante é que o trabalho leva em conta, como quesito essencial para sua produção, a responsabilidade social. No jornalismo, este propósito idealizador da profissão norteia a preocupação em trazer informações relevantes e verdadeiras para a sociedade. Neste sentido, a publicação assume o dever de ser um trabalho singular e de validade social. Não somente trará recordações de um personagem e sua ligação com o município, mas também visa ampliar o conhecimento da ferramenta da fotodocumentação para narrar acontecimentos e uma trajetória de vida.

Além disso, este tipo de publicação pretende contribuir para que a revista fotográfica, tão difundida em tempos anteriores, tenha reforçado o reconhecimento de sua importância na reconstituição do passado e da memória de uma sociedade. Porque é possível que pela fotografia, aqui alçada

a um *status* de documento, a lembrança esteja sempre atualizada e ao mesmo tempo provoque no espectador o interesse necessário para manter viva uma trajetória histórica relevante.

6.5 Público-Alvo

A revista “Videre” é voltada para o público em geral, que deseja informações a respeito daquele período e principalmente, da vida cotidiana prudentina. São consumidores de diversas classes sociais, de várias idades e, em especial, estudantes, professores, políticos e pesquisadores.

6.6 Linha editorial

A revista será composta principalmente por fotografias que retratam a trajetória histórica de Agripino Lima. Como auxílio de interpretação e contextualização para o leitor, as imagens possuem o suporte de legendas, textos-legendas e textos narrativos e/ou descritivos. Neste último caso, são reportagens com aprofundamento de informações que tem o intuito de traçar a realidade percebida nas fotos. São dados que posicionam o público-alvo da revista acerca do momento em que foi registrada a fotografia, quem são as pessoas retratadas, porque estavam naquele local, dentre outros fatores que circundam a imagem. Da mesma forma, os textos-legenda e as legendas também acompanham o fragmento ilustrativo, e tem o objetivo não apenas de descrevê-lo, mas principalmente de explicar o contexto daquela época representada. Por exemplo: uma imagem que mostra Agripino em um comício, traz com ela o recorte daquele trecho de história, capaz de revelar o que acontecia no período e evidenciar, assim, o momento político e também os

costumes de um tempo. São características que podem vir acompanhadas de outras, passíveis de interpretação.

Será abordado na revista o gênero interpretativo, que tem a função de ampliar a informação dada pela notícia, recuperando sua historicidade e impactos provocados na sociedade. Trata-se aqui de contextualizar e verificar meandros que sucumbem à generalidade de fatos noticiosos. Outro gênero jornalístico utilizado será o informativo, com exposição pura e simples de conteúdo, de fatos relevantes. Nos dois casos, quanto à linguagem, opta-se pelas premissas do texto jornalístico habitual, embora esteja liberada neste momento uma aproximação pertinente com o jornalismo literário, uma vez que reportagens narrativas tendem a mostrar mudanças em andamento com a preocupação necessária de progressão temporal, além da presença do próprio narrador, deslocamentos de espaço, ambientação e definição de personagens. Ainda quanto à própria narração, esta deverá ser ora de modo onisciente, ora se limitando a informar o que os personagens falaram ou fizeram.

O tema desta revista é de importância para a sociedade prudentina, pois conta parte da história da cidade, com conseqüente auxílio no processo de disseminação da cultura local. Assim, a publicação obedece às normas jornalísticas, com apresentação de conteúdo aliada à informação e a responsabilidade social. A revista é pautada e, conseqüentemente, planejada, para cumprir todos os requisitos ao qual se destina.

A entrevista é uma ferramenta necessária para a obtenção de conhecimento. Foi realizada com o objetivo de levantar elementos importantes da vida do personagem, e devem ser feitas com pessoas que possam contribuir com informações relevantes acerca do assunto, desde profissionais da área de fotografia, documentação e história, bem como aquelas ligadas ou que tenham conhecimento do personagem. Desta forma, cada imagem poderá ser analisada, não apenas pela sua vertente fotográfica, como também pelo seu contexto, embasadas no objeto analisado.

Para a construção desse trabalho, é importante levar em conta que o acervo coletado muitas vezes possui importância, além de histórica,

sentimental para seus proprietários. Desta forma, as fotografias devem ser manipuladas com cuidado e organização para que não haja danos ou extravio do documento. As imagens deverão ser digitalizadas e devolvidas no mesmo estado em que foram emprestadas.

Todo material fotográfico ou textual de autoria conhecida deve ser creditado corretamente, tanto aquele adquirido com terceiros como o que possivelmente venha a ser produzidos pela equipe da revista. Outra cautela necessária é com a concessão do uso de imagens por parte dos proprietários das fotografias e dos fotografados. Tal ação deve ser permeada pela assinatura de termo específico de cessão.

6.7 Estrutura

A revista Videre será publicada em meio impresso e deverá conter em suas seções fixas:

- Editorial, com um texto de abertura, que introduz o tema da edição, no caso, Agripino Lima;
- Índice que indica a página de início de cada fase além da linha do tempo;
- Espaço para os agradecimentos da equipe;
- Espaço para explicar sobre a Revista Videre;
- Texto, que deverá ser escrito pelo orientador da pesquisa, Roberto Mancuzo;
- Uma lista com os nomes dos fotógrafos e acervos que indicam a procedência das fotografias;
- Expediente, uma ficha técnica que indica os nomes dos componentes da equipe da revista e colaboradores que participaram da realização da pesquisa de fotodocumentação, na última página.

Como conteúdo de reportagem serão quatro matérias principais que elencam fases importantes da história do personagem. A primeira fase fala sobre sua infância e juventude, contando como foi o começo de sua jornada, sua formação como professor, até chegar a Presidente Prudente para assumir o cargo de diretor de escola em 1960.

A segunda parte mostra o lado empreendedor do personagem e sua experiência como vendedor de livros, na terceira é abordado a construção do que viria a ser hoje a Universidade do Oeste Paulista. O quarto período revela o lado político de Agripino Lima, os cargos exercidos, suas obras e sua ligação com a população prudentina. Já a quinta fase conta sobre a ligação que Lima tem com a religião e a importância da fé em sua vida.

6.8 Projeto Gráfico

O projeto gráfico da primeira edição da revista *Videre* foi terceirizado e ficou a cargo da diagramadora, *designer* e jornalista Débora André (MTb. 29.050), que criou uma identidade visual com o propósito de diferenciação pelo público-alvo. A terceirização deste processo, a bem de uma melhor qualificação técnica, também será empregada nesta segunda edição, desta vez a cargo do *designer* Marcelo Mota. Porém, parte dela será reformulada, considerando que um segundo projeto deve apresentar progresso em relação ao primeiro, além de buscar a adequação da diagramação relacionada a outro foco. Como exemplo, a apresentação dos créditos, que além de mostrados ao lado das fotografias, serão tratados em uma página exclusiva, com o intuito de organizá-los para facilitar a leitura.

Para compor a capa, alguns dos elementos anteriores serão mantidos. São eles: o logotipo; dados com ano, volume; cidade e a fotografia que ilustra o assunto tratado. Nesse caso será escolhida uma imagem que represente o personagem e, na parte inferior da capa, o título desta edição: “A história de um homem por trás da imagem”.

Logotipo/Cabeçalho



FIGURA 20- Cabeçalho da capa da revista

Fonte: Marcelo Mota

As tipologias escolhidas para compor a revista são: *Seen Skew*, para compor o logotipo, *Franklin Gothic* em negrito e *italic*, para seções especiais e títulos e *Arial* para o corpo do texto e assinaturas.

Seções Especiais

Índice **Editorial** **Expediente**
Créditos **Apresentação**

Seções

O Início _____
O Empreendedor _____
O Político _____
O Religioso _____
O Religioso _____

Título

Franklin Gothic Italic
Franklin Gothic Italic

Texto

Arial corpo 10. Nononono nonono nonon
nonon non nononon nononon nonono nonon
nonon nono nonon nononono nonon nonon
nonon nonono.

FIGURA 21- Fontes usadas para compor seções especiais, títulos e corpo da revista.

Fonte: Marcelo Mota

A disposição das reportagens será em colunas, que incluirão também as imagens e seus textos-legendas quando necessário. O “olho”, recurso de edição, será utilizado para contextualizar o momento, com citações do próprio personagem ou de alguém ligado a ele, com intuito de atrair o leitor, conforme especifica MANUAL ... (2006).

O uso de sinais gráficos no projeto servem como um guia para a leitura do produto jornalístico, como setas e ícones indicativos. Os boxes e infográficos, como a linha do tempo que traz um retrospecto fotográfico da história de Agripino, seguem o mesmo padrão visual e tipográfico, marcando a identidade da revista. A cor predominante será o verde, por ser a cor característica do personagem, utilizada em várias tonalidades.

O formato gráfico é 210 mm (largura) e 300 (altura) mm, em papel especial *off-set* de gramatura 130 para a capa e papel *couchet* fosco, de gramatura 100 para as páginas internas, com aplicação de verniz para dar um acabamento clássico.

O objetivo é que o projeto gráfico seja ao mesmo tempo agradável e interessante aos olhos do leitor, tornando prazeroso olhar cada página produzida.

6.9 Recursos Técnicos

Os materiais a serem utilizados são: 3 computadores, 1 gravador, 1 impressora, 1 scanner, 2 resmas de papel sulfite, 100 folhas de papel *couchet* e 7 cartuchos de tinta preto e branco e colorido.

6.10 Recursos Financeiros

Os gastos para a produção da revista compreendem a impressão gráfica, sendo que o valor cotado pela Gráfica Cromograf foi de R\$ 5. 800, para uma tiragem de 1.000 exemplares (ANEXO G).

6.11 Recursos Humanos

A equipe que realizará o trabalho será composta por três integrantes: Bruna Cindy Yakabe, Carolina Tollstadius Armelin e José Assis Alves Ribeiro, responsáveis pela elaboração e produção da revista.

A pesquisa será feita pelos três integrantes, considerando a existência de vasto material a ser consultado. A elaboração das entrevistas também ficam a cargos de toda a equipe. As entrevistas serão realizadas por Bruna Cindy Yababe e Carolina Tollstadius Armelim, além de transcritas por José Alves de Assis Ribeiro. Os textos serão escritos por Carolina Tollstadius Armelin. A decupagem de material será feita por Bruna Cindy Yakabe. A edição será responsabilidade de Bruna Cindy Yakabe e Carolina Tollstadius Armelim; e a diagramação será feita pelo professor de *design* da Unoeste, Marcelo Mota.

7 MEMORIAL DESCRITIVO

7.1 Sem teoria pouco se faz

Julho de 2009. Nas férias foi dado o primeiro passo, fundamental para estruturar o TCC, com a leitura e fichamento de livros que abrangiam os temas pertinentes à pesquisa. Organizados de maneira cronológica, para facilitar a produção dos capítulos, foram selecionadas primeiramente as obras de metodologia, seguidas pelo conteúdo presente em edições de jornalismo compreendido de maneira geral, como, por exemplo, um livro de entrevistas, depois a especificidade em jornalismo de revista; posteriormente, os volumes pertinentes à área da fotografia e por último o material sobre a história da cidade de Presidente Prudente, onde nota-se que há uma boa qualidade informacional, percebida a preocupação em manter vivas as transformações sofridas pelo município. Como os tijolos de uma construção, a pesquisa bibliográfica é o alicerce de todo o trabalho, de onde são extraídos os conceitos, as idéias e compreendidos pontos essenciais o que propicia um entendimento capaz de proporcionar a elaboração de novas idéias acerca do que está sendo apreendido.

Pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores acrescido de suas próprias idéias e opiniões (DUARTE; BARROS; NOVELLI, 2009, p. 51).

Sobre o material relativo à fotografia é interessante destacar que muito do que foi lido, tratava-se de conteúdo totalmente novo para os autores, o que gerou produtivas discussões acerca do raciocínio de cada um até se chegar a um consenso e ordenamento de idéias dentro de um vasto campo,

permite o divagar do pensamento, mas que por sua vez deveriam estar focadas dentro do objetivo do trabalho.

7.2 Escavações fotográficas e o início das entrevistas

Uma surpresa na procura por fotografias. A maior fonte, o personagem a ser retratado e, o primeiro a ser consultado, disse não ter nenhum material imagético e que teriam ficado estes, em posse de Ana Cardoso Maia, sua ex-mulher.

A busca, então, pelos retratos, visto que a primeira parte do material deveria ser encontrada com a família de Agripino, não abrangia unicamente a matéria palpável, mas iniciava, paralelamente, o resgate de histórias. A irmã Doraci e o irmão Elias, ambos mais velhos, foram os primeiros contatados. Entre cafés adocicados, lembranças da infância na fazenda Graminha.

Dona Ana Cardoso abriu as portas de sua casa e as do armário que guardavam, em álbuns e pequenas caixas, lembranças de sua vida e memórias da infância do ex-marido. Com ela foram encontradas as primeiras fotografias de Agripino enquanto criança, além daquelas já esperadas, como as de casamento. Foi ela quem também organizou com uma sobrinha que iria a Garça, cidade onde ainda mora uma das irmãs de Agripino, (a tia “Mariinha”), para que a moça trouxesse de lá mais fotos que representassem momentos familiares.

Os períodos de ápice na vida do ex-prefeito mantinham outra preocupação. O fotógrafo Paulo Miguel, professor de fotografia da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, foi entrevistado para, além de dar suporte quanto ao entendimento da fotografia em si, propiciar as rédeas na busca de material imagético considerado por ele fundamental. Foi ele ainda que forneceu fotografias de extrema relevância para o trabalho, como o *making off* produzido durante a retirada dos símbolos “40x4”, na primeira

gestão de Agripino na prefeitura e as imagens da paralisação do MST, que foram publicadas pelo jornal *Estado de S. Paulo*.

Vários outros fotógrafos da cidade que atuaram durante a carreira política do homem a ser retratado foram procurados. A resposta foi unanimidade. O acervo que possuíam foi mantido no jornal em que trabalhavam. Um desses profissionais relatou a tristeza que sentiu ao chegar ao arquivo do antigo emprego para procurar parte do material que havia produzido, onde encontrou mofo e muita desorganização.

Os jornais não abriram o acervo à equipe da revista. Foi disponibilizado que uma pessoa interna da redação fizesse a busca e, depois de aprovado pelo editor, o material pudesse ser levado, escaneado e devolvido.

Um terceiro material orientador foi indicado e produzido pelo atual secretário municipal de cultura, Fábio Nogueira. Organizados em 32 pastas, no teatro César Cava, estavam recortes de jornais que visavam compreender a trajetória política de Agripino. As datas, manchetes, momentos marcantes, serviram para, além de compreender a história, determinar quais fatos deveriam estar representados fotograficamente. Esta etapa do trabalho compreende um fato interessante. Ao folhear e estudar cada recorte de jornal foi notável perceber como os veículos de comunicação tratavam cada notícia, inclusive a diferença editorial que distinguia o tratamento de um mesmo fato publicado em um jornal e em outro. Além disso, nota-se o tempo perecível de cada fato. Até quando é notícia? Quando morre? Uma história que talvez pudesse ser matéria de capa, mas que por algum motivo foi relegada a uma parte menos visível nas páginas da edição.

Em um armário na reitoria, álbuns organizados e especificados também foram disponibilizados. Dentre várias imagens institucionais, outras históricas que hoje estão inseridas na revista. Ainda além, o material fornecido pela Coordenadoria de Comunicação, que vai desde fotografias a jornais institucionais, foi fundamental.

Para contextualizar historicamente a vida de Agripino, momentos marcantes da época foram procurados no Museu e Arquivo Histórico de

Presidente Prudente Antonio Sandoval Netto. Também foram solicitados em arquivos online de veículos como a revista *Veja* e jornais *Correio Brasiliense*, *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, onde nota-se que não há uma sistematização ainda capaz de suprir a necessidade de uma pesquisa histórica, considerando por exemplo que o material disponível data inicialmente de 1993 ou 1996, mesmo que a existência do veículo seja de muitos anos anteriores.

7.3 Entrevistas, continuação na busca por fontes

Não havia o interesse básico nas fotografias, mas sim em compreendê-las devido aos fatores que levaram a sua existência, bem como ainda a busca por momentos não representados pelo *click*. Importante perceber como a política, considerando a força representativa de Agripino no município, é capaz de causar desconfiança e receio por parte dos entrevistados.

Mesmo assim, foram ouvidas pessoas de áreas diferentes, capazes de colaborar tanto com a pesquisa quanto com a peça prática, sendo eles o bacharel em história Ronaldo Macedo e a socióloga Maria Angela D'Incao. Com presença marcada na vida de Agripino, o casal Homéro e Leodete Ferreira, respectivamente jornalista e coordenadora de comunicação que com ele dividiram parte da vida profissional.

Persistência é realmente palavra chave, mas em muitos momentos, foi percebido que pessoas fecharam-se para dar entrevistas. Mesmo com muita insistência e com o cuidado para não extrapolar o limite que separa este desejo da impertinência, durante meses algumas fontes foram procuradas, mas fecharam as portas.

Mesmo assim, acreditar em uma resposta, mesmo que demorada, trouxe uma surpresa. Boris Kossoy, autor de obras sobre a fotografia entendida como forma de documento histórico, e por isso um escritor fundamental para a produção do trabalho, respondeu a um email enviado em nome da equipe e

disse não poder realizar uma entrevista pessoalmente por estar ainda na recuperação de uma cirurgia, mas a forneceu por meio eletrônico.

Algumas conversas foram registradas, outras não. No limiar entre imparcialidade e interferência para a produção de material, o sentimento que ficou para a equipe é de admiração pela figura de Agripino, o que não deve ser entendido como manipulação, mas passível da compreensão de que se não houvesse um mínimo de interesse e gosto por esta história, o trabalho não haveria porque ser produzido.

7.4 Apuração, seleção e edição de material fotográfico e produção textual

No total foram escaneadas quase 815 fotografias, considerando que nenhum outro material, exceto o do Arquivo Histórico e Museu Prefeito Antônio Sandoval Netto e parte do acervo da Coordenadoria de Comunicação da Unoeste, foi encontrado já em acervo digital. A seleção destas imagens foi realizada baseada nos seguintes critérios: importância dentro do contexto, raridade e qualidade estética. Mesmo realizada a pesquisa em recortes de jornais, nenhuma fotografia foi extraída diretamente desta fonte, mas procurada em outros caminhos, como nos arquivos dos próprios jornais e fotógrafos, já que a qualidade gerada pela digitalização deste material é baixa. Nota-se aqui, por exemplo, as fotografias do *making off* do profissional Paulo Miguel durante a produção de material imagético no decorrer da notícia da destruição dos símbolos “40x4”, que devido a boa qualidade e peculiaridade entrou como parte importante da revista. Ainda quanto ao processo de separar o material, a escolha da capa foi uma tarefa difícil, já que buscava-se um retrato capaz de identificar Agripino em todas as suas vertentes e ainda aproximar o leitor de uma leitura mais secundária e, ao mesmo tempo quase instantânea para fazê-lo compreender o sentido do título “A história de um homem por trás da imagem”.

A alteração do material foi realizada o mínimo possível, apenas para facilitar a leitura da fotografia, além de pequenos cortes que possibilitaram um melhor enquadramento na diagramação. Em fotos muito claras por exemplo, onde rostos ficavam praticamente apagados em documentos já envelhecidos pelo tempo, foi utilizado o contraste.

A produção textual foi parte trabalhosa devido à grande quantidade de histórias. Juntar todo o conteúdo e recheá-lo com fotografias e legendas foi como montar um quebra-cabeças, o que reforça a conclusão inicial, de que toda a história de Agripino Lima estava fragmentada. Checar as informações, cruzá-las, checar novamente, descobrir que os anos não coincidiam, nem os períodos a que o personagem referiu-se, ou quantias e ainda mesmo nomes de outras pessoas e cargos que ocupavam, exigiram um grande esforço de apuração. Processo que procurou embasar-se em documentos como jornais ou ainda terceiras fontes, como o assessor Ismael Silva e a ex-esposa do personagem Ana Cardoso. Cabe aqui pontuar sobre a memória. Aos 78 anos as lembranças de Agripino por vezes demonstraram confusão, mas em determinados momentos foram dignas de surpreender os entrevistadores, certa era em nomes e datas. Mesmo assim, o que foi percebido é que havia realmente necessidade de certa urgência para a produção deste tipo de trabalho biográfico para não permitir que tais mensagens armazenadas ainda dentro da recordação de Agripino fossem embora com o tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de um homem, em seus 78 anos de vida e seus muitos afazeres que estabeleceram uma ligação direta com a cidade de Presidente Prudente. Personagem marcante, Agripino de Oliveira Lima Filho é reconhecido pela população ao desfilar nas ruas da cidade com o emblemático crucifixo pendurado no pescoço. Sua vida está atrelada com o município e vice-versa, por isso o interesse em narrá-la neste trabalho.

Dar continuidade a revista Videre foi um encaixe ideal para traçar a trajetória do personagem. A divisão das fases, para facilitar tanto a pesquisa quanto o entendimento do leitor, foi feita de maneira cronológica, sendo: o início com a infância e a juventude, o vendedor de livros, o empreendedor, o político e o religioso, sendo esta última a única que não é datada, pertencente na vida do ex-prefeito desde o princípio de sua existência.

A fotografia, fonte de caráter documental, teve sua busca em diferentes etapas, com pessoas e empresas distintas, como acervos pessoais de familiares, do jornal O Imparcial, arquivo da Unoeste e fotógrafos da região. Compreendido então que o material iconográfico, além de contar a história de um prédio tombado patrimônio histórico, pode ser também a base de uma revista que visa traçar uma vida e conseqüentemente estabelecer um paralelo histórico tanto regional quanto nacional.

Uma das dificuldades da pesquisa foi lidar com a memória, fonte de pesquisa que por vezes apresentou-se falha e confusa e exigiu assim que fosse feito um maior esforço durante a fase de apuração que permaneceu até os últimos instantes.

A Videre contribui para resgatar e arquivar a história do município, rica em detalhes, personagens, passagens e lugares. Já em sua segunda edição pretende ser um veículo que fomente ainda mais a produção deste tipo de material em novos números, que venham a somar com o conhecimento cultural de Presidente Prudente. Além disso, como continuação da intenção

das primeiras autoras, outro objetivo é que o projeto saia definitivamente do papel.

As autoras esperam que ela sirva como um dos elementos de apoio para as atividades extras do curso na habilitação em Jornalismo, e possibilite aos alunos a prática jornalística do estilo magazine, em especial da fotodocumentação, haja visto que é uma área em desenvolvimento pouco divulgada (VALE *et al*, 2008, p. 107).

A peça prática foi desenvolvida como parte que sustentasse a pesquisa científica acerca da área da fotografia. Visa compreender esta fonte como forma de documento histórico, com sua análise adequada e contribuir para novos projetos.

Nota-se que o material arrecadado, ainda parte de uma grande extensão, é capaz de dar um passo inicial para a compreensão da figura de Agripino Lima, que terá desta forma sua imagem perpetuada no tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A REVISTA NO BRASIL. São Paulo: Editora Abril, 2000.

ABRIL. **Dos réis ao real: as moedas no Brasil.** Desenvolvido pela Editora Abril, apresenta dados históricos sobre a conversão da moeda brasileira. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/economia/reis-ao-real-moedas-brasil-36234.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2009.

ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da memória.** Campinas: Pontes Editores, 2007

AGRIPINO fecha rodovia e barra MST. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 30 de jan, 2002. Cidades p. 5B.

AMARAL, Luis. **Jornalismo: Matéria De Primeira Página.** 2ed. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1978.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da Fotorreportagem no Brasil – a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

APEC - UMA VISÃO FOTOGRÁFICA. Presidente Prudente: UNOESTE, 1984

ASSUNÇÃO, Vânia Noeli Ferreira de. O Satânico Dr. Go: Golbery e um Projeto de Desenvolvimento e Dependência para o Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 70, março, 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/070/70assuncao.htm>>. Acesso em: 05 out. 2009.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos.** 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa.** São Paulo: FTD: LISA, 1996.

CAMARGO, Isaac Antonio. **Reflexões sobre o Pensamento fotográfico: pequena introdução às imagens e à fotografia.** Londrina: ed. EDUEL, 1999.

BRASIL. Constituição (2003). **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa.** São Paulo: Ática, 1993.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto Gráfico: teoria e prática da diagramação.** São Paulo: Summus, 1987.

CENTRODOPROFESSORADOPAULISTA. **Quem Somos**. Desenvolvido pelo Centro do Professorado Paulista, apresenta o histórico da criação desse grupo e uma lista com o nome dos presidentes da associação. Disponível em: < <http://www.cpp.org.br> > Acesso em: 23 set. 2009.

D'INCAO, Maria Angela. **Presidente Prudente**: capital regional. Presidente Prudente: Letras à Margem, 2007.

DAVALLON, Jean. **A imagem. Uma arte de memória?** In: ACHARD, Pierre [et al]. Papel da memória. Campinas: Pontes Editores, 2007

DENARI, Cecília Guarnieri (Coord). **Normas e Padrões para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos e Científicos da Unoeste**. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

DIOCESEPRESIDENTEPRUDENTE. **Bispos da Diocese**. Desenvolvido pela Diocese de Presidente Prudente, apresenta uma lista dos bispos e o histórico de sua participação das igrejas da cidade. Disponível em: < http://www.diocesepresidenteprudente.com.br/bispos_marochi.asp >. Acesso em: 20 out. 2009.

DÍVIDA de PP é de R\$ 15 milhões. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 04 de jan. 2001. Caderno Oeste Notícias, p. 4.

DKW. **A DKW**. Desenvolvido por Paulo Renato Arantes, apresenta a história do carro DKW, resgatando a importância do automóvel para a época, além de mostrar muitos dos seus modelos. Disponível em: < <http://www.dkw.com.br/com/dkw/>>. Acesso em: 10 out. 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio; NOVELLI, Ana Lucia Romero. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1999.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do Diabo: história de uma estrada de ferro na Amazônia**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia; para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D'Água. 2008.

FREUND, Gisele. **Fotografia e sociedade**. Lisboa: Vega, 1995.

JORNAL CADERNO UNOESTE [da Universidade do Oeste Paulista]. Presidente Prudente. 2009

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KOSSOY, Boris. **Entrevista Revista Videre**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por carolkuka@hotmail.com em 05 out 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3 ed. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é fotografia**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1997.

LEITE, Míriam L. M. **Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente**. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

LIDERANÇAS aprovam projeto de municipalização da água. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 03 de abril, 2001. Capa.

LOMBARDI, Kátia Hallak. Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.4, n.4, p.35-38, 2008.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MACHADO, A. **A Ilusão Especular: Introdução à Fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANINI, Miriam Paula. **Imagem, imagem, imagem...: o fotográfico no fotorromance**. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 258.

MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE S. PAULO. 2.ed. São Paulo: PubliFolha, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade, 1923. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6.ed/3reimp. São Paulo: Atlas, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Ed. Forense- Universitária 1982.

MEMORIAVIVA. **O Cruzeiro**. Desenvolvido por Sandro Fortunato, apresenta um resgate da história da revista O Cruzeiro e um acervo digital de algumas edições. Disponível em: < <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro> >. Acesso em: 18 out. 2009.

MIGUEL, Paulo. **Entrevista Fotodocumentação**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por fadinha_bc@hotmail.com em 05 out. 2009.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O Uso da Imagem na Antropologia. In SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: HUCITEC, 1998.p. 117.

O PREFEITO que parou os sem-terra de Rainha. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 03 de fev, 2002. Caderno Geral, p. A13.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para edição jornalística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PIAULT, Marc Henri. Real e ficção. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Imagem e memória: ensaios em Antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.p.151.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios**. São Paulo: Publifolha, 2009.

PREFEITURA de Prudente recebe o planetário. **Oeste Notícias**, Presidente Prudente, 15 de set, 2002, p. 1-3.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTACASAPRUDENTE. **Presidente Prudente e a Santa Casa**. Desenvolvido pela Santa Casa de Misericórdia de Presidente Prudente, apresenta a história do surgimento do hospital na cidade e a ligação do médico Leonardo Cerávol. Disponível em: <http://www.santacasaprudente.org.br/m_conteudo.php?conteudo_id=4&acao=detalhes>. Acesso em 20 out. 2009.

SANTOS, Wilson da Silva. A concepção privatista e excludente da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 4024/61: uma análise introdutória. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 76, setembro, 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/076/76santos.htm>>. Acesso em: 05 out. 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: HUCITEC, 1998. p. 20.

SÍMBOLO crucificado. **O Imparcial**, Presidente Prudente, 19 de jan, 1993. Capa.

SHERWOOD, Hugh C. **A entrevista jornalística**. São Paulo: Mosaico, 1981.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo** – Introdução a história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

TOLEDO. **Institucional**. Desenvolvido pela Faculdades Integradas "Antônio Eufrásio de Toledo" de Presidente Prudente, apresenta dados da faculdade, incluindo a história da sua criação. Disponível em:

<http://www.unitoledo.br/paginas/institucional/45_instituional.html>. Acesso em: 03 out. 2009.

UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA, UNOESTE 35 ANOS. Presidente Prudente: UNOESTE, 2007.

UNICAMP. **O Nascimento do uso fotodocumentarismo de crítica social e como seu "meio" para transformações na sociedade**. Desenvolvido pela Universidade de Campinas, apresenta artigos sobre fotografia e acervo digital de imagens. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/28/07.html>>. Acesso em: 02 ago. 2009.

UNOESTE. **Universidade do Oeste Paulista**. Desenvolvida pela Faculdade de Informática de Presidente Prudente. Apresenta um histórico sobre a universidade, com dados desde a inauguração até os dias de hoje. Disponível em: <www.unoeste.br>. Acesso em: 15 out. 2009.

VICENTE, Carlos Fadon. Fotografia: a questão eletrônica. In SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: HUCITEC, 1998. P. 328.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

ANEXOS

ANEXO A - Currículo de Agripino de Oliveira Lima, produzido por Leodete Gazoni Ferreira.

Agripino Lima Filho – Um homem de valor

Agripino de Oliveira Lima Filho, que nasceu em 31 de agosto de 1931, na Fazenda Graminha, município de Lençóis Paulista, foi registrado com o nome de seu pai. Oitavo filho do casal Agripino de Oliveira Lima (falecido em 07/12/1956) e dona Silvéria do Prado Oliveira Lima (falecida em 17/11/1985) cresceu numa família de 12 irmãos.

Os irmãos primogênitos de Agripino Lima contam que ele teve sérias dificuldades em seus primeiros anos de vida. Ele não conseguia caminhar normalmente como as demais crianças de sua idade devido a um problema físico nas pernas.

O médico da família, Antonio Leão Tossi disse que ele necessitava de uma cirurgia corretiva, mas os pais, de origem humilde, não tinham condições. Seus irmãos ajudavam a carregá-lo e assim o tempo foi passando. Somente com 4 anos começou a andar, e ainda assim com dificuldades.

A irmã mais velha, Doracy de Lima Velasques, conta que ele era muito apegado à mãe, mulher de fé inabalável que orava sempre a Deus pedindo que seu filho superasse a dificuldade física.

Desde pequeno, Agripino Lima Filho afirmava que queria ser alguém na vida. A família mudou-se para a cidade de Borebi (SP) e o menino cursou os antigos grupo e ginásio na cidade vizinha de Agudos (SP). Posteriormente, a família mudou-se para Garça (SP), onde o pai estabeleceu-se no comércio, firmando-se posteriormente com um depósito de bebidas.

Agripino estudou na época o denominado curso normal, mas sempre afirmando: “Vou cursar o normal, mas não serei somente professor” conta a irmã Doracy. Sempre ajudando o pai no trabalho diário, aprendeu a dirigir o precário caminhão apelidado por “Sassarico”. Ele próprio fazia as funções de motorista, vendedor e entregador de bebidas. A noite, ministrava aulas no curso de educação para adultos.

Nesse tempo, conheceu e firmou noivado com a professora normalista de Gália (SP), Ana Cardoso Maia. Em 1953 eles se casaram e continuaram residindo na mesma cidade de Garça, onde lecionavam. Lá nasceram os três primeiros filhos: Augusto César, Ana Cristina e Maria Regina, hoje empresários que também atuam na direção do complexo universitário Universidade do Oeste Paulista (Unoeste).

Paralelamente às atividades do magistério, Agripino trabalhava também como corretor de veículos. Em 1958, efetivou-se como diretor de escola no município de Alfredo Marcondes, onde a família residiu por dois anos. Em 1960 transferiu-se para Presidente Prudente onde nasceu o filho caçula, Paulo César Oliveira Lima, que exerceu mandatos como deputado federal.

Residindo em Presidente Prudente, Agripino complementava sua renda trabalhando no comércio de uma modesta livraria. Em 1968, graduou-se bacharel em Direito pela Instituição Toledo de Ensino. Em 1970, concluiu licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes.

Agripino, em companhia de sua família, trabalhava diuturnamente acumulando as funções de diretor da Escola Formozinho Ribeiro (na época, Escola da Vila Charlotte), vendedor de livros e sócio num escritório de advocacia.

Homem de visão empreendedora, juntamente com sua esposa Ana, também diretora de Escola, deu início em outubro de 1972, ao seu maior sonho: a Associação Prudentina de Educação e Cultura (Apec), onde foi, além de diretor presidente, professor titular da disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros (EPB) na primeira faculdade da Apec, a Faclepp – Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente. Desta época, até 1986, exerceu as funções de diretor geral das Faculdades Integradas Apec, e incansavelmente, acompanhou a instalação e o crescimento de cada uma, sempre comprometido com sua luta frente ao ensino superior prudentino.

Em 1987, o reconhecimento ao trabalho conjunto com sua esposa, chegava com a transformação das Faculdades Integradas, na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), hoje uma das mais bem estruturadas universidades brasileiras.

Unoeste

A história da Unoeste, esta obra gigantesca, merece um capítulo à parte na vida de Agripino Lima, tamanho seu desenvolvimento e sua importância para a cidade de Presidente Prudente.

Atualmente a Unoeste oferece 39 cursos de Graduação (Bacharelado, Licenciatura e Superior de Tecnologia); 43 cursos de especialização; nove residências em Medicina e sete em Medicina Veterinária; e três mestrados recomendados pela Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior): Agronomia, Ciência Animal e Educação.

Seus 3 *campi* constituem-se numa verdadeira cidade, atendendo cerca de 13 mil acadêmicos e oferecendo mais de 2,5 mil empregos diretos, além de gerar milhares de outros indiretos e alavancar de forma significativa a vida econômica da cidade com seus univeristários.

O campus I, onde nasceu a Apec, num terreno de 18.466,12m², altos do Jardim Bongiovani, hoje cidade universitária, possui 50.620,00m² de área construída em prédios de salas de aulas, três clínicas odontológicas, clínicas de fisioterapia, laboratórios diversos, laboratório de análises clínicas, de análise de água, farmácia, biblioteca central, pinacoteca, teatros, anfiteatros, postos bancários e outros, ginásio de esportes com quadra poli-esportiva, salões de ginástica, calçadões, reitoria, secretarias, setores administrativos e departamentos diversos.

O campus II que abrange 1.098.435,13m², às margens da Rodovia Raposo Tavares, km 572 abriga 172.757,74 m² de área construída com mais 23.040,31m² em construção.

Diariamente visitado pela comunidade, seu harmonioso conjunto arquitetônico e paisagístico reflete a valorização da natureza e a preservação de espécies exóticas da fauna e flora brasileiras.

Constituído por infra-estrutura de vanguarda, o campus II é um dos mais belos cartões postais de Presidente Prudente. Com seus pavilhões de salas de aulas, laboratórios específicos, igreja, salões sociais, centros de convivência e lazer, restaurantes e lanchonetes, quadras poli-esportivas, hospital veterinário modelo no país, centro zootécnico para cultivo e manejo de diferentes culturas no campo das ciências agrárias, 30 tanques e represa para criação e reprodução de peixes, pomar, horta, estação meteorológica, fábricas de artefatos de concreto, marmoraria, serralheria, marcenaria, produtos de limpeza, almoxarifado, setor de transportes, postos e oficinas de manutenção de veículos e implementos agrícolas e inúmeros outros setores.

Complementando o desenvolvimento de atividades voltadas ao Ensino, Pesquisa e Extensão na área das ciências agrárias, a Fazenda Experimental da Unoeste, no distrito de Nova Pátria, com 1.260.254,64m² destinada à prática e pesquisa agropecuária, como melhoramento genético de raças, fruticultura e cereais.

O campus III com 1.950.520,00m² e cerca de 2.000m² de área construída alia benfeitorias com a originalidade de um verdadeiro santuário ecológico.

Nesse complexo, o arrojado Hospital Universitário “Dr. Domingos Leonardo Cerávolo” (HU), construído numa área de 44.489,77m², próxima ao campus I vem se firmando como Centro referencial em Saúde. O HU, com 4 pavilhões projetados para 1.100 leitos, possui até igreja e oferece unidades especializadas, dotadas da mais alta tecnologia onde equipes de renome atuam no exercício da medicina de ponta.

Acima de toda essa obra monumental está o valor que ela representa ao longo desses 35 anos de atividades no Ensino Superior, formando milhares de profissionais conceituados que atuam no país e no exterior, e pelo que tem realizado em prol da 10^ª Região Administrativa do Estado no campo assistencial.

Média de atendimentos

Diariamente, cerca de 1200 pessoas recebem algum tipo de atendimento médico, odontológico, fisioterapêutico, nutricional, psicológico, de enfermagem ou em fonoaudiologia. São cerca de 30.000 atendimentos no mês, uma média mensal de 24.000 exames que vão de análises clínicas ao campo da tomografia computadorizada e da ressonância magnética. A assistência social estende-se a todas as áreas mantidas pela Unoeste, como a engenharia civil, ciência da computação, ciências jurídicas, agrárias e humanas e ultrapassa as fronteiras da área universitária atendendo dezenas de outras instituições.

É incalculável a extensão e a importância da Universidade do Oeste Paulista no contexto regional em que está inserida. O espírito carismático e empreendedor de Agripino é uma marca registrada de trabalho, filantropia e desenvolvimento.

Além do atendimento diário prestado pela Unoeste, a Fundação Agripino Lima desenvolve campanhas tradicionais como de Agasalho, Festa das Mães, doações de medicamentos e outros produtos para mutirões de

Saúde promovidos em conjunto com as faculdades, construções de 8 igrejas, reformas e ampliações em asilos, hospitais, creches e outras entidades, doações de consultórios odontológicos, doação de material de construção, material gráfico, legumes e verduras, produção animal, e uma infinidade de outras doações.

Homem público

O político Agripino Lima afirma sempre que não prioriza o partido e sim o caráter do homem público. Por muitos anos, pertenceu ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Jânio Quadros. Convidado pela presidência do Partido da Frente Liberal (PFL), lá permaneceu até 1998, quando decidiu retornar sua filiação para o PTB. Atualmente está filiado ao PSC (Partido Socialista Cristão). Sempre comprometido com questões sociais exerceu significativos mandatos políticos.

Nos anos de 1971 a 1973 foi presidente do Centro Professorado Paulista (CPP) local. Foi vereador na Câmara Municipal de Presidente Prudente por duas legislaturas (1972/1976 e 1977/1982). Exerceu o mandato de deputado federal de 1986 a 1990; vice-prefeito prudentino de janeiro de 1988 a dezembro de 1992.

Quando deputado federal, Agripino Lima participou da elaboração da Constituição Federal. Apresentou 132 emendas tendo 51 aprovadas. Foi classificado entre os 10 deputados que mais trabalharam.

Prefeito prudentino

Em janeiro de 1993 foi eleito prefeito municipal de Presidente Prudente. Sua gestão até 1996, sob o slogan “O povo no poder”, marcou o desenvolvimento da cidade pelo seu estilo dinâmico e popular de administrar.

Entre suas principais obras destacam-se a Cidade da Criança – pólo educacional (escola-oficina), ecológico e recreativo construído no estilo europeu. A construção de 5 unidades básicas de Saúde nos bairros periféricos e reformulação em todo o sistema de Saúde municipal. A criação dos PAIPs – Programa de Atendimento à Infância Prudentina - abrangendo creches e pré-escola e reformulação dos CIEMs, num total de 92 unidades atendidas, onde 44.040 crianças recebiam diariamente além de educação, cerca de 80 mil refeições diárias, banho, higiene e tratamento bucal. Reforçou a merenda escolar com 30.000 litros de leite de soja diários, além do leite integral, o mesmo número de pão francês com mortadela. As principais refeições, sempre a base de carnes, peixes, aves, legumes e cereais.

Para os funcionários da Prefeitura e Prudentino, incorporou melhorias salariais e atendeu uma antiga reivindicação dos servidores municipais: 4.300 cestas básicas com 17 itens e 45 kg cada.

Construiu a Escola de Curtimento de Couro; pavimentou mais de 60 bairros prudentinos com 2 milhões de metros quadrados de asfalto; fez mais de 40 mil metros de galerias. Na habitação, desapropriou terrenos e doou 6.000 lotes urbanizados fornecendo plantas e orientação para as construções. Em

parceria com a Fundação Agripino Lima, através do Projeto Casa Solo Cimento, construiu mais de 100 moradias populares em regime de mutirão e em parceria com o governo estadual, entregou 540 apartamentos da CDHU.

Implantou o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município; Comprou e incorporou 150 alqueires para viabilizar obras na cidade; Criou Escolinhas e inúmeros Projetos nas diversas modalidades esportivas atendendo milhares de adolescentes; ampliou e reformou completamente toda estrutura do Estádio Municipal Prudentão com capacidade para 65 mil lugares incentivando o Esporte em todas as suas vertentes, dando sustentação a grandes clássicos do futebol paulista. Na gestão de Agripino Lima, Presidente Prudente sediou os Jogos Regionais/96. Oito atletas prudentinos foram para Atlanta, de onde trouxeram títulos e medalhas significativas. Construiu e reformou centenas de praças e quadras esportivas, reformou o Centro Olímpico e Estádio Caetano Peretti.

Instituiu o vale-transporte; Sanou dívidas de 20 anos do município; Criou a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. Reativou o Distrito Industrial (pavimentação e iluminação), adquiriu novas áreas, promoveu a doação de terrenos com toda infra-estrutura, incentivando a instalação e o desenvolvimento de mais de 60 indústrias e o fortalecimento da agropecuária regional.

Adquiriu 150 novos maquinários, caminhões e veículos, renovando toda a frota da prefeitura; construiu rotatórias, estradas vicinais, viadutos, pontes, passagens, urbanização e paisagismo em áreas críticas como dos trilhos da Fepasa; alargamento e extensão de avenidas; implantou significativos projetos na Secretaria da Criança e Família.

Agregou a Secretaria de Turismo à Cultura reavivando Festivais de Teatro, Dança, Música, campanhas e o trabalho do Fundo Social de Solidariedade.

Em seu mandato de prefeito, fez questão de nunca receber o salário que lhe era direito, doando-o a entidades assistenciais. No primeiro dia de sua gestão, pediu que retirassem as portas do seu gabinete e sempre atendia a população e autoridades indistintamente. Não utilizava o elevador do executivo e quando viajava para resolver problemas da prefeitura, utilizava seus meios de transportes particulares. Em muitas obras de grande porte, colocava os caminhões e máquinas da sua Universidade para agilizar os serviços.

Deputado Estadual

Em 1998, Agripino Lima foi eleito deputado estadual com 99.272 votos, ficando entre os cinco mais votados e o primeiro do seu partido, na época, o PFL.

Na Assembléia Legislativa, apresentou mais de uma centena de indicações ao governador Mário Covas para contemplar interesses da comunidade do extremo-oeste paulista. Fez 135 emendas ao Orçamento do Estado, objetivando o repasse de verbas para as entidades de assistência social de Presidente Prudente e região.

Através de sucessivos pronunciamentos e audiências com o secretário da Agricultura e o governador do Estado, conseguiu anistia para multas de ICMS lançadas injustamente contra os produtores de cereais.

Promoveu intensa campanha – discursos, requerimentos, indicações e audiências – junto ao governo do estado para que fossem retomadas as obras dos trevos da Andorinha e da Ceasa, situados no perímetro urbano de Presidente Prudente.

Conseguiu a construção, dos trevos de acesso ao Campus II da Unoeste e à cidade de Álvares Machado (SP) e provocou o planejamento da duplicação da Rodovia Raposo Tavares, de Assis (SP) até Presidente Epitácio (SP).

Propôs, e o Tribunal de Justiça incluiu no Projeto de Reforma da Organização Judiciária do Estado, a criação de mais 3 varas para a Comarca de Presidente Prudente – uma delas para feitos referentes ao Estatuto da Criança e do Adolescente.

Liderou luta vitoriosa para que fosse retomado o Plano de Refinamento das Cooperativas Agropecuárias e defendeu com inúmeros pronunciamentos na Tribuna da Assembléia Legislativa, novos incentivos ao Plano Nacional do Alcool.

Agripino- Homem de Coragem e Respeito

O sentimento fraterno que Agripino mantém pela cidade de Presidente Prudente, o levou a pleitear a direção da prefeitura municipal em 2001, sendo eleito para o mandato 2001/2004.

Defensor da ordem e respeito à coisa pública, em 2002, barrou uma marcha de 3 mil sem-terras que viriam à Presidente Prudente fazer um mega-protesto ameaçando a segurança e a tranqüilidade da cidade. Foi a primeira autoridade brasileira a enfrentar os líderes do MST como José Rainha Júnior e a denunciá-los por formação de quadrilha e destruição de propriedades particulares.

Em 2004, o homem de atitudes firmes e ousadas, foi reeleito com mais de 62.000 votos. Foi o primeiro governante do município a ocupar a prefeitura por três mandatos pelo voto popular.

O nome, Agripino de Oliveira Lima Filho, marca o progresso de Presidente Prudente, desde 1972. Adotou o lema do brasão prudentino: “Labor omnia Vincit”, O TRABALHO TUDO VENCE.

**ANEXO B - Dados sobre Agripino de Oliveira Lima fornecidos por Homéro
Ferreira**

Um caipira para governar São Paulo

Ao deixar o cargo de prefeito, no primeiro se três mandatos, Agripino Lima tentou ser candidato a governador de São Paulo. Tinha administrado Presidente Prudente de 1993 a 1996, pelo PFL. Em junho do ano seguinte colocou em ação o plano da pré-candidatura para ser o sucessor de Mário Covas, do PSDB.

O primeiro ato ocorreu em Brasília. Esteve no Congresso Nacional para falar com o presidente do Senado, o líder nacional do PFL Antonio Carlos Magalhães. Seu filho Paulo Lima era deputado federal. Foi quem agendou a audiência, num determinado dia pela manhã. Agripino Lima chegou na véspera, à tarde. Decidiu antecipar a conversa.

Foi ao Congresso e se fez anunciar, pela secretária, ao senador ACM que interrompeu uma reunião para atendê-lo numa ante-sala do gabinete da presidência. Objetivo, do tipo direta e reto, resumiu o que pretendia: “Vim pedir sua benção para ser candidato ao Governo de São Paulo”.

A resposta: “Você tem a minha benção e se vencer a convenção tem também o meu apoio”. Trocaram mais algumas palavras, tiraram fotos e cada qual retomou sua missão. Agripino Lima resolveu que iria falar com o vice-presidente da República, também seu correligionário Marco Maciel que estava ocupando interinamente a presidência, pois o presidente Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, encontrava-se no exterior.

Com fácil trânsito em Brasília, onde foi deputado constituinte e um dos que mais contribuiu na confecção da Constituição Federal de 1988, Agripino Lima falou com Maciel mesmo sem ter marcado audiência. Inclusive, foi atendido rapidamente, passando a frente de várias autoridades que aguardavam numa ante-sala para falar com o presidente interino.

Para Maciel foi feita idêntica comunicação, que se resumia no pedido para que as lideranças pefelistas de São Paulo, especialmente o presidente da executiva estadual Cláudio Lembo promovesse a convenção, dando oportunidade a quem se interessasse em disputar o cargo de governador. Historicamente, o PFL era caldatário, sempre negociando o vice. Para Agripino, estava na hora do partido ser a cabeça e não a calda.

Os dias passaram, e a executiva paulista relutava em receber Agripino Lima. Havia o pré-compromisso de apoio à candidatura de Paulo Maluf, do PPB, articulado por um grupo liderado pelo ex-ministro da Agricultura Antonio Cabrera e pelo deputado federal Gilberto Kassab. Porém, a posse de Lembo na reitoria da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em julho, foi a grande oportunidade de um encontro pessoal para Agripino Lima que recebeu o convite quando respondia pela administração da Unoeste.

Convidado, foi a São Paulo. Ao chegar ao pátio, foi recebido por Lembo e esposa que estavam acompanhados do governador Mário e Lila Covas, junto com o seu vice Geraldo e Lú Alckmin. “Aripino, você conhece o Covas?”, perguntou Lembo. Sem pestanejar e com voz alterada, em alto e bom tom, respondeu: “Conheço esse cara aí sim. Paguei a campanha dele na minha região. Subi no palanque com ele. Fui prefeito e para poder falar com ele tive que ameaçar derrubar porta do gabinete no Palácio dos Bandeirantes”.

O clima pesou. Todos ficaram desconsertados. Lembro recompôs a conversa, conduzindo os convidados ao salão nobre. Menos o casal Covas, que foi embora. Sem que tenha dito nada a nenhum dos seus acompanhantes, Aripino Lima poucas horas depois conseguiu resultado ao plano que possivelmente engendrou, caladamente. Ao final da cerimônia, solicitou de Lembo uma reunião da cúpula pefelista. Polido e temeroso por um novo constrangimento, o líder partidário marcou o encontro para o dia 11 de agosto de 1997.

Obstinado em sua pretensão e para evitar qualquer contratempo, viajou na véspera para São Paulo, onde encontrou-se com seu filho Paulo Lima. Assim, no dia marcado e minutos antes do horário combinado lá estava Aripino Lima e sua comitiva no escritório do deputado federal Aires Cunha, dono da Blue Life, na rua Belo Horizonte. Os participantes foram chegando aos poucos, entre os quais compareceram Cláudio Lembo, Guilherme Afif Domingos, Romeu Tuma, Antonio Cabrera, Régis de Oliveira, Aires da Cunha e o publicitário Mauro Salles.

Repórteres dos principais órgãos da imprensa paulista lá estavam, para tratar dos desdobramentos dos fatos da saída de Régis de Oliveira da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, assim que estouraram as denúncias contra o prefeito Celso Pitta, do PPB, do qual era vice. Havia a suposição de que Oliveira conspirava contra para poder ocupar a cadeira de prefeito.

Fato é que Lembro abriu a reunião dizendo que havia dois assuntos a serem tratados e que o caso Oliveira deveria ocupar um pouco mais de tempo, mas que todos estavam interessados em se inteirar da proposta de Aripino Lima. Porém, a formulação deveria ser breve, já que o senador Romeu Tuma tinha viagem marcada. “Então, por ordem alfabética, passo a palavra ao Aripino”. Supostamente, era parte de estratégia para “engolir” o ex-prefeito de Presidente Prudente e pretendo candidato a governador.

“Olha, eu sei da viagem do colega Tuma. O meu outro avião o espera para ele ir à minha cidade, onde hoje à noite na minha universidade fará a abertura da Semana Jurídica. Pela simpatia que tenho por este colega e compreendendo sua pressa, faço questão de permitir que fale primeiro. Não me importo de falar depois”, disse calma e educadamente; olhos nos olhos. Assim, desarticulou o andamento pretendido para a reunião.

Todos ficaram desarmados e Tuma disse o que pensava a executiva, de que a posição do PFL deveria ser bem pensada, mais no sentido de se fazer coligação do que ter candidatura própria. Ao se pronunciar, Agripino Lima manifestou o pensamento de que estava na hora do partido deixar de ser caldatário; defendeu candidatura majoritária própria e falou de sua fidelidade ao partido. Fez um único pedido aos dirigentes do partido: “Peço somente uma convenção justa e limpa. Não peço mais nada, nem a ajuda e nem os votos de vocês”, afirmou.

Diante de tamanha sinceridade e meio a conversas atravessadas, num assessor de Afif Domingos disse não proceder a fidelidade partidária de Agripino Lima, que na eleição presidencial de dois anos antes tinha se desfilado do PFL e se filiado ao PL. Foi aí que a calma de Agripino Lima seu lugar a exaltação. Ergueu os braços abertos e gritou por três vezes “Deus existe”. Estava vermelho... Até então, ninguém entendia nada.

Após uma pausa, emendou: “Sim, eu sai do PFL e fui para o PL, onde fiquei pouco tempo. Fiz isso para atender um colega de São Paulo, em quem confiava e que era candidato a presidente da República. Minha mudança de partido significou para ele mais tempo de campanha na televisão. Não negocieei. Não cobre nada. E até hoje ele não me falou nem muito obrigado”. Os interlocutores de Agripino Lima engoliram seco, ouviram o que tinha a dizer e não lhes restaram alternativa a não ser marcar a convenção.

Naquela mesma manhã, Agripino Lima esteve na sede da Gazeta Mercantil. Atendeu o convite do diretor presidente, o deputado federal por várias legislaturas Herbert Levy que foi dono do banco Itaú e da revista IstoÉ. Também esteve presente Antonio Cabrera, a quem Levy tentou demover da idéia de trocar Paulo Maluf por Agripino na condição de abrir frente de apoio junto aos delegados do PFL e ser candidato a senador. Cabrera refugou, pois era pela coligação do partido com o PPB; o que certamente já tinha combinado com Maluf.

A partir de então, Agripino Lima percorreu cada cidade do interior paulista onde o partido possuía delegado partidário, em defesa da candidatura própria. Os pefelistas que se aliaram a Maluf fizeram campanha contrária, especialmente Cabrera, que é de Ribeirão Preto, e Kassab, de São José do Rio Preto. Na convenção do PFL prevaleceu a corrente pela coligação, contemplando Maluf com o apoio e o horário de televisão. Na eleição, em segundo turno, Maluf perdeu para Covas. Agripino se candidatou e foi eleito deputado estadual em 1998 com quase 100 mil votos; uma votação muito expressiva, que representou cerca de um quinto dos votos válidos da região de Presidente Prudente.

Ficaram alguns fatos curiosos nesta empreitada de coragem. Um deles é que Mauro Salles, cuja agência da publicidade atendia a conta do PFL, se empolgou com a idéia de uma candidatura interiorana e cogitou o seguinte

slogan: “Agripino Lima; um caipira para governar São Paulo”, com a expectativa de que moradores do interior e aqueles que são do interior e moram em São Paulo atenderiam o apelo. Outro são sobre as frases de Agripino na campanha como pré-candidato, uma delas dita alguns vezes no horário das refeições: “meu prato preferido é fundo e cheio”.

Hábil politicamente e coerente em relação a aversão a Mário Covas, Agripino Lima recebeu Maluf em sua universidade, numa grande reunião regional no salão de festas do Limoeiro, e subiu no palanque do comício feito em Presidente Prudente, em frente a igreja São Francisco de Assis, localizada em área limítrofe dos bairros Everest, Cohab e Cecap. Maluf se fazia acompanhar do jogador de basquete Oscar Schimit, que foi candidato a senador, no lugar pretendido por Cabrera.

Homéro Ferreira – jornalista e professor universitário

Nesta ocasião era editor regional do Jornal Oeste Notícias; nesta condição é que acompanhou Agripino Lima em sua caminhada pelo interior paulista.

ANEXO C - Artigo da Constituição Federal sobre o processo de afastamento da prefeitura sofrido por Agripino de Oliveira Lima

Art. 36 – Constituição Federal

III – não tiver sido aplicado o mínimo exigido da receita municipal na manutenção e desenvolvimento do ensino e nas ações e serviços públicos de saúde;

• Inciso III com redação determinada pela Emenda Constitucional n. 29/2000.

IV – o Tribunal de Justiça der provimento a representação para assegurar a observância de princípios indicados na Constituição Estadual, ou para prover a execução de lei, de ordem ou de decisão judicial.

Art. 36. A decretação da intervenção dependerá:

I – no caso do art. 34, IV, de solicitação do Poder Legislativo ou do Poder Executivo coativo ou impedido, ou de requisição do Supremo Tribunal Federal, se a coação for exercida contra o Poder Judiciário;

II – no caso de desobediência a ordem ou decisão judiciária, de requisição do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça ou do Tribunal Superior Eleitoral;

III – de provimento, pelo Supremo Tribunal Federal, de representação do Procurador-Geral da República, na hipótese do art. 34, VII;

IV – de provimento, pelo Superior Tribunal de Justiça, de representação do Procurador-Geral da República, no caso de recusa à execução de lei federal.

§ 1º O decreto de intervenção, que especificará a amplitude, o prazo e as condições de execução e que, se couber, nomeará o interventor, será submetido à apreciação do Congresso Nacional ou da Assembleia Legislativa do Estado, no prazo de vinte e quatro horas.

§ 2º Se não estiver funcionando o Congresso Nacional ou a Assembleia Legislativa, far-se-á convocação extraordinária, no mesmo prazo de vinte e quatro horas.

§ 3º Nos casos do art. 34, VI e VII, ou do art. 35, IV, dispensada a apreciação pelo Congresso Nacional ou pela Assembleia

Legislativa, o decreto limitar-se-á a suspender a execução do ato impugnado, se essa medida bastar ao restabelecimento da normalidade.

§ 4º Cessados os motivos da intervenção, as autoridades afastadas de seus cargos a estes voltarão, salvo impedimento legal.

Capítulo VII DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Seção I

Disposições gerais

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte:

• Caput com redação determinada pela Emenda Constitucional n. 19/1998.

• V. art. 19, ADCT.

• V. Lei 8.112/1990 (Regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais).

• V. Lei 8.727/1993 (Resarcimento, pela União, de civis das administrações direta e indireta dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios).

• V. Lei 8.730/1993 (Obrigatoriedade de declaração de bens e rendas para o exercício de cargos, empregos e funções nos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário).

I – os cargos, empregos e funções públicas são acessíveis aos brasileiros que preencham os requisitos estabelecidos em lei, assim como aos estrangeiros, na forma da lei;

• Inciso I com redação determinada pela Emenda Constitucional n. 19/1998.

• V. art. 7º, Dec.-lei 5.452/1943 (Consolidação das Leis do Trabalho).

• V. arts. 3º e 5º, Lei 8.112/1990 (Regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais).

II – a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração;

• Inciso II com redação determinada pela Emenda Constitucional n. 19/1998.

• V. art. 7º, Dec.-lei 5.452/1943 (Consolidação das Leis do Trabalho).

• V. arts. 11 e 12, Lei 8.112/1990 (Regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais).

• V. Lei 9.962/2000 (Disciplina o regime de emprego público).

III – o prazo de validade do concurso público será de até dois anos, prorrogável uma vez, por igual período;

• V. art. 12, Lei 8.112/1990 (Regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais).

IV – durante o prazo improrrogável previsto no edital de convocação, aquele aprovado em concurso público de provas ou de provas e títulos será convocado com prioridade sobre novos concursados para assumir cargo ou emprego, na carreira;

• V. art. 7º, Dec.-lei 5.452/1943 (Consolidação das Leis do Trabalho).

V – as funções de confiança, exercidas exclusivamente por servidores ocupantes de cargo efetivo, e os cargos em comissão, a serem preenchidos por servidores de carreira nos casos, condições e percentuais mínimos previstos em lei, destinam-se apenas às atribuições de direção, chefia e assessoramento;

• Inciso V com redação determinada pela Emenda Constitucional n. 19/1998.

VI – é garantido ao servidor público civil o direito à livre associação sindical;

Constituição Federal – Art. 37

VII – o direito de greve será exercido nos termos e nos limites definidos em lei específica;

• Inciso VII com redação determinada pela Emenda Constitucional n. 19/1998.

VIII – a lei reservará percentual dos cargos e empregos públicos para as pessoas portadoras de deficiência e definirá os critérios de sua admissão;

• V. Lei 7.835/1988 (Integração social das pessoas portadoras de deficiência).

• V. art. 5º, § 2º, Lei 8.112/1990 (Regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais).

IX – a lei estabelecerá os casos de contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público;

• V. Lei 8.745/1993 (Contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público).

• V. Lei 9.849/1999 (Altera a Lei 8.745/1993).

X – a remuneração dos servidores públicos e o subsídio de que trata o § 4º do art. 39 somente poderão ser fixados ou alterados por lei específica, observada a iniciativa privativa em cada caso, assegurada revisão geral anual, sempre na mesma data e sem distinção de índices;

• Inciso X com redação determinada pela Emenda Constitucional n. 19/1998.

• V. arts. 39, § 4º, 96, III, e 128, § 5º, I, c, CF.

• V. Lei 7.708/1988 (Revisão de vencimentos, salários, adidos e proventos dos servidores civis e militares).

• V. Lei 8.237/1991 (Remuneração dos servidores militares federais das Forças Armadas).

XI – a remuneração e o subsídio dos ocupantes de cargos, funções e empregos públicos da administração direta, autárquica e fundacional, dos membros de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, dos detentores de mandato eletivo e dos des-

ANEXO D – Processo Agripino de Oliveira Lima Filho

21/10/2009 11:03:04

Fórum de Presidente Prudente - Processo nº: 482.01.2007.025492-0

parte(s) do processo local físico andamentos súmulas e sentenças

Processo	CÍVEL
Fórum	Comarca/ Fórum de Presidente Prudente
Nº	Processo 482.01.2007.025492-0
Vara	Cartório/ 3ª. Vara Cível
Competência	Competência Cível
Ordem/Controle	Nº de Ordem 1787/2007
	Grupo Fazenda Pública Municipal
	Ação Mandado de Segurança
Distribuição	Tipo de Livre
Realizada em	Distribuída em 06/11/2007 às 19h 02m 02s
	Moeda Real
Causa	Valor da 1.000,00
Autor(s)	Qtde. 2
Reu(s)	Qtde. Ré 2
PARTE(S) DO PROCESSO	
Topo]	
do	Requerido AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO Advogado: 123894/SP FABRICIO PEREIRA DE MELO
ente	Requerente CARLOS ROBERTO BIANCARDI
ente	Requerido IZAQUE JOSE DA SILVA Advogado: 21921/SP ENEAS FRANCA

do	Requeri	PRESIDENTE DA CÂMARA DE VEREADORES DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE		
LOCAL FÍSICO		Topo]		
009	16/10/2	Gabinete do Juiz		
ANDAMENTO(S) DO PROCESSO		Topo]		
		(Serão exibidos os últimos 10.) (Existem 26 andamentos cadastrados.) (Para a lista completa, clique aqui.)		
2009	16/10/	Conclusos para Despacho em 19.10.2009		
2009	13/10/	Recebimento de Carga sob nº 2055749		
2008	24/04/	Remessa ao		Setor
Remetido ao TRIBUNAL DE JUSTIÇA em 25/04/08				
2008	24/04/	Remessa ao		Setor
AG. REMESSA AO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO-SEÇÃO DE DIREITO PÚBLICO				
2008	24/04/	Carga Outro sob nº 2055749		
2008	17/04/	Juntada de Contra-Razões em 18.04.2008 - Foram juntados as contra-razões e os autos remetido ao Egrégio Tribunal competente.		
2008	16/04/	Recebimento de Carga sob nº 2006602		
2008	10/04/	Carga ao Advogado sob nº 2006602		
2008	28/03/	Despacho		Proferido
1. Recebo no duplo efeito, o recurso de apelação interposto a fls. 259/298. 2. Intime-se para contra-razões no prazo legal. 3. Depois, vista ao MP. 4. Após, se não houver incidente a ser dirimido nesta instância, remetam-se os autos ao EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO – SEÇÃO DE DIREITO PÚBLICO, com nossas honrosas homenagens. Int.				
2008	27/03/	Conclusos para Despacho em 28.03.2008		
SÚMULA(S) DA(S) SENTENÇA(S) DO PROCESSO		Topo]		

2007	20/12/	<p>Tópico final da r. sentença do teor seguinte: PELO EXPOSTO, concedo parcialmente a ordem de segurança reclamada (art. 269, I, do CPC), e o faço apenas para anular o Decreto Legislativo nº 392/07, de 06.11.2007, da Câmara Municipal de Presidente Prudente (fls. 25), restaurando a validade do Ato nº 47/2007, de 18.04.2007 (fls. 21/24), que declarou vago o cargo de Prefeito do Município de Presidente Prudente. Sem imposição de encargos financeiros derivados da sucumbência, em face da natureza especial do procedimento (Súmula nº 512 do STF). Oficie-se à d. Autoridade impetrada enviando cópia da presente decisão. Deixo de submeter o processo ao duplo grau de jurisdição, tendo em vista tratar-se de causa de valor inferior a 60 salários mínimos (fls. 19; art. 475, § 2º, do Código de Processo Civil, com redação dada pela Lei nº 10.352, de 26.12.2001), ancorado no entendimento de que tal disposição também se aplica ao mandado de segurança. P.R.I.</p>
	Sentença Completa	
2008	14/01/2	<p>Sentença nº 82/2008 registrada em 16/01/2008 no livro nº 256 às Fls. 180: 1. Rejeito os embargos de declaração de fls. 252/257, porque o conteúdo da sentença se revela suficiente para dirimir a controvérsia, cabendo na hipótese referência ao seguinte precedente jurisprudencial: "O Juiz não está obrigado a responder todas as alegações das partes, quando já tenha encontrado motivo suficiente para fundar a decisão, nem se obriga a ater-se aos fundamentos indicados por elas e tampouco a responder um a um todos os seus argumentos" (RJTJESP 115/207, 104/340, 111/414). 2. Além disso, pretende o embargante que o Juízo decida sobre questão alheia ao processo, o que não tem menor cabimento. 3. Reputo os embargos manifestamente protelatórios e, com fundamento no parágrafo único do art. 538 do C.P.C., condeno o embargante a recolher ao Estado multa de valor equivalente a 1% (um por cento) do valor atualizado da causa. Os embargos aqui examinados não foram manejados como instrumento de aperfeiçoamento da prestação jurisdicional, estando evidente o nítido propósito de alargar o prazo recursal, o que configura abuso. Int.</p>
	Sentença Completa	

SENTENÇA

Vistos, etc. Izaque José da Silva (vereador à Câmara Municipal de Presidente Prudente) - - - - - e Carlos Roberto Biancardi (eleito vice-prefeito do Município para a gestão 2005/2008, mas depois investido no cargo de prefeito, declarado vago) - - - - - impetraram o presente mandado de segurança contra ato do Presidente da Câmara de Vereadores de Presidente Prudente - SP, alegando e pedindo o seguinte: Agripino de Oliveira Lima Filho, eleito prefeito do Município de Pres. Prudente – SP para a gestão 2005/2008 teve os direitos políticos suspensos por cinco anos, em virtude de condenação, com trânsito em julgado, pela prática de ato de improbidade administrativa. Em virtude de tal condenação, com fundamento no art. 74, inciso III, da Lei Orgânica do Município, o cargo de prefeito foi declarado vago pela Mesa da Câmara (Ato 47/2007), e assumido pelo vice-prefeito (o impetrante Carlos Roberto Biancardi); Para reconduzir Agripino de Oliveira Lima Filho ao cargo de prefeito, o vereador Nico Rena apresentou Projeto de Decreto-Legislativo para anular o ato nº 47 da Mesa da Câmara, que permitiu a posse do vice. O projeto foi aprovado e promulgado pelo impetrado como Decreto Legislativo nº 392/07, em face do que Agripino Lima, mesmo com os direitos políticos suspensos por decisão judicial, foi reconduzido ao cargo. O Ato nº 47 da Mesa da Câmara (que declarou vago o cargo de prefeito) já foi reconhecido como válido em diversas decisões judiciais, porque editado com observância da Lei Orgânica do Município, de forma que não poderia ser anulado

pela Câmara; Pedem que o Decreto-Legislativo nº 392/2007 e a sessão na qual foi aprovado sejam declarados nulos, por afronta à Lei e à Constituição. A petição inicial (fls. 2/19 e aditamento de fls. 120/122) veio instruída com os documentos de fls. 20/119, seguindo-se a juntada de cópias das sentenças de fls. 126/156 em cumprimento do despacho de fls. 125. Foi suspensa liminarmente a eficácia do Decreto-Legislativo nº 392/07, e, em conseqüência, restaurada a validade do Ato nº 47 da Mesa da Câmara que declarou vago o cargo de Prefeito (fls. 157/159). A autoridade impetrada prestou informações alegando em síntese: que somente promulgou o ato por dever funcional, como Presidente da Câmara, mas que, pessoalmente, também o considera ilegal, não tendo votado contra sua aprovação porque impedido pelo regimento interno da Câmara (fls. 168/175). Agripino de Oliveira Lima Filho, citado nos termos do art. 19 da Lei nº 1.533/50, ofereceu resposta arguindo: preliminarmente, ilegitimidade ativa de parte, porque os impetrantes não têm direito pessoal líquido e certo a ser defendido por meio de mandado de segurança (fls. 183/188); quanto ao mérito, defendeu a legalidade do ato que o reconduziu ao cargo de Prefeito Municipal (Decreto Legislativo nº 392/2007), porque dele foi afastado com base em ato viciado, fundado no art. 74, inciso III, da Lei Orgânica do Município, que entende inconstitucional, tanto que o Município já propôs ação direta de inconstitucionalidade de tal dispositivo (fls. 188/220), estando a resposta acompanhada dos documentos de fls. 221/223. A i. representante do Ministério Público opinou pela concessão da ordem, porque o ato questionado (Decreto Legislativo nº 392/07) afrontou as decisões judiciais que atestaram a validade do Ato nº 47/07, da Mesa da Câmara, que declarou vago o cargo de Prefeito, e que, em conseqüência, deve ser preservado (fls. 226/237). É o relatório. D E C I D O: 1. Não procede a preliminar de ilegitimidade ativa suscitada pelo interessado Agripino de Oliveira Lima Filho (fls. 183/185). 1.1. Qualquer vereador tem interesse e legitimidade para questionar os atos administrativos da Câmara Municipal, especialmente quando flagrante de ilegalidade. 1.2. Quem foi eleito vice-prefeito do Município, caso do impetrante Carlos Roberto Biancardi, mas depois investido no cargo de prefeito, porque declarado vago, tem interesse e legitimidade para defender a posse e a permanência no novo cargo que assumiu. 1.3. O mandado de segurança é o meio hábil para pleitear a restauração da legalidade institucional do Município, nada havendo a impedir o conhecimento do mérito da impetração, especialmente em face do princípio da instrumentalidade do processo. Oportuno destacar a magistral postura do então Min. Sálvio de Figueiredo Teixeira (STJ), invocando trecho de acórdão reproduzido na Revista Forense nº 254, p. 288: Quem vem a juízo tem, em princípio, o direito a uma prestação judiciária quanto ao mérito. Assim, toda ênfase deve ser posta em tal sentido, evitando-se tanto quanto possível destruir o processo com questões prejudiciais e nulidades que destroem a seiva que dá vida ao processo, com prejuízo para as partes e desprestígio para o Judiciário. (Código de Processo Civil Anotado. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, p. 177). 2. Quanto ao mérito é caso de acolhimento parcial do pedido: 2.1. Agripino de Oliveira Lima Filho, eleito para o cargo de Prefeito do Município de Presidente Prudente (para a gestão 2005/2008) teve os direitos políticos suspensos pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, pelo prazo de cinco anos, por decisão que transitou em julgado. A condenação motivou a anotação da imposição no cadastro eleitoral (fls. 61/65) e o cargo de prefeito que ele ocupava foi declarado vago, por ato da Mesa da Câmara Municipal de Presidente Prudente (Ato nº 47/2007; fls. 21/24), que agiu com fundamento no art. 74, inciso III, da Lei Orgânica do Município, que assim estabelece: Art. 74. Será declarado vago, pela Câmara Municipal, o cargo do Prefeito e Vice-Prefeito quando: perder ou tiver suspensos os direitos políticos. (fls. 28, p. 36). Com a vacância do cargo de prefeito, assumiu o vice-prefeito, o aqui impetrante Carlos Roberto Biancardi. 2.2. Para reconduzir Agripino de Oliveira Lima Filho ao cargo de prefeito, o vereador Nico Rena apresentou Projeto de Decreto-Legislativo para anular o Ato nº 47 da Mesa da

Câmara, que declarou vago o cargo de prefeito e permitiu a posse do vice (fls. 35/47). Apesar do parecer contrário da assessoria jurídica da Câmara (fls. 67/72) e da decisão pelo arquivamento proferida pelo Presidente da Casa (fls. 79/81), o projeto acabou aprovado e promulgado pelo impetrado como Decreto Legislativo nº 392/07, em face do que Agripino Lima, mesmo com os direitos políticos suspensos por decisão judicial, foi reconduzido ao cargo de prefeito. 2.3. Ocorre que o Ato nº 47 da Mesa da Câmara (que declarou vago o cargo de prefeito) foi submetido à apreciação judicial em três mandados de segurança, e nas três oportunidades foi julgado válido, porque editado com observância da Lei Orgânica do Município: Proc. nº 553/07 – 3ª Vara Cível (fls. 129/135); Proc. nº 558/07 – 1º Vara Cível (fls. 136/141); e Proc. nº 902/07 – 4ª Vara Cível (fls. 145/156). Através do Decreto Legislativo nº 392/07 (fls. 25) a Câmara Municipal simplesmente ignorou as reiteradas decisões judiciais proferidas em referidas ações mandamentais, maltratando o princípio da independência dos Poderes e tangenciando a competência do Poder Judiciário de exercer o controle dos atos administrativos. Importante destacar que a sentença proferida no Mandado de Segurança nº 558/07, da 1ª Vara Cível local (fls. 136/141), transitou em julgado em 12.07.2007 (fls. 144), de forma que o Decreto Legislativo nº 392 afrontou até mesmo coisa julgada, o que o Direito Positivo Brasileiro, em nome da segurança jurídica, não tolera. Na medida em que o Poder Judiciário considerou válido e vinculado o Ato nº 47/2007 (que declarou vago o cargo de prefeito do Município), não poderia a Câmara tomar deliberação diversa sem contrariar as decisões judiciais copiadas a fls. 129/156. Em outros termos: Quando um ato administrativo vinculado (caso do Ato nº 47/07, que declarou vago o cargo de prefeito; fls. 21/24) é revogado (ou anulado), restaura-se a ilegalidade, de forma que o ato revogador (Decreto-Legislativo nº 392/07) não tem como subsistir. 3. A autoridade impetrada reconheceu expressamente a ilegalidade do Decreto-Legislativo questionado (fls. 168/175), o que torna a questão jurídica objeto da demanda, em tal ponto, incontroversa. 4. O pedido, no entanto, exige pequena glosa: A hipótese é de anulação do Decreto Legislativo nº 392/07 (fls. 21/24), o que equaciona conclusivamente a questão, não se revelando necessária a declaração de nulidade da sessão da Câmara em que ele foi aprovado, como pretendido na petição inicial (fls. 18). Não foi apontado o vício formal que pudesse ensejar nulidade da sessão, além do que outras questões que eventualmente tenham sido objeto de deliberação não podem ser afetadas por esta decisão. 5. Apenas para exaurimento da questão, necessário registrar que não têm menor cabimento as objeções do interessado Agripino de Oliveira Lima Filho (fls. 181/220). Pretende o interessado, em termos concretos, que este juízo, com base em sua resposta (como se tal peça fosse meio hábil para conduzir pretensão), declare inconstitucional o art. 74, inciso III, da Lei Orgânica do Município, ou que reveja o Ato nº 47/07 da Mesa da Câmara, em virtude do que chama de vícios insanáveis. 5.1. Ocorre que o interessado, ainda que por via transversa, pretende, novamente, que este juízo conceda a medida que o Tribunal de Justiça lhe negou em sede de Ação Direta de Inconstitucionalidade (que tem por objeto o art. 74, inciso III, da Lei Orgânica do Município, fls.126/128), o que não tem menor cabimento. 5.2. Quanto ao Ato nº 47/07 da Câmara Municipal, a rigor nada mais precisaria ser dito, tendo em vista as reiteradas decisões judiciais que atestaram sua validade (fls. 129/156), mas já que o interessado insiste, registra-se, mais uma vez, que aquele ato não contém vício de ilegalidade ou inconstitucionalidade. O fato de o caput do art. 74 estabelecer que o cargo do Prefeito que perder ou tiver suspensos seus direitos políticos será declarado vago pela Câmara Municipal, não significa que a declaração de vacância deva ser submetida ao plenário da Casa, porque a questão não envolve julgamento do Prefeito. Com base em fato objetivo (no caso a suspensão dos direitos políticos do prefeito, o que não se questiona), competia ao Presidente da Câmara (ou quando muito à Mesa Diretora da edilidade, como ocorreu no caso tratado nos autos), simplesmente declarar vago o cargo do Prefeito. Trata-se de ato

declaratório e vinculado, de forma que a referência à Câmara Municipal, constante do dispositivo, tem que ser entendida apenas como indicação do órgão competente para dar operatividade ao comando normativo. Não é demais insistir que a questão somente exigiria pronunciamento do plenário da Câmara se o fato admitisse novo julgamento do Prefeito, o que não se revela possível no caso tratado nos autos. Os vereadores não podem contrariar a decisão judicial, com trânsito em julgado, que decretou a suspensão dos direitos políticos do Prefeito, nem afrontar o art. 74, inciso III, da Lei Orgânica do Município (que determina a declaração de vacância do cargo do Prefeito que tiver os direitos políticos suspensos). A posição deste Juízo está alinhada com o precedente do Supremo Tribunal Federal destacado pela i. representante do Ministério Público, que, em caso análogo, considerou a declaração de extinção de mandato de prefeito municipal ato declaratório e vinculado do Presidente da Câmara de Vereadores (fls. 236/237). Mesmo entendimento norteou a r. decisão proferida pelo nobre magistrado da 1ª Vara Cível local, Dr. Carlos Eduardo Lombardi Castilho, no Mandado de Segurança nº 558/07, daquela Vara, impetrado pelo Prefeito afastado do cargo, Agripino de Oliveira Lima Filho (fls. 136/141). Não é demais lembrar que aquela decisão transitou em julgado (fls. 144). Não foi diferente o resultado do Mandado de Segurança nº 902/07, da 4ª Vara Cível local, em sentença proferida pelo Juiz Auxiliar Dr. Fábio Mendes Ferreira, embasada, dentre outros fundamentos, na lição de Hely Lopes Meirelles que, por sua objetividade e inteira aplicabilidade ao caso dos autos, merece reprodução: A declaração de extinção de mandatos de prefeito, vice-prefeito e vereadores é atribuição privativa do presidente da Mesa nos casos previstos na lei orgânica local. Não se confunda declaração de extinção de mandato (atribuição do presidente) com cassação de mandato (atribuição do plenário). Ao presidente compete declarar extintos os mandatos que fenecerem em razão da ocorrência de qualquer das causas extintivas previstas em lei (morte, renúncia, perda dos direitos políticos, condenação criminal a pena acessória de perda de mandato ou proibição do exercício de função pública); ao plenário cabe deliberar sobre a cassação de mandato nos casos estabelecidos na legislação pertinente. (Direito Administrativo Municipal. 12ª ed. São Paulo: Malheiros Editores Ltda., p. 607/608). É certo que referidos precedentes não são vinculantes, mas decisões contraditórias sempre causam indignação nos jurisdicionados, fomentam a insegurança jurídica e podem configurar agressão ao princípio constitucional da igualdade. O prestígio do Poder Judiciário começa pela coerência de suas decisões, nada justificando que a presente ação – que envolve mesmo ato administrativo – tenha resposta jurisdicional diferente. Cabível ainda destacar a lapidar posição do eminente Desembargador Cláudio Balbino Maciel, do Rio Grande do Sul, no sentido de que: Há necessidade de se romper radicalmente com a cultura do ritualismo estéril, do exagerado amor às fórmulas, do tecnicismo e das filigranas pretensamente científicas, do pouco compromisso com o resultado útil das demandas, do apego à falsa sensação de segurança sugerida pela quase infinita possibilidade de tudo questionar, reargumentar, rejulgar (Artigo A cultura do ritualismo no Judiciário. in Valor Econômico de 31.10.2002, p. E – 1, Editoria: Legislação e Tributos). Não é demais registrar que a preservação do Ato nº 47/2007 da Mesa da Câmara não agride as prerrogativas funcionais dos vereadores politicamente contrários à medida, porque não afeta seus mandatos populares, repercutindo exclusivamente na esfera jurídica do então ocupante do cargo de Prefeito, Agripino de Oliveira Lima Filho. 6. Soma-se que pela concessão da ordem opinou a i. representante do Ministério Público, no bem lançado parecer de fls. 226/237, que merece acolhimento. Finalmente, para evitar outras ocorrências no âmbito Municipal, ou outras ações nesta instância, que possam abalar a segurança jurídica e institucional do Município, convém destacar: Somente o Tribunal de Justiça de São Paulo tem competência para definir a situação jurídica de Agripino de Oliveira Lima Filho em relação ao cargo de prefeito municipal de Presidente Prudente, que

ocupava, quer no âmbito das ações originárias que lá tramitam, quer no âmbito dos recursos interpostos contra as decisões proferidas nesta instância. PELO EXPOSTO, concedo parcialmente a ordem de segurança reclamada (art. 269, I, do CPC), e o faço apenas para anular o Decreto Legislativo nº 392/07, de 06.11.2007, da Câmara Municipal de Presidente Prudente (fls. 25), restaurando a validade do Ato nº 47/2007, de 18.04.2007 (fls. 21/24), que declarou vago o cargo de Prefeito do Município de Presidente Prudente. Sem imposição de encargos financeiros derivados da sucumbência, em face da natureza especial do procedimento (Súmula nº 512 do STF). Oficie-se à d. Autoridade impetrada enviando cópia da presente decisão. Deixo de submeter o processo ao duplo grau de jurisdição, tendo em vista tratar-se de causa de valor inferior a 60 salários mínimos (fls. 19; art. 475, § 2º, do Código de Processo Civil, com redação dada pela Lei nº 10.352, de 26.12.2001), ancorado no entendimento de que tal disposição também se aplica ao mandado de segurança. P.R.I. Pres. Prudente, 20 de dezembro de 2007. PAULO GIMENES ALONSO Juiz de Direito

ANEXO E- Orçamento das Gráficas



ORÇAMENTO GRÁFICO

30 de Outubro de 2009

Rua Átila Bitencourt, 152
Fone: 55 18 3311 0510
Fax: 55 18 3311 0511
www.cipola.com.br
Presidente Prudente - SP

marcoarelio@cipola.com.br
producao@cipola.com.br
elzaorcamento@cipola.com.br
orcamento@cipola.com.br

Cliente: **GENÉRICO - ELZA**
A/c: **J. RBEIRO**
e-mail:

Tel.:
Fax:

Conforme a sua solicitação, enviamos nosso orçamento referente ao(s) serviço(s) abaixo mencionado(s):

No. Orçamento	Quantidade	Descrição	Preço Total
41875	1000	REVISTAS Formato Fechado 21,0 x 30,0 cm. 1 Capa , Formato aberto 42,4x30,0 cm, impresso a 4x4 cor(es), em Couche Brilho LD, 115 gm. Uv Total Frente e Verso, Com Corte / Vinco Especial, Com Faca Existente	R\$ 6.900,00

60 Páginas de miolo, Formato aberto 30,0x21,0 cm, impresso a 4x4 cor(es), em Couche Fosco LD, 90 gm.

Empacotados e Encaixotados

Processamento e Gravação de chapas *CTP inclusos no orçamento.

CTP - Dispensa o uso de fotolitos fazendo a gravação direto na chapa ganhando mais qualidade, agilidade e muito mais fidelidade nas cores e pontos de impressão.

IMPORTANTE:

- Forma de pagamento: 30 DDL
- Validade da proposta: 14/11/2009
- Entrega: A combinar, uma vez aprovadas todas as artes, de acordo o programa de produção.
- Cipola - Inteligência Gráfica, não se responsabiliza por impressões realizadas sem provas de cor.
- Este Orçamento está apoiado na informação fornecida pelo cliente. Qualquer reajuste nos preços estará apoiado nas diferenças que se encontrem na recepção dos arquivos originais do cliente.
- Reservamos o direito de entregar 10% a mais ou a menos da quantidade solicitada, de acordo com as normas A.B.T.G.- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TECNOLOGIA GRÁFICA.

APROVAÇÃO: Para aprovar o (os) orçamentos (s) é importante fazer um círculo no ou nos orçamentos aprovados além de preencher a informação que se apresenta a seguir:

Orçamentos Aprovados	
_____ Nome	Representante ATENDIMENTO 02
_____ Assinatura	
____/____/____ Data	



PRESIDENTE PRUDENTE, 30 DE OUTUBRO DE 2009

Cliente : JOTA RIBEIRO

Entrega : 5 - DIAS UTEIS

Pagamento: 28-D APÓS ENTR.

Validade : 02/11/2009

Obs. :

Quantidade	Descrição	Valor Unitário	Valor Total
1000	IMPR. REVISTA CAPA 42.4X30 - 4X4 COR - PAPEL COUCHE FOSCO 110G C/ VERNIZ LOCALIZADO NÍVEL 21X30 - 48PAG. 4X4 COR - PAPEL COUCHE FOSCO 90GR - INTERCALADO E GRAMPIADO	5,00000	5.000,00

No momento da decisão da COMPRA é importante verificar :

- Número de itens cotados
- Quantidade cotada
- Qualidade e marca dos produtos cotados
- Condições de Pagamento

CROMOGRAF Gráfica de Presidente Prudente Ltda.

Av. Brasil, 2239 - Vila Industrial
Fone: (18) 3221-9826 - Fax: (18) 3221-2829
Cep 19013-001 - Presidente Prudente - SP

ANEXO F- Hino da Unoeste



HINO DA A.P.E.C.

César Cava

A FORJA DE VALORES,
ONDE HOJE ESTUDAMOS,
PARA AMANHÃ SERVIRMOS
MELHOR ESTE PAÍS,
É A MAJESTOSA APEC,
QUE TANTO AMAMOS.
NASCIDA DA VISÃO
SUTIL, CLARA E FELIZ
DE UM HÉRCULES,
VIBRANTE E LUTADOR,
QUE O SONHO TRANSFORMOU
EM GRANDE REALIDADE!
ETERNA GRATIDÃO AO FUNDADOR
DESTA QUERIDA UNIVERSIDADE.

APEC! FUNDADA EM JANEIRO DE SETENTA E DOIS.
APEC! TORNOU-SE UM PORTENTO UM LUSTRO DEPOIS.
APEC! UM PRIMOR DE ENSINO ALEGRE E GENTIL.
APEC! PRESIDENTE PRUDENTE AJUDANDO O BRASIL.

É UM TEMPLO DE CULTURA
QUE ALCANÇA O INFINITO:
UM MONUMENTO VIVO
COM ALMA E CORAÇÃO.
MINISTRAM OS PROFESSORES
DE ALTO GABARITO
A FÉ E O SABER,
COM AMOR À PROFISSÃO.
UM IMPÉRIO
DE FRANCA ALEGRIA,
COM A DOCE MELODIA
DE UM BANDO DE PARDAIS.
UM IMENSO LAR DE TERNO ENCANTO,
ESTA É A APEC QUE AMAMOS TANTO!

ANEXO G – Autorizações de uso de imagem

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Pelo presente termo de **autorização para uso de imagem**, eu:

ANA CARDOSO MAIA DE OLIVEIRA LIMA

Portador da carteira de identidade RG nº 3621.434

e CPF nº 031488908-08, residente à Rua

Jose Bongiovanni, 700

na cidade de PRES. PRUDENTE, Estado de SP

AUTORIZO, expressamente a utilização de minha imagem para a revista fotográfica: "Videre", exposição fotográfica e divulgação dos mesmos, para serem utilizados no Trabalho de Conclusão de Curso dos autores: Bruna Cindi Yakabe, Carolina Tollstadius Armelin, José Alves de Assis Ribeiro, alunas do curso de Comunicação Social da Unoeste.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso de imagem para os fins aqui estabelecidos, qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução, deverá ser previamente autorizada para tanto.

(Local/Data)

Presidente Prudente, 29/10/09

Assinatura do Sr.(a):

Spemia

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Pelo presente termo de **autorização para uso de imagem**, eu:

AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA FILHO

Portador da carteira de identidade RG nº 3 192 675 - 87

e CPF nº 153 639 708 - 30, residente à RUA JOSÉ

BON GIOVANI, 700

na cidade de PRES PRUDENTE, Estado de SP

AUTORIZO, expressamente a utilização de minha imagem para a revista fotográfica: "Videre", exposição fotográfica e divulgação dos mesmos, para serem utilizados no Trabalho de Conclusão de Curso dos autores: Bruna Cindi Yakabe, Carolina Tollstadius Armelin, José Alves de Assis Ribeiro, alunas do curso de Comunicação Social da Unoeste.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso de imagem para os fins aqui estabelecidos, qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução, deverá ser previamente autorizada para tanto.

(Local/Data)

Pres. Prudente, 6/11/09

Assinatura do Sr.(a):

Agripino de Oliveira Lima Filho

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM

Pelo presente termo de **autorização para uso de imagem**, eu:

Guilherme Lomi da Silva

Portador da carteira de identidade RG nº 29427597-6

e CPF nº 206598888.66, residente à Rua Padre

João Gatz

na cidade de Presidente Prudente, Estado de São Paulo

AUTORIZO, expressamente a utilização de minha imagem para a revista fotográfica: "Videre", exposição fotográfica e divulgação dos mesmos, para serem utilizados no Trabalho de Conclusão de Curso dos autores: Bruna Cindi Yakabe, Carolina Tollstadius Armelin, José Alves de Assis Ribeiro, alunas do curso de Comunicação Social da Unoeste.

A presente autorização de uso abrange, exclusivamente, a concessão de uso de imagem para os fins aqui estabelecidos, qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução, deverá ser previamente autorizada para tanto.

(Local/Data)

30/10/1978

Assinatura do Sr.(a):



**ANEXO H – Descendentes conforme ordem genealógica do coronel
Joaquim Gabriel de Oliveira Lima Machado**

ORIGEM DO SOBRENOME

E COGNOME

OLIVEIRA: *Freguesia de PORTUGAL, provincia do MINHO, conselho e comarca dos ARCOS de Val-de-Vez, distrito de VIANA DO CASTELO. Está situado proximo da margem direita do LIMA, a 4 quilometros da séde do Conselho, antigo paço de OLIVEIRA.*

Num monte próximo, existe uma lapa ou gruta chamada Passos do Rei, constando que essa designação teve origem no fato de se haver recolhido ali Bernardo II o gôto, quando deu batalha a ALMANÇOR Rei ou Kalifa de Cordoba no ano de 998.

De um outro penedo, chamado Garcia, diz a tradição que o General cristão D. Garcia, no ano de 998 armou junto dele uma tenda. Em 1580, D. Antonio, prior de Crato refugiou-se antes de imigrar-se para a França.

Supõe-se que a origem do sobrenome de OLIVEIRA LIMA, provenha do nome da Freguesia de Oliveira e do Rio Lima. Nos países europeus as pessoas geralmente traziam o sobrenome do local onde nascia. Ex: Brécia-breciano, Roma-Romano, Pisa-Pisano, Genova-Genoveze, Verona-Veroneze.

TITULOS OLIVEIRAS

Foi progenitor dessa família em São Paulo - ANTONIO DE OLIVEIRA, cavaleiro fidalgo da Casa de EL-REI, natural de Portugal de onde veio no cargo de 1º feitor da Fazenda Real da Capitania de São Vicente, por merce de Dom João III, em 1537 foi Loco-Tenente do Donatário MARTINS AFONSO DE SOUZA e Capitão-mór dessa Capitania em 1538 em substituição a GONÇALO MONTEIRO. Voltou a Portugal, depois de concluir este 1º Governo e de lá trouxe em 1542 sua mulher GENEBRA LEITÃO DE VASCONCELOS e vários filhos.

Deste casal descendem os antigos OLIVEIRAS da Capitania de São Paulo, como refere FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS, na sua História da Capitânia de São Vicente.

04

Capitão JOSÉ GOMES PINHEIRO, nasceu em Santos, São Paulo; filho de COSME DAMIÃO GOMES DE ALBERNOZ e Dna. JOAQUINA ROSA PINHEIRO, naturais de Bom Jesus do Paquetá - Rio de Janeiro, au-sentou-se do domicílio paterno ainda jovem. Aos 32 anos de idade, contraiu matrimônio com ANA FLORISBELA DE OLIVEIRA LIMA MACHADO - natural de Itapetininga. Após o casamento dirigiram-se para Sorocaba onde se estabeleceram com loja na Rua das Tropas, hoje (Souza Pereira).

Em 1815, adquiriu a Fazenda junto ao Morro de Araçoiaba, onde fornecia carne verde aos operários da fundição de ferro. Em 1822 mudou-se para Itapetininga.

Em 1843 complicado no levante revolucionário (Revolução Liberal), refugiou-se na Fazenda Monte Alegre em Botucatu, fazenda essa avaliada em 26 contos no espólio inventariado em 1848. O capitão José Gomes Pinheiro faleceu em Campo Largo (Sorocaba) -na fazenda- com 64 anos mais ou menos, foi sepultado na Igreja Matriz de Campo Largo em 8 de março de 1848, conforme atestado de óbito passado pelo vigário RAFAEL GOMES DA SILVA. Itapetininga desmembrou-se de Botucatu, mais ou menos em 1873. Nas proximidades da fóz do Santo Ignácio no Paranapanema, já moravam os OLIVEIRA LIMA MACHADO, que vindo de Itapeva (Faxina) por Bom Sucesso foram seguidos pelos DIAS BATISTA procurando AVARÉ, BOTUCATU e LENÇÓIS, onde passaram a residir.

FAMILIA - CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO e esposa ANA FLORISBELA DE OLIVEIRA MACHADO.

De onde surgiu a família PINHEIRO MACHADO

- 1.0.1. Jorge, casado com Francisca Brandina de Oliveira Lima Machado (Chiquinha Jorge)
- 1.0.2. Matheus, casado com Joaquina Rosa da Cunha Caldeira - filhos: Gustavo, casado com Ofélia... Ozório, Anézia e Odair.
- 1.0.3. Leopoldina Carolina
- 1.0.4. Ana Florisbela, casada com Capitão Tito Corrêa de Melo - Barão Mello de Oliveira.
- 1.0.5. Maria Delfina, casada com João Batista da Cunha Caldeira.
- 1.0.6. Manoel Gomes, casado com Sofia Pinheiro Machado.
- 1.0.7. Antonio dr., casado com Maria Manoela Oliveira Aires... Senador e General, José Gomes Pinheiro Machado, -Angelo Gomes Pinheiro Machado.
- 1.0.8. Joaquim, casado com Barbara Antunes Ribas.
- 1.0.9. José, casado com Messias de Paula Machado.
- 1.0.10. Joaquina Rosa, casada com Dr. Bernardo Augusto da Silva.

05

1. DESCENDENTES do Coronel JOAQUIM GABRIEL DE OLIVEIRA LIMA MACHADO (+ 1812 † 1897) 85 anos e MARIA DA ANUNCIAÇÃO FERRAZ DE OLIVEIRA (+ 1815 † 1889) 74 anos.

1.1. ESPERIDIÃO

Casado com Maria Leopoldina, sua prima irmã - 20/11/1913, filha de FRANCISCO GABRIEL. (Lençóis - Fazenda Velha - Fazenda Serrinha - Fazenda Graminha).

1.2. JOAQUIM MOREIRA (Quinzinho)

Casado com Maria Julia Prestes. (Agudos).

1.3. DELFINO ALEXANDRINO.

Casado com Romana. (Agudos).

1.4. JOSÉ DELFINO (nho-fino) (+ 26/11/1948 † 09/01/1884) (36 anos).

1.5. FRANCISCA BRANDINA (Chiquinha Jorge).

Casada com Jorge Gomes Pinheiro Machado (+ 25/04/1830 † 28/09/1883) 53 anos - seu primo irmão, era filho de Ana Florisbela de Oliveira Machado. (Lençóis - Fazenda Pulador - Fazenda Piracema).

1.6. JANUARIA CONCEIÇÃO (Sinhazinha)

Casada com Ten. Coronel Mamede Feliciano da Rocha - seu primo irmão, filho do Major José Inocencio da Rocha. (Lençóis - Fazenda Mamedina e arredores de Lençóis).

1.7. MANOEL AMANCIO - Coronel (+ 1852 † 1906) 54 anos.

Casado com Maria José Pinheiro Machado - sobrinha do marido. (+ 13/01/1873 † 09/04/1946) 73 anos - filha Francisca (chiquinha e Jorge Gomes Pinheiro Machado) - (Lençóis - Fazenda Palmeiras).

1.8. SIMÃO EUGENIO Dr. - 1º Promotor Publico de Lençóis. (Piraju - Fazenda Faxinal por herança).

06

2. DESCENDENCIA do Major ESPERIDIÃO DE OLIVEIRA LIMA MACHADO e sua prima irmã MARIA LEOPOLDINA DE OLIVEIRA LIMA MACHADO.

2.1. LUCIO (nhônhô) - Casado com Mercedes Vieira.

filhos: Benedito, Agripino, Euclides, João, Lucio, Mauro, Carminha, Osvaldo, Esperidião, Jupira, Sinira, Maria Leopoldina, Benedita e Alaor.

2.2. FRANCISCA (Chiquinha) - filhos - Cornélio - João - Januária - Alice - Silvio - Nenego - Nininha - Prof. Cornélio Brantes de Castro.

2.3. LEOCADIA (nhacáda) - filhos: Olivia - Neli - Sta. Cruz do Rio Pardo.

2.4. MALVINA (Nhamina) - 1ª nupcias: Marcelo Gonçalves - Adelaide - Raul Marcelo - Julia. - 2ª nupcias: Manoel de Oliveira - Djalma.

2.5. ANTONIO (nenem) - filhos: Mireta - José Serapião - Esperidião.

ROSALINA Pedroso de Camargo.

2.6. JOAQUIM - filhos: Luiz - Lourdes - Geni - Milton - Mario - Olavo - Ina - Lasinho.

2.7. MARIA DA ANUNCIAÇÃO (sinhára).

José Coutinho - grau 33 da maçonaria de Lençóis - sem descendentes.

2.8. MARTINHO, casado com (Cóta) descendência Austriaca - filhos: Dirceu e Valdirinho.

2.9. GUILHERMINA (nhamina) - filho: (1) nasceu morto - Alfredo. Alfredo Capucho.

07

3. DESCENDENCIA DE LUCIO DE OLIVEIRA LIMA - (Majór) - Casado com MERCEDES VIEIRA.

- 3.1. BENEDITO (Didito), casado com Valeriana - filhos: Lúcio, Otacilio, Ciro, Luiz, Celso, Carmem Ligia, Lucy, Sílvio.
- 3.2. AGRIPINO, casado com Silvéria Prado - filhos: Doracy, Dirce, Lucio, Elias, Maria, Jupira, Jarbas, Agripino, Adige, José Carlos, Carlos José.
- 3.3. EUCLIDES (dóca), casado com Ilda - filhos: Odilon, Neuza, Mercedes, Celina, Ronaldo, Milbas e Vera.
- 3.4. LUCIO, casado com Filomena Costa (filó) - filhos: Lúcia, Roberto, Lia, Ronaldo, Leila, Ligia, Ricardo.
- 3.5. MAURO, casado com Soledad - filhos: Maura, Nize, José Mauro, Neuza.
- 3.6. CARMINHA, casada com Egidio Martins - filhos: Enéas, Emani, Zila, Joaquim, Elio, Maria Mercedes, Ligia.
- 3.7. OSVALDO (Valdóca), -filhos: Élio, Lucio, Odair, Mercedes e Therezinha.
- 3.8. ESPERIDIÃO (dião), casado com Julieta Levy, filhos: Levi e Eryl.
- 3.9. JOÃO, casado com Remedico - filhos: João, Aroldo, Alcino, Cinira, Deise, Maria José, Laércio.
- 3.10. JUPIRA, casada com Angelo Augusto Paccola - filhos: Maria Mercedes, Luci, Geiza, Luiz, Lucio, Isabel, Evandro.
- 3.11. SINIRA, casada com Paulo Meri - filhos: Amilton, Carlos, Marilucy, Maria Izabel.
- 3.12. MARIA LEOPOLDINA, casada com Alberto Cicconi - filhos: Adauto, Amauri, Alberto.
- 3.13. BENEDITA (bêne), casada com Antonio Zillo - filhos: Maria Joana, Antonio Carlos, José Lucio, Maria José, Bernadete.
- 3.14. ALAOR - Morreu criança.

08

4. DESCENDENTES DE FRANCISCA DE OLIVEIRA LIMA - casada com CORNÉLIO BRANTES DE CASTRO.

- 4.1. JOÃO (Joãozinho)
- 4.2. CORNÉLIO (Cornélinho)
- 4.3. JANUÁRIA (Juanarinha) - casada com Leonel - Piraju.
- 4.4. ALICE - casada com o primo irmão - filho de uma irmã de Cornélio Sorocaba.
- 4.5. SILVIO
- 4.6. NENÉGO

5. DESCENDENTES DE LEOCACIA DE OLIVEIRA LIMA (nha cada) casada com NELLI - Santa Cruz do Rio Pardo.

6. DESCENDENTES DE MALVINA DE OLIVEIRA LIMA (nhamina).
1ª nupcias com MARCELO GONÇALVES e 2ª nupcias com MANOEL DE OLIVEIRA.

- 6.1. RAUL GONÇALVES DE OLIVEIRA - casado com MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA. (côta).
- 6.2. MARCELO GONÇALVES DE OLIVEIRA - solteiro.
- 6.3. JULIA - solteira.
- 6.4. ADELAIDE - casada com ADELINO CHAVIER (toco).
2ª nupcias com MANOEL DE OLIVEIRA
- 6.5. DJALMA DE OLIVEIRA LIMA - casado com ESTELITA PRADO filha do Sr. ELIAS DO PRADO - Fazenda Barra Grande.

09

7. DESCENDENTES DE ANTONIO DE OLIVEIRA LIMA, casado com ROSALINA PEDROSO DE ALMEIDA. - filha do Cel. JOSÉ SERAPIÃO DE ALMEIDA PEDROSO e PRUDENCIA DIAS DE CAMARGO.

7. 1. MIRETA - casada com DOMINGOS CANTISANI - filha: Rachel, casada com Carlos Mazuco - filhos: Maria Fernanda, Antonio Carlos e João Carlos (Santos).
7. 2. JOSÉ SERAPIÃO - casado com Célia Paula Santos - sem herdeiros.
7. 3. ESPERIDIÃO - casado com Anunciata Perrone - filho: Evandro, casado com Heloisa Consentino - filhos: Evandro Luiz, Francisco Luiz e Mari-lisa.

8. DESCENDENTES DE JOAQUIM DE OLIVEIRA LIMA.
(+ 11/10/1901 † 19/11/1950).

8. 1. LUIZ - (solteiro).
8. 2. LOURDES - casada com primo irmão. (Agudos)
8. 3. GENY - casada com primo irmão.
8. 4. MILTON - casado com prima irmã.
8. 5. MARIO
8. 6. INA
8. 7. OLAVO
8. 8. LAZINHO

9. DESCENDENTES DE MARIA DA ANUNCIÇÃO DE OLIVEIRA LIMA (sinhara), casada com JOSÉ COUTINHO - (Grau 33 da maçonaria de Lençóis.) - "sem descendentes"

10

10. DESCENDENTES DE MARTINHO DE OLIVEIRA LIMA, casado com "cota" - descendente de Austriacos.

10. 1. DIRCEU - advogado
Casado com Alice - filhos: Sergio e Maria Silvia.
10. 2. VALDINHO - 1 filha.

11. DESCENDENTES DE GUILHERMINA DE OLIVEIRA LIMA (Nhamina), casada com ALFREDO CAPUCHO (nenem).

11. 1. Morto recém-nascido.
11. 2. ALFREDO CAPUCHO FILHO

12. DESCENDENTES DE JOAQUIM MOREIRA DE OLIVEIRA LIMA MACHADO, casado com MARIA JULIA PRESTES. (Agudos).

12. 1. JOAQUIM
12. 2. ANTONIO
12. 3. MARIA ELISA, -filhos: Romilda, Antonio, Marina, Hugo, Sebastião, Azevedo, Canova.

13. DESCENDENTES DE DELFINO ALEXANDRINO DE OLIVEIRA LIMA MACHADO, casado com ROMANA - (Agudos).

13. 1. JOSÉ
13. 2. ANA FLORISBELA, casada com PEDRO COROPREZO, sem filhos.
13. 3. Dr. , Médico em São Paulo.
13. 4. SILVIA - (solteira).
13. 5. IRINEO
13. 6. AMANDO

11

14. DESCENDENTES DE JOSÉ DELFINO DE OLIVEIRA LIMA MACHADO - (nhofino) - (+ 26/11/1848 † 09/01/1884) 36 anos.

15. DESCENDENTES DE FRANCISCA BRANDINA DE OLIVEIRA LIMA MACHADO (Chiquinha Jorge), casada com o Major JORGE GOMES PINHEIRO MACHADO. (+ 25/04/1830 † 28/09/1883), com 53 anos.

15. 1. MARIA JOSÉ (nhazeca) - (+ 13/1/1873 † 9/4/1946), com 73 anos
 1ª Nupcias com Cel. MANOEL AMANCIO DE OLIVEIRA LIMA MACHADO - seu tio, irmão de sua mãe.
 2ª Nupcias, com o Dr. ANGELO GOMES PINHEIRO MACHADO, seu cunhado-primo, filhos: Maria José e Maria Orsina.
15. 2. ANA FLORISBELA, casada com Dr. ANGELO GOMES PINHEIRO MACHADO.
 filhos: Nene, Angelo, Hugo, José, Geny, Zuleica, Francisca, Maria José.
15. 3. FRANCISCA (Chiquita), casada com Prof. OTAVIANO BRISOLA (Itapetininga) - filhos: Otavio (vivi), Jorge, Mocinha, Leo, Salvador, Ruy e Gracinha.
15. 4. JORGE (Jorginho).
15. 5. ADOLFO (+ 26/10/1872 † 03/08/1895) 23 anos.
 Casado com FRANCISCA, filha do Dr. Falcão, afilhado do conde DEAU e Princesa IZABEL a redentora.
15. 6. MARIA IZABEL, falecida com 5 anos. (+ 10/6/1873 † 2/3/1878).

12

16. DESCENDENTES DE JANUÁRIA C. DE OLIVEIRA LIMA MACHADO (Sinhazinha), casada com o TEN. CEL. MAMEDE FELICIANO DA ROCHA - (+ 06/03/1849 † 02/04/1906)

16. 1. VERGILIO - morreu solteiro.
 16. 2. MAMEDE - morreu solteiro.
 16. 3. JOAQUIM GABRIEL Dr. - advogado e ex-Deputado Estadual.
 16. 4. AUGUSTO - morreu solteiro.
 16. 5. AFONSINA - morreu solteira.
 16. 6. HONORINA - morreu solteira.
 16. 7. MARIO - morreu solteiro.
 16. 8. ELIAS - ex-deputado estadual, ex-prefeito de Lençóis.

17. DESCENDENTES DO CEL. MANOEL AMANCIO DE OLIVEIRA LIMA MACHADO, casado com sua sobrinha: MARIA JOSÉ - filha de dona Chiquinha Jorge, sua irmã.

17. 1. JOÃO - (Jango).
 17. 2. MANOEL (Manéção).
 17. 3. JORGE (Jorginho).
 17. 4. JOAQUIM (quinzinho).
 17. 5. MARIA JOSÉ (maricóta), casada com LASINHO DE BARROS, filhos: Lucio, Jorge e Manoel.
 17. 6. FLORISBELA (belinha).
 17. 7. SINHA

13

18. DESCENDENTES DO DR. SIMÃO EUGENIO DE OLIVEIRA LIMA MACHADO (ex-Juiz de Direito - ex-Promotor Público).

18. 1. HOMERO - fazendeiro.
 18. 2. FRANCISCO - solteiro.
 18. 3. ALBERTO - ex-desembargador do Estado - ex-secretário da Justiça.
 18. 4. EUCLIDES - professor de Ginásio - farmaceutico.
 18. 5. OSVALDO - Médico.
 18. 6. JOAQUIM - Cirurgião-Dentista.
 18. 7. JOSÉ - Coletor Estadual.
 18. 8. JORGE - Farmaceutico.
 18. 9. SIMÃO (Simãozinho) - advogado.
 18. 10. SILVIO - Adv. - Delegado de Policia.
 18. 11. LUIZ - Adv. - Delegado de Policia.

14

19. DESCENDENTES DE AGRIPINO DE OLIVEIRA LIMA (+ 09/12/1893 † 09/12/1956), casado com SILVERIA DO PRADO LIMA.

19. 1. DORACY, casada com JULIO
 filhos: Maria de Lourde, Maria Cecília, Therezinha, Júlio, José Antonio, Maria Doracy.
19. 2. DIRCE, casada com FORTUNATO
 filhos: Márcia, Gilda, Marcos.
19. 3. LÚCIO, casado com ZULEIKA
 filhos: José Alfredo, Zuleika Lúcia, Lúcio, Manoel Agripino.
19. 4. ELIAS, casado com IDALINA
 filhos: José Lucio, Elias, Maria Aparecida, Luiz Eduardo, Eloiza Helena, Eider, Marcia, Renata, Idalina.
19. 5. MARIA ANTONIA, casada com VERGENIO
 filhos: Lucio Carlos, Ricardo, Vergênio e Norma.
19. 6. JUPIRA, casada com PEDRO
 sem filhos.
19. 7. LUIZ JARBAS, casado com DOROTY
 filhos: Luiz Carlos, Luiz Jarbas, Luiz Cláudio, Luiz Fabiano.
19. 8. AGRIPINO, casado com ANA
 filhos: Augusto Cesar, Ana Cristina, Maria Regina e Paulo César.
19. 9. ADIGE, casada com JOSÉ
 filhos: Rosana, Reinaldo e Rosangela.
19. 10. JOSÉ CARLOS, casado com DIVA.
 Filhos: Claudia, Flávio, Alvaro e Guilherme.
19. 11. CARLOS JOSÉ, casado com NEUZA.
 Filhos: Renata, Carlos Eduardo e Gustavo.

15

DESCENDENTES CONFORME ORDEM GENEALOGICA DO CORONEL JOAQUIM GABRIEL DE OLIVEIRA LIMA MACHADO.

Concunhado	Major José Inocencio da Rocha - Fazenda Pulador e Boquiário.
Sogro e Tio	Ten. Coronel Mamede Feliciano de Oliveira Rocha, Fazenda Mamedina
Sogro e Tio	Major Jorge Gomes Pinheiro Machado - Fazenda Pulador e Piracema.
Irmão	Ana Florisbela de Oliveira Machado - Fazenda Morro de Araçoiaba - Fazenda Monte Alegre, Botucatu.
Irmão	Francisco Gabriel de Oliveira Lima Machado.
Pai	Major Esperidião de Oliveira Lima Machado - Fazenda Velha e Serrinha.
Pai	Joaquim Moreira de Oliveira Lima Machado - Fazenda Turvinho.
Pai	Capitão Delfino Alexandrino - Fazenda Rio Claro.
Pai	Francisca Brandina (Chiquinha Jorge) - Fazenda Pulador e Piracema.
Pai	Januaria C. (Sinhazinha) - irmãos: Vergílio, Gabriel e Elias - Fazenda Arredores.
Pai	Coronel Manoel Amancio de Oliveira Lima Machado - Fazenda Palmeiras.
Pai	Dr. Simão Eugenio - primeiro ex-promotor público e Juiz de Direito em Pirajá - Fazenda Faxinal.
Tio	Capitão Antonio Frutuoso da Rocha - filho: José Inocencio.
Tio	Major Otaviano Brizola por afinidade, casado com Francisca (Chiquita).

16

Tio	Eliseu Antunes Cardia.
Avô	Coronel Vergílio de Oliveira Rocha - Fazenda Mamedina - Inventariada.
Avô	Gabriel de Oliveira Rocha - Adv. ex-Deputado Estadual.
Avô	Elias de Oliveira Rocha - Adv. ex-Deputado Estadual.
Avô	Antonio de Oliveira Lima Machado - Fazenda Pilão-d'água.
Avô	Joaquim de Oliveira Lima - Fazenda Prata-Barra Mansa.
Avô	Major Lucio de Oliveira Lima - Fazenda Graminha.
Tio-avô e avô	Dr. Angelo Gomes Pinheiro Machado - Fazenda Palmeiras.
Tio-avô	Capitão Tito Corrêa Melo, casado com Ana Florisbela - Fazenda Banhadão.
Tio-avô	General José Gomes Pinheiro Machado, ex-senador da República.
Tio-avô	Dr. Luiz Melo de Oliveira - médico - Barão Melo de Oliveira.
Bisavô	Raul Gonçalves de Oliveira - Fazenda dos Côchos.
Bisavô	Djalma de Oliveira Lima.
Bisavô	Lucio de Oliveira Lima - sócio - Fazenda Mamedina-cunha - Ant. Zillo.
Bisavô	Dr. Esperidião de Oliveira Lima - Cirurgião-Dentista e pesquisador da presente relação, filho de Antonio de Oliveira Lima - Res. em S. Caetano do Sul.
Tataravô	Haroldo, filho de João de Oliveira Lima - 5ª Geração.

17

O SOBRADÃO

Era um sobrado situado no topo do outeiro, construído de terra socada, misturada com açúcar preto (mascavo) e capim ou palhas secas trituradas a pó, dando uma massa consistente e liguente; fazendo-se duas paredes de taboas, uma externa e outra interna, conforme a espessura que se desejasse, enchia-se em camadas úmidas e socadas até chegar à altura desejada.

Quando bem seco e endurecido esse material, tirava-se o tapume (taboas), ficando uma parede lisa e resistente, como hoje se faz uma viga de cimento, em vez do ferro trançado e amarrado, era de pau a pique trançado com amarrios de cipó ou imbirá. Seco e retiradas as taboas, fazia-se o arcabouço do telhado, cobria-se com telhas paulista, estucando com sarrafos bem finos e enchendo os vãos com o mesmo material da parede. Nas paredes, papéis estampados em flores ou arabescos simétricos conforme o gosto do proprietário, as vigas expostas em madeira lavrada, os beirais largos e as feixaduras com massanetas de cristal lavrado.

Essa residência ficava de frente para o rio Lençóis, tendo ao lado direito um cruzeiro de tres metros com face também para o rio Lençóis. Partia daí, um estrada que ia dar na Fazenda da Prata, onde existia uma igreja (bairro do Prata), de propriedade da Família Ferraz, ascendentes da esposa do Cel. Joaquim Gabriel. Do cruzeiro descia uma rua denominada Cel. Joaquim Gabriel que ia dar a rua 15 de novembro, próxima as margens do rio Lençóis.

A parte terrea dessa residência, achava-se dividida em: Hall de entrada, com varanda separada do prédio com telhado alpendre externo, logo um Living espaçoso de onde partia um corredor que dava para uma Capela denominada São Gabriel, existindo na parede fronteira um quadro com a imagem a óleo da ANUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA, dada pelo anjo SÃO GABRIEL, ao lado da Capela um salão de festas. Do Living para a sala de jantar, ligada a cosinha e dispensa. Um pouco retirado, senzala, cocheira, pomar e sistema de água, com profundidade de 25 metros.

Uma escada de madeira, ligava a sala de jantar ao primeiro andar, com corre-mão lavrado esculturalmente e com peças torneadas. Um corredor central com iluminação lateral, achavam-se oito quartos, 4 de frente e

18

4 para os fundos, janelas e portas com batentes de madeira massiças e bem arejadas, no fim do corredor do lado direito do prédio uma entrada para o banheiro. O banho tomava-se por imersão em uma banheira de marmore massiça escavada, onde os serviçais colocavam água, quando servida ia para a ligação de manilhas de barro em comunicação com o vaso em direção perpendicular com o banheiro do terreiro, canalizado para um poço negro (fôssa) onde ia depositar as águas servidas bem distantes da sistema.

Essa residência foi construída e administrada por Joaquim Gabriel, e servia para receber os seus 8 (oito) filhos e netos quando vinham das fazendas, nas ocasiões especiais, casamentos, batizados ou festas religiosas.

Quando se instalavam, vindo das fazendas, traziam a sua subsistência em lombos de burros ou carroças, canastras ou balaio, assim como seus servidores domésticos.

Com o passar do tempo, rariou-se a frequência dos familiares, seu interior e exterior em deterioração, arruinava o aspecto do edifício. Abandonado como objeto sem dono, foi despojado de seus utensílios de uso, até que surgiu uma notícia fantástica de ouro enterrado, causando a cobiça do povoado, onde a noite, clareando por velas, depredavam, causando a sua total ruína e demolição.

Os herdeiros em grande quantidade não queriam assumir a conservação de tamanha responsabilidade, por acharem que todos que usufruíram também tinham o dever de cooperar e conservar o imóvel.

FAZENDA FAXINAL

A Fazenda Faxinal surgiu originariamente na fundação do patrimônio. Construção rustica, mas confortável para a ocasião, um oratório para as rezas cotidianas, espaçosos e confortáveis, construção de taipa (terra socada) com a espessura de quase um metro, batentes, portas e janelas de madeira lavrada à machado, vigas nas espessuras das toras, também lavradas, assoalho em taboas serradas, largas, grossas e bem juntadas, estuque em taquara trançada formando esteiras do mesmo tamanho do espaço do teto. No fundo, um tronco de madeira fincado num quadrado, anexo uma senzala.

19

Em frente a senzala, havia o pomar, poço, horta e ao lado um cercado para animais com um comodo para arreios, carroça e cangalhas. Não muito distante numa batcada, uma represa (açude) com barragem de terra de uns 3 metros de largura, para dar passagem de carros de boi e carroças.

Para proteger esta barragem, plantaram um taquaral na extensão do aterro, evitando desmoronamento nas ocasiões das chuvas. Desse açude a água corria por uma canaleta escavada em toras de madeira para a serraria, moinho, máquinas para limpar arroz e café. Existia também na Fazenda uma área aplainada e socada para a secagem do café (terreiro).

A policultura e a pecuária, era uma necessidade na época para o sustento. A Fazenda bem organizada e administrada deu bons frutos, ali nasceram quase todos os descendentes dessa família até a terceira geração. No inventário do espólio, tocou ao filho menor Dr. Simão Eugenio que era Juiz do Forum de Pirajá, as terras de Ataliba Leonel, anteriormente o primeiro promotor público, quando instalada a comarca em Lençóis Paulista.

Não podendo administrar a Fazenda, vendeu parte dela, adquirindo em Pirajá uma outra propriedade.

1º proprietário da Fazenda Faxinal: Simão Eugenio de Oliveira Lima Machado.

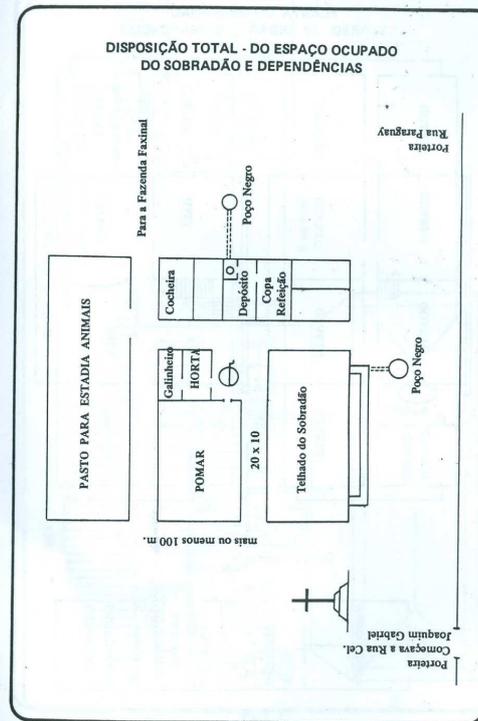
2º proprietário da Fazenda: José da Silva Cordeiro.

3º proprietário da Fazenda: Dr. Armando Aguinaga - esposo de Dna. Alice.

4º proprietário da Fazenda: Família Casale.

O restante da propriedade ficou ao seu sobrinho neto, João de Oliveira

20



21

APÉNDICES

APÊNDICE A- Entrevistas

Boris Kossoy

E-mail: www.boriskossoy.com, boriskossoy@terra.com.br

Data da entrevista: 05/10/09

Meio: E-mail

Professor Titular/ Programa de Pós-Graduação Escola de Comunicações e Artes
Universidade de São Paulo

Como enxerga a fotografia para a realização de um trabalho biográfico?

Vejo grande utilidade da fotografia no trabalho biográfico. As imagens proporcionam uma idéia precisa do personagem biografado: sua infância, o retrato familiar com os pais, irmãos e demais parentes, a casa onde viveu a primeira comunhão, a formatura do colégio, a namorada a esposa etc., e todos os demais ritos de passagem. As feições de seus entes queridos são recuperadas, assim como dos amigos, do trabalho, da rua em que morou e assim por diante. As imagens nos trazem de volta o espírito de uma época. Elas não são meras “ilustrações”, mas fontes históricas primárias que, em conjunto com o texto, enriquecem qualquer biografia.

Acredita que com a geração cada vez mais visual a fotodocumentação passe por uma fase de supervalorização em relação ao texto? Gostaria de saber qual a sua visão da fotodocumentação hoje, agora, nesse instante?

A fotodocumentação sempre foi, em qualquer época – e não será diferente no futuro – o instrumento de preservação da memória cultural. O que seria da história de uma cidade sem imagens que nos mostram sua aparência em diferentes períodos? Suas ruas, sua arquitetura, seu comércio, seu povo? Veja-se a obra de fotógrafos como Militão Augusto de Azevedo, que realizou o mais importante trabalho de documentação da cidade de São Paulo do século XIX, por meio de fotos comparativas realizadas em 1862 e 1887. E o dos demais fotógrafos que o sucederam na documentação fotográfica da capital paulista como Guilherme Gaensly, entre meados da década de 1890 até as proximidades de 1920; Aurélio Becherini, a partir dos anos 20, assim como Theodor Preising, principalmente entre os anos 30 e 50, além de outros que documentaram a cidade até os meados do século XX. E assim por diante. Sem essas imagens São Paulo, como qualquer outra cidade, seriam apenas lembranças e memórias registradas por meio de relatos orais e crônicas escritas. Não se teria a dimensão visual de sua ocorrência no espaço e no tempo, fundamental enquanto fonte histórica, essencial como informação que estimula o nosso imaginário. Hoje os temas são registrados constantemente e ininterruptamente sob todos os aspectos e não apenas por profissionais, mas também por amadores por meio de todos os tipos de câmeras, desde as mais sofisticadas aos aparelhos celulares. A imprensa, a publicidade, a arquitetura, o comércio, as artes, qualquer que seja a área de interesse e, sob as finalidades as mais diversas, o mundo tem sido documentado continuamente. Hoje, e cada vez mais, um outro mundo caminha paralelo ao mundo real: o construído pela imagem fotográfica.

E por último, saber se considera o fotojornalismo como uma forma de fotodocumentação e por quê?

O fotojornalismo não tem, por princípio, a função da fotodocumentação. O fotojornalismo tem, por definição, uma atuação rápida, concentrada no acontecimento, nos fatos que são ou podem se tornar notícia. O fotojornalismo deve registrar o fato e fornecer a informação o mais rápido possível às redações dos veículos. No fotojornalismo a transmissão imediata das imagens é quase tão importante quanto a própria captura dessas imagens. O fotojornalismo alimenta a internet on line e a notícia é publicada horas depois com as imagens que já vimos. A agilidade do registro

e sua multiplicação pelos meios de comunicação impressa ou eletrônica são essenciais para o sucesso dos veículos.

Já a fotodocumentação não tem essa obrigação com o registro dos fatos do dia, nem com sua transmissão imediata. Pelo contrário, um trabalho de documentação fotográfica sobre determinado tema deve ser pensado de forma sistemática, equacionado de modo a produzir um conjunto de imagens que abarquem o tema extensiva e profundamente, no geral e no particular, no panorama abrangente para nos dar uma visão do conjunto e nos contextualizar e, nos detalhes, para descobirmos aquilo que os olhos não vêem: as texturas e peculiaridades do objeto. Um projeto de fotodocumentação pode levar semanas e meses para ser executado. Deve propiciar resultados que sirvam de referência para estudos específicos históricos, sociológicos, antropológicos, urbanísticos, arqueológicos, biológicos, científicos e técnicos em geral.

Vemos, pois, pelo exposto, algumas das diferenças básicas entre os objetivos dessas duas formas de registro fotográfico.

Paulo Henrique de Barros Miguel
Endereço: Dahma I (residência)
Telefone: (18) 3904- 4132/ (18) 9773-2673

E-mail: pautapm@gmail.com

Data da entrevista: 04/10/09

Meio: E-mail

Professor Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste)

Porque podemos considerar o portrait como uma forma de fotodocumentação biográfica?

O Portrait é a categoria do fotojornalismo mais antiga. Segundo o Professor Doutor da UEL, Isaac Antonio de Camargo, o retrato foi a primeira categoria de fotografia a ser utilizada pela imprensa. Assim, o leitor passou a ter a possibilidade de ver o rosto daqueles de quem os jornais falavam em suas notícias.

Qual a sua importância para o registro histórico?

O retrato sempre serviu de documento biográfico, revelando a face de personalidades e de anônimos que construíram e constroem a história registrada nas páginas dos jornais. Essas imagens também são informativas e por meio delas podemos ampliar nossa percepção acerca das notícias.

O fotojornalismo pode ser visto como uma forma de fotodocumentação?

As fotografias em jornais e revistas são fontes de documentação que enriquecem o trabalho de historiadores, ajudando-os a coletar, analisar e interpretar fenômenos sociohistóricos. O caráter documental do fotojornalismo é importante para as pesquisas de várias áreas das ciências sociais.

Paulo Henrique de Barros Miguel

Endereço: Dahma I (residência)

Telefone: (18) 3904- 4132/ (18) 9773-2673

E-mail: pautapm@gmail.com

Data da entrevista: 10/08/09

Meio: pessoalmente

Professor Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste)

Você acha que atualmente essa geração se preocupa mais com o visual?

Os jovens de hoje são muito mais imagéticos do que os jovens de antigamente. Você está comparando essa geração com as anteriores?

Sim. O que elas percebem mais. A informação chega melhor, através do texto ou através da imagem?

Acho que devem usar muito mais a imagem, do que outras gerações, porque cada vez mais está se usando a imagem. As novas tecnologias usam muito a imagem, que é a Internet, os meios de comunicação via Internet, a rádio todas tem a possibilidade de usar imagens, a rádio nunca usou imagens, já há a possibilidade de acessar uma rádio na Internet e se quiser ver a imagem é só ligar.

E o jovem vem usando isso. A geração que você está falando usa a imagem com muito mais antecedência que outras gerações, através dos Games, dos jogos eletrônicos, do uso mais maciço da televisão como um meio de comunicação, de vídeos, da própria informação da Internet.

A minha geração consultava o almanaque Abril impresso, hoje em dia se usa o CD-Rom, com informação imagética que a nova geração usa mais. Então acredito que eles inclusive estão mais preparados para entender a imagem, o treino começa mais cedo, uma criança já tem acesso a imagem muito cedo. Então não tem como saber medir geração. Mas minha geração conheceu a televisão, com o surgimento da TV, nos anos 60, a sua geração conheceu a televisão, você nasceu com a televisão.

Então a televisão já estava velha, embora era a Hebe Camargo que estava lá, e ainda continua sendo a Hebe, mas nós conhecemos a televisão já adulto. Então concorda que você teve um aprendizado de televisão muito maior que a minha geração?

Enquanto estudei no almanaque Abril impresso, você já conheceu o CD Rom. Enquanto eu tenho dificuldade para usar a Internet, você não tem, é uma coisa óbvia, é um aprendizado maior, então eu acredito que essa geração que você está chamando de geração atual, tem um aprendizado muito maior, porque usam mais a imagem.

Em uma revista, a fotografia é o que mais chama a atenção?

Provado. A VEJA mesmo, tem um manualzinho do curso da Abril.

A Abril tem esse manual, que eles usam a VEJA como exemplo e eles falam que a estesia visual provavelmente, lá não sei como, por pesquisa.

Estesia?

É estésicos, é histeristésico, de anestésico, e estésico, quer dizer, parado, anestesiado, você fica hiper estésico, mais atento para as imagens, do que para o texto, lógico que no texto você vai entrar depois, então o que fisga, o que pega, a VEJA chama de folhadores de revista. Quem são os folhadores?

Somos nós, que pegamos a revista, e a primeira coisa que você faz, seja num consultório, e numa sala de espera, você pega a revista e folheia a revista, você não procura os textos, você procura a imagem.

E onde você para?

Você para naquela imagem que chamou a atenção, se ela te chamar a atenção você vai ler a manchete, vai ler a linha fina, vai ler a legenda que te chama para ler o texto, a VEJA sabe disso então trata leitores como folheadores de revista e boa parte deles, deve ter pouquíssimos que pega a VEJA e lê a primeira página, a segunda página, e vai lendo, a maioria pega a VEJA que chegou no sábado na sua casa, e vê uma foto diferente do Roberto Carlos jogando uma rosa, nós já vimos, não tem nada diferente, todo mundo já viu, mas todo mundo vai ler onde ele jogou aquela rosa, porquê daquilo. Então quer dizer a foto, é que fisga, ela é ponto na revista que faz a punção. Você entra na revista através da imagem.

Tanto a foto jornalística, quanto a foto publicitária?

Mesmo a foto publicitária. A foto publicitária fica muito mais evidente. Ela faz isso para fisgar mesmo, faz uma imagem maluca, hoje com a nova tecnologia, estão inventando coisa que não existe, põe a modelo na lua, põe em qualquer lugar, vai além do real para a imagem, mas no jornalismo que tem que trabalhar só no real, porque os fotógrafos tentam ser o mais diferente possível, de um jeito que atraia mesmo, a gente que tem uma experiência larga, tenho trinta anos de fotografia, fiz umas fotos para a revista EXAME, na semana passada saiu neste mês, fiz fotos que saiu na primeira página, eu fiz duzentas e cinqüenta (250) fotos de um cara que comprou o primeiro trator, eu fiquei pensando. Qual foto que eles vão escolher? Escolheram uma lá que tirei do cara agachado, de baixo para cima, com o trator e a casa dele por cima dele. É uma foto diferente usaram o azul do céu para por o texto. Qual que é a idéia daquela foto? Quando você bate, a área usada é a manchete no céu, assim as pessoas devem ficar curiosas para saber. O que aquele cara está agachado na frente daquele trator, com aquele céu lindo, e o texto ali é: "Meu primeiro trator". Usava assim o título para atrair as pessoas para ler. Você leu a EXAME? Essa é a idéia.

Então a VEJA trata isso, desse manual eu posso passar para vocês um resumo que eu tenho dele. São assim 26 maneiras inteligentes de usar a fotografia em revista, e isso o curso da Abril, eu passo para vocês, não sei se vou achar agora, mas provavelmente esta lá na faculdade no meu armário. Acho ele bem legal, e ele fala disso, como usar a imagem para atrair A idéia desse curso é isso, é mais para produtores, editores, diagramadores. Como utilizar a imagem? Como fisgar? Como fisga o leitor, porque a gente sabe que ninguém procura texto, ninguém esta procurando títulos, são as cores e imagens, principalmente imagens na revista, você sabe disso. Inclusive neste curso da Abril tem um teste, de um navio. Eu falei para o Humberto Castro que eu já estava pensando em falar nisso, é um lá na frente. O que eles fazem. Eles fizeram uma petição especial para fazer uma pesquisa, um texto bem pequenino, do Roberto Carlos, que já estava deixando de usar roupas marrons e preta que ele tentou e não usava outras cores, mas já estava voltando a usar a cor azul. O Tim Poup deu uma notícia que o Roberto Carlos voltou a usar roupas coloridas, eles puseram numa coluninha, num pé de página, numa emenda de página, que é a pior parte da revista, é a coluninha na emenda. A melhor parte são os lados extremos da página, tanto impar como par, então a fotografia tem que pensar nisso, você quer chamar mais atenção tem que por a fotografia para fora, não põe a fotografia para dentro. Então sabe a técnica.

Então fizeram esse textinho do Roberto Carlos e editaram num canto de revista com a foto do Roberto Carlos, e um tanto sem. Depois entrevistaram as pessoas que leram a revista, é impressionante, primeiro sem a fotografia, a notícia foi lida por 18 (dezoito) pessoas, 18% só dos leitores da VEJA. Com a fotografia subiu para cinqüenta e poucos, porque tem uma fotinha do Roberto Carlos, não é uma fotona não, é só porque tem a cara dele.

Você está folheando assim, coluninha sem foto, você não vai ler mesmo. Você mesmo não dá importância. Isso de ser uma notinha. Se tiver a fotinha do Roberto Carlos a pessoa pergunta. “O que será isso?” E lê.

Eles sabem disso. Sabem que a fotografia é muito utilizada para fisgar. Na verdade deveria ser usada para informação mesmo, mas vende revista. Os jornais sabem também, os jornais usam a fotografia na primeira dobra, jornal a gente lê antes de dobrar, então a gente chama de dobra, a foto da primeira dobra é a mais importante, depois geralmente vem duas embaixo, porque o jornal vende dobrado, e na banca as pessoas vêem a foto da primeira dobra, e essa foto os editores sabem que tem que ser a foto. Porque o dia que não tem uma foto boa, vende menos. Os caras tem esses números, sabem disso. E o público além de tudo é meio bobão, gostam dessas coisas bobas, crimes, sexo, mulheres, violência, sangue. E os editores usam ou tentam usar isso o máximo, porque isso vende.

A vantagem da fotografia é que ela guarda uma memória de um tempo, um contexto, o que estava acontecendo. Você acha que ela é importante para se contar uma história?

É, acho que é. Não sei se só eu acho isso, nem gosto de discordar isso. Lógico que é. A fotografia é história de um tempo, é um histórico, lógico, são dados, tem isso, ela tem inclusive relações de tempo diferentes, uma fotografia quando ela é feita, tem uma informação, com o passar dos anos a fotografia muda.

Porque a informação dela também muda, você, tem uma foto do Che Guevara que é famosa, do Alberto Korda, quando ela foi feita tinha uma informação, com o tempo esse cara virou um mito, então essa fotografia veio junto com a história dele.

Mas no contexto?

Lógico num determinado momento alguém, a gente acha que o crítico é legal, então todo mundo olha para aquela foto.

Depois de um determinado tempo esse cara faz uma grande bobagem a gente olha para a mesma foto já falando: “putz esse cara”. É vamos pensar. Todos os presidentes que passaram por este país tem história assim. O Collor de Melo, era o caçador de marajás, virou bandido. O presidente Lula ia salvar o país, atualmente estão todos falando que não é cara legal. A gente fala da foto da posse do Lula, que você olhava com uma certa emoção. Ai que legal, esse cara chegou na presidência, é um líder sindical que conseguiu. Agora já desgastada a imagem do Lula, você olha a mesma foto e fala: “Pô o filho da mãe desse cara, que chegou na presidência e não fez nada.

A reforma agrária, o Zé Rainha, quando a gente achava que a única solução era a reforma agrária, você olhava uma foto e falava: “ai que cara legal, o Zé Rainha ocupando as terras devolutas deste país”. Esse também, o movimento está tão desgastado que hoje você só de olhar diz: “Pô o Zé Rainha fazendo a mesma coisa a vida inteira”.

Então a fotografia muda com o contexto, com o tempo, mais nunca deixa de ter um monte de informação e jamais deixa de ser um documento histórico.

Que documentos também mudam com o contexto, a Carta de Abolição da escravidão, quando foi escrita era uma coisa muito boa, depois de um tempo descobriu-se que aquilo era uma coisa que já ia acontecer mesmo. O Brasil é o último país a desescravizar todo mundo, então é bom acreditar que aquela Lei Áurea ia acontecer de um jeito ou de outro.

Soube aproveitar?

Na época as pessoas devem ter olhado de um jeito, hoje já olha aquele documento como coisa simbólica.

Agora mesmo tem correntes que defendem que a fotografia não é um documento histórico? Ainda existe essa dúvida?

Tem corrente que fala que jornal também não é documento histórico.que não sabe direito como aquele jornalista escreveu mesmo. Eu acredito que sempre é um documento histórico, só que precisa ser olhado com esse olhar de pesquisador.

Aquela imagem, aquele jornal precisa ver em que situação ela foi feita, em que veículo ela foi publicada. Por que ? Por quem ela foi feita. Qual o autor? Quando a gente analisa uma foto precisa saber, o autor, tempo, a situação mesmo de publicação, a ideologia do jornal, a linha do editorial, porque senão ela passa a ser um documento errôneo, um documento enganador, como o texto, como fala, como todos, a fotografia é mais um, ela pode ser criminosa, as fotografias já foram utilizadas para fazer cabeça de grupo, grupos de Rittler usaram, Color usou, Lula usou, então por isso que deixa de ser documento se você não contextualiza e não discutir, então para comunicá-las é lógico que é um documento para os historiadores também e um documento só precisa ver em que situação ela foi produzida. Ela pode ter sido produzida até para ser manipuladora. É muito fácil.

Mas mesmo que ela tenha sido produzida para ser manipuladora, ela não deixa de ser um documento, desde que você contextualize?

Se você chegar nisso, ela foi produzido para isso. Que documento ótimo saber que foi produzido uma foto para enganar as pessoas. Se conseguir descobrir, deve ter muita imagem que a gente não descobriu, que a gente engoliu.

Em relação ao Agripino tem alguma foto que você lembre que foi marcante?

Para mim como produtor das fotos e como fotógrafo fiz, várias fotos do Agripino, várias situações, Agripino prefeito foi gostoso de fotografar; enquanto que os outros prefeitos que trabalhei aqui em Prudente são poucos.

Trabalhei com o seu Tiezzi, que fazia as coisas assim tudo certinho, o seu Tiezzi não usava nem o carro oficial ele ia para a casa dele, da casa para o trabalho com o carro dele e isso virou uma notícia, fiz para a VEJA e as pessoas comentavam, até que ponto o seu Tiezzi não manipulou a VEJA e o repórter fotográfico, querendo dar essa de bonzinho, que ele vai com o carro dele, porque quem faz muito não precisa nem mostrar, mas ele fez chegar na gente essa notícia, para virar uma pauta, mas ele é de poucas manifestações. Depois peguei o Bragato, também de poucas manifestações, ele cumprimenta o Zé Rainha, ele recebe os opositores. O Agripino não, o Agripino, não dava a mão para o Zé Rainha, tem uma foto famosa do Zé Rainha dando a mão e ele não corresponde.

Quando teve a manifestação do funcionalismo público o Agripino joga bala para o funcionalismo que está na frente da prefeitura fazendo piquete, era uma prática dele jogar bala pela janela. Quer dizer para o repórter fotográfico, que sou eu no caso, achava ótimo, ele joga bala e eu tenho a imagem.

Uma vez ele falou “Eu vou desceu e rasgar aquela faixa”. Tinha uma faixa que falava alguma coisa dele, que nem lembro o que. E nós todos adorando que ele descesse, botando ainda lenha, porque nós precisávamos de imagem, o jornalismo vive disso.

Ele desceu com uma tesoura e picou a faixa do pessoal. Lógico que isso é legal para fotografar, porque o jornal precisa disso, isso vende, isso dá notícia. A do Zé Rainha tentando cumprimentar e ele não cumprimentando, foi uma foto forte, depois que ele assumiu a segunda vez, assumiu a prefeitura no lugar do Paulo Constantino, nossa agora bateu um pouco de dúvida, se é Paulo Constantino ou Valter Leme.

A primeira vez que ele assumiu a prefeitura foi depois do Constantino.

Foi a primeira essa ou a segunda? Eu acho que foi no Constantino, que ele tinha enchido a cidade com uns lagos assim de concreto que era um quarenta, a perna do quarenta era uma seta que atravessava a zero. Ele falava que na gestão dele Prudente cresceu quarenta anos em quatro. Que ele foi tão bom prefeito que essa cidade avançou quarenta anos em quatro. E ele fez um logo, alguém fez, algum publicitário fez um logo para ele assim, e fizeram de concreto e espalharam, tinha 50 logos pelas praças da cidade, com dinheiro público, era uma coisa errada, e o primeiro ato do Agripino foi mandar quebrar todos os quarenta, se fosse um Bragato se fosse um Tiezzi, não quebrava, ia fazer um processo, que demora mil anos.

Agripino não, Agripino era do tipo que mandava quebrar, ele mandou quebrar com trator tudo.

A VEJA ficou sabendo mandou eu procurá-lo para fazer essa foto. Foi legal, porque fiquei lá um tempão, fiquei conhecendo ele até que vamos fazer, por fim achamos, numa praça que tinham quebrado, ele começou meio tímido, assim do lado, no final ele subiu em cima, dos escombros e agachou.

A foto que a VEJA escolheu foi ele agachado em cima dos escombros.

Então primeiro ato do prefeito era quebrar um monumento do outro. São prefeitos ótimos para fotografar, são políticos ótimos, para jornalismo que vive dessas coisas. Daí a última que tive foi uma situação quando ele barrou a entrada do Zé Rainha na cidade, que também acho que foi outra jogada do Agripino, assim de marketing político.

Porque o Zé Rainha já tinha entrado nesta cidade várias vezes e nunca aconteceu nada, a não ser parar o trânsito da cidade que fica muito lento, eles andam muito devagar, por isso tem que desviar e entrar lá no centro, faz uma sujeira danada lá, come lá o dia inteiro, dorme no jardim faz a manifestação vai embora e não acontece nada.

Acho que o Agripino quis criar um fato político como criou, falou que na minha cidade, ninguém entra era o xerife da cidade.

Com isso o Estadão me contratou daquela vez, fiz poucos trabalhos para o Estado, mas para mim foi ótimo. Chequei lá, aquele prefeito dando uma de xerife mesmo, com uma barricada de pneus e tratores, eu vendi foto para o Brasil inteiro, para Manaus, para Recife, ganho com isso vendi para a folha de Londrina, deu primeira deu na primeira página, então é outro fato que tive com o Agripino como fotógrafo.

Então ele rende, ele sempre rendeu notícia, e rendendo notícia vende mais, lógico se fosse lá um impasse que discutia sobre advogados do MST, os advogados da prefeitura, que imagem você tinha? Agora não, tem um prefeito na frente da barricada falando: "Aqui ninguém passa só por cima de meu cadáver".

Toda a imprensa estava lá.

Deu no Jornal Nacional.

Deu no Jornal Nacional, deu no Ratinho, lógico que isso esquenta, mais a foto. Por ter dado na televisão. Vendi minha foto para vários jornais. Ai chegou ao fim do mês, e que recebi de relatórios do Estado passando, faturei mais uma grana, eu vivo disso. Eu gosto de fazer jornalismo com lado de gente quente, não fico colocando fogo no cara para ele fazer, ele vai fazer de qualquer jeito é melhor um cara assim para imagem, do que não. Nem discuto, porque não é minha função discutir se está certo, se devia ter parado, se não devia.

Eu acho que ele cria um fato, dois dias depois o Zé Rainha acabou entrando na cidade, mas só que daí ele já estava no país todo, com a imprensa toda, o Ratinho falando que ele é o prefeito do saco roxo, o xerife de Presidente Prudente, e ele ganhou mais autoridade, ele estava concorrendo ao governo do estado e precisava aparecer um pouco no cenário político. Daí ele não foi indicado. Não sei, acho quem foi, o Maluf que foi, não sei bem.

Teve muita manipulação em cima de alguma foto dele, ou ele por si só já criava as situações?

Acho que não teve manipulação, que eu me lembre nunca teve nada assim, mas toda foto é um pouco manipuladora, até do ponto de vista do próprio Agripino. Criar uma situação, na grande imprensa, pelo contrário, foi na grande imprensa que queimou um pouco a imagem do Agripino.

A VEJA fez algumas coisas, meio que querendo ridicularizar, talvez, querendo expor sabe, o termo melhor é expor ele diante da opinião pública.

A Isto É, veio aqui e fez uma foto dele, com um avião, com a história que ele comprou o avião em nome da fundação e falava que era para transportar professores e palestrantes, e usava com a família, daí os jornais sempre tentavam, os grandes jornais, eu fiz duas vezes, uma para a Folha e uma para a VEJA, coisa que o jornal já sabia bem o que queria, já estava pautado.

Porque a gente é pautado, o repórter fotográfico é pautado, e a pauta é manipuladora, são manipuladoras pela própria pauta. Uma vez estava formando a primeira turma dele, e o hospital ainda era carcaça assim, carcaça, como fala, um esqueleto, ainda não estava pronto.

E a Folha recebeu denúncia, provavelmente de alunos, provavelmente de opositores daqui da cidade, que a pauta não surge por nada, ela surge de alguém que fica enchendo lá o jornal de, "Aqui esse prefeito é dono da faculdade, esta formando a primeira turma e não tem hospital escola, e a Folha liga e convocou um jornalista e eu fui trabalhar e fotografar o que tinha que fotografar.

O Agripino na reitoria, naquela época era o reitor, e no hospital, a gente que é jornalista com certa experiência fomos primeiro ao hospital, que só tinha peão e chefe, falando que ia fazer uma matéria, deixaram a gente entrar, tirar um monte de foto daquele esqueleto de obra, daí quando foi na reitoria, é obvio que ele não deixou nem a gente entrar, colocou os jornalistas para fora, vocês não sabem o que eles vão falar mal de mim, como a Folha falou mal. Só que daí mostrou uma foto dele antiga de deputado e outra do hospital ainda em construção, então quer dizer é uma pauta manipuladora, óbvio ela veio para isso.

Outra vez a VEJA me mandou fotografar uma festa que ele fazia aqui no dia das mães, que ele dava cesta básica para um monte de mãe, de mulheres, daí ele tinha votado no tempo era o presidente Sarney e o presidente estava á quatro anos já no poder e votava lá uma emenda, ou uma lei, não sei como isso funciona, dele ficar cinco anos, um ano a mais, e o Agripino como deputado votou por cinco anos para o Sarney. Votando cinco anos. Em segundo os opositores dele ganhou a concessão da TV, a TV Fronteira, ele e todos os deputados que votaram para os cinco anos do Sarney, foi feita aqueles trocas, um ganha uma rádio ali, o outro ganha uma TV aqui, outro lá. E a VEJA fez uma matéria com o título "É dando que se recebe", falando realmente isso, se você dá, você recebe, e daí pediram para eu fotografar a festa das mães, eu vi aquela fila que faziam de madrugada, tudo aquilo. Fui no ginásio de esportes da PEC era tudo cesta básica todo o chão, toda arquibancada, chegou Dona Ana e se deixou fotografar, a Cristina filha também, o Agripino chegou, ele é muito mais esperto, disse "põe esses fotógrafos pra cá, põe pra fora, não vou fotografar, vocês não vêem que eles vão falar mal de mim". Falaram mal mesmo, mostra que expuseram mesmo, essa festa, que as coitadas ficam esperando, então quer dizer são manipuladoras essas imagens? É. O repórter vai lá e faz um monte, os editores escolhem aquelas que mais mostraram, aquelas coitadas esperando, aquele monte populismo, que isso é assistencialismo, para um prefeito, um deputado tem que fazer outras ações, e não ficar dando cesta básica, então as revistas, na imprensa local é assim, quando está de bem com ele, ele é legal quando não está, ele não é, e a gente já viu coisas meio assim.

A partir do momento que você escolhe a foto, de certa forma já está manipulando?

É um recorte, você está retirando um pedaço. Agora você não escreve assim, você também fala assim, rápido, então se a gente for ver no sério assim da questão, você não é manipulador, até por questões éticas e até que ponto você pode manipular muito. Concorde que eu fotografando ele, ele do lado do obelisco, ali no final que ele acabou subindo, a VEJA escolheu isso, porque a foto tem um poder muito maior de falar ele subiu ainda no erro do outro prefeito. Não é uma questão de estar em cima, quer dizer é lógico, você faz várias fotos e edita uma, ninguém viu a historinha, mas ele foi acabado subindo em cima, a foto até o Imparcial reproduziu a VEJA e deu uma página, porque na VEJA a notícia dessas que saem naquela seção, na época chamada Radar, que mostra coisas do Brasil inteiro, uma foto, um textinho, um TL, um texto legenda, não chega a ser uma matéria, uma TL, uma foto com um textinho ali.

O Imparcial achou legal, mandou reproduzir, e pôs na primeira página. Já o Imparcial já pôs assim: “com foto de Paulo Miguel, a revista VEJA, dessa semana”, fez uma matéria em cima da nossa, porque quer expor mais na cidade. Ele no fundo, ele deve ter adorado, porque senão não ia subir lá, e não ia por faixa, ele é do tipo que gosta. Tanto é que ele que quebrou os negócios do outro.

Tão pouco subir em cima, por mais que ele fale para a gente. Ele bate o pé e fala que não gosta de se aparecer.

De se aparecer.

De se aparecer, ele falou para gente várias vezes. O Maluf também falava que não. Todos os políticos. Maluf então era um que sabia bem usar a imagem. Uma foto famosa do Maluf, dele entregando casa no Pacaembu, casas populares, fazia aquele sorteio, aquele punhado de coitados, iam sortear as casinhas populares, atrasou tanto o Maluf, que quando ele entrou, o Pacaembu inteiro vaiava o Maluf, vaiava, xingava, e ele sorria e ergue as mãos assim, e acena para o povo, na imagem não aparece as vaias, nas fotografias parece que ele está sendo aplaudido, então quer dizer, político como Maluf é esperto, que sabe que o fotógrafo, não vai transmitir a vaia, e ele sorria e dava tchau para o povo, e o povo xingando ele e nas fotos parecia que estava tudo bem.

Ismael Silva

Endereço: Rua: José Bongiovani, 700 - Cidade Universitária (Campus I)

Telefone: (18) 3229-1010/ (18) 9771-7642

Data da entrevista: 08/10/09

Meio: pessoalmente

Assessor de Agripino de Oliveira Lima

Ismael quando o senhor começou a trabalhar com o Agripino?

Aproximadamente há 17 anos, comecei com o Agripino quando assessoriei ele a distância, quando era deputado federal e sempre tinha um espaço de divulgação nos meus programas na rádio comercial, ele foi deputado federal e vereador por 10 anos depois se candidatou a prefeito pela primeira vez e foi eleito, foi esse período que comecei a trabalhar diretamente com o professor Agripino na prefeitura.

E como foi o convite para o senhor trabalhar com ele?

Foi através do filho dele, ele morava na avenida Manuel Goulart e num domingo a tarde o Paulinho Lima me levou até a residência do professor e fez a indicação para o pai, e seu Agripino atendeu o pedido do filho e me convidou para ser seu assessor especial e estou até hoje, ele continua aqui na Apec e estamos trabalhando junto à 17 anos aproximadamente.

Como você conheceu o Paulo Lima?

O Paulo Lima tinha e tem aqui em Presidente Prudente os órgãos de comunicação, ele tinha a Gráfica Oeste, eu tinha também a Revista Repercussão que circulava aqui na décima região administrativa e o Paulo fez uma parceria comigo nessa revista e começou todo esse laço de amizade.

A relação que vocês mantém hoje é realmente de assessorado e assessor ou tem algo a mais? Como funciona essa relação?

Hoje o Agripino é como um pai para mim, além de assessorar seu Agripino eu vivo o dia-a-dia com ele, trabalho das 8:00 às 6:00 horas da tarde, a noite a hora que ele precisava estava lá trabalhando, um trabalho diferenciado (risos) quase uma assistência (risos).

Como o senhor observa a relação do Agripino com a cidade de Presidente Prudente?

Muito boa, o Agripino é um político diferente, está em extinção, hoje você não vê político do naipe do Agripino. Ele é uma pessoa especial, iluminado por Deus, um homem que é prefeito da pobreza, sai nesses bairros de Prudente, é bem recebido. Hoje o que a gente observa são vários políticos envolvidos em fralcatua, políticos falando mal do outro e percebemos que a corrupção está dominado o país. Mas o Agripino é um homem diferente dos outros, ele sempre esteve a disposição da pobreza. Você percebe pelo santuário que ele construiu aqui em Prudente se é outro empresário não construiria e o que já foi investido ali não é brincadeira e se fosse outro iria morar lá nos Estados Unidos não ficava aqui construindo um santuário.

Durante a carreira política dele que você acompanhou, o que você considerou mais marcante?

Foi quando o Antônio Ermirio de Moraes se candidatou a governador, ele veio aqui a Presidente Prudente percorreu a região e saiu uma pesquisa dizendo que o Quércia estava liderando a pesquisa, quando ele recebeu o resultado falou que ia retornar para São Paulo e desistir de ser candidato o seu Agripino que comandava a campanha dele na região estava hospedado no hotel manteve contato com ele e

animou-o dizendo que política é assim mesmo, mas não podemos desistir, temos que lutar. Ele continuou a campanha dele, mas infelizmente ele perdeu, ou melhor, quem perdeu foi o Estado de São Paulo, porque não dá para comparar Quércia com Antonio Emilio.

O segundo foi quando o Agripino parou o Sem Terra, pois foi um marco para o Brasil e lá fora também. Outro fato marcante, foi quando ele se candidatou também ao Governo de São Paulo pelo PFL, esse partido tinha uns deputados e alguns delegados diziam que um político acabou comprando todo mundo e o Agripino acabou perdendo na convenção por vinte votos apenas, ele era para ser o candidato do interior, ou seja, a força do interior o Agripino Lima poderia até ter sido o nosso governador.

Conte-nos uma história curiosa que tenha acontecido com o Agripino.

Certo dia ele estava no campo e estavam jogando Palmeiras e São Paulo, e o Palaia, o homem forte do Palmeiras, no sábado foi almoçar com Agripino, visitou o Santuário, foi ver as obras que ele construiu, a faculdade e o Agripino pegou muita amizade por ele. Em seguida foram para a tribuna de honra com a diretoria do Palmeiras, o Agripino estava torcendo para que o Palmeiras ganhasse e acabou ganhando mesmo, acho que de dois a um, ou um a zero, não me lembro.

Mas o Agripino não é Palmeirense?

Bem, ele torce para todos os times, ou para quem estiv

er ganhando, mas chegou um momento que o São Paulo atacou, e ele começou a torcer para o São Paulo, nessa hora o Palaia disse a ele que aquele time não era o deles não e ele suspirou e respondeu que o nosso era o verde. Esse fato foi muito cômico e marcante para mim.

Quando aconteceu esse jogo?

Foi no ano passado.

Uma palavra ou frase que resuma o Agripino.

Um homem humano.

Em relação ao MST, ainda se comenta muito essa história sobre o que teria acontecido realmente naquele dia. Você estava com ele? O que o motivou àquela ação?

Ele ficou sabendo que o José Rainha viria a Presidente Prudente junto com os sem terras e a primeira coisa que ele fez, foi então reunir todo o maquinário da Prefeitura e determinar que colocassem no dia seguinte na rodovia que liga Presidente Prudente a Pirapozinho e de madrugada ele foi para lá esperar o José Rainha e disse que ou o Zé Rainha matava ele, ou ele matava o Zé Rainha, foi uma tensão muito grande, tinha muita gente, os sem terras de um lado e do outro, os elementos ligados, amigos do Agripino, alguns pecuaristas, e foram chegando, chegando e depois das 06:00 às 08:00 horas já estava todo mundo, até o Presidente da UDR estava lá, foi um momento de muita tensão, porque eles davam o grito de guerra e a gente pensava que eles iam descer, mas graças a Deus não aconteceu nada. Os sem terras estavam com foices e o governado que era o Sr. Geraldo, ligou para o Agripino pedindo pra ele desistir e recuar, mas ele não desistiu e disse ao governador que ele teria era que estar do lado dele e que só sairia morto. Foi um fato marcante para mim, pois saiu em todos os veículos de comunicação como - o Estadão, a Folha, a Veja, o Jornal Nacional, O Ratinho, inclusive na hora, o Agripino recebeu até um telefonema do

Japão, cumprimentando-o pela atitude, foi marcante, porque infelizmente Prudente só recebe Presídios e Sem terras.

E como é o Agripino como empreendedor?

Como o Agripino não tem. Ele faz tudo bem feito em termos de construção não tem igual e nem um empresário que construiu tanto em Presidente Prudente. As suas fazendas são todas bem equipadas, parece coisa de cinema.

O Agripino diz que não sabe A quantidade de fazendas que possui, o Sr. sabe?

Não. São muitas fazendas.

O que mais o Agripino possui, além de gráficas, fazendas, casas e faculdades?

É o que ele já contou para você. O que ele tinha era isso, ele conseguiu um canal de televisão e hoje é da Rede Globo, a Rádio Globo, um hospital que é o antigo HU é tudo que sei.

Você é de Presidente Prudente?

Eu nasci em São Paulo, mas fui criado em Álvares Machado e depois vim para Prudente.

Em relação à política, como ele encarou a cassação?

Não foi bem uma cassação, o que faltou foi a parte jurídica, os advogados que cuidavam dessa ação, deixou ser julgada a reveria. Ela poderia ter subido para o Supremo Tribunal, mas não recolheram uma taxa e essa ação acabou ficando sem defesa. Mas ele não deu nenhum prejuízo para os cofres públicos, ele comprou o Planetário na Alemanha e saiu praticamente de graça, o seu erro foi não ter feito licitação.

Como o Agripino lidou com isso?

Ele tem uma cabeça muito boa, acabou de receber a notícia e depois já foi cuidar das coisas dele, mas em nenhum momento ele reclamou.

Considera o Agripino uma pessoa impaciente?

Sim, até demais (risos). Se ele tem um encontro, ou uma reunião às 10hs, às 08hs ele já quer ir para reunião, ele sempre chega primeiro.

Ele é exagerado?

Não. Ele não é exagerado, é impulsivo, os pensamentos deles são grande e sempre pensa positivamente e tudo isso aprendi com o Professor, você nunca pode pensar que não vai dar certo, o pensamento precisa ser sempre positivo.

Com relação aos hábitos, aos vícios qual é a rotina dele?

Ele sempre fala para mim que se deixar, ele reza o dia inteiro, ele é muito religioso construiu a igreja, já construiu quatorze Igrejas, fora as que ele já reformou. Ele é uma pessoa que visita o Bispo todo dia, e vejo só o Agripino visitando o Bispo Dom Agostinho (bispo e mérito) e é todo santo dia.

Como é a relação dos dois?

Muito boa.

Você sabe como começou?

Começou quando criou a Faculdade, o Dom Agostinho tinha um ministro que era muito amigo, não me recordo o nome, era de Curitiba e ajudou muito o Agripino e ele inclusive que acompanhava o Agripino à Brasília quando precisava reivindicar os cursos para Prudente.

Foi o Dom Agostinho que fez a primeira bênção na Unoeste, quando inaugurou?

Sim, foi o Dom Agostinho, tem fotos e todos os jornais publicaram na época o Dom Agostinho sempre esteve ao lado do Sr. Agripino.

Qual a maior lição que você aprendeu com ele e vai levar com você?

O dinamismo, ele pensa lá na frente e o que ele fala você pode marcar, acontece.

Em relação à saúde dele, pois saiu nos jornais que o Agripino teria que se ausentar por trinta dias, o que tinha acontecia de fato?

Não, isso é normal na política, para o vice assumir, você não pode divulgar a realidade e para o prefeito se afastar tem que ter um motivo muito forte, mas na verdade é para descansar quando estava realmente estressado e ele sempre gostou também de prestigiar o seu vice.

O Agripino sofreu um AVC?

Sim, mas ele superou rapidamente, ficou só uns dias no hospital e deu alta para ele mesmo, depois ele fez uma cirurgia de próstata.

Como é a sua rotina com ele?

Eu pego-o de manhã na residência dele e geralmente a gente fica fora o dia inteiro e retornamos por volta das 18:00 horas para sua casa. Estou ao lado dele o tempo todo fico mais ao lado dele do que ao lado da minha esposa.

Então podemos dizer que o Agripino passa o dia inteiro fora?

Geralmente sim. Algumas vezes ele fica no Campus II e almoça. Ele é um homem caseiro sai às 08:00 e volta às 18:00 horas, a noite, não adiante convidá-lo para uma festa, inclusive ele não gosta de festa, restaurante e não costuma beber, o que toma de vez em quando é uma dosinha de uísque, cowboy, e quando retorna para casa, é difícil tirá-lo mais.

Elias de Oliveira Lima

85 anos

Endereço: Siqueira Campos, 419, Ap: 1401

Fone: (18)3917-1631/ 9772-5127

Data da entrevista: 11-08-2009

Meio: Pessoalmente

Todos vocês nasceram na fazenda?

Quase todos. Alguns na fazenda e outros na cidade de Lençóis, que hoje é Lençóis Paulista. Inclusive, o Agripino nasceu também na fazenda, que se chamava Graminha. Quando ele nasceu tinha as perninhas tortas e demorou quatro anos para andar. Fui eu quem mais carregou Agripino; o levava para todos os cantos, íamos até o pomar e ficava fácil para pegar as frutas das árvores.

Que problema ele tinha?

Quando Agripino nasceu ele não tinha problemas, ele só tinha as pernas tortas e não conseguia andar.

E como curou?

Sozinho. Na medida em que ele foi crescendo foi curando. E um médico também pediu para o meu pai dar bastante tomate pra ele. (risos)

Como era o sustento da família?

Nós vivíamos da venda das coisas que nós produzíamos na fazenda, como o gado; o leite; fazíamos queijo para vender. Quando terminávamos de tirar leite, ajudar o pai, aí a gente se arrumava e ia pra escola. Naquela época eu tinha oito ou dez anos, não me lembro bem. Eu era o mais velho. Depois de uns três ou quatro anos mudamos para cidade onde o Agripino fez o primário, o nome da cidade era Borebi.

Todos os irmãos ajudavam nas tarefas de casa?

Todos. Com exceção dos mais velhos que saíam pra escola, mas depois voltavam pra ajudar nas tarefas e nos serviços da fazenda.

Como que eram divididas as tarefas?

Nós não tínhamos uma tarefa determinada. Éramos todos filhos, então nós tínhamos que dividir praticamente tudo. A gente tinha que se ajudar, então não tinha uma tarefa específica. A gente tomava banho, ia para escola depois ajudávamos nos trabalhos de casa e também da fazenda, tratávamos dos animais; vaca; cachorro; galinha. Serviços da fazenda mesmo. Lá foi um lugar que me deixou saudades. Estive lá a uns quinze dias.

O que encontrou?

Não tem mais nada. Eu trouxe um tijolo de recordação. Tá guardado. Depois vou por na estante, preciso de um suportezinho para por.

Como que eram distribuídos os cômodos na casa? Pois afinal vocês eram em onze irmãos.

Nossa! Eram três quartos. O quarto do papai e da mamãe naturalmente; quando as crianças eram pequenas ficava um berço ao lado da cama de casal. Lá em casa criança era o que não faltava (risos). Aí tinha o quarto dos meninos e o das meninas.

Eram onze filhos mesmos?

Onze filhos. Graças a Deus nós vivíamos muito bem. Todos se ajudavam, levantávamos de manhã, nos arrumávamos, tinha nosso pãozinho e íamos para a escola. Era muito divertido.

Devia ser muito divertido. A relação de vocês era boa?

Nossa! Nós éramos bastante unidos, verdadeiros irmãos. Tenho saudades.

Como que eram a estrutura da casa na fazenda?

Olha a casa que nos morávamos, a metade era de madeira e a outra parte de tijolinhos. O fundo da casa era de madeira e o piso de cimento. Disso eu me lembro bem.

Qual era o tamanho da fazenda?

Dois mil alqueires, muito grande.

O senhor andava a cavalo na fazenda?

Mas muito! Eu andava aquela fazenda inteirinha com o meu pai, o dia todo. Saía de manhã e só voltava á noite. A gente ia lá para aquele fim de mundo, bem no fundão da fazenda. Fora que a gente ficava ali na sede da fazenda, curando o gado, tirando leite e fazendo outros serviços da fazenda.

O que a gente observa, é que o trabalho tem um sentido importante na vida de vocês. O senhor acredita que isso foi devido a educação que veio do pai de vocês?

O trabalho para nós era realmente o arroz e o feijão. Não dava pra viver sem ele. Hoje a gente sabe que é proibido criança trabalhar. Mas nós todos trabalhávamos desde pequenininhos, e eu não vi nenhum dos meus irmãos se prejudicar na escola. Moramos na fazenda, trabalhamos e estudamos. Inclusive eu cheguei a fiscal de renda, “poxa”! E não me prejudiquei. Entrei de fiscal através de um concurso. Meus irmãos estudaram também e teve até medico na família. Nós morávamos na fazenda e não nos vestíamos, mas não andávamos descalços.

Do que brincavam?

A gente estudava e trabalhava durante a semana. Quando chegava o domingo nós íamos pro mato fazer tanques para tomar banho. A gente pegava e fazia cortes no chão e ali tínhamos nossa “piscina”. Eu adorava fazer piscina no meio do mato.

Fazer piscina como?

Nós cercávamos o rio. Depois tinha que organizar o capim em volta, enfiar uns paus e aí fazia a piscina. Não durava muito tempo, mas uma semana. Ai a gente tinha que fazer outro. A gente estudava, trabalhava e se divertia. Tínhamos tempo pra tudo. Papai tinha uma enorme preocupação com os nossos estudos.

Neif Taiar

Endereço: Rua: Kametaro Morishita, 95, Cidade Universitária (Oeste Notícias)

Telefone: (18) 3229-0300 (Oeste Notícias)

Profissão: jornalista

Data da entrevista: 23/09/09

Meio: pessoalmente

O senhor acompanhou a carreira de Agripino?

Eu acompanhei a carreira de todo mundo aqui em Prudente, inclusive a dele, e nós temos assim um... Nós já fomos inimigos. Ele quebrou dois vidros do meu carro.

O senhor considera o Agripino um líder populista?

Olha o Agripino não deixa de ser um líder populista. Mas, ao mesmo tempo percebo que ele não é. Às vezes ele faz o gênero antipático. Por exemplo, você vai conversar com ele e quando está meio ocupado e tem muita gente ele já vai dizendo “começa pelo fim”. Um líder populista jamais fala assim, ele agrada, chama, coloca as mãos nas costas. Mas ele não deixa de ser um líder populista. Em Prudente não tem político que seja populista, que fale a linguagem do povo. O Agripino é mais líder populista pelas “belezas” da Unoeste. Há muito tempo distribuiu cestas básicas, construiu muitas igrejas é claro que ele vai dizer não, mas sem dúvida nenhuma que sempre foi eleitoreiro, certo.

O que dizer sobre sua administração?

Olha ele é um bom administrador sem dúvida nenhuma. A verdade é que Presidente Prudente deve 30% do seu desenvolvimento ao Agripino, que a partir do momento que construiu a APEC aqui, o primeiro bloco, começou atrair gente. Ninguém confiava nessa empreitada, achava que isso era utopia, era uma loucura, mas ele foi persistente e conseguiu vencer. Então ele fez esse império, e quem faz um império certamente só pode ser considerado um competente administrador, um incompetente não faz isso.

E como prefeito?

A mesma coisa, porque a prefeitura é um órgão que precisa de alguém. Porque ele não vai lá puxar enxada, ele não vai dirigir um motor, mas tem que convocar elementos competentes pra fazer uma boa administração, se não tiver elementos competentes como que vai fazer uma boa administração?

Então às vezes com essa facilidade de conseguir pessoas competentes, ele acabou sendo um bom prefeito, porque está bem assessorado. Foi o que aconteceu aqui na Apec, e até hoje ele está bem assessorado pela Dona Ana.

Fez obras que agradaram a população, a Cidade da Criança, abriu algumas ruas novas aqui na cidade, ele foi um bom prefeito nesses aspectos. Em outros aspectos pela idade dele... As pessoas crescem. Você tem 40 anos, mas parece com a mentalidade de 20 e outros tem 40 e parecem que tem 80, então as vezes você não agrada as pessoas, porque você não tem a mentalidade seguindo e acompanhando futuro. É por isso que deixa de ser um bom prefeito.

Um exemplo você me convida para ir à sua casa, para tomar um aperitivo, eu tomo e você faz uma pergunta e não falo nada, em função disso, às vezes a pessoa torna-se antipática. É o que acontece com o administrador.

Quais foram os momentos marcantes da primeira gestão dele como prefeito?

Ele fez boas obras. A primeira marcante foi quando ele entrou para prefeito e o maquinário estava meio sucateado. Ele comprou máquinas novas, trocou quase todas as máquinas antigas. Devido a sua impetuosidade, coragem, foi possível fazer um

bom governo. Antes os funcionários trabalhavam com sucatas e viviam trocando as peças. Mas a política é uma coisa e a justiça é outra, pois a justiça que fiscaliza, viu os desfiles monumentais, aquelas máquinas novas mostradas para população. Aí ele foi condenado, processado, porque não podia, não entendo porque não pode. Deveria poder, só estão mostrando o que estão fazendo. Você não elegeu ele para ser o prefeito da cidade? Tem esse aspecto que tem que ser observado.

Ele não se considera impaciente. Qual a sua opinião?

Ele é impaciente e inseqüente, porque a pessoa “normal”, que realiza essa função tem que obedecer os tramites que a lei impõe. Eu não posso fazer tudo o que quero. Preciso observar o que a lei impede que eu faça ou que a lei me permite fazer. Um exemplo foi quando ele destruiu os monumentos do Paulo Constantino, ele achou que o Paulo estava fazendo aqueles monumentos para marcar presença dele ali, realmente a lei não estava permitindo, mas também poderia ficar daquele jeito. Ele fez mais aquilo porque ele se indispõe com o Paulo, porque eles brigaram. Na verdade esse pessoal que é bem sucedido como empresário tem uma conduta de independência na administração pública e isso às vezes atrapalha dependendo do temperamento. Porque o Paulo Constantino é acima, não age da maneira como o Agripino age, o Agripino então derrubou os postos pulou em cima e acabou fazendo, deu uma demonstração que não poderia ser feito aquilo, e politicamente ele não estava ligando muito, fez um monte de coisas e colocou fotografia dele, não fez nada de mais. Não é verdade?

Outro momento que marcou foi quando ele construiu a Cidade da Criança, para a população jovem, realmente é uma grande obra.

O que mais ele fez aqui?

O parque do povo, ele pegou tudo pronto, começou com o Valter Lemes, Paulo Constantino e depois ele pegou, porque a administração é uma seqüência, você é prefeito da cidade, faz um canteiro, faz um jardim, e eu vou depois de você, vou melhorar aquele jardim, vou botar um coreto, depois entra outra e põe uma fonte luminosa, então é uma seqüência, porque não pode ficar num só. O prefeito é um gerente, um gerente da cidade.

Ou um coronel?

Não. Coronel é quando age errado, ele quer mandar, quer fazer as coisas sem obedecer a lei. O Agripino, por muito tempo foi chamado de coronel pela imprensa. Mas você sabe que a imprensa de São Paulo um dia veio para cá, a Revista Veja, etc., vocês que fizeram curso de jornalismo sabem como é, sempre tem um jornalista professor, principalmente para mostrar que sabe das coisas, assim é um coronel. Às vezes nem é foi só um crachá que colocaram.

E quanto ao caso dos Sem-Terra?

Aquilo dos sem-terra não é do jeito que falam, nem do jeito que ele falou, nem como te falaram. A verdade é que ele estava ali na estrada, mas quando ele viu os Sem-Terra vindo deu uma dor de barriga nele e ele foi dormir, ou foi tomar remédio.

Como era o tratamento dele com a imprensa?

Olha, o Agripino sempre foi assim, de bem com a imprensa, porque afinal de conta ele que montou essa rádio, a televisão e o jornal. Mas tem umas desavenças, uma inimizade com o Imparcial, porque o Imparcial sempre se sentiu ameaçado com a gestão empresarial do Agripino, porque ele montou um jornal, montou a televisão, passou logo para a TV Fronteira que é da Rede Globo, e criou algumas inimizades

nesses círculos da imprensa. E depois de tudo isso vem em seguida veio o caso da terceira eleição que ele foi cassado.

Nós temos duas versões sobre o caso, a versão dele, e o que foi falado na mídia sobre problema da compra do planetário. O que acha que aconteceu de fato?

É ele estava errado. Argumentava de uma forma que parecia que estava sendo certo, mas na verdade ele estava errado, porque a lei não permitia aquilo, ele comprou um planetário no exterior por um preço barato. O que aconteceu foi o seguinte: ele não podia comprar sem fazer uma publicação de tomada de preços e de concorrência, na imprensa nacional e internacional, e ele não fez isso.

Ele não chegou a fazer na nacional?

Não fez nenhuma, ele achava que compraria mais barato, porque ia conseguir fazer isso e a imprensa com esse serviço que fez em Prudente poderia vender para outra cidade, inclusive para São Paulo, Prudente foi pioneira. Mas o Agripino sempre teve essa mania, as pessoas falavam que ele não podia fazer, que o juiz não ia deixar, mas ele dizia: “eu sou o prefeito. O juiz manda no fórum eu mando na prefeitura “. E não é assim. E em função disso depois foi pagando multas e uma série de coisas. E assim é com a televisão eu sempre cansei de avisar para o Agripino e ele xingava. Teve um dia que ele falou: “o Bragato é um veado, não é Neif?”. E eu respondia: “não sei”. Ele achava e continua achando que sempre está acima da lei. Um dia disse para ele que não poderia alegar ignorância porque ele era bacharel em direito, advogado e teria que obedecer a lei. Sem contar que foi meu contemporâneo na faculdade, mas não se preocupava. Era uma espécie de caminhoneiro de valentão.

Mas vocês tinham desavenças ou não?

Eu com ele?

Não. Você sabe que isso tudo é infusão, eu sou o tipo de pessoa que sou livre, sou independente, eu faço jornalismo independente. Como ele faz uma prefeitura independente, com uma política independente, falo também o que acontece.

Então ele é independente?

Não é porque eu trabalho na emissora que é dele que eu tenho que abaixar a cabeça e agir do jeito que eles querem. Teve um tempo, uma época entre os familiares que eles brigaram entre eles. E todo mundo que briga, ninguém dá razão para o outro e cria uma certa inimizade e eles achavam que eu defendia o Paulo e não era verdade. Eu sempre acompanhei a vida deles todos, sabia que **não era daquele jeito. Ali era** uma briga pela posse, pela manutenção da Unoeste e como eu trabalhava aqui na rádio não poderia falar isso, mas disse que poderia sim, porque eu não sou empregado, sou funcionário e falava sobre quem estava certo.

Como ele foi como deputado?

Como deputado foi uma porcaria, tanto estadual, como federal. Ele fala que ele foi deputado constituinte federal e que fez não sei quantos projetos, você sabe que deputado geralmente não faz quase nada, porque tem uma assessoria muito competente que faz tudo, e ele não tinha obrigação de saber fazer ele era representante do povo, e prefeito é outra coisa.

Por que ele contou que foi o deputado com mais emendas aprovadas?

Ele tinha uma assessoria boa, com projetos bons para a constituinte, estava bem na constituição, aí ele apresentou nem falou.

Como foi a ligação dele com os partidos?

Ele pouco ligou para isso, ele entrou no PTB, entrou no PFL, o primeiro partido dele foi o MDB. Tinha o Arena e o MDB quando era do estado revolucionário e o grupo do MDB fez uma convenção para lançar o candidato a prefeito. Eu fui o candidato a prefeito do MDB. Eu perguntei a ele se queria serviço ele me falou que não porque tinha compromisso com o ministro e seria candidato pela Arena, disse a ele que não poderia e não daria certo. Eu estava pouco ligando para o Agripino deixei - o bastante nervoso. Uma vez ele disse para tirar, porque só estragava o partido dele e ele se elegeu a vereador, foi a primeira vez que ele se elegeu a vereador foi pelo MDB e depois do MDB ele saiu para o PFL, do PFL ele saiu.

Agora ele é do PSC?

Não. Não que eu saiba, ele não pode ser de partido nenhum. O último partido dele era o PSC. É verdade, mas não deu nem tempo de curtir.

Ele falou que nunca se importou muito com partido. Qual a sua opinião?

É um erro, porque o político tem que se eleger a um partido, tem que ter regras, tem que ter uma séries de responsabilidades dentro do partido, estatuto partidário essas coisas. Coisas que ele nunca gostou de fazer, e entra aquele negócio de coronel que falaram. Só fazia o que ele queria e não que os outros falam. Ele já perdeu muito dinheiro nessas ações porque é teimoso. Um exemplo, quando ele ganhou a primeira eleição para prefeito ele me chamou lá, só eu e ele e perguntei o que ele queria. E ele me perguntou o que eu queria e respondi que nada, e disse a ele, que o meu objetivo era ajudá-lo a se eleger, porque os candidatos que tinham não eram muito bons. Em seguida perguntou se eu tinha amigos, respondi que tinha dois amigos e indiquei para ele, mas falei que ele colocaria se quisesse, e colocou. Passaram uns dias e ele tornou me chamar e disse que queria a Alma como presidente da câmara e no ato disse para ele não colocar e lançá-la como vereadora, ela era boazinha e tal mais eles não iam votar na Alma, porque já tinham candidato que era o Sérgio Melo. Na hora ele ficou bravo e foi dizendo que o Sérgio era um ladrão e retruquei dizendo que se ele era ladrão não competia a ele. Ele falou que iria falar para polícia que ele era ladrão e novamente tive que intervir falando que para ele não perder a eleição deveria trazer o Sérgio Melo e na hora ele disse que não queria. Quando chegou lá na reitoria conversando e tal e ele ficou meio acessível, nós saímos para tomar um lanche e eles foram embora e voltei para a reitoria. E disse novamente para ele que ia perder a eleição, pois sabia o que estava falando. Em outro dia ele me chamou de novo, quando cheguei pediu-me para sentar, para não cair da cadeira. Disse-me que a Alma já era presidente e perguntei com que milagre, e me respondeu que tinha telefonado para o um amigo que era vereador e que se ele não votasse na Alma ele seria preso. Quando ele falou dei risada.

Porque riu?

Só poderia rir. Como que você vai mudar o pensamento de uma pessoa que tem candidato, grupos lá... Eu perguntava se o Agripino queria ganhar a eleição, fazia uma união com eles e não se importava de dizer quem ganhou é chato, porque depois perde. Mas ele é teimoso e perdeu a eleição, na outra foi a mesma coisa ele perdeu de novo mais ele gostava de fazer gracinhas, ele não é político de grupo, ele é monopolista e é isso que as vezes prejudica, porque o bom político é aquele que é maneiro, que tem jogo de cintura, e eu conheci quase todos os prefeitos de Presidente Prudente eu sei como funciona.

Ele foi o primeiro do MDB pelo qual ele se elegeu a vereador, depois para deputado federal ele não era mais MDB, foi candidato federal pelo PFL e lançou dois candidatos e só depois foi candidato a prefeito e perdeu a eleição, primeira eleição que ele se

elegeu quatro anos antes. Em 72 o Valter Lemes se elegeu a prefeito, em 80 o Paulo Constantino ganhou, o vice do Paulo foi o Cidão, depois o Tiezzi foi candidato nessa eleição que o Agripino foi candidato a prefeito pelo PTB perdeu a eleição de teimoso também porque disse para ele entrar no Arena que ganharia a eleição, não deu outra perdeu a eleição para o Virgílio Tiezzi. Ele ficou seis anos no poder, depois o Paulo Constantino foi candidato a prefeito e ele o vice do Paulo e depois perdeu a eleição para o Bragato.

Ele perdeu a eleição duas vezes?

Não, uma vez só. A primeira ele perdeu e as outras três ele ganhou, então houve uma interrupção entre um governo e outro porque não tinha reeleição. Ele continuou no PFL, a última eleição foi disputada pelo PTB quando ele estava no poder.

Quando ele saiu para ser candidato a governador era pelo partido do PFL?

Ele queria ser candidato, mas não tinha legenda no PFL. O primeiro vice dele foi o Adilson, ele chegou num momento que tinha sido colega na faculdade de direito era pecuarista e maçom e provedor da Santa Casa, e era uma maneira de se aproximar da classe dos mais poderosos da cidade e tirar o proveito disso. Mas o Adilson chegou num momento que esse pessoal queria derrubar o Agripino, e colocou na cabeça do Adilson que estava difícil que ele tinha que fazer de tudo para ajudá-lo e ele falou não, o Agripino veio e brigou com ele depois fizeram as pazes, mas não ficou do jeito que era antigamente depois o outro vice dele foi o Jólíio. Era presidente do tênis clube, tinha interesses comerciais. O Jólíio pertencia a uma empresa aqui de construção de piso e também tinha uma maçonaria, presidente do Tênis Clube. O Agripino tinha os olhos em Presidente Prudente e o governo do Mário Bragato, também ajudava muito no círculo de amizade e no círculo empresarial Eles brigaram.

Existe alguma acusação de enriquecimento ilícito na administração de Agripino?

Não.

Nunca houveram denúncias?

Não, dele não. O Agripino ganhou dinheiro na escola, ela é uma mina de dinheiro com 15 mil alunos.

De volta a história dos sem-terra. Como percebeu o fato na época?

Olha tudo que você faz que não é inerente a você é uma forma de querer aparecer, porque ele impediu os sem terras de chegarem aqui na cidade, e isto era uma tarefa de da polícia do governo de São Paulo da secretaria de segurança pública, jamais do prefeito. Ele não tem poderes para isso, o que ele fez ali foi uma inconseqüência e o Jose Rainha até que foi legal, sabe porquê? O que ele fez foi correr risco de vida não, não pode fazer umas coisas dessas.

E em relação ao início da faculdade?

Ele tinha uma sociedade, que estava vivendo de cotas, era uma escola de filosofia, pedagogia, esses cursinhos que não levam a nada.

Como resumir o Agripino?

Uma vez eu fiz uma entrevista com o Agripino lá na chácara dele, era uma época de eleição e perguntei para ele, se você fosse definir o Paulo Constantino como o definiria, e ele me respondeu que partiria do principio que ele era um animal irracional. Em seguida perguntei que animal seria e ele falou que seria um cachorro bravo, seria um cordeiro vestido com pele de lobo ou vice-versa, pronto para pegar a Chapeuzinho Vermelho. E para mim o Agripino é assim, um lobo vestido com pele de cordeiro.

Ana Cardoso Maia
Endereço: Rua José Bongiovani, 700 - Cidade Universitária
Telefone: (18) 3229-1000
Data da entrevista: 04/09/09
Meio: pessoalmente

Onde a senhora nasceu?

Gália, estado de São Paulo, perto de Marília.

A Senhora morava onde, perto de fazenda?

Meu pai era administrador. Eu morei em fazenda e depois mudei para cidade.

A senhora mudou para cidade para estudar?

Eu me formei em Guaratinguetá, que era a cidade do meu pai. A família do meu pai é de Guaratinguetá. Eu me formei "normal". Naquela época, quem se formava "normal" era professor. Nossa, era o supra sumo, não é? Hoje professor é capacho.

Por que a senhora quis ser professora?

Desde que eu nasci, a minha avó, mãe de meu pai, que se chamava Ana Rosa, disse: "nasceu a minha professora!". Acho que eu escutei aquilo no dia que eu nasci! Eu sempre tive vocação para ser professora e sempre fui uma ótima professora. Não pensa que eu não fui boa não. Fui uma ótima professora.

Lecionava quais disciplinas?

No primário, depois dei aula no secundário. No Arruda Melo dava aulas de Educação Moral. Depois no terceiro grau fiquei só na secretaria, não quis dar aula.

Por quê?

Porque na minha formação eu tinha só curso de administradora de escola. Sou formada em Pedagogia. Mas aula eu não quis dar porque como secretaria eu fazia muita coisa. Naquela época, quando comecei, eu era diretora de escola do estado e ficava das 7h às 16h na escola. De lá eu vinha aqui para faculdade, ficava até meia noite, levava serviço para casa e depois cedinho eu estava lá outra vez. Me aposentei no estado trabalhando 30 anos. Me aposentei em 1980. Olha quanto tempo que já faz!

E como a Senhora e o professor Agripino se conheceram?

Meus irmãos abriram uma oficina mecânica. Os dois eram torneiros mecânicos. Nos mudamos para Garça também e foi lá que, junto com uma amiga que se chamava Doraci, íamos para o *footing*. Não sei se vocês sabem o que é isso. É a paquera. As mulheres de um lado e os homens de outro. E lá eu conheci o Agripino. Foi quando conheci ele.

Acontecia em uma praça?

Não. Era numa rua da cidade em Garça. Então ele falou assim: "material novo na praça, material novo!". Aí começamos a namorar, no dia 17 de julho de 1952.

Ele a pediu em namoro?

Sim, fomos ao cinema primeiro, porque naquela época primeiro tinha que ir ao cinema.

E que filme a senhora assistiu?

Ai, eu não me lembro. Depois do cinema, começamos a namorar. Namoramos dois anos e depois nos casamos e ficamos juntos 43 anos.

Ele costumava lhe mandar flores?

Não, nunca foi romântico.

Como era o professor Agripino?

Era muito sem-vergonha, ele não podia ver mulher bonita! Se vê uma menina bonita já fica todo assanhado.

O Professor Agripino é uma pessoa diferente?

Sim, ele é.

O quê o faz ser diferente?

Como administrador não tem outro igual. O Agripino sempre foi um grande administrador, um grande construtor, porque fazer tudo que ele fez, os prédios que ele fez aqui, o campus II, o campus III, o hospital e tudo sem dinheiro. Não pense que a gente tinha dinheiro. Primeiro fazia e depois é que ia verificar como a gente pagava.

Então podemos dizer que ele é uma pessoa que sempre olhou para o futuro?

Para um futuro grande. Empreendedor, isso que ele é e não posso negar não. Eu sei. Ele sempre foi assim.

Com relação aos azulejos que foram colocados na Apec. É verdade que quando o fornecedor veio recebê-los o professor Agripino se recusou a pagá-los e disse: “meu amigo, dinheiro eu não tenho não, mas se você quiser os azulejos, é só arrancar”?

É verdade.

Ele tem muitas histórias?

Tem bastante.

Por tudo o que ele faz, podemos denominá-lo paciente ou impaciente?

Impaciente.

Ele demonstra ser impulsivo. Parece que quando ele coloca uma coisa na cabeça, ninguém tira. É assim mesmo?

Nossa, e como! Por isso que eu digo que ele é um administrador, porque fazer tudo o que ele fez, construir praticamente sem dinheiro... Só depois que foi juntando um pouco de dinheiro e vocês sabem, dinheiro chama dinheiro. Você consegue realizar mais coisas.

Nessa época, quando vocês ainda não tinham dinheiro, vocês já tinham as crianças?

Nessa época nos éramos diretores de escola.

E como era essa época com os filhos? A senhora trabalhava, ele trabalhava, e as crianças?

Naquela época a gente já tinha os filhos. Em 1963 nós morávamos em Marcondes, Alfredo Marcondes. Viemos aqui para fazer um curso de Administração Educacional, depois disso, conseguimos mudar para cá escolhendo a diretoria daqui.

Na época em que o professor Agripino vendia livros, a senhora trabalhava também?

Ele também tinha a livraria. Vender coleção de livros dava bastante dinheiro, porque nos construímos uma casa lá na avenida Manoel Goulart. Foi construída em quatro

etapas, primeiro nós fizemos o piso. Entramos, quando o quarto e a cozinha ficaram prontos e a parte da frente todinha ainda sem fazer. Depois, com o salário dele, terminamos de construir. O meu salário que sustentava a casa, e o dele era só pra ele capitalizar. Então ele comprava uma coisa, vendia e comprava outra e assim foi que juntamos o primeiro milhão.

E as crianças? Vocês trabalhavam fora e onde que elas ficavam?

Eu sempre tive boas empregadas. Eu trabalhava, era diretora lá no Sete Copas, a primeira escola em que fui diretora, então as crianças ficavam na escola, onde ele era diretor, ali na Formosinho. Então, as crianças ficavam ali. Foi quando também apareceu o Adilson, que é o meu netinho. Ele estudava na escola e começou a brincar com o Paulo e logo a mãe dele morreu e ele ficou definitivamente comigo, ele e sua irmã.

Quantos anos tinha o Adilson quando isso aconteceu?

Acho que ele tinha dez anos. Ele brincava com o Paulo e dormia na minha casa e eu cuidava dele. Nunca ficávamos numa coisa só. Eu dava aula à noite também, ele também dava, tudo pra ajudar, mas sempre o meu salário é que sustentava a casa, pagava a quitanda, o mês que eu podia comprar uma roupa eu comprava para um, depois comprava para o outro, o mês que não desse não comprava. Mas nunca fiquei devendo, porque só gastava o que eu ganhava e ele capitalizava o dinheiro e empregava por isso que nós compramos uma fazendinha em Anaurilândia que depois foi desapropriada que valia tipo, eu nem sei dizer o quanto valia em dinheiro. Lá em Coxim compramos uma outra que tinha uns vinte mil alqueires, ou hectares. Valia duas da que tínhamos, então sempre fizemos bons negócios. A primeira fazenda que o Agripino comprou lá em Coxim, o gado que tava lá dentro pagou a fazenda, porque era de quatro irmãos e as cunhadas não se davam bem e eles venderam por qualquer coisa, aí nossa vida foi melhorando. Em 1964 nós compramos a chácara onde eu moro. Aquela casa levou cinco anos para ser construída. Era para ser um negócio e depois resolvemos: "Ah! Vamos aumentar isso!" E hoje está daquele jeito lá.

Foi aumentada?

Na verdade nós levamos dez anos para deixar do jeito que está hoje, porque só empregávamos o dinheiro que sobrava na sua construção.

Que tipo de livros ele vendia?

Livros de coleções do tipo Machado de Assis. Eu tenho até hoje algumas coleções aí.

Vendia sempre a coleção completa?

Completa.

A senhora chegou a ajudar na livraria?

Não porque tinha os filhos e nessa época eu já era diretora de escola.

A Senhora o apoiava em tudo? Pois ele era ao mesmo tempo corretor de veículos, vendedor de livros, diretor de escola...

Ele foi tudo isso, e eu sempre apoiei.

Depois de instituir o CPP, foi que o Professor Agripino notou que Presidente Prudente necessitaria de uma universidade? Foi a partir desse fato que nasceu a Unoeste?

Naquela época em 1970 ou 1971, um ônibus levava professores e alunos para Tupã, para Dracena, para Diamantina porque aqui não tinha faculdade, só tinha a do estado,

mas com poucas vagas, trinta vagas para um curso. Então um grande número de estudantes nos fizeram o pedido para criarmos cursos em Prudente. O Agripino conseguiu as autorizações em Brasília e em 72 foi realizado o primeiro vestibular, no dia 16 de outubro para três cursos: Estudos Sociais, Letras e Pedagogia em Licenciatura Plena. Com isso aí, a Toledo também foi aprovada no mesmo dia e a sua relatora, Nair Abunier disse: “Que vença o melhor!”. No dia oito saiu publicado no Diário Oficial a autorização. No próximo dia dezesseis já começavam as aulas. Naquele tempo, as vagas não eram muitas e o que fizemos? Alguns alunos entraram, por que naquela época não era universidade, não podia ter mais vagas do que estava autorizado e os alunos que sobraram, nos deram preferência para o próximo vestibular.

O Professor Agripino nos contou que no início não tinha o espaço físico para essas aulas e ocupava para isso o Colégio Cristo Rei. Foi assim que aconteceu?
Sim, lá no Cristo Rei.

Funcionava em quais períodos?

Era vespertino porque de manhã o Cristo Rei funcionava. Vespertino e noturno.

Usavam os horários que as aulas ficavam vagas?

Sim, quando ficavam vagas.

Como é que a senhora contribuiu na construção da Unoeste?

Você compra um negocio e tem que rechear. Era como um biscoito. Eu era isso, eu fazia o recheio.

A senhora dava aulas?

Não, nunca dei aula, não dava tempo. Então quando nós fomos para o colégio Cristo Rei eu fazia de tudo: arrumava a sala de aula, varria, arrumava carteiras e via tudo dos funcionários. Em 1973, este prédio aqui ficou pronto aí nós trouxemos os cursos para cá. Aqui era pasto, lá para cima também, aí o Agripino, não sei se ele contou isso para vocês, pediu para o prefeito, que naquela época era o Valter Lemes Soares, que abrisse uma avenida aqui na frente, porque a tendência era crescer e aí ele falou: “isso ai não vai crescer nunca! Vai ficar assim mesmo”. Então, ficou a rua José Bongiovani, estreitinha. Não virou avenida. Depois, por meio de denúncia ao Conselho Federal que só autorizava se estivéssemos com tudo pronto, professores, compromisso assinado, com prédio pronto e nessa época, os associados não pagavam as cotas, nós que pagávamos, tivemos que vender uma fazendinha aqui perto de trezentos alqueires para colocar o dinheiro aqui e compramos as cotas dos outros associados para poder levar a escola para frente.

O professor Agripino é impaciente. E a senhora também é impaciente?

Eu sou paciente e procuro fazer as coisas com calma.

E compraram as cotas?

Compramos as cotas. O que aconteceu? Gente que ficou do lado de fora porque não pagava ficou falando que aqui não prestava, não sei o que. Um é professor de português, até hoje, o Edgar. A outra é a Tata, irmã do Elizeu e foi assim que eles fizeram, denúncia na 141. Eu tenho elas escritas aqui, eles deram, mas assim mesmo, naquela época, o Agripino tinha um bom relacionamento com bastante gente. Sempre foi ligado a Igrejas e o Bispo que era uma pessoa de domínio, deu a ele uma declaração e ele foi conseguindo a autorização dos cursos, ele conseguia a

autorização e eu tinha que correr para normalizar e fazê-los funcionar. Esse era o meu papel.

Burocracia?

Não era só a burocracia não, fazia tudo, era o recheio mesmo.

Quando ele resolveu entrar na política a senhora o apoiou também?

Sempre apoiei, mas sempre achava que política não ia servir, primeiro tem que experimentar para saber depois que não serve, se ele não tivesse sido político e o Paulo também não, as coisas talvez fossem mais fáceis para nós. Ele tinha língua solta, eu falo para ele que ele tem boca preta por que xinga juiz, xinga promotor, aí eles ficam com raiva aí eu tenho que falar que não é daquele jeito, fazer o meio de campo, aí os promotores falavam “da Dona Ana, a gente gosta muito.”

A gente pode dizer que a senhora que sempre apaziguava tudo?

Sempre eu ia atrás concertando as burradas que ele fazia e não deixava transparecer, e hoje ele está fazendo muita burrada e não tem ninguém para ficar atrás dele.

Dizem que por trás de um grande homem existe sempre uma grande mulher?

Tem uma mulher que sofre.

Muitos consideram que essa frase reflete sua vida. Como foi batalhar esses anos todos ao lado do Professor Agripino?

Sempre ele que apareceu, depois que nos separamos eu continuei fazendo a mesma coisa que eu fazia antes, só que aí então eu apareci e todo mundo me respeita muito, e todo mundo fala que gosta da minha pessoa, é como dizia na novela. E assim, como o meu dedo está em todo lugar, mesmo sem aparecer, a escola está aí, grande. E todo probleminha resolvo na hora, para não se tornar um problema grande, não é?

Como a senhora consegue entender o professor Agripino?

É, não é fácil não de entender.

Ele é uma pessoa difícil para se decifrar, a gente já fez um monte de entrevista e ainda não conseguimos decifrá-lo. Nesse lado religioso ele é bem centrado? Tem uma ligação muito grande com Jesus Cristo?

Ele conta essa historia e a gente não acredita porque faz as burradas dele. A gente fala mas... Agora ele parece que está ouvindo um pouquinho mais. A Regina levou ele ao médico que receitou bastante remédio para ele e agora está melhorando a cabeça, inclusive ele estava meio esquecido e agora ele já está lembrando um pouquinho mais das coisas. Até o segurança que fica lá no campus III, (tem que ter segurança lá porque pertence a APEC) outro dia ele chegou e falou para o Nei: manda o segurança embora. Por que vai mandar o segurança embora? Aí nós descobrimos que o segurança levava a mulher para todo lugar, e ele estava desconfiando da mulher do segurança. Então eu falei assim para o Nei: você não vai mandar embora. Ele é casado, tem filhos e não pode ficar desempregado. A gente manda ele para outro lugar, ele não vai nem descobrir.

Com relação a saúde dele, soubemos através de jornais que passou por uma cirurgia enquanto ainda estava na prefeitura. Como ele está agora?

Eu acho que a recuperação dele está muito difícil. Eu acho que ele não aceitou a cassação dele por dois vereadores, na verdade sem motivo não é, por causa do planetário que ele comprou na Alemanha e tinha que fazer licitação e ele só fez licitação nacional, e não fez internacional, por isso que ele foi cassado. Comprou na

Alemanha, a fábrica fechou e não terminou de pagar. Ele foi cassado no hotel Aruá, a noite por dois vereadores, e ele não aceitou isso não.

Ele ficou afastado do trabalho por 13 dias, mas retornou de imediato. Ele não tinha paciência para se recuperar?

Não tinha e não tem.

A Senhora o vê como um bom prefeito, ou pai da cidade, como muitos?

Como administrador não tem outro aqui em Prudente como ele.

Com relação às obras que ele fez, quais eram as intenções dele ao realizá-las?

Construiu a Cidade da Criança para melhorar a vida da população mesmo. Ele é muito ligado a pobreza, então ele ajuda a diminuir pobreza assim como eu sempre ajudei, mas depois que o cassaram, ele não fala mais nada, acho que foi depois disso que a cabeça dele pirou, ele não fala nada mais. Eu conheço ele.

Ele comentou numa outra ocasião que se sentiu traído por seus companheiros. O que a senhora acha disso?

Política. Por isso que eu falei que se ele não fosse político as coisas talvez fossem mais fáceis.

Por que a senhora resolveu entrar pra política?

Para ver se eu conseguia arrumar alguma coisa, fazer alguma coisa. Fiz inclusive que eu me lembro, dois projetos que foram aprovados, mas até hoje não puseram em prática. Um que visava, ao invés de plantar árvores comuns nas ruas, plantar árvores frutíferas e assim, cada família cuidaria de sua árvore. Depois, todos teriam frutas. Nas cidades da Espanha, Sevilha, por exemplo, tem pés de laranja na cidade inteiras, a ruas todas cheias, eu não tinha visto aquilo antes, eles fazem marmelada tudo para eles, tudo: geléia, marmelada.

Depois eu fiz um projeto baseado na Lei Maria da Penha, que visava a proteção das mulheres vitimadas pelos homens, que deveriam ter uma casa, alugada ou não para abrigá-las nos momentos de dificuldade. Os “do contra” achavam que Dona Ana não servia, não me enxergavam, achavam que eu ficava só atrás do Agripino. É, foi isso aí.

Quando a senhora era moça que tipo de pessoa a senhora sonhava em se tornar?

Acho que eu sempre sonhei ser professora.

Qual o seu melhor exemplo de vida?

É o que eu falo, eu sou eu mesma. São as pessoas que me imitam, eu não imito ninguém.

O seu maior objetivo de vida hoje?

Hoje é só levar para frente essa universidade, ver os filhos felizes e todos eles trabalhando satisfeitos e os netos todos encaminhados.

Fabrcio Pereira de Melo.

E-mail:

Data: 13/10/09

Meio: e-mail

Foi um dos advogados de defesa no caso do afastamento da prefeitura de Agripino Lima.

O que realmente aconteceu com a questao do afastamento do prefeito Agripino Lima?

O prefeito Agripino, ele adquiriu um equipamento pela prefeitura municipal de Presidente Prudente, um planetrio pra instalar na Cidade da Crianca e tratava de uma compra que necessitava de ter feito uma licitacao internacional, e licitacao internacional por sua vez precisa de uma autorizacao do Senado Federal pra poder ser feita. Essa licitacao ela foi feita sem autorizacao do Senado Federal, e por este detalhe formal o ministrio publico entrou com uma acao civil publica que culminou com a suspensao dos direitos politicos do prefeito Agripino na epoca. Em primeira instancia os direitos politicos nao foram suspensos mais houve recurso do ministrio publico em segunda instancia e o Tribunal de Justica de Sao Paulo suspendeu os direitos politicos dele por cinco anos.

Houve o que eu chamo de uma falha grave da defesa do professor Agripino na epoca que era feito por outro colega advogado.

Por que? Porque, da decisao que suspendeu os direitos politicos dele por cinco anos caberia ainda um recurso especial pro STJ, ou recurso extraordinario pro Supremo Tribunal Federal, e a defesa dele na epoca ajuizou o recurso especial so que deixou de recolher os custos judiciais, uma importancia infima, coisa inferior a cem reais e essa foi a falha, deixar de recolher os custos, por essa razao o recurso foi considerado deserto nao subiu pra instancia superior e a decisao transitou injulgado, e uma vez transitado e julgado ela posteriormente acabou sendo executada com o afastamento dele do cargo.

Ele foi afastado do cargo e posteriormente foi cassado?

A decisao judicial suspendeu os direitos politicos dele por cinco anos, quando este processo voltou pra primeira instancia em Presidente Prudente, um denominado cidadao que eu nao sei dizer o nome, entrou com uma representacao na Camara Municipal pedindo o afastamento do prefeito, do prefeito do cargo, por que quem tem os direitos politicos suspensos nao pode exercer cargo publico, ate ai estava correta a posicao da pessoa que pediu. Em seguida a camara por um ato da mesa fez este afastamento, e o afastamento feito pela Camara nos nao questionamos, o que foi questionado na epoca junto a Camara Municipal foi a forma que foi feito o afastamento dele, que no nosso entender foi feito de forma ilegal .

Mesmo assim ele nao retornou para o cargo?

Nao. Ele nao retornou, ele nao retornou por que a Camara no primeiro momento a pedido do vereador Nico Rena, reviu este ato da mesa e devolveu o cargo pra ele, mas o ato continuou e alguns vereadores de la , na epoca se eu nao me engano o Munuera Junior e um vereador chamado Isaque Silva e o vice prefeito Biancardi, entraram com um mandado de seguranga na justica e a justica determinou um novo afastamento do professor Agripino Lima, e entao ele nao retornou mais.

Entao foram cassados os direitos politicos e ele foi afastado da prefeitura?

Nao! Foram suspensos os direitos politicos. Os direitos politicos nao podem ser cassados, sao suspensos. E em razao desta suspensao a camara o afastou do cargo

de prefeito, declarou a vacância porque quem tem os direitos políticos suspensos não pode assumir cargos públicos.

Só que há controvérsia. O problema todo está na forma que a câmara afastou o prefeito, através de um ato da mesa de autoria só dos vereadores que compunham a mesa da câmara na época, quando a Lei Orgânica do município dizia que este afastamento tinha que ser feito com aprovação do Plenário, todos os vereadores tinham que ter votado e isso não foi feito. A verdade é que houve uma ilegalidade flagrante, só que o afastamento do prefeito é cercado de muitos pontos obscuros, desde a peça de exercício do recurso até a decisão judicial.

Por que veja bem, na época parece que havia um pré acordo das autoridades pra poder afastá-lo, as autoridades da câmara municipal, o vice prefeito Biancardi junto com o presidente da câmara na época, o Munuera. Parece que havia um consenso para tirá-lo do cargo, tanto que o Biancardi entrou com um mandado de segurança contra o Munuera. E até no mandado de segurança que posteriormente eu ajuizei na justiça, junto com uma cópia do jornal Imparcial e do jornal Oeste Notícias, onde mostrava os dois juntos um recebendo a licitação o Munuera recebendo o mandado de segurança e o oBiancardi junto, na casa dele. Quer dizer: autor e réu, coronhados juntos para poder afastá-lo. Houve um conchavo, essa é a verdade. O prefeito foi vítima de um conchavo político.

E qual a situação política dele hoje perante a justiça?

Olha, eu fiz um levantamento bem apurado da situação dele. Neste caso tem esta questão dele se tornar inelegível e infelizmente, ele não tem condições de ser eleito, nem de votar ou de ser votado, até que passe esses cinco anos.

Houveram comentários de que ele não poderia se manifestar na época que o Tupã disputava a prefeitura de Presidente Prudente. Por quê?

Eu classifico como desespero dos adversários, porque o que ele não podia fazer era aparecer em programa de televisão, ele não poderia se manifestar, acredito em discursos em palanques e tal... mas pedir votos pessoa a pessoa, ir nas casas isso aí é outra coisa. Estar com direitos suspensos ele está, mas ele continua na comunidade, a lei não impede dele fazer isso, mas até isso tentaram fazer, tentaram impedir que ele pedisse voto, não dá nem pra classificar, é um absurdo.

Ao ter convivido com Agripino nesse período que o defendia, de que forma o resume como pessoa e político?

O Sr. Agripino é uma pessoa naturalmente polêmica, mas é polêmico pelas idéias que tem. Eu o vejo como um visionário, uma das pessoas mais inteligentes que eu já pude conviver e uma pessoa com um coração enorme, acho que é um grande político. Prudente e a região perdeu e perdeu muito com o afastamento dele, se ele tivesse concluído esse segundo mandato dele certamente Prudente teria ganho e ganho muito, não teria perdido como perdeu com a posse do vice prefeito.

Letícia Pinheiro e Gisele Galindo

Data: 14/07/2009

Telefones: (18) 9735-7644 e (18) 3875-1247

Meio: pessoalmente

Por que vocês resolveram fazer uma revista fotodocumental?

Primeiro escolhemos o tema e a partir do assunto fomos vendo o que iríamos fazer, o que era melhor para o nosso trabalho, lendo, estudando outros TCC até chegar ao TCC do Morro do Diabo que foi uma inspiração.

Gostamos de cultura, assim a identificação do grupo pelas diferentes culturas. A Gisele e a Lú que não estão aqui, fizeram teatro amador durante a faculdade... Queríamos fazer alguma coisa ligada a cultura.

Porque o Matarazzo e porque contar toda essa historia através da fotografia?

Ficamos sabendo que o Matarazzo se revitalizava em um centro cultural, aí acendeu a luz: era ali o foco.

O que estava acontecendo em Prudente, na cultura, no prédio há tantos anos abandonado. De repente começou a deslanchar naquele ano, então era o ano para a gente fazer esse trabalho.

Na verdade a gente queria pegar na sua inauguração, mas vimos que não daria certo, porque não pretendiam inaugurar naquele ano. Fomos estudando o tema para fazer a história do Matarazzo. Ao chegar no centro cultural, estudamos o TCC e chegamos ao morro do Diabo .

Estudando o assunto com a Thaísa, começamos a fazer uma revista de fotodocumentação. Antigamente a fotografia era rara, poucas pessoas tinham acesso. Imagina uma pessoa ter uma câmera e ter imagens. Foi um processo, a gente escolheu o tema e foi descartando o que não precisava: o vídeo não dava e a fotografia é mais do que um programa de rádio.

Pegamos as fotos, estudamos, e percebemos que teria que ter texto, não tinha jeito. Precisávamos contar a história através da escrita, e assim foi quando chegamos no ponto de uma revista com a fotografia e o texto. Foi tudo um desenvolvimento.

Umam amigas nossas que gostavam de fotos, fizeram um TCC sobre a questão da propaganda política e organizaram painéis, exposições.

A leitura de livros e revistas foram as bases do trabalho, até chegar ao ponto de dividirmos os temas.

E como foi para vocês trabalhar com essas fotografias?

Complicado (risos). No começo é legal, decidimos fazer fotos, tudo beleza. Mas, você vai a campo para chegar e conseguir a fotografia daquela época. Por exemplo, a gente queria fotos da fábrica e tem hora que você entra em desespero: “não vai dar!”. Porque o TCC tinha como foco a fotografia, pois era pra fazer uma fotodocumentação do Matarazzo, e se não existisse a fotografia você não tinha o TCC. Então, chegou a um ponto que eu pensei: “meu Deus vou ter que mudar meu TCC”, porque a gente não encontrava fotos. Claro que encontramos algumas fotos no museu, biblioteca, órgãos públicos e privados, mas queríamos o que era diferente, o nosso objetivo era mostrar fotos que ninguém viu, descobrir arquivo familiar mesmo, àquelas fotos perdidas que ninguém sabe que existe, diferente daquelas que as pessoas já conhecem. No começo foi meio desesperador essa batalha por fotografias. Frequentamos muito a Vila Marcondes para tentar um vínculo, porque a gente sabia que tinha que buscar fotografias e só conseguiríamos através das pessoas mais velhas e moradores da vila. Se não tivessem fotografias, elas saberiam indicar quem pudesse ter. Tínhamos que frequentar a vila, tínhamos que ir à feira às 7h horas da manhã, tentar frequentar os lugares que as pessoas de idade estavam e foi assim

descobrimos uma pessoa que tinha as fotografias. Mas e para essa pessoa emprestar essa fotografia? Ela nunca tinha nos visto na vida. Daí você chega lá e fala que é estudante de jornalismo... Por isso, tem que criar um vínculo. Nós saímos várias vezes, aí cumprimentávamos, trocava conversas, assuntos que não tinha nada a ver com o que você queria para dar esse tempo para a pessoa ter confiança em você e te emprestar. A gente fez cartazes na época e colocou em toda vila Marcondes, no centro, onde podíamos colar nós colávamos.

Entrevistamos o Joaquim Marçal para fazer o trabalho e foi fundamental, porque ele é o “Papa” da fotodocumentação e deu dicas dizendo que precisávamos interagir e cativar essas pessoas, para elas se acharem importantes e de fato foram importantes para o nosso trabalho. Mais tarde a gente fez um programa na rádio.

Vocês obtiveram resultados com os cartazes?

Sim, a gente colocou na padaria que era o *point*, em frente do Matarazzo. O pessoal via sempre e achava legal. O desenvolvimento do trabalho começou a surgir e pessoas que não sabiam de onde tinha surgido. Na rádio também a pessoa acabava de ouvir e ligava, e quando menos esperávamos a coisa estava formada. As pessoas de fora começavam a perceber que era um trabalho sério. Fomos desenvolvendo o trabalho e sempre buscando. Na vila Marcondes a gente conversava com todo mundo de repente se viesse uma fotografia que seria “a” fotografia ela poderia entrar na revista. Essa foto de Rancharia que estava no TCC, ela veio muito depois e entrou no capítulo 4.

No começo foi meio desesperadora essa busca, mas depois foi muito legal e bacana por que realmente é fotografia. Ela congela aquela realidade, é viver àquela vida, e o mais legal é a emoção das pessoas.

Tivemos dois casos de fotografias especiais. O da dona Mercedes que o pai dela tinha um armazém de secos e molhados e a mãe que tinha uma pensão aos fundos. Conversando ela me disse que tinha uma fotografia, mas que tinha emprestado para seu filho que trabalhava no fórum e estava fazendo um trabalho assim para revitalizar, para não deixar destruir o Matarazzo, mas que tinha levado para um processo. Nós acabamos entrando em contato com o filho dela, um senhor que mandou para nós um arquivo das fotos que tinha. Ampliamos as fotos que eram da família e fomos um dia na casa da dona Mercedes com as fotos e perguntamos se era da família. Nossa, ela pegou a foto e não soltava (risos) e ela lembrava de todas as pessoas. Deixamos a foto e percebemos que foi muito significativo para ela.

Outra história que temos foi com a foto da família Kodama. Eles estão numa roça de algodão. Essa foto a gente adquiriu no museu, conseguimos entrar em contato com a família, e quando chegamos levamos uma bronca da dona Cecília a foto não era da família dela. Ela dizia que não sabia o porquê de falarem que o pai dela trabalhava na roça, porque na verdade ele era motorista e ela professora. A foto não era da família dela ela explicou que essa era a família Kodama. Depois ela cedeu uma foto da família dela, era uma fotografia que nós corríamos a risco de publicar errado, então ela nos forneceu a foto da sua família.

A foto do casamento a gente conseguiu no Paraná. A família que casou estava no Paraná. Entrevistamos a família Mestrineli e eles falaram que a filha se casou. Pedimos contato e conseguimos o e-mail. Ela tinha uma foto e mandaram para nós depois .

Você vai se apaixonando, você vai se envolvendo, lida muito com a emoção das pessoas e uma coisa que percebemos são como as pessoas mais velhas têm aquele amor pela fotografia. Só que depois que falece a família joga fora, queima, e o interessante é que a mãe tem as fotos e para os mais novos são velharias que acabam doando para o museu, para a biblioteca municipal e não deixam especificado

que é da família tal. Eu acredito que tem muitas coisas jogadas fora sobre o Matarazzo.

Qual foi a maior dificuldade que vocês encontraram para fazer o TCC?

Quanto ao TCC, o trabalho em si, a dificuldade foi com a história. Precisava ter muita paciência para cavucar mesmo, achar não só as fotos, mas uma história daquela foto, década, enfim, o tempo dela. Você precisava saber lidar com as pessoas e não só com o material. Você precisa de uma intimidade com a pessoa, ter confiança, porque tem gente como a dona Mercedes, que deixou entrar na casa dela, outros nem abriam o portão.

Pessoas mais velhas podem a vir morrer. Aconteceu com a gente em três casos, mas eu me lembro de dois. Em um a gente ficou sabendo que uma senhora tinha casado no Matarazzo e quando a gente conseguiu contato, ficamos sabendo que era o dia da missa de sétimo dia dela.

O outro foi um senhor, primo da dona Mercedes. A gente tinha o contato dele, mas ele tinha feito uma cirurgia no coração e então nos pediu que a gente esperasse um pouco para poder ficar melhor e ver as fotos porque ele não podia ficar se esforçando. Quando cheguei na casa da dona Mercedes ela nos falou que ele tinha falecido. O ser humano é perecível. Hoje estou aqui falando com você e amanhã... Por isso é um trabalho que exige paciência, porque as vezes você sai e acha que não conseguiu nada, não tem uma entrevista uma foto, mas aquilo que você fez, você criou uma amizade que amanhã você poderá conseguir a foto, é um trabalho que parece que você não vê resultados imediatos, é uma corrida contra o tempo, porque você não sabe. Não é porque a pessoa tem mais idade que estamos sendo frias... Ela falece levando toda aquela história, toda aquela memória com ela que ninguém vai saber, a não ser que ela tenha feito um diário, um documento.

No trabalho a gente conseguiu um diário da pessoa que escreveu toda a sua história e memórias dela no Matarazzo. Ela tinha esse documento escrito em máquina e já tinha alguns anos que esse senhor tinha falecido. A esposa guardou o documento, ela emprestou para gente e se você não tem fotografia, de repente tem um diário. Mas se a pessoa está viva não tem comparação, você pode perguntar, explorar mais. Foi o único documento que a gente conseguiu assim, que a pessoa deixou. É muito difícil as pessoas escreverem as suas memórias. A gente viu que ele gostava muito de trabalhar no Matarazzo, tinha orgulho de lá. A dona Mercedes conta que seu esposo já é falecido e falava como a gente veria o “murão”, porque antigamente era um “murão” e agora que está tudo restaurado e o portão fica aberto sempre e você entra. Antes era tudo fechado e ele perguntava para mim quando que iriam ver funcionando. Essas pessoas faleceram e não viram como está hoje.

Alguma dica para este segundo trabalho?

Você tem o TCC para fazer e que toma um tempo danado e o grupo do TCC tem que estar em harmonia, ter toda a separação das atividades e estabilidade, porque se não você acaba se perdendo. E não são só essas dificuldades com o TCC. Tem a foto e o grupo para que a coisa não fuja do controle.

Também acho que não há uma única dificuldade. São etapas. O trabalho é difícil, mas as etapas foram vencidas. Eu me lembro do dia que era para entregar... Quase não conseguimos. Não dava para imprimir as revistas, o arquivo não abria, estávamos com trabalho todo pronto, mas se você não imprimir e não entregar a responsabilidade é sua. Não pode chegar no seu orientador ou professor e dizer que deu um problema, você é responsável, você assumiu o compromisso de entrega. São várias etapas difíceis, cada etapa tem suas dificuldades, que precisam ser vencidas.

O que eu percebi é que o trabalho é uma engrenagem. Façam os fichamentos porque eles são o alicerce e eu levei isso para minha vida, como se fosse máquina, você tem

que trabalhar assim por etapas. Tem coisas que são mais legais, tem outras mais chatas. A vida é assim você trabalha para sobreviver, comover, emocionar, adquirir novos conhecimentos é essa a dinâmica e tudo isso me ajudou muito como pessoa.

A gente passava madrugada trabalhando, às vezes dormia em casa, eu não morava aqui ainda, morava em outra casa. E para vocês terem noção que a coisa é feia ela dormia e eu ficava no computador revisando, a Nayara que também era do grupo na casa dela juntas no MSN, ficava imprimindo, eu revisava e mandava para ela o capítulo e imprimia, eu fazia todo o trabalho. Uma noite acabei cochilando com a luz acesa da sala no sofá, ela começou a falar comigo e eu comecei a responder e começou a repetir a pergunta. Cheguei no dia da entrega tremendo, amanheceu o dia e eu estava no computador tanto que tinha que imprimir e cheguei a pensar que não iria dar tempo.

A revista eu imprimia em preto e branco porque era mais barato e passava para ela e para as outras pessoas.

Lembro de uma foto que a gente adorava. Ela estava um pouco borrada. Um dia mostrei para alguém nada haver e ela disse: "Letícia ela não está não meio tremida aqui?". E era verdade. Eu não tinha visto e em seguida mudamos a foto.

Você tem que ouvir pessoas que entendem, mas às vezes você precisa mostrar também para quem não sabe nada de jornalismo, porque você vai ouvir a opinião do público, pois é o público que vai ler a revista, que vai gostar, aprovar ou não, e isto também conta.

Como vocês vêem a continuidade da Videre com o Agripino como foco?

Acho legal a Videre não ficar ali escondida na biblioteca da faculdade, eu torço muito para o Videre dar certo. Com o passar dos anos quero olhar para trás e me orgulhar ao dizer que na faculdade eu contribuí em algo. A partir do momento que as pessoas trabalham numa revista você pode até não se identificar, mas no final é muito significativo.

O conteúdo da primeira edição da Videre, a questão do Matarazzo é algo fantástico, então surgiu uma preocupação no nosso grupo para uma segunda edição. Nós escolhemos o Agripino por ser um marco importante para Prudente, ele tem uma vasta trajetória de vida. Você pode comentar essa questão?

Acho que ele é uma personalidade na cidade, gostem ou não... É indiscutível. Ele fez sua história nesse sentido e acredito que vocês escolheram bem. A trajetória da história do Agripino é marcante. Ele não é aquela pessoa que passa batido, nesse sentido é um bom personagem para vocês trabalharem e vão ter material suficiente para pesquisar.

Acho que como se trata de uma pessoa de personalidade, todo mundo conhece, querendo ou não, tem que tomar muito cuidado com a imparcialidade e era um detalhe que tínhamos muito cuidado. A partir do momento que você pega o material a parte da revisão também precisa ter atenção neste sentido, para ver se não está puxando muito para lá do que para cá, porque você vai lidar com pessoas que nem a Letícia falou que acham ele maravilhoso e outros que odeiam o Agripino e não vão nem querer falar com você sobre isso. As opiniões se divergem, é preciso uma atenção redobrada para redigir o texto.

Olha um exemplo que aconteceu no nosso TCC. Ocorreram crimes no prédio do Matarazzo quando estava abandonado. Eu pesquisei e foi um atentado violento ao pudor, então eu não posso esconder, é um fato, agora por que eu acho lindo o Matarazzo não vou publicar, as pessoas precisam saber e tentar trabalhar nesse sentido.

Tomar cuidado quando entrevistar o Agripino, ou ter contato com a família e no tratamento das pessoas. O que elas sabem sobre o seu trabalho? Porque você vai

descobrir coisas ruins do Agripino e não vai poder esconder como nós crimes do Maratazzo. Ele vai querer vetar as suas informações, portanto, será preciso saber lidar com isso, ter jogo de cintura e mostrar o que importa.

Você tem alguma dica e ou alguma sugestão para nós do grupo da segunda edição da Revista Videre?

Cuidem da revista com muito cuidado. Vocês já estão com um projeto da Videre, o nosso agente começou do zero, a gente teve que pesquisar muito, tinha vezes que eu era responsável pela revista e acabava gastando horrores com ela. Para ter base você pode pegar um detalhe daqui e dali, você tem que ter esse cuidado, mas como você já tem, aconselho que você faça um boneco porque provavelmente você vai ter muitas fotos, muitas histórias e terá que derrubar muitas coisas também e por mais que você imaginar, anote se não você esquece porque a memória da gente é complicada.

Se em algum momento vocês tiverem vontade de desistir lá no seu íntimo, não desista. De nada não vale a pena você desistir. Tudo o que você for construindo, que você for aprendendo é válido para o seu trabalho e vida. A recompensa vem. Não desista. Você pode escutar um comentário de uma pessoa menosprezando o seu trabalho, não desista. Porque a pessoa não sabe o que está falando e a recompensa vem. É muito esforço, mas vale a pena. Escutem muito a professora Thaisa. Ela é uma pessoa disposta a ensinar e tem essa vivência que a gente não teve.

Milton Carlos de Mello (Tupã)

Local: Prefeitura

Meio: pessoalmente

O atual prefeito trabalhou ao lado de Agripino de Oliveira Lima na prefeitura, além da relação de amizade cultivada com Paulo Lima.

Como foi o seu contato com a família Oliveira Lima?

Eu conheci o Paulo Lima quando vim estudar aqui em 1981 e caímos na mesma classe naquela época tinha duas turmas na faculdade de engenharia, nós caímos na mesma turma, fomos durante 5, 6 anos juntos convivendo quase diariamente, fortaleceu nossa amizade e me formei.

Fui embora para Dourados em 1988, eu casei aqui em Prudente, ele foi meu padrinho de casamento, eu me formei mais eu sempre estava aqui em Prudente e nunca deixamos de ter contato.

Em 1995 ele me chamou para comandar a empresa dele uma construtora, a construtora do Oeste Paulista como a esposa era Prudentina resolvemos voltar para cá, ai já conheci o Agripino, a Dona Ana até nesse período da faculdade a gente freqüentava muito a casa dele a chácara. Mas não tinha contato, conhecia apenas como aluno.

Freqüentava para estudar, para fazer trabalho?

Isso, íamos lá para almoçar íamos muito lá, fazíamos muita festa lá , quase toda a festa da faculdade de engenharia na época era feita na chácara.

O Agripino era uma pessoa que viajava muito, mas sabia da gente. Sabia que éramos amigo do filho dele e em 1995 começamos a ter um contato maior, porque eu trabalhava na empresa do filho.

Depois fui convidado pro cargo de engenheiro de segurança na própria universidade, então tinha um contato com a Dona Ana e com ele, foi solidificando a nossa amizade.

Em 2000 ele foi eleito a prefeito e ai ele fez um convite para que eu assumisse a diretoria da Prudenco e eu aceitei, achei que era um grande desafio na minha vida naquela época. Não como político, mas na minha vida profissional, como engenheiro, achei que seria muito importante e aceitei.

Então com 10 dias de governo dele o secretário que ele tinha chamado na época, o secretário de obras pediu para sair e ai ele me chamou.

Quem era?

Era o Ardebal. Mas quando ele pediu para sair então ele me chamou ai eu fiquei praticamente uma semana como diretor técnico da prudenco e fui convidado para ser secretario de obras e eu tenho assim, uma experiência uma visão da maneira dele administrar e como ele administrava e pelo tamanho da própria universidade.

Na época o senhor tinha quantos anos?

Eu tinha 40 anos, nem me lembro tinha 38 anos eu acho. E aceitei um desafio de ser secretário de obras do Agripino e isso era uma honra para mim e eu imaginava assim quantas pessoas não gostaria de estar no meu lugar mais ao mesmo tempo era uma incógnita: “será que eu vou dar conta? Como será que vai ser?”.

Então sai da Prudenco e fiquei só como secretário de obras e ai começamos a trabalhar. Eu via mais ou menos o jeito dele de fazer as coisas, sempre tive muito apoio do Agripino. Uma das coisas que eu aprendi com ele foi esse detalhe de liberdade, mas que não faça coisas erradas. As decisões quem tomava era ele, então eu tinha uma idéia, “vamos fazer tal obra”, “vamos fazer isso aqui”. Mas nunca sem tomar nenhuma iniciativa sem o consentimento dele. Aí o trabalho começou a surtir

efeito e ele começou a gostar do trabalho. Então nós tivemos uma aproximação muito grande, nós ficamos muito próximos um do outro. Qualquer coisa que acontecia na prefeitura, muitas coisas até de outras áreas, ele: “chama o Tupã”. No fim acumulava outras funções que não eram só relativas a secretaria de obras, porque havia um relacionamento muito franco entre eu e ele. Nessa questão aconteceu de ele então definir que eu ia ser, em primeiro momento, o candidato a prefeito dele. Depois nós falamos que ele tinha que ser candidato a reeleição. Então, ele me aconselhou a ser candidato a vice-prefeito dele, mas, num momento de bobeira minha, eu mudei de partido político e passei para o PMDB. Eu era do PTB, do partido dele, e ele me falou muitas vezes que não era para fazer isso, me aconselhou como pai: “não faça isso, não faça isso”. E eu fiz. E o que ele me falou aconteceu. Então, por umas situações muito ruins não pude ser o candidato vice-prefeito dele isto me frustrou um pouco, ainda mais porque foi um erro meu. Eu não posso nunca falar que ele não me falou, quer dizer, mas ao mesmo tempo, eu acho que não tinha que ser porque Deus não tinha programado isso para mim e eu procurei agir dessa forma. Teve a eleição, ele ganhou, fui um dos governadores de campanha dele, praticamente o coordenador da campanha, e aí veio novo convite para continuar como secretário. Nesse período, antes de participar da eleição, houve um período em que eu acumulei duas funções. No lugar de secretário de obras e chefe de gabinete. Então eu ficava no período da manhã e depois vinha aqui de tarde, quer dizer era uma loucura.

Mas tudo isso pode?

Pode acumular porque você não ganha dobrado. Ganha o mesmo salário.

Mais essa aproximação gera uma confiança. Geralmente chefe de gabinete é um cargo que você tem que confiar muito, porque é uma pessoa que está diariamente com você. E ele sempre falando: “você vai ser meu sucessor, você vai ser meu sucessor”.

E o que me admira muito nele é a perseverança, a lealdade. E isso é então uma das coisas que me costumo me inspirar nele. Isso é de cada ser humano, mas você pode ser sempre franco eu procuro conduzir a prefeitura de uma maneira que se você vier me pedir uma coisa e a prefeitura tiver condição de atender eu vou falar para você: “dá para fazer”. Se não der eu vou falar: “Não dá para fazer”. Então eu acho assim... Não se enrola a ninguém, e ele quem me ensinou isso. Às vezes as pessoas podem ficar meio frustradas de ouvir um não, mais apenas em um primeiro momento, depois se sentem bem porque você não fica fazendo dessa pessoa um joguinho de “vai pra lá e vem pra cá”. Aí a coisa nunca acontece. Isso foi umas das coisas que eu aprendi com ele.

Como é a relação de vocês?

Muito boa. É lógico que existe uma, quer dizer, nós convivemos diariamente. Hoje eu tenho a prefeitura, mas praticamente, a semana passada mesmo, eu saí com ele dois dias da semana. Almoçamos juntos na quarta. Ele fala as coisas para mim nos temos um relacionamento bom.

De amizade?

De amizade. O seu Agripino, eu sempre falo para ele que ele é meu íntimo, sou muito grato a ele, ele é meu segundo pai, me chama a atenção na hora de chamar... Mas ele sabe quem eu sou e respeita também a minha opinião. Vamos supor, eu tenho certeza que se não fosse por isso ele não teria me escolhido, ele sabe a personalidade que eu tenho. Eu tenho uma personalidade forte, do mesmo jeito que ele. Numa proporção menor porque ele é uma pessoa já mais experiente, eu sou uma pessoa muito exigente comigo mesmo e até falo que os secretários passam muito apertado comigo.

Mas então, aí houve aquele episódio do afastamento dele da prefeitura. É eu sabia que iria acontecer comigo, porque eu era a pessoa mais ligada a ele.

Na véspera o ex-prefeito (Biancardi) queria que eu falasse que eu não seria o candidato, que o candidato seria ele. Palavras na minha boca ninguém coloca. E eu pensei que se isso fosse custar o meu emprego que assim seja. Mas eu não vou ficar com raiva do Agripino, não vou esquecer tudo que ele fez por mim.

Então fui demitido e a Dona Ana e ele me acolheram de novo da Unoeste. Passei um ano e meio como engenheiro da Unoeste de novo.

Então mesmo com todas as frustrações dele não poder andar comigo, porque os adversários não permitiam que ele andasse comigo por lei eleitoral, eu me candidatei.

Foi notificado que eu não podia estar com ele no mesmo lugar, senão entravam com denúncia, já que ele estaria me apoiando, mesmo sendo proibido.

Mesmo assim ele foi uma pessoa que me apoiou muito, foi a primeira pessoa que agradei depois que ganhei a eleição. Era uma maneira de expressar minha gratidão e o carinho por ele, foi a primeira pessoa que eu fui ver. Eu sei que o início da minha vida pública eu devo a ele, mas não só como homem público, mas como homem que acreditou em mim como engenheiro, porque na época eu não era nada, eu não sonhava em ter cargo público.

Eu vim aqui pra trabalhar e eu sou um homem de fé, eu tenho muita fé e aprendi e tenho certeza que naquele momento não era para ser vice-prefeito, porque isso estava reservado para mim. Deus me colocou aqui por uma missão.

Como você define o Agripino? Pode ser só uma frase.

O Agripino, nunca ninguém poderá substituí-lo, ninguém nunca vai chegar próximo dele. Pessoas que com todos os defeitos como eu tenho e como todo os ser humano tem. A nossa cidade deve muito a ele e sua família.

O Agripino é líder pela própria maneira dele e o tempo propôs isso. Eu lembro que quando eu estudava aqui, no primeiro ano, o Agripino havia sido candidato a vereador. Havia perdido uma candidatura a prefeito, mas quem colocou o Agripino aqui foi o povo. E ele provou isso que mesmo com as pessoas que não gostavam dele que ele faria do mesmo jeito. Tem gente que me odeia, apesar de que o ódio é uma palavra pesada. As pessoas podem não me aceitar, como não aceitavam ele, mas ninguém pode negar o que ele fez para Presidente Prudente, eu sou exemplo típico porque vim de outra cidade para ficar raízes aqui. Se na época Presidente prudente não tivesse se tornado um grande centro universitário, o que seria de Presidente Prudente, quantas cidades do Brasil não gostaria de ter a Unoeste. Eu tenho certeza, porque onde eu morava era louco para ter. Então assim, ele cativou a população e além de cativar ele provou que era competente. Dificilmente Presidente Prudente vai ter um homem três vezes prefeito, eu não acredito nisso.

Ele é uma pessoa humilde, um grande empreendedor e a ex-esposa dele também é uma grande mulher. Ali juntou a fome com a vontade de comer, porque ele não faria sozinho e vice-versa. E houve o que? Um casamento profissional. Então eu posso falar dele como um empreendedor. Na prefeitura, dez. E na vida particular também, porque tinha gente do lado dele e além disso tinha ao seu lado uma grande mulher.

Agripino de Oliveira Lima Filho
Fone: (18) 3229-1000/ (18) 9771-7642

Data da entrevista: 24/08/09

Meio: pessoalmente

Ex-prefeito da cidade de Presidente Prudente e dono da Universidade do Oeste Paulista

Quando o senhor nasceu, tinha as pernas tortas. Como foi essa fase?

Eu não andava então meus irmãos me carregavam. Eu tinha a perna bem torta assim (demonstra com gestos). Era pequenininho, tinha 2, 3 anos, então eles que me carregavam por que eu não podia andar, não dava nem pra pisar. Agora eu estou com o as pernas mais retas do que a dos outros, olha só, não tem nem curva.

E como foi que curou? O senhor foi ao médico?

Nada, meu pai era amigo de um médico de Lençóis, o doutor Leão Torsi, e ele falou assim “o jeito é quebrar a perna dele todinha para depois engessar”. Meu pai falou “isso não”. Então ele disse para meu pai me dar bastante tomate. Não sei porque, tomate não tem cálcio. Mas eu comia tomate direto. Mas ainda não sei se foi o tomate, porque tomate não tem cálcio, mas a perna tá reta.

Foi o tomate então?

Acho que foi, ou então foi Deus.

Sua mãe rezava muito?

Nossa, minha mãe rezava dia e noite. Ela tinha 11 filhos e morreu bem velhinha, meu pai morreu mais novo com 65 anos, quase 30 anos antes dela.

Do que você brincava quando era criança?

Minha infância... O que é que eu posso falar sobre o que eu brincava? Eu era pobre, acho que eu brincava com sabugo de milho, fazia caminhões. Não tinha nada para brincar.

Seu irmão Elias, ele contou que vocês iam muito brincar no rio da fazenda, em um buraco na encosta que parecia uma piscina.

Eles iam muito lá, os grandes. Eu não me lembro se eu ia por que era pequenininho e nem sabia nadar, mas os mais velhos iam. Eu sou um dos mais novos. Minha mãe teve 11 filhos, eu sou um dos mais novos. Depois tem dois irmãos que são gêmeos.

O senhor se lembra da casa?

A casa eu lembro, eu era pequenininho, mas lembro. Inclusive eu tenho um tijolo da casa lá em casa, eu tenho um tijolo da minha casa lá em Graminhas, a casa onde eu morei. Quando eu fui a Lençóis, queria ver onde eu tinha nascido, e só tinham uns entulhos quebrados. Eu peguei um tijolo e levei pra minha casa, um tijolo forte que tem mais de 80 anos. Está na minha casa.

O que o senhor vai fazer com ele?

Está na sala, arranjei um suportinho pra ele coloquei em cima, um suportinho de tábua. Está lá, lembrança da minha infância.

Lembra-se de onde dormiam?

Acho que eu não me lembro bem. Mas eu acho que quase todos dormiam numa cama de casal, eram quatro ou cinco numa cama de casal, uma cama de ferro de caninhos. Então acho que nós dormíamos todos juntos no quarto.

Faziam festas lá?

Que festa? Já viu pobre fazer festa?

E vocês iam à missa?

Nem padre tinha na roça. “Nóis” vivia na roça.

Seus irmãos iam à escola?

Eles iam, mas eles andavam a pé bastante para chegar à escola da cidade. Acho que eram uns seis quilômetros para chegar até Lençóis Paulista.

Onde as crianças nasciam?

Minha mãe teve os filhos lá, parece que teve os gêmeos em Lençóis, foi para o hospital. Eu era pequenininho, mas me lembro que era um caminhão que a levou. Puseram uma cama, uma cama de solteiro, em cima do caminhão e depois puseram ela em cima do lençol para ter os gêmeos. Os últimos que nasceram gêmeos.

Que tipos de serviço faziam?

Meus irmãos mais velhos trabalhavam na enxada, na roça, minha mãe trabalhava na enxada, na roça de café, meu pai ia pra roça.

O meu irmão mais velho, quando ele tinha 16 anos, era auxiliar de farmácia trabalhava na farmácia, varria, limpava, essas coisas. Um dia passou um vendedor de bilhete de loteria, e disse para ele “Lucinho compre esse bilhete aqui pra mim”, e o Lucinho respondeu, “se eu tivesse dinheiro pra comprar bilhete eu tinha jantado ontem”. Aí o vendedor disse “fica com o bilhete e depois você me paga, o dia que você quiser você me pagar”. Ele era o mais velho dos irmãos. Quando cheguei em casa de tarde, meu pai chegou chorando Nunca vi papai chorando, e ele chorava, chorava. “Mãe”, ele chamava minha mãe de mãe, e falou “o Lúcio”. “Lúcio? O que aconteceu com o Lucio?”, minha mãe perguntou. “O Lúcio ganhou na loteria!”. Ela falou, “então você tem que rir”. Então o Lucio ganhou 40 mil réis. Ele foi para São Paulo com o dinheiro, foi passear. Comprou um punhado de canivetes para a família toda. Ganhou 40 mil réis, ficou rico, né? Com esse dinheiro, a gente morava em albergue, aí comprou uma farmácia, lá em Borebi. E para o meu pai achou um depósito com quatro portas, montou um armazém, comprou a loja para o meu pai.

Seu pai era comerciante?

Não. Meu pai era administrador de uma fazenda em Agudos. Ele não era o dono, era administrador. Então, o meu irmão ganhou 40 mil e mudamos para Borebi. Ele comprou uma farmácia para ele e em frente um armazém para meu pai. Meu pai teve que ajudar na farmácia por que meu irmão não parava, tinha 16 anos, teve que contratar um empregado. Me lembro que ele era sonâmbulo. Ele dormia de dia e de noite sai na rua dormindo, e aí eu ia atrás dele para trazer para casa, coitado!

Como era a vida religiosa de vocês?

Quando eu era menino, era coroinha. A missa naquele tempo era rezada em latim e o padre rezava voltado de costas para as pessoas, de frente para o altar. Ele falava assim “*introibo ad altari dei*” e os coroinhas respondiam assim “*ad Deum qui laetificat*”

iuventude mea.”, que significa “a Deus que dá juventude a nossa vida”. Os coroinhas respondiam o que o padre falava.

Fez primeira comunhão?

Fui crismado, batizado, só que meus padrinhos já morreram faz tempo.

Nossa, minha mãe era uma santa era uma santinha e todos os filhos tinha que fazer a comida tinha que lavar os talheres, tinha que lavar roupa, passar roupa tinha que dar banho nos filhos pequenos minha mãe era assim e era pequenininha.

Nós morávamos numa cidade pequena que não tinha padre, o padre vinha de outra cidade então ele vinha só no domingo para rezar missa, então minha mãe ia a missa, a missa era 5 hrs da manhã porque antigamente tinha pouco padre e ele tinha que ir para outra cidade rezar missa , então eu nessa época eu era coroinha, aquele que ajuda o padre sabe na hora da missa, que toma o vinho de padre escondido sabe?(risos).

Minha mãe era muito religiosa, mas era bem simples, os dois trabalhavam na enxada mesmo, meu pai teve só dois anos de escolaridade, minha mãe teve quatro anos de escola e onze filhos pra cuidar, cuidar de filhos pequenos , não tem empregada , tinha que fazer comida , tinha que lavar talheres ,lavar roupa , tinha que passar roupa , tinha que carpir (....) Tinha que passar no cilindro a massa depois acender o fogão o forno e começar esquentar e por o pão lá pra assar, não é fácil não , a vida da minha mãe e do meu pai foi difícil, no começo foi difícil porque eu acordava cedo colhia verduras.

O senhor trabalhou como vendedor de livros também certo? Como foi esse período?

Eu ia para São Paulo, e as pessoas iam lá e compravam quatro ou cinco coleções e iam para terra deles vender os livros. Mas eu não, eu ia de caminhão e trazia vinte toneladas de livros. Eu fretava um caminhão, ia lá e enchia o caminhão de coleções e vinha para cá. Eu tinha sessenta jipes DKV e cada vendedor tinha um jipe naquela época para vender nesse Brasil todo.

Foi nesse período que vendeu carros?

O carro foi antes, lá em Alfredo Marcondes. Eu vendi cinqüenta e dois jipes. Bom meu irmão tinha uma agência da Willians e então eu trazia os jipes, cinco jipes por mês da cota dele da Willians de São Paulo, a fabricação dava cinco jipes e eu vendia toda a cota aqui em Alfredo Marcondes.

O jipe que o senhor vendia era o DKV?

Não, eu vendi em Alfredo Marcondes cinqüenta e dois jipes, eu tinha uma frota de jipes DKV que era minha, na época da livraria. Os outros eu pegava da cota do meu irmão, eu comprava e era baratinho. Então, vendia para os fazendeiros lá em Mato Grosso. Vendia muito ali em Mato Grosso.

Os livros, o senhor vendia em quais cidades?

Em outras cidades como em São Paulo e Mato Grosso também. Minas, entrava em Minas também.

Então o senhor acumulava funções. Mas como fazia pra dar conta de todas?

Eu era diretor de escola, eu acumulava, não é?

Eu era diretor, professor de escola e conheci um tal de Teixeira e um tal de Chiquinho. O Chiquinho era diretor da Saad e o Teixeira era um vendedor de livros nato.

Como conheceu O Chiquinho?

Ele era gerente da Saad do Brasil e eu o conheci quando comprava amendoim aqui em Prudente e ele era o gerente. Nos estudamos Direito na Toledo. Ele e eu estudávamos a noite e fomos nos conhecendo, etc.

Era o Teixeira que vendia livros, não é?

Ele comprava em São Paulo de duas a quatro coleções e ia de ônibus. Eu falava para ele: “Mas você vai para São Paulo para trazer só duas ou quatro coleções de ônibus?”

Ele falou: é assim que eu faço.

Eu ia emprestava dinheiro pra ele, eu tinha umas economias. Eu emprestava e ele me pagava com juros absurdos, não me pagava 2 ou 3 por cento, eu emprestava cinquenta mil reais e ele me pagava dez mil reais e eu falava: você me paga com um juro absurdo. Eu achava bom, mas eu achava um absurdo não é, quando você negocia assim é roubo não é?

Eu perguntava a ele: Mas porque você me paga assim? Ele respondia: “Mas eu ganhei bastante, compro por dez e vendo por cem”. Ai eu fiquei sócio dele.

Foi quando eu disse para ele: vamos ficar sócios e então, ao invés de você comprar três ou quatro coleções, nós vamos lá e fretamos um caminhão em São Paulo. Enchemos de livros de coleção, que eu comprava muito mais barato que ele porque ele comprava três ou quatro coleções e eu comprava cem, duzentas coleções.

O senhor era amigo de Jânio Quadros?

O Jânio Quadros? Ele sempre falava, “O Agripino é da minha família”, então eu fiz amizade com o Presidente da República.

E com quem o senhor comeu uma melancia?

Melancia? Foi com Gobery do Couto, ele era o General Gobery do Couto, ele mandava no Brasil e um dia me chamou lá e falou: Agripino, o que você quer para construir uma rede de Hotéis no Brasil, nós estamos precisando de Redes de Hotéis no Brasil. Ou se você preferir pode montar usinas de açúcar pelo Brasil todo. E outra coisa, eu empresto dinheiro para você e com três, quatro meses você não precisa me pagar mais nada. Ele mandava no Brasil.

Quem me apresentou o Gobery foi o sobrinho dele, com quem eu fiz amizade, pois eu ia muito à Brasília para criar cursos aqui, curso de pedagogia, curso de letras. Naquela época tinha que ir à Brasília, não é como agora não, agora você abre qualquer curso, coloca ai na frente e.... Antigamente precisava da autorização do Conselho.

Quando vocês inauguraram as aulas já existia o prédio da Apec?

Ainda não tinha o prédio pronto, então as “irmãzinhas” do Cristo Rei me ajudavam. Eu comecei lá e depois comecei a construir aqui, o prefeito da época era o Sandoval.

Foi ele quem doou o terreno para a construção do prédio certo?

Sim, foi o Sandoval que doou esse terreno aqui.

Professor, quando visitamos o santuário vimos as peças que representam a Via Sacra. De onde vieram essas peças?

As pedras? As imagens dos Santos? Eu comprei em Apietá, em Londrina, comprei imagens prontas, agora, a imagem de Cristo que coloquei na Igreja (lá de cima), tem oito metros de altura e pesa oito toneladas. Essa eu trouxe de Campinas, trouxe as noventa e duas peças que montam o Cristo que colocamos aos pouquinhos.

Mas vocês sabem qual foi o dia mais importante da minha vida?

Não professor, qual foi?

Foi o dia cinco de outubro de 2000, às 02:00 horas da madrugada, em Mato Grosso. Porque lá eu encontrei Jesus. Mas eu não tinha certeza se era ele mesmo. Então cinco meses depois, quando estava lendo o livro de São Francisco de Assis, e pensei naquela passagem, que queria saber quem era a pessoa que encontrei lá em Bataguassu, um moreninho que me chamou pelo nome no escuro a quarenta metros de distância, que me chamou assim: “Agridino, é você que está aí?”

Ele chegou perto do carro e começou a conversar comigo, como se me conhecesse, mas eu nunca tinha visto ele na minha vida. Ele disse que eu deveria descansar e perguntou se eu queria que ele me mostrasse um lugar que eu pudesse dormir. Então me levou em uma pousada. Chegando lá, desci pra verificar se ainda havia vaga, e quando me virei ele não estava mais.

Eu estava desesperado nesse dia, tinha brigado com a família e estava indo pra Bolívia, ia vender a Mercedes por lá e recomeçar a vida. Quando entrei na pousada e percebi que não tinha dinheiro, fui recebido por um casal de carismáticos, que me disseram que eu teria lugar pra descansar o tempo que precisasse.

Então, quando eu estava lendo o livro de São Francisco de Assis e pensei no moreninho, na hora me veio a luz. Eu sabia que tinha sido Jesus Cristo que havia andado comigo aquele dia, mas queria uma confirmação. Pedi a Deus... quando olhei pelo espelho do meu quarto, o crucifixo do quarto da frente estava brilhando. Tive o sinal que precisava. Depois disso, rifei a Mercedes e doei o dinheiro para os pobrezinhos. Uma Mercedes 0km que valia 450 mil reais....

O senhor sabe quem ganhou a Mercedes?

Quem a ganhou foi um japonês lá de Porto Alegre. Eu encontrei dois gaúchos que por coincidência conheciam ele e me deram o endereço do japonês.

Eu o procurei e falei assim para ele: “Foi você quem ganhou a Mercedes, então, estime bastante, porque Jesus Cristo andou nela”. Ele falou: “Eu acredito, porque eu era pobre, ganhei essa Mercedes e fiquei rico”.

Eu disse: “então você acredita? Por que você acredita?”.

O japonês falou: eu estava numa “pendura” desgraçada rapaz, ganhei essa Mercedes e em trinta dias fiquei rico.

E a carta de Nossa Senhora. Que vimos na capela do Santuário?

Nossa Senhora? Aquela carta de Nossa Senhora. Engraçado, na semana passada, essa Senhora de Poços de Caldas esteve aqui, veio me visitar. A Dona Dalva é uma senhora, o marido dela é fazendeiro, é dentista mas não trabalha na profissão, acho que ele é inspetor, tem posses, é rico, mas a Dona Dalva fez voto de pobreza e então ela mora na casa com o marido e os filhos mas vive vida de pobre, de chinelo, com roupas simples. Fez votos de pobreza, ela vive assim.

A dona Dalva é de Tajubá, não sei o sobrenome dela, mas ela é conhecida porque é muito procurada pelas pessoas. Ela é uma “santinha”. Ela diz que conversa com Nossa Senhora e eu acredito que ela não é louca.

Ela fala: “quando eu estou sozinha eu chamo por Nossa Senhora e ela vem, então nós conversamos e cantamos”, eu acredito. E ela esteve aqui outro dia, na casa de um cunhado meu. Ela foi até a Igreja e tudo e eu mostrei a cartinha que Nossa Senhora escreveu para mim, mas através das mãos dela mesma. Então eu falei para ela: Leia isso aqui.

Ela leu e disse: Nossa, que coisa linda Nossa Senhora escreveu para você.

Eu disse: É, escreveu para mim. E sabe quem escreveu?

Ela perguntou: Não, quem foi?

Foi a senhora quem escreveu! É verdade, foi ela quem escreveu como se fosse Nossa Senhora.

Ela escreveu assim: “Meu filho Jesus vai agradecer você pela Igreja que você está fazendo para mim”.

Ela ficou comovida porque tinha sido um instrumento de Nossa Senhora e não se lembrava mais.

Dona Dalva. O dia que vocês forem a Tajubá podem ir até a casa dela. Ela é procurada por centenas de pessoas. Fazem romaria até a casa dela e ela é uma pessoa simples, anda de chinelo e vestido de chita, mas mora com a família. O marido dela é rico, mas ela fez votos de pobreza, mas não se separou da família.

O senhor sempre trabalhou. O senhor acredita que esse é o segredo do seu sucesso?

Bom, para falar a verdade, é o seguinte: eu nunca parei de trabalhar, agora que estou parando, mas eu trabalho desde os seis, sete anos de idade, foi quando meu pai me pôs para trabalhar. Eu levantava cedo, meu pai não me deixava sentado. Do jeito que estou sentado agora, só para almoçar ou jantar.

Ainda na cama ele tirava a cobertura e dizia: Levanta menino! Eram cinco horas da manhã! Se não levantasse, daí a pouco vinha um balde de água fria. A gente ia para cama cedo. Eu fico contente, com isso aprendi muito com meu pai. Ele só tinha até o segundo ano da escola e, minha mãe, baixinha, pequenininha, com onze filhos, ela lavava e passava as roupas dos filhos, fazia comida para os onze filhos e meu pai era meio impertinente, sabe. A comida saia meio dia, dez horas, ou onze e meia ela estava já no pé do fogão enchendo o saco da minha mãe. Ele falava: “Essa comida não sai!”.

E minha mãe fazia pão no cilindro, só passava a massa lá no cilindro e depois amassava com mão, na bacia e enrolava e já tinha que ascender o forno para assar os pães. Nossa! Minha mãe sofria.

E antes disso ela trabalhava na enxada. Meu pai e minha mãe em roça de café no capinado. Minha mãe capinava também, depois trabalhava em casa. Também, meu pai foi ter onze filhos, não é? Minha mãe sofria e de vez em quando a gente pegava ela chorando porque trabalhava demais e sofria demais. Não é mole não, ainda mais naquele tempo que era bem diferente de hoje, que tem máquina de lavar, “não sei o que lá mais”. Hoje é moleza para a mulherada, não é? É moleza.

Como funcionava o sistema de cotas no início da Apec?

Então o dinheiro deles entrava em cem cotas, mas ninguém pagava e eu já tinha posto, já tinha viajado à Brasília, já tinha gasto bastante dinheiro com o processo (eu trouxe um professor de São Paulo para montar o processo pagando a ele) e então eu falei: vou ficar sozinho mesmo porque sou eu quem está pagando.

Sou o dono mesmo. A princípio eu pensei em cem sócios e arranjei uns nomes aí, mas ninguém deu dinheiro.

É verdade que o César Cava fez um hino para a Unoeste?

Ele era meio poeta, meio cantor, meio boêmio. Ele era um artista. A música da APEC ele quem fez. A APEC nasceu em janeiro de 1972, ele deve ter aí. Ele fez o esquema da APEC. Ele fez e cantava a música da APEC e o nosso teatro se chama César Cava em homenagem a ele.

O senhor construiu quantas igrejas?

Aqui em Prudente eu fiz quatorze Igrejas. Nem eu sei que Igrejas, só sei que fiz quatorze, agora se você me perguntar quais são, eu acho que todas... e a Catedral, eu paguei para um moço pintar. Eu sempre fui “Igrejeiro”.

Professor, voltando aos livros. Ganhou muito dinheiro nessa época?

Sabe me dava um bom lucro, tinha dia que eu “ganhava duzentos mil reais”... a coleção custava dez, eu vendia por cinquenta, por cem e parcelava e as pessoas gostavam de comprar coleções de livros para colocarem nas estantes das salas. Todas as pessoas tinham estantes nas salas, quase todas tinham e queriam colocar coleções e se tivesse um “buraco” e se coubesse coleções, colocavam porque fazia parte da sala.

O senhor teve alguma inspiração política na família?

Meu pai foi vice-prefeito de Borebi por uns dez anos, mas não ganhava nada. Não tinha salário para vice-prefeito porque era um distrito. Meu pai era comerciante, pequeno comerciante e ele era vice-prefeito do município, que então era um distrito de Lençóis Paulista, pertencia a Lençóis Paulista e hoje é município.

O senhor estudou em Borebi?

Em Borebi eu só fiz o grupo e depois fui fazer o ginásio em Agudos e ficar com minha irmã Dirce (hoje ela tem noventa e dois anos e mora em Agudos ainda), o marido dela era alfaiate. Eu fiz quatro anos de grupo em Borebi e depois do grupo escolar, era o ginásio. Então fui para Agudos fazer o ginásio e depois do ginásio, fiz mais três anos de escola normal e sai professor primário. Depois fui professor primário e diretor de escola. Fui professor primário em Junqueirópolis, eu morava lá em... esqueci o nome do município. Era um lugar que só tinha japoneses. Eu era professor lá. Morava num bairro e dava aulas numa escola isolada. Tinha que andar seis quilômetros para ir e voltar. Eu dormia em Salgado Filho, mas morava em Garça com Dona Ana. Tínhamos três filhos. Meu primeiro filho vinha para cá de trem, chegava e ia para escola lá em Junqueirópolis a pé. Ainda eram seis ou dez quilômetros por dia.

A dona Ana também se formou em Garça?

Em Gália, a Ana era professora em Gália. É, ela morava lá em Gália.

A Ana era magrinha, alta e ela lecionava numa fazenda, a fazenda Ipiranga. Ela ia até lá, não sei se de ônibus, ou um pouco a pé, ou a cavalo... sei lá. A vida foi dura. A vida não foi mole não.

Depois que nos casamos eu fui lecionar num grupo onde ela lecionava. Ela estava em Garça e naquele tempo existia “união de cônjuges”. Quando você é casado e é professor e sua mulher é professora você tem direito de entrar para “união de cônjuges”. Você tem preferência para entrar. Antigamente era assim, para ficar juntos. Eu entrei para união de cônjuges num concurso e escolhi lá em Garça, no grupo escolar de lá, um grande grupo.

Depois fui diretor de escola lá em Alfredo Marcondes. Lá eu ganhei dinheiro. Lá eu vendi cinquenta e dois jipes. Diretor de escola e corretor de veículos. Eu sempre tive três ou quatro serviços. Eu nunca tive só um serviço. Às vezes eu fazia cinco coisas ao mesmo tempo.

O senhor foi também presidente do Centro Professorado Paulista de Presidente Prudente certo?

É, eu era presidente do Centro Professorado. Naquele tempo era por eleição. Os professores quem escolhiam.

Onde ficava a sede da livraria?

Bom, eu tinha na Mafei, ali perto da avenida Brasil... não tem um barzinho ali? Então, subindo ali a Mafei, perto da Cadetral do lado esquerdo. Não era bem uma livraria, era um corredor que subia num prédio de apartamentos e nós usávamos um corredor e não precisávamos pagar aluguel.

Mas não era só comprar uma coleção ou duas não. Era comprar bastante. O negócio é que tinha que visitar casa por casa. Tinha muita gente que vendia coleção ali. Tem um vendedor que está vivo ainda, o Borba. Esse era um malandro, era bom para vende. Porque ele vendia livros à vista e trazia as promissórias. No Brasil todo ele vendia então tinha comprador. Uma vez eu sai cobrando essas promissórias e descobri que elas eram falsas. Ele vendia à vista e pegava todo o meu dinheiro e me trazia as promissórias falsas. Eu achava que os endereços que ele colocava eram falsos. Ele mora aqui ainda.

Qual era o nome da livraria?

Nós mudávamos muito de nome, para evitar imposto de renda, sabe. Era livraria Teixeira, depois Ediprel. Mudava muito, mudava o nome só, para não pagar impostos. Éramos picaretas.

Mas se você fosse pagar imposto você não crescia. Mudava muito o nome.

O senhor acorda cedo?

Ah, eu acordo sempre cedo. Antigamente eu acordava umas quatro horas porque tinha que viajar, não é? Pegar o jipe, viajar para longe, mas normalmente, seis, sete horas estou de pé.

O senhor toma muito banho?

Lógico. Tomo banho a noite, a tarde, a hora que dá. Aqui tem o Doutor Freitas. Ele ficava ali perto do hotel da avenida Brasil, do lado de cá. O Doutor Freitas morava ali perto. Eu ia na casa dele, no consultório dele quando eu precisava de qualquer coisa.

Ele falava assim: O homem mais limpo de Prudente é o Agripino!

É verdade! (risos). Tem uma senhora, acho que ela mora ali na Washington Luíz. Parece que ela mora do lado de lá, a Dona...eu esqueci o nome dela. Ela foi adjunta minha. Ela trabalhava na vila Charote. Era professora lá e ela conheceu esse Doutor Freitas e ele falava para ela que eu era o homem mais limpo que existia.

E dorme cedo?

Eu durmo cedo, nove ou dez horas. Nem assisto novela, muito pouco. O jornal eu também acompanho muito pouco.

O que gosta de comer?

Eu gosto mais de misto, gosto de arroz, feijão e ovo frito. Gosto de comida simples. Essas coisas diferentes assim, eu não gosto.

O senhor ficou conhecido como o prefeito que abriu as portas da prefeitura. É verdade?

É, eles já entravam na minha sala e às vezes eu atendia em pé dez, vinte pessoas. Eu atendia todo mundo.

Mas eu abri todas as portas. Não tinha necessidade de segurar o cara lá fora. Não ficava sentado esperando o prefeito. Eu dizia: Pode entrar! Entrava um, dois, tudo em pé. Eu não fazia assim: vou pensar... vem amanhã.... eu fazia tudo na hora.

Então o senhor é uma pessoa rápida?

Não, não considero rápido. Eu enxergo as coisas rápido e se a pessoa está mentindo para mim eu sei que está mentindo e se está precisando de alguma coisa... Graças a Deus eu sei, tem esse negócio...

O senhor distribuiu quantas cestas básicas?

Eu distribui bastante. Umas cinco mil e cobertores também no tempo frio.

E nas campanhas políticas? Ficava nervoso?

Política? Era tranquilo. Eu era candidato, mas eu sabia que ia ganhar, tinha certeza.

Considera então que seu caminho sempre esteve aberto pra tudo que quis fazer?

Acho que para mim estava sempre aberto. Até hoje. Se você passar comigo na Maffei, vai ver que vinte, trinta pessoas votam em mim.

O senhor se preocupa muito com a imagem que as pessoas tem a seu respeito?

Eu não me preocupo com essas coisas. Quando eu fui deputado federal eu fui o mais votado do Brasil, com sessenta mil votos. Naquela época, foi em 87 ou 88... fui o mais votado do Brasil. Eu fiquei sabendo porque saiu no jornal de Brasília o nome do campeão de votos. Eu vi lá no jornal de Brasília.

Fui vereador por dez anos e prefeito por dez anos.

Maria Angela D'Incao
Data: 12/10/2009
Telefone: (18) 3271-1589
Meio: pessoalmente

O que sabe do Agripino enquanto presidente do CPP?

Eu não sei muito da história do Agripino, eu sei que ele foi presidente e que ele ao lado dos professores da então Unesp tiveram a idéia de fazer um consórcio de educação e montar uma faculdade. Agora eu não sei o desenvolvimento disso. Parece que houve uma divisão, eles brigaram, enfim, alguns disseram coisas horríveis. Eu já não morava mais aqui de modo que eu não sei.

Mas esse CPP é de Presidente Prudente ou do Estado de São Paulo?

Não. Ele é de todos os professores, do secundário do primário, tem em São Paulo. A função é a organização, um preste de organização sindical, tem lugar para você passear... então você paga uma mensalidade que é descontada em folha e você usufrui dos benefícios desse centro. Em geral são passeios à distância, turismo e outros serviços, como cuidar da aposentadoria do professor. Funciona como um sindicato. Às vezes oferece advogado para pessoas que não tem, eles devem ter muito dinheiro. É uma espécie mesmo de um clube profissional, como têm os médicos, têm os professores. O CPP é de ordem estadual, tem os planos de saúde e uma serie de benefícios que a classe necessita e que consegue descontos por se tratar de um número grande de professores.

Quando o Agripino veio para Presidente Prudente, na década de 60, como estava a cidade nessa época?

Era uma cidade que prometia muito. Teve a fundação da faculdade de filosofia. Nesse período teve a reivindicação da classe média que queria inscrição gratuita para seus filhos nas faculdades, a grande reivindicação das classes médias, e o governo do estado atendeu.

Foi a Unesp?

Foi a Unesp, a faculdade de Filosofia e Letras foi criada assim. A Unesp é um bom local para rever livros antigos. Também foi na década de 60 que houve a questão das Leis Trabalhistas, que começou a mudar um pouco a conformação política da cidade, o estatuto da terra. A carteira profissional dos trabalhadores rurais mudou a situação no campo. Começaram a crescer a cidade e os centros urbanos. Antes o empregado rural não tinha direito, não tinha salário, não tinha nada, vivia na fazenda do grande proprietário e com a legislação que obrigava a regularização, houve a expulsão desses empregados. Então aumentava a cidade, e assim a cidade cresceu muito.

Obrigava a que?

Obrigava a registrar os empregados. Então foi um período de transformação na região de modo geral, do crescimento urbano. Houve um conjunto grande, inclusive a formação de uma categoria geral chamada bóia fria. Então quem é esse bóia fria? Um indivíduo que mora na cidade e trabalha no campo. E isso veio dar mais tarde à

questão do movimento sem-terra. É um processo. Começa na década de 60, afina em 70 e se multiplica, hoje você tem o movimento sem-terra .

Então qual era essa lei?

É uma legislação que obriga o proprietário o registro obrigatório dos trabalhadores rurais.

A cidade ela foi crescendo, mas o que causou esse crescimento?

No Brasil como um todo, 70 % da população morava na zona rural. Hoje no estado de São Paulo, 98% mora na cidade. Então houve uma transformação no campo, a falta de trabalhador no campo levou também os proprietários rurais a implementar a mecanização das suas fazendas a definir um tipo de economia. O gado, por exemplo, não precisa tanto de funcionário então essa região no momento se tornou mais pecuária do que agricultora. É um direito do trabalhador. Esse desdobramento nesse período fica ao contrario do que era. Era uma cidade menor, Prudente era uma cidade pequena nesse período todo.

Então Prudente se baseava no algodão?

No algodão ela cresceu e se transformou numa cidade de serviço. Com a universidade que o Agripino montou e a Toledo também, então se transformou numa cidade de serviços. Serviços educacionais, serviços de construção civil, pouco industrial. Na verdade é mais de serviço médio.

Fora o aumento da população, o que mais motivou o movimento da cidade nesse período ?

É mais ou menos nessa época que pela política ligada ao movimento nacional há uma opção pela via rodoviária, sucutando a linha ferroviária, no desenvolvimento nacional na época de Juscelino Kubistchek. Ele resolveu criar estrutura, industrializar isso, construiu Brasília, cortou o Brasil em muitas estradas e tudo mais. E isso teve um desenvolvimento na região, por ele ter feito a ligação rodoviária da região, por Eptácio até São Paulo. Aos poucos vai saindo e quando chegou a década de 60 ninguém mais viajava de trem. A viagem de ônibus era mais rápida, de trem demorava muito, até 18 horas, com as paradas nas estações.

Muita gente veio de fora para a região?

Veio nesse período. E os grandes fazendeiros por que aqui em Prudente, que tem bastante poder aquisitivo, essas pessoas também já estavam aqui. Eu fiz um trabalho sobre um empresário rural lá em Sorocabana, sobre como ele cresceu, como ele se desenvolveu, como ele aumentou suas terras. Então o que a gente via na década de 70 é que muitos que aqui chegaram já tinham passado pelo estado do Mato Grosso e estavam a caminho da Amazônia. Agora porquê isso? Chega a pessoa, adquire uma pequena área, limpa essa área vende e vai mais pra frente comprar uma área maior que esteja cheia de madeira, corta a madeira vende se instala. Dali a pouco, vende e compra uma área maior. Essa se chama uma “frente de expansão”, você vai pra frente, acaba com a floresta se instala muito precariamente numa pequena fazenda e então há o ganho com a especulação da terra.

Cobrava de quem essa terra?

As terras muitas vezes não tinham título, se baseiam nessa perspectiva. Hoje em dia é tudo terra devoluta, então a gente não sabe na verdade como é essa coisa toda. O Agripino era muito pobre, vocês sabiam disso?

Como percebe a cidade com a presença de Agripino?

Porque a gente vê assim que teve um desenvolvimento muito grande com a fundação da universidade e que Presidente Prudente cresceu, ela se expandiu. É, o Agripino teve muita visão. E isso a gente não pode negar. Na década de 60 no Brasil como em toda a cidade, cresceram os contratos obrigatórios da rede rural e a consolidação das leis trabalhista no campo, que foi em 63 e isso expulsou toda essa população pra cidade e ao mesmo tempo houve com a política de Juscelino Kubitschek. Um investimento na indústria brasileira movimentou o comércio. Então o Brasil, nesse período de 60, quando aparece uma grande classe média, o crescimento de pessoas, escolas públicas, as pessoas passam a estudar. É na década de 60 que cresce a classe média, que tem o financiamento da casa própria. Pra você ter uma idéia o professor ganhava pra dar aula o mesmo que ganha um juiz.

Como é que funcionava o processo da união de cônjuges?

Ele pra sair, pra marido e mulher, quando os dois eram professores. Ele escolhia o lugar daí a mulher dele tava em outro local, daí ela por união de cônjuges podia ir pra aquele lugar ou ele podia ir pra outro lugar.

Qual era o cenário nessa época em Presidente Prudente?

Era de um grande número de pessoas querendo faculdade. Quando eu entrei na universidade de São Paulo era uma briga terrível, eu fiquei em trigésima primeira e não pude estudar por falta de vagas. Então escola pública sempre tem poucas vagas.

E as outras universidades que tinham aqui?

Era a Unesp e a Toledo, acha que a Toledo já existia, porque me convidaram pra dar aula lá. Daí ficou também uma coisa de facilidade do governo, já que o governo não podia criar tanta faculdade, podia facilitar para as pessoas que quisessem montar uma faculdade. Até em Venceslau a Toledo fundou uma faculdade. Esse período foi o começo da escola privada.

Privilegiava o quê?

Privilegiava a faculdade que não tinha a necessidade de um investimento grande. Os primeiros cursos foram Letras, Pedagogia. Todas as faculdades têm que ter. Acha que até hoje tem que ter o curso de Pedagogia.

Agora ele fala assim que foi um processo muito difícil pra ele conseguir a liberação da faculdade.

Porque também tudo aquilo que ele tinha era pouco. Isso tudo está ligado a um fato que vocês não devem deixar de perceber. Ele não era só um empresário ele se tornou um político. Através de você estar lá em Brasília, você pressiona e consegue coisas para a nacionalidade. Essa relação política dele, do negócio dele, vocês devem dar

alguma relevância. Da faculdade de medicina então ele passa como um “santo homem”.

Então foi nesse período que ele conta que conheceu o Golbery do Couto.

Ele foi chefe de gabinete. Foi o pior tempo da ditadura brasileira, o maior... Não gosto nem de lembrar.

Você sabe o que é paternalista?

É um grande problema do Brasil. Com a criação das capitâneas hereditárias, você sabe que o Brasil não era centralizado cada donatário mandava no seu território, era a lei que ordenava isso. No meio da história brasileira quanto a posse, quanto a terra também. Todo o século 18 e o século 19 são uma luta do Estado brasileiro.

Então será interessante a gente explicar sobre o paternalismo mesmo?

O paternalismo urbano. Por que quando aparece aqui, é expansão da cidade. Ele como professor já dominava um pouco. A história dele é muito bonita. É bonita por que mostra a sensação de uma pessoa simples. Ele conta que conheceu Golbery e Jânio Quadros e foi mais o menos na mesma época, mesmo antes dele entrar na política ele começou a criar esses vínculos.

Como que Prudente passou pelo regime da ditadura?

Nós na Unesp sofremos uma epidemia, uma coisa assim, mas passamos por isso com mais distância, diferente das capitais. Uma vez um militar foi me entrevistar por causa de um livro de história que eu usava em sala de aula e queria saber porque eu tinha escolhido àquele autor.

Mas e grandes relatos de violência na cidade?

É não existe.

Pode-se dizer que Prudente passou pela ditadura meio que no silêncio?

É passou tranqüilo.

Agripino de Oliveira Lima Filho

78 anos

Endereço: Rua: José Bongiovani, 700 - Cidade Universitária

Fone: (18)3229-1000 (Unoeste)/ 9771-7642 (Ismael assessor)

Data da entrevista: 19-10-2009

Meio: Pessoalmente

Entrevista para identificação das fotos.



Foto 1

Doutor Bitencourt, lá de Campinas... Agripino.

O que ele era nessa época professor?

Ele era conselheiro, ele morava lá em Campinas, mora ainda eu acho. Ele era pastor e membro do Conselho Federal de Educação.

Mas o que vocês estavam fazendo nessa foto?

Eu não sei não. Vocês não sabem?

Não professor, era o que a gente queria saber também (risos). Será que esse dia foi a inauguração do primeiro bloco da APEC?

Não sei não. Pode ser que sim... mas não me lembro bem não.



Foto 2

Ah Jânio Quadros.

Professor, onde vocês se conheceram?

Jânio Quadros. Ah ele ficou na minha casa. Às vezes ele passava semanas lá na minha casa, ele e a dona Eloá, mulher dele.

Mas professor, onde você o conheceu? O senhor havia dito que tinha sido em uma livraria, é isso mesmo?

Ele estava assinando um livro dele, uma coleção que ele publicou e eu vendia esses livros, coleções. Mas eu acho que eu conheci ele antes...ele foi eleito a presidência da república, ele renunciou a presidência da república, e eu acho que foi logo depois que eu conheci ele. Então ele vinha na minha casa, passava semanas na minha casa.

Ele visitou a chácara do senhor?

Ele veio me visitar. Passou semanas na minha casa, depois ele voltou.

Professor o Jânio Quadros era a favor da proibição do biquíni não era.

Ele era.

E o senhor?

Eu não, eu era a favor das mulheres sem o biquíni. (risos)



Foto 3

Ele era um homem polêmico, sabe Jânio Quadros. Foi governador do estado. Depois ele renunciou, só renunciou porque queria ser ditador.

E como era a relação dele com o JK?

Com o JK? Eles não se relacionavam não. Que eu saiba não.

Não se relacionavam ou não se “bicavam”?

Acho que não se bicavam, sabe por quê? Por que o Jânio era assim, meio demagogo. Ele tinha essa cara de bravo, ela dava uma de bravo. Já o JK não.

O senhor conheceu também o Jk?

Nossa se conheci, eu era amigo da filha dele a Márcia. Ele era um cara maravilhoso, o apelido dele era pé de valsa.

Ah é. Por quê?

Por que ele dançava. (risos) Ninguém dançava uma valsa igual ele. O apelido do Jk era pé de valsa (risos).

Então o senhor era amigo também da filha dele? Do Jk?

Era, da Márcia. Eu era sim, ela era minha colega.



Foto 4

Essa fotografia também é com ele.

É. Ele, o Altamiro. Ele foi meu sócio aqui.

Altamiro Belo Galindo?

Trabalhava comigo aqui, depois ele criou uma escola em Cuiabá. Na Bahia ele tem uma universidade.

Sócio da Unoeste?

É, ele trabalhava comigo aqui, mas não era meu sócio não. Nem sei se era ou se não era. Trabalhava comigo.



Foto 5

E esse dia professor, o senhor lembra? Se eu não me engano esse é o mesmo dia da outra foto com o Bitencourt.

É sim, essa é esposa do Bitencourt, a dona Eloá. Agora esse aqui eu não sei quem é. Esse moço bonito. (risos).

Olha o Jânio aí, ditador. (refere-se a Foto 2)

Professor, nesse dia o Jânio estava apoiando o senhor numa campanha? Porque eu me lembro que vi em outra foto, que tinha na frente um comício.

Eu não lembro. Mas acho que era ele que era candidato, não era?

Era ele? Acho que era sim, campanha de Jânio.

Não sei se candidato pra presidência da República ou pra governador.

Acho que era pra governador não é?

Porque ele foi presidente da república também. Mas ele ficou só nove meses, sete ou nove meses como presidente da república, depois ele renunciou. Porque ele era um líder né. E porque ele queria que o povo reconduzisse a ele como presidente da república como , ele não aceitava o senado, os deputados, ele era ele sozinho. Ele queria mandar sozinho no Brasil. Então ele renunciou para... o Estado de São Paulo se revoltaram, o governador na época era o Carvalho Pinto, que ele colocou, ele colocou o Carvalho Pinto no governo de São Paulo, mas ele não abraçou a idéia dele de ser candidato, de ser reconduzido a presidência da república como ditador. Então ele chegou em São Paulo, brigou com o Carvalho Pinto, deu um murro na barriga dele. Desceu do avião, o Carvalho Pinto foi recebê-lo, ele foi lá e (som de soco) deu um murro no Carvalho Pinto. É desagradável isso.

Ele queria ser ditador?

Ele queria mandar sozinho.

Mas qual era a formação dele?

Ele era advogado, formado em direito. O pai dele era médico. De Mato Grosso. Ele era mato-grossense, ele nasceu em Cuiabá se eu não me engano, não ele era do Mato Grosso, mas não me lembro se ele nasceu em Cuiabá, sei que foi no Mato Grosso.

Olha só a cara de bravo.

Era só a cara, ou era bravo mesmo?

Ele fingia que era bravo. Ele era um danado de um demagogo sabe. Ele ia nos comícios, com um casacão preto, ele andava com um casacão preto, daí ele tirava um sanduiche e comia lá.

Na frente de todo mundo?

É, na frente de todo mundo, ele tirava e comia. (Imita alguém comendo).
Ele era danado viu, era um demagogo.

Professor, aqui vocês estavam comemorando a inauguração do primeiro bloco? Porque aqui foi no ano de 73. (Foto 5)

Deixa eu ver. Acho que era alguma autorização de curso. E pode ser que seja o curso de engenharia. Você vai me perguntar de uma coisa que eu não sei (risos). Eu não sei nem o dia que eu nasci.

Ah isso eu sei, posso responder ao senhor. Foi no dia 31 de agosto de 1931. (risos)

Foto 6

E quem é esse moço bonito em cima do camelô?

Isso foi no Egito. Engraçado isso, eu me lembro desse dia. Eu estava lá no Egito, acho que foi pra Ana, eu disse: Tira uma fotografia minha. Daí eu fiquei na frente do camelô, ela bateu a fotografia e o dono do camelô veio, "O meu O meu",

Eu falei: por quê? Eu não te devo nada.

Ele falou assim: Ué, você tirou uma fotografia do meu camelô.

Então o senhor pagou e aproveitou pra andar no camelô?

É, acho que foi isso mesmo. Acho que eu dei em dólar, parece que era em dólar. Acho que foi uns 10 dólares.

Pagou tem que andar não é professor?

É, então eu subi no camelô e nem sei como é que eu subi. Acho que "botaram" uma escada pra eu subir (risos). Até vesti o negócio do dono do camelô, o chapéu. (referindo-se ao turbante que usava na cabeça).

O senhor foi tirar férias no Egito?

Fui, fui passear.

E gostou?

Ah, gostei.

E do camelô?

Ah, gostei também. Queria trazer ele pra cá.

O camelô... lá no deserto do Saara. Lá no deserto tem um rio, que americano fez, assim, dessa largura (mostra a sala da reitoria como referência ao tamanho do rio), lá no deserto, o americano que fez o rio lá sabe, você precisa ver que coisa linda.

Ele que fez o rio?

E não é só isso não, americano também fez, onde nós passamos, o americano fez um pomar, no deserto. Você precisa ver que coisa linda.

Professor, quem foi com o senhor nessa viagem?

Foi a dona Ana.



Foto 7

Essa aqui é minha mãe, esse daqui é filho da minha irmã. Essa daqui é minha mãe e esse daqui é meu afilhado, meu sobrinho. Ele era franciscano, mas ele não agüentou o cheiro da batina.

Cheiro de que?

Da batina, ele não agüentou, ele largou a coisa e casou. É, e com uma filha de Maria.

Filha de quem?

Uma filha de Maria (referindo-se a uma freira).

Com uma filha de Maria? Ah que legal!

Ela era filha de Maria e ele era padre (risos), ele se engraçou com a filha de Maria e se casou com ela. Largou da batina.



Foto 8



Foto 9

Esse aqui era o Centro Professorado Paulista, Solum Borges dos Reis, esse aqui era um delegado do ensino aposentado, era um secretário, que era deputado.

Quem era deputado? Ele era deputado?

Isso. O Solum Borges dos Reis, ele era presidente do Centro Professorado Paulista.

E depois quem assumiu a cadeira foi esse?

Isso, o Palmiro.

E depois foi o senhor?

Não, ele era presidente do Centro Professorado de São Paulo. Eu era presidente aqui em Prudente.

Ah, então ele era presidente em São Paulo.

Isso em São Paulo. Do Estado de São Paulo.

Ah, eu tava fazendo uma confusão na minha cabeça.

E esse aqui era secretário desse, daí depois esse saiu, foi pra Deputado e esse ficou no lugar (Palmiro). Eu era presidente em Prudente, regional.

Desde que o senhor entrou no CPP, o senhor era presidente?

Acho que eu era. O presidente aqui em Prudente, do regional.

Aqui em Prudente.

Eu inaugurei a casa do CPP.

A casa já existia e ela foi reformada?

Não, ela não existia. Ela foi fundada e construída aqui.



Foto 10

Professor, esse aqui é o Sandoval?

Parece que é, me deixa ver. É, Antônio Sandoval. Era o prefeito de Prudente.

Então foi no mesmo dia da inauguração do curso de engenharia não é, que o senhor acha que pode ter sido a liberação do curso de engenharia.

É, pode ser.



Foto 11

Esse aqui é o doutor Leonardo Cerávolo. Eu dei o nome do hospital por causa dele.

Ah, é ele então.

Doutor Domingos Leonardo Cerávolo era Deputado Estadual e era medico. Médico em Prudente.

E o que vocês estavam assinando aqui? Tenho certeza que o senhor sabe (risos).

Não sei não. (risos). Mas eu não estava aqui não.

Não, não está professor.

Eu dei o nome dele pro HU,

Por quê?

Porque, ele era deputado e ele queria que criasse escola de medicina aqui, como eu criei né. E ele me telefonava todos os dias:

– Agripino eu só confio em você, se você não trazer a escola de medicina ninguém mais traz. Traz a medicina logo, instala essa faculdade logo.

Ele ligava pra mim todo domingo me cobrando, Agripino, a escola de medicina.



Agripino como presidente do CPP

Foto 12

Esse aqui é o Sandoval, esse aqui era um professor primário, ele era colunista. Acho que ele já morreu, esse cara aí. Mudou pro Paraná, casou com uma moça rica, daqui de Prudente.

O senhor lembra o que estava acontecendo nesse dia?

Lembro não, mas sei que eu estava bonito. (risos).



Foto 13

Essa fotografia é muito bonita professor.

É, eu estava muito bonito mesmo. Mas não me lembro se eu já era casado ou não. O que eu era aqui?

O senhor era noivo.

Noivo? Que tempo bom né.



Foto 14

Esse aqui é o Clóvis.

O que ele era?

Ele era marido da Regina. Esse aqui é o Dr Milton, que era vereador, e esse aqui é o Murilo Macedo, que era Ministro do trabalho. Ele era meu amigo.

O senhor lembra desse dia?

Lembro não.

Eu lembro. Foi o lançamento do Diário de Prudente. O senhor se lembra dele?

Não me lembro não.

Foi o primeiro jornal que o senhor fundou.

Ah é?



Foto 15

Tem o Ditão, que foi vice-prefeito e depois foi prefeito. Do Paulo Constantino. Agora esse negro eu não lembro o nome, sei que era vereador. E esse outro com o rosto coberto pelas taças, parece ser o Valter Lemes.



Foto 16

Ah, esse aí é o Maluf. (risos). Nós temos a mesma idade.

É mesmo?

É, exatamente a mesma idade. Eu sou do dia 31 de agosto, ele é do dia 03 de setembro.

Vocês ainda se falam? No aniversário?

Não.

Vocês ainda mantêm contato professor?

Às vezes a gente se encontra. Mas, contato mesmo não.

O senhor lembra porque ele veio pra Prudente?

O Maluf? Ele vinha sempre pra cá. Nós éramos amigos. Somos amigos ainda.



Foto 17

E essa comitiva toda, veio pra receber o Maluf?

É sim, pra receber o Maluf. Olha só, o Maluly Netto, quando era deputado estadual.

E o senhor, nessa época o senhor estava em qual cargo?

Eu não me lembro.



Foto 18

Essa aqui foi no dia da sua posse como vereador. (1972)

Thomé Atalla, Pinho, José Alvez Sobrinho, malandrão. Ah, são todos vereadores aqui.



Foto 19

Essa aqui foi uma campanha pra Deputado.

É, acho que foi isso sim.

O senhor está com cara de bravo.

Ah, bravo eu sempre fui.

Sempre foi. É mesmo?

Esse aqui era vereador lá em Dracena. Olha o Clóvis aqui.



Foto 20

Professor a única foto que temos do senhor como Deputado, na constituinte, está todo mundo de olho fechado.

Eu estava dormindo, olha lá.

O senhor está dormindo? (risos).

Não estava não, eu estava prestando atenção. Deixa eu ver se conheço alguém.

Eu não sei se me lembro de alguém, mas eu sei que era presidente da Comissão de Justiça.

Presidente da Comissão de Justiça? Enquanto Deputado Federal constituinte?

É. O Lula também era Deputado nessa época, mas ele nunca trabalhou, sempre foi um vagabundo. Enganador, ladrão. O Lula sempre foi isso. E é ainda. O filho dele tá aí, comprou uma fazenda perto de Araçatuba, 47 milhões, pagou a vista. Mete a mão e o Lula deixa.

Então ele saiu nesse corredor, gritando que não ia assinar?

É, não assino essa porcaria. Ele disse.

Depois ele assinou escondido.

Depois nós perguntamos e o cara falou:

O Lula veio assinar de noite, uma meia noite, depois que todo mundo foi embora.

Ele é um enganador, safado, sem vergonha. Enganador, engana todo mundo.



Foto 21



Foto 22

O Altamiro.

Professor, esse Altamiro. É o mesmo que trabalhou com o senhor na faculdade?

Ele era meu sócio aqui. Ele me ajudava né. Ele não era meu sócio, ele me ajudava. E hoje ele é dono de uma universidade em Cuiabá. E tem outra na Bahia.

E esse Luiz Carlos?

O Luiz Carlos Delazari, hoje ele é procurador do Estado do Paraná e assessor do Requião de Mello (governador do Paraná).

Mas ele era o que aí?

Ele era estudante.

E esse senhor?

Esse daí, tem um escritório de advocacia aqui na Abílio de Campos.

Professor, aqui era a livraria?

A livraria.

Mas professor, funcionava uma livraria mesmo?

É, era ali na Maffei, perto da avenida Brasil, não tem a esquina? Não tem um bar? Então, antes de chegar no bar, tem uma portinha, era ali. Era uma livraria que tinha lá.

Por que, primeiro as coleções de livros que chegavam, ficavam no depósito do Chiquinho?

É, na SAAD do Brasil .

Que ele era gerente.

Sim.

Então professor, antes vocês apenas guardavam os livros no depósito e vendiam de porta em porta. Aqui, as pessoas vinham até a loja pra comprar os livros?

É, elas vinham. Mas eu continuava vendendo pra fora. Vendia mais pra fora do que aqui.

Então vendia mais pra fora, do que as pessoas vinham comprar na livraria, certo?

Fazíamos os dois.

Nessa aqui eu vendia livros, avulsos. Mas você sabe que no Brasil pouca gente lê. Mas de porta em porta eu vendia coleções.

E as pessoas compravam pra enfeitar a estante. Mas professor, onde está o Teixeira, o Chiquinho?

Eles não estão aqui não, devem estar em outro lugar por aí. Esse aqui trabalhava no Bordon, ele era médico do Bordon, esse daqui era cobrador (se referindo aos mais jovens no centro da foto, garotos negros). Esse aqui se não me engano trabalha comigo ainda.

Mas todos eram vendedores também?

Não. Eu chamava esse menino de Pelé, ele era cobrador. E esse aqui era um espertalhão (falando dele).



Foto 23

Professor, essa campanha para prefeito, foi a que o senhor perdeu?

Ah, O Feiz Abbud, pra vice. Ele foi vice meu.

Não professor, ele não foi.

Quem foi meu vice?

Foram, o Jólíio, O Adilson Dias e o Biancardi.

Eu não perdi essa não. Ele foi meu vice.

Eu perdi só uma campanha aqui, quando o voto era vinculado. Então o Montoro ganhou e quem votasse no Montoro, tinha que votar no Tiezzi.

Então quem tivesse o maior número de votos combinados é que ganhava?

Perfeitamente. Então o prefeito sempre acompanhava o governador.



Foto 24

Ele se parece com o Lula não é professor?

Esse cara me tirou um milhão e duzentos. Só porque chamei ele de viado. É. Daí ele ganhou um milhão e duzentos meu. Só porque eu chamei ele de viado? Eu falei assim: não, não, eu retiro. Daí ele falou assim: Retirar você até pode retirar, mas viado eu continuo sendo. Ele gosta da coisa.

Depois quando prefeito, deixou uma dívida de 30 milhões, de salário atrasado de funcionário.



Foto 25

Ademar De Barros Filho. Esse aqui é o Walter Lemes Soares.
Onde é isso aqui?

Aqui professor, é o corredor da Unoeste. Quando ainda estavam construindo os prédios.

Ah é. Nós estávamos subindo essa parte aqui. (aponta para o bloco atrás da reitoria).

Esse é o Walter Lemes? Ele era o prefeito?

É, ele era prefeito.

E o Ademar de Barros, ele era o que nessa época?

Ele era Deputado.

Deputado Estadual?

É, Estadual.

E ele veio a Prudente para conhecer a faculdade?

É... mas eu era muito amigo do Ademar de Barros. Mas eu não sei se ele era Federal ou Estadual nessa época. Não estou nem me lembrando o que eu era.

O que o senhor era? Isso foi em 73... então o senhor era vereador.

Vereador eu não sei se eu era, só sei que eu era muito "biscateiro" (risos).



Foto 26

Esse é o João Paulo do Valle Mendes (ao lado de Agripino), ele era membro do Conselho Federal de Educação.

E o que ele veio fazer aqui na Unoeste?

Então, ele era membro do Conselho Federal de Educação. E pra criar escolas antigamente precisava de autorização, hoje cria-se facilmente. Esse aqui é o Rubinho, diretor em São Paulo. Ele tem uma escola lá em São Paulo. João Paulo do Valle Mendes, do Conselho Federal de Educação, hoje ele tem uma universidade lá no Belém do Pará.

Professor, o senhor se lembra que ele inaugurou a clinica de odontologia daqui?

Lembro sim.

Professor, então ele abriu uma faculdade.

É, abriu uma faculdade lá em Belém do Pará, que hoje é uma universidade. Ele tem três filhos médicos. Uma filha e dois filhos... médicos. E hoje ele tem uma universidade lá.

E esse aqui é o Rubinho. Ele mora em São Paulo. O sogro dele tem uma universidade e hoje ele é o sucessor.

Qual universidade o senhor sabe?

Lá em São Paulo? É na zona leste se não me engano. Aqui são os vereadores (ao fundo).



Foto 27

Esse aqui é o Ítalo Luchino.

O senhor trabalhou como sócio dele no escritório de advocacia?

Ele era meu sócio, era meu professor, era meu advogado, era meu pai, era meu irmão. Foi o melhor homem que conheci no mundo.

Ele ajudou muito o senhor não é?

Ajudou. Porque ele era um homem simples, humilde.

O senhor trabalhou com ele no escritório de advocacia. O que o senhor fazia lá?

Ele fazia os processos e eu era cobrador.

O senhor nos contou uma história, que uma vez um homem engoliu uma promissória.

Foi mesmo. Era o “Melen Isaack”.

Professor, ele é o homem pra quem deram o nome da rua? Porque tem uma rua com esse nome.

Não, não foi pra ele não. Ele era um agiota. Então tinha uma promissória, que ele devia pro Ítalo Luchino.

Então quando o senhor foi cobrar, ele engoliu?

O Ítalo era advogado. Eu trabalhava pra ele, mas era ele quem fazia tudo.

Ele era dono do escritório, eu trabalhava pra ele. Na Rui Barbosa, subindo. Ficava à direita. Numa casa que ficava no fundo, uma casa grande.

Nessa época ele já era bem velhinho não é.

Era sim, mas foi o melhor homem que já conheci na vida. Ele era ateu sabe, não acreditava em Deus. Mas ele era bom. Era muito bom pra mim, foi o melhor homem que conheci na vida. Honesto, humilde, preparado, muito culto (lembra emocionado). E quando ele morreu, eu era Deputado Federal quando ele morreu, mas eu ia visitar ele lá em Minas, não me lembro a cidade. Eu ia visitar, mas não deu tempo, ele morreu antes. Ele era ateu. Mas a filha dele, a Marcinha, ela mora aqui ainda, ela trabalha lá no campus II.

Então eu falei pra Marcinha, seu pai era um homem bom, muito bom, mas ele não acreditava em Deus. A Marcinha falou assim pra mim que antes dele morrer, ele chamou e falou assim: Marcinha, a vida toda eu ensinei você errado. Que não existia Deus, e hoje eu vou morrer e no dia que eu vou morrer, eu acredito em Deus.

O senhor sentiu muito a morte dele?

Nossa senhora. Ainda penso nele todo dia. Esse é um homem maravilhoso, fora de série. Falava muitas línguas.

Ele tinha uma calça caqui, um paletozinho. E só usava aquilo. Impressionante. Então eu levava ele nos shoppings e comprava terno pra ele, falava assim, o senhor vai mudar e comprava ternos pra ele, uns dois ou três ternos pra ele, comprava gravata, camisa, tudo. Eu comprava pra mudar um pouco a aparência dele sabe. Ele era um homem fabuloso, nossa vida. Ele era amigo do Jânio Quadros, era muito amigo do Jânio Quadros quando ele era governador. Ele (Ítalo) era presidente do partido, do partido dele, não me lembro qual partido, mas ele era presidente do partido dele, acho que do estado todo. E era muito amigo do Jânio Quadros. Acho que era PSB.



Foto 27

Esse aqui foi meu vice prefeito, Adilson Dias, esse aqui meu vereador. Esse é um malandrão.

Quem é o malandrão professor?

Esse aqui, um traidor. (aponta para Adilson Dias).

E esse aqui era o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais e vereador. O Biancardi foi outro traidor. Mas eu fui traído viu. Nessa vida eu só não fui traído por mulheres.



Foto 28

Eu era Deputado Federal e apoiei a candidatura dele, como vice. Safado, ladrão, roubou a prefeitura...Um dia ele falou assim pra mim, lá dentro da prefeitura, estava sentado lá, ele e mais umas pessoas... Agripino, você fala que eu roubo, eu roubo mesmo. Mas quando você sentar nessa cadeira aqui você vai roubar também. Ele falou pra mim, não me esqueço disso. Ladrão, sem vergonha.



Foto 29

Aqui era em Garça, na escola normal e todos os meus colegas da época. Eu era normalista.

Isso aqui foi em uma fazenda, acho que fomos passear um uma fazenda.



Foto 30

Onde está o senhor aqui?

Nossa, nesse dia eu estava num fogo desgraçado. Isso foi em Borebi. Deixa eu ver se conheço esse pessoal aqui. Esse aqui é o Joãozinho, meu primo, mas acho que ele já morreu, esse parece que é o meu irmão Jarbas, que já morreu também. Esse chama Ivo, meu primo, que já morreu... Amilton Neli dono da Brahma daqui. Daquele depósito da Brahma daqui.

Estava de fogo por quê?

Pinga (risos), nossa eu tinha enchido a cara. Era o casamento do meu irmão.

Eu tinha 14 anos, era o casamento do Elias, do meu irmão mais velho. O primeiro casamento dele.

Quatro daqui já morreram.

E as crianças no fundo? Eram da família?

Não, eram crianças da rua, não sei quem eram. Tem uns que não sei se morreram ou não.

Então não são todos da família?

Não, nem todos são. Eu tinha tomado um copo de pinga, pinga pura. Depois me colocaram no banheiro, de roupa e tudo, abriram a água fria e jogaram em mim.



Foto 31



Foto 32

Aqui o senhor estava no Tiro de Guerra?

É no Tiro de Guerra. Fiz o Tiro de Guerra em Garça. Vocês sabem onde eu estou?

Não.

Nem eu sei onde eu estou. Não consigo achar.

O senhor foi escoteiro quando era pequeno?

Fui escoteiro, quando era pequeno... Acampava.

O senhor tinha vontade de servir?

Servir o que? O Tiro de Guerra?

Ué, tinha que servir, senão ia pro exército. Então eu fiz o Tiro pra me livrar do exército. Eu não queria ir pro exército não.



Foto 33



Foto 34

Essa fotografia é em Junqueirópolis, quando fui diretor de escola. Diretor... não. Professor. É, professor de escola isolada.

Na fazenda Taquarussu?

Isso. Na fazenda.

Essa moça é a dona Ana?

Não, era uma das professoras. Foi um japonês que construiu essa fazenda.

Professor, essa fazenda ficava no município de Salgado Filho, que era distrito de Junqueirópolis?

Perfeitamente, na Salgado Filho. Mas não ficava na cidade, ficava uns seis quilômetros de Salgado Filho. Era uma fazenda de um cara de Marília, eu sei que era bonita a fazenda.

A escola era de primário?

Era primário.



Foto 35

E essa é em Alfredo Marcondes?

É... diretor lá. Gabriel de Campos, que era prefeito

Professor, quando os alunos fazem alguma coisa errada, normalmente são mandados para a direção. E aí, o que o senhor fazia?

Eu dava vassoura pro cara e falava: Agora você vai varrer o corredor. E como precisava passar o escovão, pra dar brilho, eu também dava o escovão pra eles.

De castigo?

De castigo... eu dava serviço.

Então o senhor já matava dois coelhos com uma cajadada só?

É claro. Só tinha uma servente lá, em Alfredo Marcondes, que era bem velhinha. Eu ajudava a limpar o grupo também, pegava o rodo, a vassoura. E como tinham os alunos que iam pra diretoria eu aproveitava e falava: Pega o escovão e vai encerar o chão.

E resolvia professor?

Lógico que resolvia.

Então depois disso eles ficavam mais obedientes?

Alguns ficavam, outros não.



Foto 36

O Paulo Egídio. Ele namorava a Marta Rocha.

Ele veio conhecer a APEC professor?

Não sei se ele veio visitar não. Eu já era prefeito nessa época?

Não, o senhor ainda não era prefeito.

Acho que eu era Deputado então.

Ele era governador na época professor.

É, mas ele foi Ministro também, do Golbery do Couto. Do general Golbery do Couto.

O senhor lembra a época que ele foi Ministro?

Quando o Golbery estava no poder, mas não me lembro o ano não.

E como o senhor conheceu ele?

Ele era Ministro do Golbery do Couto, eu era muito metido com essa gente.

Uma vez o general Golbery do Couto me chamou na sala dele e disse: Moço, você pode criar uma rede de hotéis no Brasil, ou senão uma rede de usinas de açúcar. Eu te empresto do Governo Federa, mas não é milhões não, é bilhões. Mas eu não aceitei não.

E se fosse hoje. O senhor aceitaria?

Acho que não também.

Por quê?

Porque eu nunca quis nenhum favor do governo. Eu nunca nem almocei com dinheiro da prefeitura.



Foto 37

Ele já morreu, Mário Covas. O Paulinho tá novo aqui. Tinha cabelo ainda, porque hoje ele é careca. Olha o Covas aqui. Metido.

Ele era metido professor?

Era. Todo o pessoal do PMDB era. Teve uma época que mandaram no Brasil.

O senhor mudou muito de partido não é. Fez parte de vários partidos.

Eu mudei de partido? Acho que não. Eu era do PTB...

Então, o senhor começou pelo Arena, depois participou por um tempo do PDS, PTB, PFL, PSC e voltou pro PTB.

É isso mesmo. Mas naquela época era normal mudar de partido.



Foto 38

Isso foi em Garça.

O senhor estava de fogo aqui também?

Não. Esse dia não. (risos)

Agripino, João, Antônio, Edimir Braga e esse daqui era um judeu. Um se formou em medicina, o Edimir era professor de matemática.

Isso foi na sua época de colégio? Eram seus amigos do colégio?

Sim, eram meus amigos. Esse aqui é o Antônio Egéa, João Antônio, eu esqueci o nome do pai dele... Vitorini, João Antônio Vitorini,



Foto 39

Minha mãe e minha irmã.

Professor, a sua irmã ajudou no colégio Cristo Rei, quando vocês davam aula lá? O que ela fazia, cuidava da cantina?

Não, não. Ela nunca me ajudou não. Essa minha irmã morava em Marília.

Essa não é a Doraci?

Não, é a Maria. A Doraci é a mais velha, depois tem a Dirce, depois o Elias e depois que vem ela. É a Maria, ela mora em Marília.

Marília? Não é Garça professor?

É verdade. É em Garça.



Foto 40

Esse aqui quem é?

Um deles é o senhor (risos).

Eu?

É. Santos, em 67.

Nossa, eu era magrinho...

E quem é o outro?

O outro é o Sebastião, casado com a Maria Rosa, que mora aqui em Prudente.

É seu cunhado?

Acho que é.



Foto 41

Quem são esses aqui?

Eu (risos) e a Ana.

Quem pagou o casamento professor?

Acho que fui eu mesmo.

Ah, mas o senhor tinha dito, que ninguém havia pago o casamento, que o senhor deu calote (risos).

Eu to brincando. Fui eu mesmo que paguei.

Minha irmã, minha cunhada que já morreu...

E o vestido professor? Era dela mesmo?

Não, o vestido era dela mesmo.

O José, irmão dela que já morreu... não lembro dos outros.



Foto 42

Vamos olhar uma fotografia mais recente agora.

Deixa eu ver. Ah, é o Padilha esse aqui. Vocês conhecem o Padilha?

Não. Quem é ele professor?

Mas o que são esse monte de banco de madeira?

É o Prudentão professor, na época que estava sendo reformado, o senhor era prefeito. Veio fazer uma vistoria na obra, o senhor lembra?

Eu sei que esse é o Padilha (risos).



Foto 43

Professor, esses cheques que o senhor está entregando. Qual é o motivo?

Esse aqui é delegado de polícia.

Então professor, mas temos duas fotos de entrega de cheque.

Esse aqui era presidente da Guarda Mirim, esses cheques eram pra Guarda Mirim. E outro era muito meu amigo e se eu não me engano ele também foi presidente da Guarda Mirim.

Então era um donativo?

Acho que era sim, mas não me lembro.



Foto 44

Esse é o Maluly, a filha dele.

Maluly?

É, o Maluly, lá de Araçatuba. Ele era do SBT de lá, a filha dele ainda é. Ela ainda apresenta. Ele foi Deputado Estadual, Deputado Federal, foi secretário do Estado. Acho que era Secretário do Trabalho.



Foto 45

E essa fotografia professor?

Não é o Dom Agostinho esse daqui?

É sim professor.

Mas, o que está escrito aqui?

A água é nossa. Foi uma manifestação pela DAE, o departamento de água e esgoto de Presidente Prudente.

Ah é. A Sabesp sempre quis tirar o serviço de água daqui. Eu, já teria passado já, pra DAE, mas o prefeito aí é um banana.



Foto 46

Professor, o senhor ganhou esse quadro de presente?

Acho que ele me deu sim.

Mas professor, porque o senhor está chorando?

Eu não to chorando.

Está sim professor.

É emoção então (risos).

Mas quem pintou esse quadro? Foi ele?

Acho que foi ele sim.

Mas foi pra capela do campus III, ou pra capela da cidade da criança?

Acho que foi pro HU.

Professor, mas essa capela amarela, não é na cidade da criança?

Mas eu não me lembro de ter capela lá.

Tem sim professor, a capela das crianças.

Eu não me lembro então.



Foto 47

O Dom Agostinho eu lembro, mas e esse aqui?

É o Fabio Nogueira professor.

O que foi aqui?

Foi a reinauguração da catedral. Depois que ela foi pintada, colocado os vitrais.

Ah é mesmo. A pintura, fui eu quem fiz.

Professor, como começou a sua amizade com o Dom Agostinho?

Nossa, faz tanto tempo. Uns 35 anos eu não me lembro... uns 40 anos eu acho.



Foto 48

Quem é esse aqui?

É o João Paulo.

Não professor, Antônio Ermirio de Moraes.

É mesmo, é que parecia com o João Paulo. Mas é o Antônio Ermirio de Moraes.

Aqui, foi uma campanha dele para governador de São Paulo. É, fui eu que fiz a campanha dele.